



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Jocemir Moura dos Reis

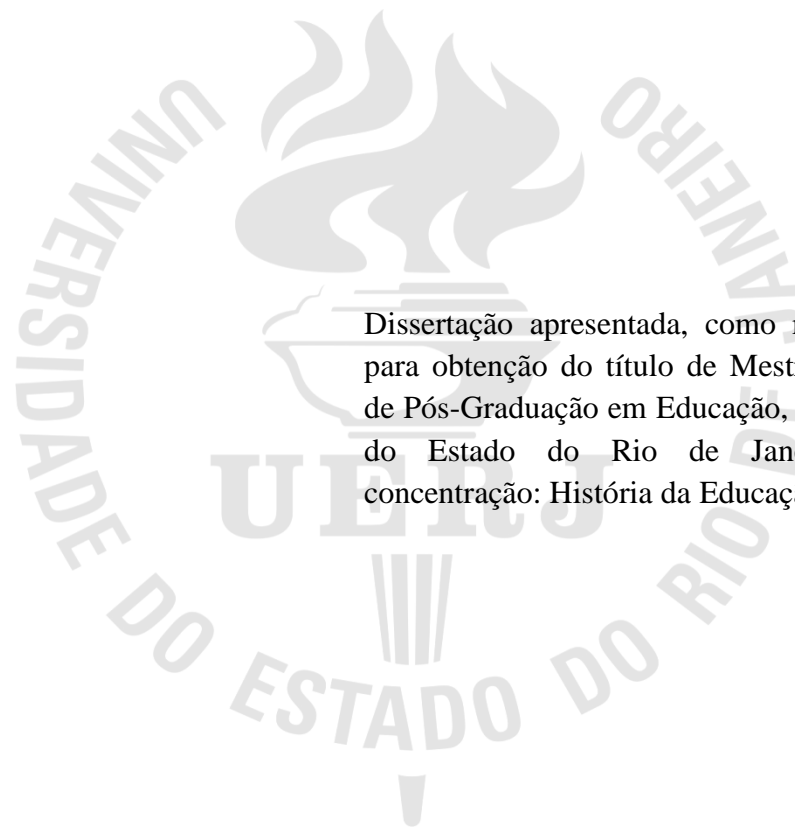
**Arte de existir, imprensa feminina e educação: Josephina Álvares de  
Azevedo (1888-1894)**

Rio de Janeiro

2019

Jocemir Moura dos Reis

**Arte de existir, imprensa feminina e educação: Josephina Álvares de Azevedo (1888 - 1894)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Gonçalves Gondra

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R375 Reis, Jocemir Moura dos.  
Arte de existir, imprensa feminina e educação: Josephina Álvares de Azevedo  
(1888-1894)/ Jocemir Moura dos Reis. – 2019.  
237 f.

Orientador: José Gonçalves Gondra.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Educação– Teses. 2. Azevedo, Josephina Álvares de, 1851-1913 – Teses.  
3. Periódicos brasileiros – Teses. I. Gondra, José Gonçalves. II. Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37:070

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Jocemir Moura dos Reis

**Arte de existir, imprensa feminina e educação: Josephina Álvares de Azevedo (1888-1894)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da educação.

Aprovada em 30 de julho de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. José Gonçalves Gondra (Orientador)  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Leonardi  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. José Antônio Miranda Sepúlveda  
Faculdade de Educação da UFF

Rio de Janeiro

2019

## DEDICATÓRIA

À Adimere Moura dos Reis Lopes  
Em memória

## AGRADECIMENTO

Tudo no mundo começou com um sim (Clarice Lispector, 1998, p.11).

Conforme Clarice Lispector, “tudo começa com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (*Idem*). Bem como estas palavras, com este trabalho não foi diferente. Desde que me propus realizá-lo, de toda parte ressoaram “sim”. Por esta razão, tudo que há em mim se move com gratidão a Deus, aos meus ancestrais, meus irmãos e irmãs e minha família. À Eliane, minha esposa e minhas filhas, Clara e Clarice.

Tenho profunda gratidão ao sim que recebi do professor José Gonçalves Gondra e por extensão ao Programa (ProPed) e, conseqüentemente, a esta Universidade que tão bem me acolheu. Sou muitíssimo grato aos colegas do NEPHE que tendo me dado o seu sim, compartilharam comigo seu conhecimento e as tardes de terça feira. Às professoras Paula Leonardi, Sônica Câmara, Siomara Barbosa, Márcia Cabral, Mírian Leite e Aline Limeira. Agradeço também o sim que recebi dos colegas e professores da graduação de filosofia e pedagogia, sobretudo, da professora Vera Portocarrero e do professor Marco Antônio Casanova.

Pelo sim que recebi da amizade e apoio das professoras Rejane Faria e Cláudia Pires que me apontaram o caminho no qual culminou esta dissertação.

É incontornável a gratidão que sinto por Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, a quem, em certo sentido, dedico também este trabalho.

E por fim, aos meus queridos pais Adir Castro dos Reis (em memória) de quem herdei a paixão pelos livros e Yvonete Moura dos Reis que me ofereceu o que melhor se pode oferecer a um amigo, o amor.

O passado não reconhece o seu lugar: está sempre no presente.

*Mário Quintana, 2018, p.61*

## RESUMO

REIS, Jocemir Moura dos. *Artes de existir, imprensa feminina e educação: Josephina Álvares de Azevedo (1888-1894)*. 2019. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O periódico *A Família: Jornal Literário Dedicado à Educação da Mãe de Família*, de propriedade da redatora, poetisa e professora Josephina Álvares de Azevedo, produzido e publicado inicialmente, em 1888, na cidade de São Paulo e transferido, em 1889, para Corte, é um impresso semanal cuja coleção encontrada na Biblioteca Nacional (BN), estende-se até 1894, anos que compreende nosso horizonte de pesquisa. De grande circulação nas mais diversas províncias do Brasil no final do século XIX, o periódico aborda temas como a emancipação da mulher, autonomia, voto feminino, teatro e literatura. Selecionamos este periódico e a experiência de sua redatora como recurso para pensar a respeito das relações entre saber, poder e subjetividade na Educação. Neste sentido, esta pesquisa de mestrado no âmbito da História da Educação, coteja, em certa medida, a arqueologia e a ética do cuidado de si, cujo aporte teórico-metodológico se faz a partir das proposições, postulações e estudos de Michel Foucault. Nosso objetivo é examinar os processos de produção, distribuição e discursos presentes no impresso, bem como, problematizar sua constituição como objeto e fonte documental, atentando para a capa, layout, propaganda, linha editorial, colaboradoras e colaboradores, anúncios, valores, circularidades, gênero, tiragem e publicidade. Além de atender também para os diálogos com outros periódicos. Concernente à ética do cuidado de si, esta pesquisa se destinou a estudar os sujeitos envolvidos com a produção, circulação e recepção de *A Família*, sobretudo de sua redatora. Procuramos, ainda, colher na verve da poesia, de sua peça teatral *O Voto Feminino*, e de seus livros, indícios da relação de poder, saber intrínseca ao seu tempo, o que pode contribuir para a compreensão do pensamento acerca de outros sujeitos: os não-leitores e aqueles que, de alguma forma, possam ter ficado à margem de tais publicações. Com base neste exercício, observamos os debates sociais, embates políticos, as querelas constituintes das pautas da revista e a agenda que ajudou a produzir no Brasil do final do século XIX, bem como as zonas de sombreamentos. Por fim, tratamos de analisar a trajetória e investimento da redatora, articulado ao projeto editorial que protagonizou voltado para educação da mulher, mãe de família.

Palavras-chaves: Josephina Álvares de Azevedo. Jornal A Família. Educação de mulheres. Imprensa. Cuidado de si.



## ABSTRACT

REIS, Jocemir Moura dos. *Art of existence, women's press and education: Josephina Álvares de Azevedo (1888-1894)*. 2019. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The newspaper *The Family: Literary Journal Dedicated to the Education of the Mother of Family*, owned by the writer, poetess and teacher Josephina Álvares de Azevedo, first produced and published in 1888 in the city of São Paulo and transferred in 1889 to Corte, is a weekly printed whose collection found in the National Library (BN), extends until 1894, years of our temporal cut. Of great circulation in the most diverse provinces of Brazil at the end of the nineteenth century, the journal covers themes such as the emancipation of women, autonomy, women's votes, theater and literature. We have selected this journal and the experience of its editor as a resource for thinking about the relations between knowledge, power and subjectivity in Education. In this sense, this master's research in the History of Education, to a certain extent, contrasts archeology and the ethics of self-care, whose theoretical-methodological contribution is made from Foucault's propositions, postulations and studies. Our objective is to examine the processes of production, distribution and speeches present in the printed matter, as well as to problematize its constitution as object and documentary source, paying attention to the cover, layout, advertisement, editorial line, collaborators and collaborators, genre, print run and advertising. In addition to attending also the dialogues with other newspapers. Concerning the ethics of self-care, this research aims to publish, together with the generation and circulation of a *Family*, especially of its copywriter. We also try to gather in the verve of poetry, from his play *The Female Vote*, and his books, indications of the relation of power, saber intrinsic to his time, which can contribute to the understanding of the thought about others: non-reader and those who, in some way, may have been left out of such publications. Based on this exercise, social debates, political clashes, as well as rules of reflection. Finally, it was a research and a copywriting campaign, articulated to the editorial project that she carried out directed to the education of the woman, mother of family.

Key-words: Josephina Álvares de Azevedo. The Family Newspaper. Women's Education. Pres. Self Care.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Anúncio de emprego para mulheres depois da libertação da escravatura .....	38
Imagem 2 - Recurso da BN que disponibiliza a coleção do jornal A Família em Pdf .....	41
Imagem 3 - Capa do jornal A Família, edição especial de 1889 .....	43
Imagem 4 - Capa do Correio Braziliense, primeira edição de junho de 1808.....	45
Imagem 5 - Capa da primeira edição do Jornal Gazeta do Rio de Janeiro, de 10 de setembro de 1808 .....	46
Imagem 6 - Cabeçalho da Edição Especial de 1889, com subtítulo e a inscrição “Nº Especial” .....	51
Imagem 7 - Resposta do Jornal A Família ao Jahuense .....	52
Imagem 8 - Nota explicativa d ‘A Família sobre mudanças no formato.....	53
Imagem 9 – Diagrama do Protocolo de leitura.....	56
Imagem 10 - Cabeçalho da capa da primeira edição do jornal A Família com três colunas....	57
Imagem 11- Cabeçalho da capa da edição 61 do jornal A Família com cinco colunas .....	57
Imagem 12 - Cabeçalho da edição n. 177, página 4, com duas colunas.....	58
Imagem 13 – Propagandas de preço de livros didáticos adotados nas escolas públicas da Capital Federal .....	61
Imagem 14 - Nota d’A Família sobre a inclusão de uma seção literária no jornal .....	65
Imagem 15 – Suplemento do jornal A Estação, 1p. 2, 1885 .....	70
Imagem 16 – Jornal A Estação, p.1, 1885 .....	70
Imagem 17 – A paisagem como ilustração de capa no jornal A Família .....	77
Imagem 18 – Maria Amélia de Queiroz, litografia de Libânio do Amaral. ....	78
Imagem 19 - Josephina Álvares de Azevedo em xilografia de Pinheiro.....	79
Imagem 20 - Polka: primeira imagem publicada no jornal A Família .....	79
Imagem 21 - Ator Antônio Joaquim de Mattos .....	80
Imagem 22 - Xilografia de Pinheiro, Escola Militar vista de dentro.....	81
Imagem 23 - O Lazareto na Ilha Grande, autoria de Pinheiro.....	94
Imagem 24 - Igreja do Carmo, Centro do Rio de Janeiro.....	95
Imagem 25 - Intendência Municipal da Capital Federal .....	96
Imagem 26 - Palácio do Congresso Nacional – Quinta da Boa Vista .....	97
Imagem 27 - Túmulo de uma criança na Serra de Teresópolis .....	97
Imagem 28 - Cidade de Goiás .....	98
Imagem 29 - Escola Militar vista de frente .....	99

Imagem 30 - O Gigante que dorme .....	99
Imagem 31 - Passagens dos índios no Rio Amazonas.....	100
Imagem 32 - Detalhe - Um forte em Ruínas (Santa Catarina) .....	101
Imagem 33 - Sobrado, Rua da Alfândega, nº198 (atual).....	104
Imagem 34 - Livro <i>Éducation des Femmes</i> .....	115
Imagem 35 - Ponte Pedro II - Bairro de Santo Antônio .....	129
Imagem 36 - Expedições de Josephina Álvares de Azevedo pelo Brasil .....	130
Imagem 37 - Ponte Santa Isabel em Recife, presente de Libânio do Amaral por ocasião de sua visita a cidade, publicada na Edição Especial de julho de 1889.....	142
Imagem 38 - Chamada sobre excursão a cidade de Belém .....	147
Imagem 39 - Ante capa do livro <i>A Mulher Moderna: Trabalho de Propaganda</i> .....	148
Imagem 40 - Charges sobre o alistamento de duas mulheres na junta eleitoral.....	153
Imagem 41 - Primeira propaganda da comédia <i>O voto Feminino</i> .....	158
Imagem 42 - Trecho da peça <i>O Voto Feminino</i> publicado na ed. 82 de 1890 .....	159
Imagem 43 - Recreio Dramático, o teatro que recebeu a peça <i>O voto Feminino</i> .....	160
Imagem 44 - Carta e Josephina a remetente desconhecido .....	167
Imagem 45 - Propaganda da Companhia Imprensa Familiar .....	168
Imagem 46 - Capa da Revista da Semana .....	170
Imagem 47 - Capa do livro <i>A Mulher Moderna</i> publicada pelo Senado Federal.....	175
Imagem 48 - Primeira parte do livro <i>A Mulher Moderna: O Voto Feminino</i> .....	177
Imagem 49 - Folha de rosto do livro <i>Galeria Ilustre</i> .....	186
Imagem 50 – Casa de Joana d’Arc .....	188
Imagem 51 - Detalhe da casa: Imagem de Joana d’Arc de joelhos e os três brasões citados por Josephina .....	189
Imagem 52 – Detalhe da casa: Joana d’Arc em impressão sobre tela.....	189
Imagem 53 - Joana D’Arc, óleo sobre tela - autor Pedro Américo .....	190
Imagem 54 - Fotografia, cartão de visita de Florence Nightingale .....	193
Imagem 55 – Pocahontas .....	198
Imagem 56 - Detalhe do túmulo de Heloisa e Abelardo .....	200
Imagem 57 - George Sand por Delacroix .....	202
Imagem 58 - Capa do livro <i>História da Minha Vida</i> .....	204
Imagem 59 – Trecho da letra e Partitura de <i>Conselho: Canção Popular Brasileira</i> de Carlos Gomes.....	206

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Edições ao longo dos anos e suas variações quanto ao nº páginas.....	42
Quadro 2 – Algumas das primeiras publicações periódicas no Brasil .....	47
Quadro 3 – Ocorrências das palavras “jornal, folha, revista, periódico e hebdomadário” no jornal A Família .....	52
Quadro 4 - Comparativo de preços .....	59
Quadro 5 - Comparativo de valor e composição de alguns periódicos oitocentistas .....	60
Quadro 6 - Transformações de <i>layout</i> do jornal A Famíliae a variação de preço .....	61
Quadro 7 - A palavra “família” no título de alguns jornais e revistas que circularam no Brasil oitocentista .....	64
Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família .....	82
Quadro 9 - Endereços referentes ao jornal A Família .....	104

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABE -	Associação Brasileira de Educação
ABI -	Associação Brasileira de Imprensa
ANPUH -	Associação Nacional de História
AMBL -	Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
APESP -	Arquivo Público do Estado de São Paulo
BDSF -	Biblioteca Digital do Senado Federal
BNF -	Biblioteca Nacional da França
FBN –	Fundação Biblioteca Nacional
FCRB -	Fundação Casa Rui Barbosa
FUNDAJ -	Fundação Joaquim Nabuco
IHGB –	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
JAA –	Josephina Álvares de Azevedo
PLANOR –	Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras
PNAP -	Programa Nacional de Apoio a Pesquisa
PPGHIS -	Programa de Pós-Graduação em História Social
ProPed -	Programa de Pós-Graduação em Educação
RBHE -	Revista Brasileira de História da Educação
RGPL -	Real Gabinete Português de Leitura
RIAEE -	Revista Ibero-Americana em Estudos em Educação
SBHE -	Sociedade Brasileira de História da Educação
SEGRAF –	Secretaria de Editoração e Publicações
UERJ -	Universidade do Estado do Rio De Janeiro
UNEB –	Universidade do Estado da Bahia
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC -	Universidade Federal de Santa Catarina
UFS -	Universidade Federal de Sergipe
UNESPAR -	Universidade Estadual do Paraná
UNIRIO -	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP -	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
1	<b>SÉRIES REGULARES E DISTINTAS DE ACONTECIMENTO: O JORNAL A FAMÍLIA EM FINS DO SÉCULO XIX</b> .....	27
1.1	<b>Modernidade e modernização: limites entre discurso e práxis</b> .....	28
1.2	<b>Horizonte de acontecimentos</b> .....	34
1.3	<b>Das possibilidades de localização da documentação</b> .....	40
1.4	<b>A Família, jornal ou revista?</b> .....	43
1.5	<b>Das transformações do jornal A Família</b> .....	55
1.5.1	<u>Número de páginas e colunas</u> .....	57
1.5.2	<u>O valor do jornal</u> .....	58
1.5.3	<u>Nome, subtítulo e a epígrafe do jornal A Família</u> .....	63
1.5.4	<u>A epígrafe de Victor Hugo</u> .....	68
1.5.5	<u>Editorial e Expediente</u> .....	71
1.5.6	<u>As primeiras páginas do jornal, uso de imagens e datas comemorativas</u> .....	74
1.5.7	<u>Tipografias e endereços</u> .....	101
1.5.8	<u>Mulheres notáveis, colaboradoras do jornal A Família</u> .....	105
1.5.9	<u>Anúncios e propagandas</u> .....	108
2	<b>A PEDAGOGIA DO CUIDADO COMO UMA FERRAMENTA NA IMPRENSA DE JOSEPHINA ALVARES DE AZEVEDO</b> .....	111
2.1	<b>Educação: espaço para diálogos</b> .....	113
2.2	<b>O repertório do jornal A Família</b> .....	118
2.3	<b>Notícias, redes interativas e a fabricação paulatina de espaços</b> .....	122
2.3.1	<u>Números, metodologia da pesquisa e bases de dados</u> .....	123
2.3.2	<u>Reflexo de seu trabalho nos jornais</u> .....	124
2.3.3	<u>Notícias de viagens</u> .....	129
2.3.4	<u>Quando um livro era lançado</u> .....	148
2.3.5	<u>Propaganda das peças teatrais</u> .....	151
3	<b>A VIDA ATRAVÉS DOS JORNAIS E OS ESCRITOS DE SUA PENA</b> .....	163
3.1	<b>Livros que nascem da alma e do coração</b> .....	172
3.1.1	<u>Retalhos</u> .....	173
3.1.2	<u>A Mulher Moderna</u> .....	175
3.1.3	<u>Galeria Ilustre</u> .....	186

3.1.3.1	Joana d'Arc .....	188
3.1.3.2	Maria Thereza d'Áustria .....	191
3.1.3.3	Florence Nightingale.....	191
3.1.3.4	Imperatriz Catalina II.....	194
3.1.3.5	Cleópatra .....	194
3.1.3.6	D. Isabel – Rainha de Castela e Leão.....	196
3.1.3.7	Pocahontas .....	197
3.1.3.8	Margarida de Anjou .....	199
3.1.3.9	Heloisa .....	199
3.1.3.10	George Sand.....	201
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>208</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>214</b>
	<b>ANEXO A - Registro de óbito de Josephina Álvares de Azevedo .....</b>	<b>220</b>
	<b>ANEXO B - Certidão de óbito de Josephina Álvares de Azevedo .....</b>	<b>221</b>
	<b>APÊNDICE A - Menção à Josephina Álvares de Azevedo e ao Jornal A Família noutros periódicos entre 1888 -1929 .....</b>	<b>222</b>

## INTRODUÇÃO

### De onde partimos

Apesar de ter passado dezessete anos fora da escola, num intervalo entre a educação básica e a educação superior, desde muito cedo fui movido por um profundo interesse em três áreas de conhecimento. Bem antes de cursar filosofia, eu pensava que seria historiador um dia, mas aos treze ou quatorze anos conhecia de leituras pessoais autores como Platão, Nietzsche e Heidegger. No entanto, foi para pedagogia que fiz meu primeiro vestibular, sendo aprovado no ano em que meu pai faleceu, motivo pelo qual não ingressei no curso em 2009. Assim, filosofia, pedagogia e história, constituíram de alguma maneira, um sonho que se acentuou quando ingressei na universidade em 2010, aos 36 anos. Eu não tinha em mente realizar uma rápida “formação”, mas pensava em saciar, como criança, minhas curiosidades e anseios por aqueles saberes.

O contato com os temas abordados em sala de aula no curso de filosofia, por meio de textos tantas vezes lidos, me fez pensar se a filosofia não seria uma espécie de saber autotélico, austero e, em certa medida, ensimesmado, cujo discurso, bastante rebuscado parecia constituir imensa distância entre o texto e a vida propriamente dita. Apesar das minhas inquietações com relação às temáticas em filosofia, pude ver o mundo a minha volta, absolutamente diferente, sem, contudo, esmorecer uma única vírgula no imenso desejo de entender ainda, e um pouco mais, tanto a educação quanto à história.

Tive contato com a educação inicialmente no curso pós-médio de formação de professores feito pouco antes de ingressar na universidade e, logo em seguida, nas disciplinas da Licenciatura, o que reforçou minha vontade de um dia estudar pedagogia. Quanto à história, foi nas disciplinas do curso de filosofia que o interesse aumentou.

Vale dizer que a pesquisa de graduação em filosofia realizada com base no pensamento de Michel Foucault (1926-1984), não se tratava de uma possível historiografia presente em sua produção, mas da ética, especificamente de noções que começam aparecer em *Subjectivité et vérité*, curso ministrado no *Collège de France* em 1981, em que o filósofo faz, por diversas vezes, alusão às condições de possibilidades de uma história do “cuidado” e das *téchne toû biû*, ao que os gregos chamavam de *epiméleia heautoû*, traduzido por “cuidado de si” nos escritos da História da Sexualidade 3 (FOUCAULT, 2012) e Hermenêutica do Sujeito (FOUCAULT, 2011).



No entanto, a pesquisa no âmbito do mestrado vincula-se a noção “saber-poder” presente no aparato teórico de Foucault. Na aula de 05 de janeiro de 1983, o filósofo francês faz uma breve digressão de sua trajetória como pesquisador no *Collège de France*, digressão na qual enumera seus passos e apresenta, de forma bastante detida, uma perspectiva panorâmica de seu trabalho; o que nos possibilita pensar numa primeira fase do trabalho deste autor como sendo o que se convencionou chamar “Arqueologia do saber”. Sendo assim, se por um lado na Arqueologia, Foucault trabalha com o saber, como ele mesmo afirma:

Estudar primeiro<sup>1</sup> o eixo da formação dos saberes foi o que procurei fazer, em particular acerca das ciências empíricas nos séculos XVII - XVIII com a história natural, a gramática geral, a economia, etc., que para mim não eram mais que um exemplo para a análise da formação dos saberes, não se devia procurar analisar o desenvolvimento ou o progresso dos conhecimentos, mas sim identificar quais eram as práticas discursivas que podiam constituir matrizes de conhecimentos possíveis, estudar nessas práticas discursivas as regras, o jogo do verdadeiro e do falso e, grosso modo, se vocês preferirem, as formas de veridicção. Em suma, trata-se de deslocar o eixo da história do conhecimento para a análise dos saberes, das práticas discursivas que organizam e constituem o elemento matricial desses saberes e estudar essas práticas discursivas como forma reguladas de veridicção. Do conhecimento ao saber, do saber às práticas discursivas e às regras de veridicção - foi esse deslocamento que procurei fazer por um certo tempo (2010, p.5).

Na Genealogia, Foucault opera com a noção de poder, como aparece em seguida na continuidade do texto:

Segundo, tratava-se de analisar em seguida, digamos, as matrizes normativas de comportamento. E aí o deslocamento constituiu, não em analisar o Poder com “P” maiúsculo, nem tampouco as instituições de poderes ou as formas gerais ou institucionais de dominação, mas em estudar as técnicas e procedimentos pelos quais se empreende conduzir a conduta dos outros. Ou seja, procurei colocar a questão da norma de comportamento primeiramente em termos de poder, e de poder que se exerce, e analisar esse poder que se exerce como um campo de procedimentos de governo. (*Idem*, p.6).

É na ética, entretanto, que as duas noções, saber e poder parece constituir uma ferramenta conceitual na análise do sujeito:

Enfim, em *terceiro lugar*<sup>2</sup>, tratava-se de analisar o eixo de constituição do modo de ser do sujeito. E aí o deslocamento consistiu em que, em vez de se referir a uma teoria do sujeito, pareceu-me que seria preciso tentar analisar as diferentes formas pelas quais o indivíduo é levado a se constituir como sujeito (*id. Ibidem*).

---

<sup>1</sup> Grifo meu.

<sup>2</sup> Apesar de haver uma discussão em torno de como está organizado o trabalho de Foucault: se é possível falar em primeiro, segundo e terceiro Foucault, ou em três fases em sua produção, o próprio filósofo no curso “O Governo de si e dos Outros” ministrado no *Collège de France* (1982-1983), apresenta o conjunto de suas pesquisas até aquele momento em três partes, como é possível verificar na citação acima. Muito embora possa existir quem discorde desta divisão, ou a considere lugar comum, esta foi a maneira que o próprio autor escolheu para apresentar seu trabalho. Por esta razão adotamos esta forma. Cf. *Governo de si e dos Outros: Curso no Collège de France* (1982-1983), tradução Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2010, p.5-6.

Deste modo, com *L'archéologie du savoir*, obra de 1969, a noção de “saber” define, radicalmente, o núcleo objetivo da arqueologia. O gênero “saber” abarca a história natural, a gramática geral, a medicina clínica, a economia política e etc. São operadas três delimitações para a determinação do que é o saber no aparato teórico de Foucault. 1 - distinção entre saber e disciplina, na qual a disciplina é compreendida como conjunto de enunciados que se organizam a partir de modelos científicos; 2 - o “saber” não é o esboço de uma ciência futura; 3 - o saber, não se encontra numa relação cronológica de precedência a respeito da ciência como tampouco constitui uma alternativa. Saber é antes de tudo no aparato da *L'archéologie du savoir* - o que se pode falar em uma prática discursiva; o espaço em que o sujeito pode situar-se para falar dos objetos; o campo de coordenação e subordinação dos enunciados e, por fim, a possibilidade de utilização e apropriação dos discursos (CASTRO, 2016,p.393).

Neste sentido, de acordo com Portocarrero (1994, p.170), para Foucault as ciências da vida progressivamente vão sendo associadas ao ato de governar, dado o controle e medicalização da sociedade, nas quaisse forjam agenciamentos concretos da vida dos indivíduos e da população.

Tendo em vista a arqueologia do saber, como ponto de partida, Foucault analisa as ciências empíricas nos séculos XVII e XVIII e vê a história natural, a gramática em geral, a economia, etc. apenas como exemplos para a sua formação (2010, p.6). Tal caminho o levou a identificar quais eram as práticas discursivas que podiam constituir matrizes de conhecimentos possíveis. Assim, deslocava a história do conhecimento para a análise de saberes, e das práticas discursivas que organizam e constituem o elemento matricial desses saberes e estudar essas práticas como formas reguladas de veridicção. Ora, neste momento entra como instrumento indispensável ao procedimento, a análise do jogo do verdadeiro e do falso já sinalizado na aula inaugural de 02 de dezembro de 1970 no *Collège de France*. Em suas palavras Foucault aponta:

De sorte que o tênue deslocamento que se propõe praticar na história das ideias e que consistem em tratar, não das representações que pode haver por trás dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos, este tênue deslocamento, temo reconhecer nele como que uma pequena (e talvez odiosa) engrenagem que permite introduzir na raiz mesma do pensamento o acaso, o descontínuo e a materialidade. Tríplice perigo que certa forma de história procura conjurar narrando o desenrolar contínuo de uma necessidade ideal. Três noções que deveriam permitir ligar à prática dos historiadores a história dos sistemas de pensamento. Três direções que o trabalho de elaboração teórica deverá seguir (FOUCAULT, 2010, p.59).

Segundo Revel (2005, p.67), Foucault nunca trata do poder como entidade coerente, unitária e estável, mas como “relação de poder” que supõem condições históricas de

emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo de poder. Compõem o nexos estrutural destas relações de poder, o fato de não haver fixidez nos papéis ocupados pelos indivíduos. Concordando com Revel (2005), é possível ainda dizer que não estando os indivíduos nunca fixados num mesmo papel, mas sucessiva, e até simultaneamente, inseridos em cada um dos pólos da relação - então uma genealogia do poder é indissociável de uma história da subjetividade (*idem*).

Assim, esta pesquisa de mestrado no âmbito da História da Educação, coteja, em certa medida, a arqueologia e a genealogia no que diz respeito à ética da subjetividade, cujo aporte, se faz a partir do pensamento deste filósofo, o que nos ajuda a compreender não o como, mas as condições de possibilidades de emergências de um sujeito que ao ver-se capturado pelos dispositivos de controle e poder no raio da governamentalidade busca o escape e reage criando “novas formas de existências possíveis”(FOUCAULT, 2010).

E ainda, examinar os “aspectos formais e materiais, aspectos históricos e econômicos do jornal e seu público leitor”(ZICMAN, 1985, p. 93-94). Analisar os processos de produção, distribuição e discursos no qual o jornal *A Família* (1888-1884) está inserido. Inventariar sua constituição material: capa, layout, propaganda, temáticas frequentes, colaboradoras e colaboradores, anúncios, valores, circularidades, e diálogos com outros periódicos. Identificar nas práticas discursivas, matrizes de conhecimentos, saberes e suas condições de possibilidades. Investigar indícios que constituam o elemento matricial desses saberes e, estudar essas práticas como formas reguladas de veridicção. Concernente à ética, esta pesquisa procurou analisar os sujeitos envolvidos com a produção, circulação e recepção do periódico *A Família*. Destina-se também a pensar os não-leitores e aqueles que, de alguma forma, ficaram à margem desta publicação, isto é, as zonas de sombreamentos, os discursos que ficaram de fora do interesse da redação, além dos embates políticos que constituíram as pautas do jornal. Por fim, identificar as relações de saber-poder que se formaram no interior das micro-relações entre editores, leitores e outras publicações relacionadas no oitocentos.

Como afirma Bloch,

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, (os artefatos ou as máquinas,) por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. (...) o historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça (2001, p.54).

Assim, uma investigação nos domínios da história da educação através da imprensa propriamente dita implica, em alguma medida, abordar a história dos sujeitos, seus problemas,

as redes de interação, os dispositivos aos quais estão implicados, as relações de poder e saberes que compõem os nexos estruturais dos horizontes históricos a que estão atrelados. Farejar a carne humana, como afirma Bloch (2001) constitui, neste caso, investigar os sujeitos nesta trama rizomática da história.

### **Sobre o título e as interseções dos campos de conhecimento**

Em nosso projeto, Josephina Álvares de Azevedo (1851- 1913), surge quando depois das primeiras aulas do curso “Histórias das Disciplinas Escolares”, ministrado pelo professor José Gonçalves Gondra<sup>3</sup>, na graduação de pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ, ocasião em que abri, pela primeira vez, o sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN). Procurava entender aquela heterotopia quando fui surpreendido pela existência de um jornal de propriedade e autoria de uma mulher no Brasil do século XIX. Logo depois descobri que havia outros<sup>4</sup>, mas esta primeira experiência me proporcionou um profundo interesse que dizia respeito a esta associação: imprensa feminina e educação. Por trás desta fórmula de aparência tão simples, pude observar imbricados, elementos que tocavam a problemática da ética e, conseqüentemente, a estética da existência, cuja compreensão se alarga por meio das lentes da história e, sob a luz do pensamento de Nietzsche e Foucault, incontornáveis para este tema. Neste encontro de águas, educação, imprensa, história e filosofia, figura um campo de intercessão ainda pouco visado. Entretanto, para pensar os vestígios da experiência desta mulher, exigiria, me parece recuperar a noção de arte e vida nos domínios dos pensadores acima citados.

Neste caso, para Nietzsche,

A arte deve antes de tudo embelezar a vida, portanto, tornar-nos a nós mesmos toleráveis aos outros e agradáveis, se possível; tendo esse objetivo em vista, a arte modera e nos mantém sob controle, cria formas nas relações, une aqueles cuja educação não é regida por leis de convivência, de propriedade, de polidez, ensina-lhes a falar e a se calar no momento certo. Além disso, a arte deve esconder e transformar tudo que é feio, as coisas penosas, espantosas e desgostosas que, apesar de todos os esforços por causa das origens da natureza humana, aparecerão sempre sem falta à tona: desse modo deve proceder a arte, sobretudo no que se refere às paixões, às dores da alma e aos temores e fazer transparecer, na feiúra inevitável ou

<sup>3</sup>Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

<sup>4</sup> É de 1852, o *Jornal das Senhoras*, editado por Juana de Paula Manso no Rio de Janeiro, considerado por larga bibliografia como sendo o primeiro jornal feminino do Brasil. Mas, existem outros, como o *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, *Eco das Damas* de Amélia Carolina da Silva Couto, lançado no Rio de Janeiro em 1879, entre outros. É possível conferir em FONSECA, Godin da. *Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)*.

insuperável, o que há de significativo. Depois desta tarefa, cuja grandeza chega até o ingente, a arte chamada verdadeira, a arte das obras de arte não passa de acessório. (...) Hoje, geralmente começamos a arte pelo fim, agarramo-nos a sua cauda com a ideia que a arte das obras de arte é principal e que é partindo dessa arte que a vida deve ser melhorada e transformada. - Como são loucos! Se começamos a refeição pela sobremesa, degustamos um prato açucarado após o outro, que há de surpreendente se estragarmos o estômago e mesmo o apetite para o bom festim, fortificante e nutritivo, para o qual a arte nos convida? (2007, p.81).

Com estas enunciações, Nietzsche nos convoca para uma reflexão sobre a transvaloração de determinados valores, evocando uma noção de arte oriunda do estoicismo, ou talvez do orientalismo antigo<sup>5</sup>, na qual a própria existência dos indivíduos é sua matéria prima. Tal pensador chama atenção para a autogestão dada, reintroduzindo o corpo vivo, intramundano, múltiplo, histórico e processual no contexto da materialidade artística. Convoca à pensar o amor *fati*<sup>6</sup>. Põe o entendimento de que ser uma obra de arte é antes, a experiência de um esgotamento do que pode o corpo, as ideias e as resistências; de um transbordamento de princípios dotado de autonomia, liberdade e fúria, onde cada indivíduo adota para si uma estética particular, um modo de viver próprio e empírico. Nietzsche (2006) fala, conseqüentemente, e por intermédio desta subversão, da estética da existência que se inscreve no contexto da ética. Em outra passagem, o filósofo alemão assere que a “existência nos parece sempre suportável enquanto fenômeno estético” (p.115), salientando o caráter fenomenológico do inacabamento, e a potência da criação que cada um carrega consigo, evocando a pensar o cuidado de si, a *cura sui*<sup>7</sup>, *aepmeleia heauton*<sup>8</sup>.

Seguindo os passos do pensador alemão, Michel Foucault (DIAS, 2009, p. 111) também sinaliza para a importância de uma outra forma de olhar a arte e a existência. Em uma entrevista cujo título “*A propos de la l'éthique*” Foucault questiona: “O que surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduo ou à vida (...) Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossa vida não?” (FOUCAULT apud DIAS, idem op. cit. loc. cit.).

Destarte, operou-se, em certo sentido, um deslocamento nesta investigação para o que foi chamado pedagogia do cuidado. Neste caso, a arte de existir, a imprensa feminina e a educação constituem o pano de fundo desta abordagem.

<sup>5</sup> Cf., em NIETZSCHE, Friedrich W. *Obras Incompletas, Coleção Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

<sup>6</sup> Nietzsche chama a atenção em seu trabalho, especificamente no livro *Assim falou Zaratustra* para o amor ao destino, a vida intramundana sem que haja uma expectativa sobre uma outra vida para além da morte. Com esta perspectiva combateu o niilismo religioso propondo a valorização desta vida e do corpo físico que possuímos e somos em detrimento à alma e o espírito.

<sup>7</sup> Forma latina, estóica para cuidado de si.

<sup>8</sup> Forma grega para cuidado de si.

## Imprensa como fonte e objeto

Não faz muito tempo, a História da Educação tem se dedicado aos impressos como matéria e problema de pesquisa, o que, talvez, pudessem ser atribuído à possibilidade aberta pelos *Annales*<sup>9</sup> no impulso para o uso de outros materiais que, eventualmente, possam ser considerados importantes fontes históricas. Os impressos de um modo em geral, tais como revistas, jornais e livros podem ser abordados como objetos que dimensionam uma espécie de funcionamento do campo pedagógico nas mais diversas áreas do saber, mergulhados em tempos e horizontes diversos, possibilitando pensar, no âmbito da história, os sistemas de ensino, as escolas, e seus processos pedagógicos; acessar modos diversos de articulação entre teoria e práticas, de maneira que por meio de sua análise investigativa temos em certa medida, alguma noção da variedade de estratégias de formação docente, das políticas educativas, dos currículos e didáticas em diferentes momentos da história. Permite também, acessar o debate e as querelas que constituíram a base do campo da Educação. Neste sentido, os impressos possuem em sua materialidade, traços que corroboram com o entendimento a respeito das articulações do campo educacional em sua historicidade.

Ao considerar a potência da documentação encontrada na Hemeroteca da BN, para pesquisa em História da Educação, foi possível observar o emprego deste tipo de fonte em diversos trabalhos. Trata-se de artigos, monografias, dissertações e teses que, necessária e radicalmente, alargam os repertórios do campo em questão. Tais abordagens atravessam temas em perspectivas distintas, deflagram diferenças e rupturas na duração (BLOCH, 2001), nas transformações, nas interfaces, interferências e nas circularidades (GINZBURG, 2007).

Neste caso, o que diz respeito às pesquisas com periódicos, é incontornável o trabalho de algumas autoras e autores que, explorando este tipo de documentação, abriram caminho para a construção de uma metodologia sistemática para futuros pesquisadores. A exemplo, podemos citar a professora Tânia de Luca (2011) que ajuda a pensar a imprensa na sua complexidade em que não é possível, segundo ela, “ dissociar as condições materiais e, ou

---

<sup>9</sup> A prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX. Na França, a terceira geração dos *Annales* realizou deslocamento que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica levando a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha ‘novos objetos, problemas e abordagens’. Os aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Arqueologia, a Linguística e a Semiótica, ao mesmo tempo em que incentivavam a interdisciplinaridade e traziam contribuições metodológicas importantes, forçavam o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar. Cf. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKI, Carla (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2014, p.112.

técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público que se destinava [...], das relações estabelecidas com o mercado, [...], formato, tipo de papel, quantidade de impressões e etc”. No mesmo movimento, orientada por uma metodologia muito próxima, a professora Sônia Câmara (2014, p.61), ao citar Certeau, alerta sobre alguns riscos de se trabalhar com fontes e da necessidade do historiador empreender uma manipulação dos objetos a partir de regras, mediante as quais ele organiza as coleções e materiais de uma região da cultura para a História.

Não podemos deixar de mencionar que, tratando-se de método de análise e do “esquema geral para caracterização da imprensa”, a professora Renée Barata Zicman (1985) é absolutamente relevante do ponto de vista do empreendimento da pesquisa histórica através da imprensa. Ela é uma das primeiras mulheres no Brasil a dedicar-se à elaboração de um método para análise da imprensa como fonte e objeto de pesquisa.

Considerando esta perspectiva teórico-metodológica, procedi a realização de um levantamento sistemático sobre o tema da História da Educação e da Imprensa, sobretudo, dos trabalhos realizados concernentes à Josephina Álvares de Azevedo, sua relação com o jornal *A Família*, com a educação e suas implicações. Tal investimento foi orientado nesta direção, pois selecionamos a experiência desta mulher como recurso para pensar a respeito das relações entre saber, poder e subjetividade. Afinal, que condições de possibilidade favoreceram a emergência desta mulher na vida pública? O que a levou a optar pelo caminho do “jornalismo”? Por que um jornal denominado *A Família*? Que agenda ajudou a constituir e legitimar? Como a educação e instituições aparecem nos enunciados do impresso dirigido por ela?

A exploração deste questionário, portanto, precedeu de um mapeamento do que se produziu a respeito da personagem e de seu impresso. Cabe salientar que não foram citados neste levantamento todos os trabalhos encontrados, visto que uma seleção prévia fora feita levando em consideração a proximidade dos temas de interesse desta pesquisa, tal foi a classificação, triagem e seleção tanto no que diz respeito aos anais dos congressos, artigos de revistas, monografias, quanto às dissertações, teses, livros e outras pesquisas. Utilizando as palavras, “jornal *A Família*”, “Josephina Álvares de Azevedo” e “Imprensa feminina no século XIX”, deu-se início a estas buscas. Vale ainda dizer que se recorreu como aporte teórico para pensar questões como educação e imprensa, educação e história, imprensa e história, autores como José Gonçalves Gondra (2004, 2006, 2008, 2010); Emília Viotti da Costa (2010); Alessandra Schueler (2008); Sônia Câmara (2014); Constância Lima Duarte(2016) e Mary Del Priore (2004); e no que diz respeito às questões concernente aos

problemas de gênero, nossa pesquisa dialoga com Butler (2003), Scott (1995) e Arendt (1994).

### **Levantamento bibliográfico**

Pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), Roberta Guimarães Teixeira da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) publica em 2011 um artigo com o título homônimo de sua Tese de Mestrado, *Na Penna da Imprensa, Professoras e Professores Primários do Século XIX (1852-1888): Contribuições aos Estudos da Feminização do Magistério*, na qual a autora trabalha com a imprensa feminina do século XIX, sobretudo com quatro jornais que considera possuir informações relevantes a respeito da mulher como professora primária e com dados para o possível entendimento do processo de feminização do magistério, foram eles: *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), *O Sexo Feminino* (1873-1889), *A Família* (1888-1894), escritos originalmente por mulheres e *O Ensino Primário* (1884-1885) que embora sua folha de rosto indique Revista mensal consagrada aos interesses do ensino e redigida por professores primários, uma leitura atenta aponta a presença de professoras em algumas seções da revista. Como aponta Teixeira (2011), a maior parte dos impressos femininos encontrados nos acervos públicos da Cidade do Rio de Janeiro traz as mais diversas singularidades de edição e de tipografias, como também os mais variados conteúdos textuais. Segundo a autora, a relação imprensa versus mulheres implicou abrangentes discussões, como o papel social da mulher entre outros no Oitocentos.

Em 2014, pela Associação Nacional de História (ANPUH), Camila Assis Lemes da Universidade Estadual do Pará (UNESPAR) e Isabela Candeloro Campoi (UNESPAR) publicam o artigo *O Jornal A Família e o Debate sobre o Voto Feminino nos Primeiros Anos da República Brasileira*, no qual as autoras, tendo como pano de fundo o período de transição do regime monárquico para o republicano, visam verificar a luta pela emancipação feminina e o direito ao voto, utilizando para tal, as publicações do jornal *A Família*. Lemes e Compoi observam que a bandeira do direito feminino ao voto já era alçada desde o século XIX, visto que muitas mulheres acreditavam em decorrência da instauração da República, em 1889, que aquele seria um período de igualdade na história da sociedade brasileira, e as mulheres teriam o direito à participação eleitoral garantido. Assim, para elas, o jornal *A Família* e a militância de Josephina Álvares de Azevedo figura como precursora deste movimento na luta pelo voto feminino.



Em 2004, Maria de Lourdes Eleutério da Universidade de São Paulo (USP) publicou pela Revista Ibero-Americana de Educação o artigo intitulado *O lugar da Emancipação da Mulher no Periodismo Paulista (1888-1930)*, com foco em algumas revistas paulistas dedicadas à mulher publicadas nos fins do século XIX e início do XX. Em sua análise considera a revista como instrumento divulgador de valores culturais de uma época. Neste sentido a autora busca entender o lugar social reservado à mulher e simultaneamente o lugar que ela mesma propunha para si, em um tempo de transformações. Eleotério compreende que o estudo dos periódicos femininos no Oitocentos possibilita entender como as mulheres se viam e como as redes de interação e circulação de ideias se davam.

Karine da Rocha Oliveira publica em 2009, pelo Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) da Fundação Biblioteca Nacional(FBN), seu trabalho intitulado *Josephina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família*. Neste trabalho, Oliveira (2009) busca apresentar, antes de discutir as questões presentes no jornal *A Família*, uma breve historiografia da Imprensa feminina no Brasil e no mundo. Em suas leituras do impresso de Josephina, constatou que estava, segundo ela, diante de um jornal que retratou de maneira consistente o outro lado da história brasileira, o lado referente às mulheres que não se contentavam com sua posição na sociedade. Abordou temas como o movimento feminista, o feminismo e a mulher brasileira, imprensa feminina e movimento feminista, a emancipação feminina, a causa feminista nas páginas de *A Família*, educação e trabalho feminino e os direitos eleitorais da mulher.

Em 2011, Constância Lima Duarte da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) publicou, pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), um artigo com o título *Mulheres e Escritura: Produção Letrada e Emancipação Feminina no Brasil*, cuja abordagem apresenta um panorama de como o feminismo influenciou a produção das escritoras brasileiras nos séculos XIX e XX. Duarte (2011), afirma entender por feminismo toda ação realizada por uma ou mais mulheres, que tenha como objetivo a ampliação dos direitos civis e políticos ou a equiparação de seus direitos com os do homem. A autora sugere a existência de, pelo menos, quatro momentos comuns na trajetória da literatura feminina e o feminismo no Brasil. Ela se refere a cada momento como uma onda que assim se dispõem: Primeira onda: ensinando o bê a bá; Segunda onda: ampliando a educação e sonhando com o voto; Terceira onda: construindo a cidadania e, por fim, a quarta onda: ainda construindo a cidadania. Duarte também é autora do Dicionário Ilustrado cujo título *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil - Século XIX*, publicado em 2016.

Publicado em 2016, pela Revista Estudos Feministas, Portal de Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), o artigo de Karoline Carula, intitulado *A Imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX*, tem por objetivo apresentar e analisar três jornais escritos por mulheres que circularam na cidade do Rio de Janeiro no final do Oitocentos: *O Sexo Feminino* (1873-1889), o *Echo das Damas* (1879 - 1888) e *A Família* (1888 - 1894).

Marta de Souza Rodrigues e Artur Alves da Silva publicaram, em 2014, pela revista Humanidades em Diálogo (USP), o artigo *A emancipação da mulher na imprensa feminista nos primeiros anos da República no Brasil*, cujo intento era de refletir sobre a luta das mulheres para a obtenção de direitos humanos, sociais e civis, realizado a partir de múltiplas estratégias, nas quais destaca o uso de publicações em jornais como *A Família*, e o *Quinze de Novembro do Sexo Feminino*.

Em *Uma Mulher Educada no Oitocentos: a Escrita Feminina no Diário da Viscondessa de Arcozelo*, publicado pela Revista Educação em Questão, em 2015, a autora, Maria Celi Chaves Vasconcelos, trata da educação feminina no Brasil oitocentista com foco no Diário de Lembranças escrito pela Viscondessa de Arcozelo, durante o ano de 1887. O objetivo refere-se à análise dessa fonte documental para recompor a educação considerada adequada a uma mulher nobre e que exercia as funções esperadas por sua posição social (VASCONCELOS, 2015).

*Entre a Mulher Ideal e a Mulher Moderna, Representação Feminina na Imprensa Mineira (1873 - 1932)* é o título da Dissertação de Mestrado de Kelly Cristina Nascimento, apresentada ao Curso de Pós-graduação em História da UFMG. A autora tem como tema principal analisar algumas questões sobre a emancipação feminina por meio das representações da mulher apresentadas pela imprensa entre os anos de 1873 e 1932 e abrange diversas cidades de Minas Gerais (NASCIMENTO, 2006).

Valéria Andrade Souto-Maior é autora da Dissertação de Mestrado apresentada em 1995 ao curso de Pós-graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Sergipe (UFS), cujo título é *O florete e a Máscara, Josephina Álvares de Azevedo Dramaturga do Século XIX*. Souto-Maior afirma que o objeto do seu estudo é arqueológico, isto é, tentar descobrir as mulheres que, no Brasil do século XIX, escreveram para o teatro (SOUTO-MAIOR, 1995). Neste sentido, a autora trabalha a historicidade do teatro feminino através do jornal *A Família* e de sua redatora, articulando história e arte. Uma das principais intenções de sua dissertação é analisar algumas questões sobre a emancipação feminina por meio das representações da mulher apresentadas pela imprensa oitocentista. De

acordo com a autora, as transformações ocorridas a partir da segunda metade do século XIX no Brasil abre definitivamente a possibilidade do debate que gira em torno da emancipação da mulher fomentado pela imprensa feminina.

Em 2013, com a Dissertação intitulada *Senhoras dos Destino: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Álvares de Azevedo - Projeto de Emancipação Feminina na Imprensa Brasileira (1873-1894)*, Bárbara Figueiredo Souto (USP), utilizando como fonte de pesquisa alguns periódicos oitocentista como *Primavera*, *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* e *A Família*, aponta para uma discussão, cuja base são os projetos de emancipação feminina no século XIX. De acordo com Souto, seu trabalho foi direcionado a partir de teorias feministas e métodos para se trabalhar a imprensa com o intuito de colocar em evidência o pensamento de mulheres até o momento desconhecido pela maioria, ressaltar a riqueza da imprensa enquanto fonte de pesquisa e propor questionamento sobre a ação das mulheres e seu tempo, além de resgatar personagens e obras esquecidos pela história.

Também em 2013, Jailton Alves de Oliveira apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação em Educação(ProPED), a Dissertação de mestrado com o título *Escola de todas as perdições e degenerescências: A Casa de Detenção da Corte como espaço educativo (1856 - 1889)*. Oliveira interessou-se sobre um aspecto da vida no século XIX, cujas existências eram atravessadas pela criminalidade, de maneira que afirma que seu objetivo era discutir como a antiga Casa de Detenção da Corte, idealizada para ser um lugar para presos correccionais, pode ser considerada como um espaço de educação para homens livres e libertos, mulheres e crianças, cujas elites imperiais consideravam como sendo pertencentes ao mundo da rua, ou seja, os “vadios” em potencial.

Tal é a abordagem possibilita enxergar no horizonte do século XIX um tipo de mulher que escapa ao romantismo e a visão da mulher recatada, impregnado nos muitos impressos da época. O autor problematiza questões como o Código Criminal, Decretos judiciais, Posturas Municipais, Códigos de Processos Criminais, moral, a Casa de Detenção como espaço educativo e a mulher.

Tendo em vista o levantamento realizado, apesar de sua brevidade, é possível afirmar que o mesmo se constituiu em um procedimento fulcral para a elaboração desta pesquisa de mestrado, considerando que a chegada até este ponto cumpriu uma trajetória diferente das que foram pensadas anteriormente, na medida em que o interesse inicial consistia em entender a ética do cuidado de si a partir de um sujeito e sua historicidade no final século XIX. Tal pesquisa possibilitou entrar em contato com os diversos aspectos e abordagens sobre as

relações entre imprensa e mulher, saberes e poderes e a ética. Destarte, esta dissertação se encontra estruturada em três capítulos como se segue.

**No primeiro capítulo** é apresentado o contexto histórico no qual o jornal *A Família* aparece. Atende-se em entender o nexo epocal oitocentista, as conexões e os sentidos que possibilitam a emergência da participação direta de uma mulher na vida pública por meio de sua expressão literária e jornalística. Foram eleitas como prioridade de análise as décadas de 1880 e 1890, nas quais foi publicado o referido jornal. Na segunda metade do primeiro capítulo, buscou-se fazer uma descrição do periódico como objeto e fonte, sua periodicidade, valores, projeto editorial, layout, colaboradoras e colaboradores, anúncios, propagandas, diálogos com outros periódicos e posicionamento político.

**No segundo capítulo**, foi analisada a relação educação e imprensa no jornal *A Família*, e como a educação e seus dispositivos aparecem nos enunciados deste impresso. Intentou-se rastrear através das revistas e das propagandas de outros jornais da época os agenciamentos e as redes constituídas pela professora Josephina. Neste sentido, foi selecionada a experiência desta mulher como recurso para pensar relações entre saber, poder e subjetividade na constituição de uma pedagogia do cuidado.

**No terceiro capítulo** foi feita uma análise descritiva dos livros de Josephina Álvares de Azevedo, disponíveis nas bibliotecas públicas, considerando também textos, crônicas, versos e poemas publicados no jornal *A Família*. Neste sentido, um objetivo relevante era compor, em certa medida, a atmosfera presente nos textos, buscando “ouvir” o que tem a oferecer as fontes, visando dialogar a análise textual com a recepção dos próprios textos no horizonte de seu aparecimento.

## 1SÉRIES REGULARES E DISTINTAS DE ACONTECIMENTO: O JORNAL A FAMÍLIA EM FINS DO SÉCULO XIX

Ao abordar um periódico semanal como objeto e fonte de pesquisa, focado exclusivamente nos interesses relativos aos problemas enfrentados pela mulher de sua época e estruturado totalmente para a construção de sentido de um horizonte feminino no século XIX, cujas formulações de enunciados declaram, desde o subtítulo, que tal instrumento de propaganda “é dedicado a educação da mãe de família”, faz-se necessário uma análise dos procedimentos, das operações, das redes de sociabilidades e das emergências que, em certa medida, constituem o que chamamos pedagogia do cuidado, a qual aparece inscrita no próprio arcabouço instrumental que orienta a produção do periódico.

Nesta perspectiva, apresentam-se os objetivos deste capítulo em duas partes: uma primeira na qual se busca compreender, de forma objetiva, política, social e historicamente, o horizonte<sup>10</sup> em que se entrelaçam os fios que constituem o problema central desta pesquisa. Assim, nesta primeira parte, intentou-se reunir e examinar elementos relevantes para a compreensão da participação de uma mulher no cenário jornalístico e político-educacional no Brasil em fins do século XIX, além de identificar outros sujeitos, agências, debates, denúncias, disputas, tensões e contingências naquele cenário, como elementos que possibilitem pensar as condições de emergência do jornal *A Família* (1888-1894), principal fonte empregada na realização desta pesquisa. No segundo momento, foi apresentado o referido jornal, abordando-o como objeto e fonte, debruçando-me sobre a produção, circulação, intenção de uso e suas implicações, objetivando desenvolver uma análise sobre os sentidos produzidos pelo jornal (CÂMARA, 2014) que, naquele momento, constituía um dispositivo importante de uso crescente no contexto da modernidade e do projeto de sociedade que se tencionava construir (*idem*, p. 57), forjando, assim, uma atmosfera que propicie a compreensão da tensão dialética entre o jornal *A Família* e o horizonte em que se encontrava imerso.

---

<sup>10</sup> Uma prévia contextualização histórica só deve ser pensada aqui em termos de ambientalização dos sujeitos historicamente localizados em um cenário que lhe é “próprio”. Não usamos aqui o recurso de contextualização para daí se fabricar uma análise que pressuponha causas e efeitos dos sujeitos em um dado horizonte histórico, visto que todas as contingências coabitam uma mesma condição de efeitos sobre efeitos que se operam uns sobre os outros constituindo nexos estruturais epocais. No entanto, podemos dizer que nenhum sujeito histórico é possível em suspensão existencial, ou sem sofrer afetações, tão pouco possuam universalidade. Com efeito, faz sentido localizá-los, retratados em um horizonte histórico atravessado sempre por um passado, e por uma “vontade” de futuro. Neste caso, podemos asserir, que nenhum sujeito-ético-cognoscente pode se ver longe desta condição. Assim, a todo tempo cada ente se desloca no tempo e no espaço, ao qual se manifesta em cada instante, a sua própria origem, ou seja, dotado de potência e devir.

### 1.1 Modernidade e modernização: limites entre discurso e práxis

De certa maneira e, em certo sentido, é possível dizer que a Modernidade produziu novos paradigmas (KUHN, 1991) nas ciências, na cultura, na vida social, e novas configurações de discursos que se compuseram (FOUCAULT, 2010) provenientes dos sistemas de pensamentos estruturados na Ilustração (COSTA, 2010). Uma série de ideias (novas) apareceram e os horizontes sociais, políticos, econômicos, artísticos se reconfiguraram, de tal forma que muitos conceitos surgem sob a insigne, constituída a partir da noção de atual, iluminado e novo (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994). Cientificismo, razão, generalizações e universalizações embasaram a matriz deste projeto chamado Modernidade. Em última análise, uma espécie de sonho utópico se espalhava por onde estas ideias percorriam. Entre os pensadores, poetas, escritores e artistas, a palavra modernidade ganhou novo sentido e trouxe à baila outros usos e variações, como “moderno, modernismo e modernização” (*idem*). Assim, tais concepções, se tornaram ideários de algumas sociedades que se pretendiam esclarecidas. Aliás, esclarecimento, autonomia e emancipação também vieram a reboque desta torrente de novas conceituações (KANT, 2011). O século XVIII configurou-se como o ponto alto neste processo (COSTA, 2010; ALENCASTRO, 2001; DEL PRIORE, 2004). No entanto, foi no século XVII que Descartes (1596-1650), ao identificar-se um ente existente, instituiu no *corpuscientífico*, o “eu”, a consciência individual, o sujeito essencializado e a racionalidade moderna (CASANOVA, 2013).

Segundo Herschmann e Pereira,

A partir das últimas décadas do século XIX, ideias como novo, progresso, ruptura, revolução e outras nesta linha, passaram a fazer parte não apenas do cotidiano dos agentes sociais, mas principalmente, a caracterizar o imaginário, o discurso intelectual e os projetos de intervenção junto a sociedade (1994, p.14).

No entanto, apesar das ideias inovadoras e de ter, de certa forma, caído no gosto dos pensadores iluministas, conceitos como emancipação, progresso, ruptura, revolução e autonomia, cabe salientar que o pensamento originário da Ilustração não estava livre de preconceitos e de uma série de procedimentos forjados por um discurso ainda marcado pela velha concepção de inferioridade da mulher. Soihet, ao referir-se a esta temática, afirma que:

A razão, emblema do acesso dos homens à maioridade e liberdade, qualidade que distingue o homem do animal, já que o animal não faz senão obedecer enquanto o homem pode voluntariamente consentir ou resistir, não são extensivos paradoxalmente à metade do gênero humano. Rousseau, considerado o mais democrático destes intelectuais, propõe uma educação que conduza à autonomia. Com relação às mulheres, porém, simbolizada por Sofia - destinada a ser a esposa de Emílio - a educação deveria ser diversa. Nelas não se deveriam cultivar as

qualidades masculinas, pois a “mulher é feita especialmente para agradar ao homem” e “para obedecer também”, o que de certa forma, equiparava-as aos animais, segundo a assertiva acima. Por outro lado, tais posturas depunham contra o próprio *espírito das luzes*<sup>11</sup> oposto a toda opinião não fundada na razão (1997, p.2).

A situação aqui é a princípio clara. O “espírito das luzes” não produziu significativamente grandes avanços no pensamento masculino que se tinha a respeito da mulher. O corpo e a sexualidade foram fundamentais, somada às crenças religiosas, para sustentar a desigualdade entre os sexos ao nível social, estabelecendo radicalmente uma cisão entre homens e mulheres na esfera pública e privada, delimitando espaços, reforçando preconceitos.

O fato de a mulher ser considerada inferior estava condicionado em sua abrangência por um horizonte de sentido determinado. Primeiro, aparecia como o efeito da crença numa suposta inferioridade biológica - na mítica de que a mulher é mais frágil, na ideia arraigada de um funcionalismo social, político, econômico e cultural, embasada em um dogmatismo religioso e científico, profundamente sustentado pelo positivismo clássico, ainda que no discurso parecesse ser diferente, nos quais o feminino era compreendido como humano de caráter e categoria naturalmente inferior.

Sobre esta questão, o jornal *A Família* permite observar, por meio da experiência de Josephina, sua redatora, como a ideia sobre a mulher estava constituída em alguns segmentos da sociedade brasileira no oitocentos:

Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto princípio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a eles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza funções especiais, como eles pela mesma razão as têm. Mas isso não é razão de inferioridade, porque essa traz o animal na escala natural de suas aptidões (AZEVEDO, 1888, p.1).

Ciente da importância da imprensa como instrumento de constituição e propagação de certas agendas e debates, Josephina afirma que “as novas doutrinas impõe-se acima de tudo pela força misteriosa da imprensa” (*idem*). Vale notar que o conceito de esclarecimento (*Aufklärung*) - caríssimo à filosofia moderna, aparece na Alemanha em fins do século XVIII, justamente em uma revista<sup>12</sup>. No caso da revista de Josephina, parece que há uma busca

<sup>11</sup> Grifo meu.

<sup>12</sup> De acordo com o livro *O que é Esclarecimento* traduzido por Paulo Cesar Gil Ferreira e publicado em 2011 no Rio de Janeiro pela editora Via Verita: “No número lançado em dezembro da *Berlinische Monatsschrift* do ano de 1783, o pastor berlinense Johann Friedrich Zöllner (1753-1804) publicou um artigo contra o casamento civil, a favor do qual um autor anônimo tinha se pronunciado no número de setembro de 1783. Em interesse do Estado, Zöllner defendeu o matrimônio religioso e polemizou contra a confusão que foi provocada nas cabeças e corações dos homens “sob o nome de Esclarecimento”. Zöllner acrescentou ao conceito “Esclarecimento” uma nota de pé de página com a seguinte pergunta provocativa: “O que é Esclarecimento? Esta pergunta - que é quase tão importante quanto: o que é verdade - deveria, porém, ser respondida antes que começássemos a nos

também pelo espaço de produção de verdade, contribuindo para a construção de certo conceito de mulher e, por conseguinte do feminino.

Ainda nesta perspectiva, o jornal *O Apóstolo*, cuja função era a propagação da doutrina cristã católica no Brasil, em uma matéria de 07 de abril de 1880, circunscrevia o olhar da Igreja sobre o *ethos* da mulher na sociedade moderna. De acordo com o referido jornal, a mulher moderna não tinha necessidade de buscar uma outra “emancipação além da cristã, pois a mulher, bem como os homens, mas sem dúvida, menos do que estes, podem constituir-se em grau eminente artistas, autores, filósofos, sábios, diplomatas, oradores, heróis e mártires” (O Apóstolo, 1880, p.3). No entanto, o melhor e maior exemplo de mulher de todos os tempos, para a doutrina católica, difundida neste impresso, é aquele que “pelo seu sacrifício, sua resignação, [...] constituía-se no mais completo exemplar de todas as virtudes” (*idem*). Para a Igreja Católica, Maria ocupa o lugar por excelência desta mulher que abdica de sua emancipação, de sua vida pública para se dedicar a missão natural e asua vocação. Neste sentido, de acordo com o jornal *O Apóstolo*:

A questão de que se trata não é saber se as mulheres, nas coisas neutras da alma, são superiores, ou iguais aos homens, mas investigar quais são asfunções para que elas têm aptidão, e se precisam como os homens o âmbito do mundo para o exercício de suas faculdades ou simplesmente o estreito recinto do lar doméstico cujos deveres não são fáceis de cumprir. (*ibidem*.)

Conforme afirma Soihet (1997), o surpreendente é que intelectuais portadores de “novas verdades” que dizem respeito à razão, liberdade e igualdade apresentem perspectiva similar à tradicional doutrina cristã católica no que tange à posição social da mulher. Em certo sentido, entendia-se como um imperativo da própria natureza, a existência da desigualdade entre o sexo masculino e feminino. Nesta lógica binária, a natureza teria se encarregado de pôr de um lado “a força e a majestade, a coragem e a razão e, do outro, as graças e a beleza, a fineza e o sentimento” (op. cit.). Nesta linha, coube à educação a incumbência de assentar as especificidades do sexo, compreendido aqui e sustentado, muitas vezes, naquele cenário, pelo anatomismo biológico.

Vale notar que o enunciado citado, presente no jornal *O Apóstolo*(1880), é coextensivo ao pensamento hegemônico produzido na Ilustração, em que é possível observara ideia de

---

esclarecer! E, todavia, não a encontrei respondida em lugar algum”. Esta pergunta, que se encontra escondida em uma nota de pé de página de um ensaio sobre direito matrimonial de um pastor protestante relativamente desconhecido, provou-se extremamente oportuna e frutífera para a história da filosofia. A resposta não tardou a aparecer. Em primeiro lugar, no número de setembro de 1784 da *Berlinischen Monatsschrift*, Moses Mensdelssohn (1729-86) publicou o seu ensaio - *Sobre a Pergunta: o que quer dizer esclarecer?* [...] No número de dezembro da *Berlinische Monatsschrift* de 1784, foi lançado, então, o famoso ensaio de Immanuel Kant (1724 - 1804) com a conhecida definição de Esclarecimento. (FERREIRA, 2011, p. 7; 23)



sujeitos como entes essencializados universalmente, de modo que tanto homens quanto mulheres possuiriam, no contexto de século dezenove, uma natureza anterior a sua própria subjetividade, cujas funções sociais estariam necessária e radicalmente atreladas à vocação imposta pela forma-corpo, pelo biológico, de modo que:

A inferioridade feminina que encontra suas raízes na diferença sexual estender-se-á a todo seu ser, em particular às suas faculdades intelectuais. Constituem-se as mulheres, de acordo com a maioria dos filósofos iluministas, no ser da paixão, da imaginação, não do conceito. Não seriam capazes de invenção e, mesmo quando passível de ter acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade (SOIHET, 1997, op. cit., p. 3).

Mantida numa espécie de infância, ou assemelhada a um animal doméstico, a mulher é compreendida como se possuísse deveres intrínsecos à sua natureza: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos, cuidar da casa. A naturalização das normas masculina, sua interiorização por parte das mulheres - “metade do gênero humano”, às submete em uma violência simbólica, como afirma Soihet (1997), já que “supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação”:

As mulheres não são tratadas como sujeitos, mas como coisa, buscando-se impedir a sua fala e a sua atividade. Nesta perspectiva, a violência não se resume a atos de agressão física, decorrendo igualmente, de uma normalização na cultura, da discriminação e submissão feminina. Aliás, o avanço do processo de civilização, entre os séculos XVI e XVIII, corresponderia a um recuo da violência bruta, substituindo-se os enfrentamentos corporais por lutas simbólicas (*idem.*).

Neste sentido, como nos assere Foucault, acerca do controle e dos procedimentos de exclusão do discurso:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (2010, p. 9).

Flagra-se, então, evidente manobra de interdição da fala feminina nas arenas de debates na sociedade Moderna, que atribui ao homem o direito por *lex naturalis* à fala. Em um procedimento claro de exclusão, efetua-se pela violência simbólica o que Foucault chama de “interdição”. Calar a mulher é, em última análise, interditar possibilidades e, como afirma Josephina, “é enfim, um prejuízo secular que não pode ainda ser vencido pela razão, pelo sentimento de igualdade, que é o apanágio das civilizações Modernas” (AZEVEDO, 1888, p.1).

O discurso que se configura neste cenário, de teor e forma masculina, bifurca-se sobre o aspecto de gênero, de modo a assegurar duas distintas perspectivas: “do homem sobre o

homem, e do homem sobre a mulher” (Soihet, 1997), evidenciando aí, um enviesamento claro do pensamento moderno, em que se articulam imbricados, razão, poder e vontade de verdade, o que confere à teoria originária da Ilustração, uma raiz ontologicamente forjada na perspectiva masculina. Observa-se que a mulher é considerada menos, menor e deve ser subsidiada pelo homem, ficando sua autonomia, liberdade e maioridade, profundamente comprometidas.

De acordo com Gondra,

Para Foucault, os procedimentos de exclusão do discurso podem ser discriminados em três grupos. Um primeiro grupo que age externamente ao discurso propriamente dito correspondendo, portanto, aos procedimentos de interdição (a palavra proibida), de segregação e a vontade de verdade, sendo este último a que se dedica mais atenção. Um segundo grupo de procedimentos de exclusão agiria internamente no processo de construção discursiva sendo, na perspectiva deste autor, o princípio autoral, o do comentário e o da disciplina à qual o discurso se vincula. O terceiro e último grupo de procedimentos permitem o controle dos discursos. Para Foucault, tal controle remete às condições de seu funcionamento e de imposição de regras aos indivíduos. Assim, não permite que todo mundo tenha acesso aos discursos (1998, p. 44, 45).

No entanto, a sedimentação deste horizonte tem seu início a partir da invenção de outra perspectiva que se manifesta como luta e resistência<sup>13</sup> da mulher sobre o homem e da mulher sobre si mesma, cuja produção de enunciado forte sofre pressão a todo tempo e é atravessada por investidas de silenciamentos por parte do sexo oposto, muito emboraseja por vezes introjetada pela própria mulher.

O pensamento da Ilustração não desenvolveu exatamente um novo paradigma na concepção do feminino na contramão da tradição, muito pelo contrário, o manteve em certo sentido, preservado das tradições anteriores, nos costumes, nas crenças, razão pela qual se elaborou, paradoxalmente, enviesado das noções filosóficas mais caras, ventiladas em seu horizonte histórico. No entanto, apesar dos dispositivos de controle e da disciplina operada sobre os corpos e o pensamento da mulher, não se pode dizer que não tenha havido lutas por parte das que não aceitavam se resignar em silêncio e sem resistência. A fabricação de uma imprensa propriamente dedicada a mulher e escrita por elas, viabilizava seu ingresso no

---

<sup>13</sup> Resistência é uma noção cara no aparato teórico de Foucault, ela é operada no conjunto de forças que se dá nos jogos de poder, como afirma Castro (2016), “frequentemente reprovou-se Foucault quem, fazendo circular o poder por todas as partes, tornava impossível toda possibilidade de resistência. ‘Eu quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, reclamam a cada instante, abrem a possibilidade de uma resistência real, o poder daquele que domina, trata de manter-se com mais força, tanto mais astúcia quanto maior resistência. Deste modo, é mais a luta perpétua e multiforme o que eu trato de fazer aparecer do que a dominação obscura e estável de um aparato uniformizante’ (FOUCAULT apud CASTRO, 2016, p.378). Em definitivo se não houvesse resistência, não haveria poder.

âmbito do debate mais acalorado, fora das quatro paredes, do domínio privado, abrindo-lhes a porta da esfera pública.

Vale notar que o imaginário que se formou da mulher brasileira no século XIX é em geral constituído por um tipo de mulher imersa em rotinas, numa espécie de cárcere privado, de profunda submissão aos maridos, ou a pais, ou aos irmãos mais velhos ou, ainda, a um tutor. Uma mulher que não possui o direito de expressar sua opinião, cujo corpo, colonizado, residência do pecado e da impureza, deve andar sempre coberto por longos vestidos, com bordados exuberantes. É a representação de um ente do gênero feminino que circula apenas o interior da casa e tem vedado o direito de ir à rua desacompanhada.

Sufocada pelo demérito de seu sexo, vê-se na impossibilidade de produzir pensamento, arte, literatura e intervir na vida pública e cotidiana da cidade. Mas é bem verdade que, muitas mulheres, ao longo deste século, e até mesmo antes, ousaram acreditar em si mesmas, romper paradigmas, produzir conceitos filosóficos outros, compor, escrever, atuar, abrir escolas e estudar. Mas estas muitas mulheres, ainda, em grande parte, permanecem juntamente com suas produções, suas investidas artísticas, científicas e literárias ignoradas e invisibilizadas. Vultos como Sojourner Truth (1797-1883), abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, autora do discurso cujo título intrigante é: *Eu não sou uma mulher?* proferido na *Women's Convention* em Akron, Ohio, em 1851<sup>14</sup>, que põem a mulher em níveis de igualdade com o homem; ou como Mary Wollstonecraft (1759 - 1797), filósofa londrina, autora de *Reivindicação dos direitos da Mulher* (1792); e ainda, como a dramaturga francesa Olympe de Gouges (1748 -1793) autora de *Declarações dos direitos da mulher e da cidadã*<sup>15</sup> (1791); e, também, a brasileira Nísia Floresta (1810 - 1885) que escreveu o livro: *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832) são apenas alguns exemplos, em uma imensidão pouco conhecida de personalidades femininas, também pouquíssimo estudadas. Tais histórias, e muitas outras aqui não mencionadas, fazem pensar na existência de uma rede de resistências e lutas que pode ter sido por muito tempo ignorada, mas que construiu ao longo da história a possibilidade para um debate cada vez mais vigoroso e profundamente produtivo.

É nesta atmosfera que os saraus, os salões, as correspondências pessoais, os diários, os livros e a imprensa feminina conferem visibilidades ao protagonismo feminino. Estas foram algumas das condições que possibilitaram o aparecimento de um tipo de mulher, militante,

<sup>14</sup> Cf. Instituto da Mulher Negra - Geledes: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>; acessado em 29.05.2019.

<sup>15</sup> CASTRO, Flávia Lages de. História do Direito Geral e do Brasil. 5ª ed. São Paulo; Editora Lumen Juris, 2007.

polemista e combativa no Brasil do século XIX, cuja produção intelectual visível através do jornal *A Família*, chama a atenção. No entanto, assim como *A Família*, haviam outros periódicos dedicados às mulheres desde o período que remete à criação da imprensa brasileira, o que implica dizer, que o surgimento e a circulação de periódicos femininos noitocentos não se trata de um fenômeno isolado, de modo que este aparecimento da imprensa feminina abre espaço para produção de novas formas de consciências e de relações e concorrências entre os sexos, fomentando disputas simbólicas e produzindo novas redes e possibilidades de interação social. O *Jornal das Senhoras*, editado no Rio de Janeiro inicialmente por Juana Paula Manso de Noronha, que circulou entre os anos de 1852 a 1855, é um exemplo a se considerar entre os periódicos femininos neste período, assim como *O Sexo Feminino*, publicado entre 1873 a 1896, por Francisca Senhorinha da Mota Diniz. Não nos escapam periódicos igualmente relevantes na constituição desta hemeroteca riquíssima, como *O Belo Sexo*, o *Echo das Damas* que, por muito tempo, passaram quase inexplorados pelos pesquisadores.

## 1.2 Horizonte de acontecimentos

O século XIX foi permeado por ações tanto de governo, quanto da própria população, agenciadas por uma elite sócio-econômico-político-cultural, cujo repertório se constituía a partir da concepção de sociedade e civilização orientada, em certa medida, por padrões e ideários europeus (SOIHET, 2004, p.304). No entanto, a modernização e o progresso econômico da segunda metade do oitocentos, acarretou profundo desequilíbrio entre poder econômico e poder político (COSTA, 2010, p.17). Com o processo da independência, o sistema político já não dava conta de atender às demandas neste acelerado processo de transformações. Em 1850, uma série de mudanças começou acontecer que vão culminar em um golpe em 1889 (*Idem*).

Excluídos, novos produtores rurais e as novas elites urbanas não se viam representados na política imperial. De acordo com Costa (2010), o Partido Republicano recrutou adeptos nesses grupos sociais insatisfeitos (*Ibidem*). As ruas tornaram-se palco das investidas de abolicionistas e republicanas. Para aumentar a tensão, uma cisão entre os grandes latifundiários e pequenos proprietários de terras se acirrou nas décadas de 1850 a partir da Lei de Terras<sup>16</sup>, e o tráfico internacional de escravizados não estancou imediatamente, mesmo

<sup>16</sup> Conforme o livro *Da Monarquia a República* de Emília Viotti da Costa (2010, p. 173), “a lei de Terra decretado no Brasil em 1850 proibia a aquisição de terras públicas através de qualquer outro meio que não

depois da Lei Eusébio de Queirós. Neste caso, podemos assinalar que o comércio interno de escravos, sob o efeito desta lei, teve relevante aumento entre a Corte e São Paulo (COSTA, 2010) nos anos que sucederam 1850.

Segundo Oliveira (2013), a nova sociedade brasileira deveria ser constituída sobre cidades com bons serviços de água, esgoto e transportes; iluminação pública; gêneros alimentícios higienicamente oferecidos. Desta forma, “com os novos tipos de investimentos (estradas de ferro, bancos, manufaturas, melhoramentos urbanos) tornou-se cada vez menos produtiva a imobilização do capital em escravos” (Costa, 2010). Ainda de acordo com Costa,

As transformações no processo de beneficiamento do café, fabrico de açúcar, produção de charque e a melhoria dos meios de transportes permitiram uma relativa racionalização do processo de produção, tornando o trabalho livre mais viável e aparentemente mais lucrativo em certas áreas (*Idem*, p.16).

No entanto, é possível afirmar que no decurso do século XIX, os cativos representavam da metade a dois quintos do total de habitantes da corte (ALENCASTRO, 2001, p. 25). Eram homens, mulheres, velhos e crianças compondo não só a cena urbana, mas parte significativa na temática dos embates políticos nacionais. Assim, o trabalho livre passou a ser progressivamente mais aceito e mais adequado para o cenário socioeconômico que se fomentava no projeto de sociedade moderna em curso. Para Alencastro (2001), o Estado centralizado, difundido em todo o território, na corte e nas províncias mais prósperas como nas mais remotas, o escravismo brasileiro ameaçava a estabilidade da monarquia e fazia o país perigar (*Idem*). De acordo com Gondra e Schueler (2008), nas décadas de 1870 e 1880, os debates em torno do processo de abolição da escravidão e, conseqüentemente, da reorganização das formas de controle e do (re)ordenamento do trabalho foram problemas que ecoaram em todo o Império. Segundo Costa,

Na segunda metade do século XIX ocorreram alguns fenômenos importantes que irão introduzir algumas modificações na estrutura econômica e social do país, contribuindo para o desenvolvimento relativo do mercado interno e estimulando o processo de urbanização. Primeiro, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre: a cessação do tráfico em 1850, a abolição em 1888 e a entrada de numerosos

---

fosse a compra, colocando um fim às formas tradicional de adquirir terras mediante posses e mediante doações da Coroa. Tanto os que obtiveram propriedades ilegalmente, por meio da ocupação, nos anos precedentes à lei, como os que receberam doações, mas nunca preencheram as exigências para a legitimação de suas propriedades puderam registrá-las e validar seus títulos após demarcar seus limites e pagar as taxas - isso se tivesse realmente ocupado e explorado a terra. O tamanho das “posses” (terra adquirida por meio da ocupação) foi limitado pela lei: elas não podiam ser maiores do que a maior doação feita no distrito em que se localizavam. Os produtos da venda das terras públicas e das taxas de registro das propriedades seriam empregados exclusivamente para a demarcação das terras públicas e para a “importação de colonos livres”. Criou-se um serviço burocrático encarregado de controlar a terra pública e de promover a colonização: a Repartição Geral das Terras Públicas”.

imigrantes no sul do país. Em segundo lugar, a instalação da rede ferroviária, iniciada em 1852 e que no final do século atingira mais de nove mil quilômetros construídos e quinze mil em construção. Finalmente, as tentativas, bem-sucedidas, de industrialização e o desenvolvimento do sistema de crédito (2010, p.235).

É mister ressaltar que, como aponta Soihet (2004), a modernização e a higienização do país despontaram como lema dos grupos ascendentes que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares ao modelo parisiense, o que colocava os hábitos populares no centro das investidas no instante em que o trabalho escravo era substituído pelo trabalho livre.

As imposições de novos implementos político-sociais tinham o respaldo no otimismo depositado na ciência moderna com base no ideário de objetividade e neutralidade do conhecimento, cujo desenvolvimento resultaria no que poderíamos chamar de bem-estar social. Caso consideremos a tradição, a ciência foi concebida como o *locus* exclusivo da verdade. Este fenômeno se deu pelo fato de que o que foi pensado como verdade neste período, tem sua matriz ontológica fundamentada na razão, em que se estabelece a exigência da objetividade metodológica e empírica, motivo pelo qual, a partir daí, efetua-se uma tentativa de total abandono da opinião no âmbito científico. Em outras palavras, a verdade fora fomentada como um instrumento de poder e a ciência como um dispositivo de controle. Assim, a Medicina Moderna - ciência recém-inaugurada torna-se absolutamente instrumentalizada nas ações de governo, em seus procedimentos de controle, na produção de verdade e de sentidos.

Para Gondra, no entanto:

O domínio da Medicina estendeu-se para tudo que se relacionava ao ambiente urbano e ao bom funcionamento da ordem burguesa, a ponto de Machado (1978) afirmar que *'nada que é urbano lhe é estranho'*. A incorporação de práticas, disciplinas e objetos fez com que, ao mesmo tempo em que se configurava uma ampliação dos domínios da Medicina, se fortalecesse a crença no saber-poder médico que, esquadrinhando o espaço público e privado, procurava, via ordem médica, forjar um novo homem, uma nova cidade; ambos, higienicamente produzidos (1998, p.47).

Uma questão, porém, se impõe neste contexto como que por si mesma diz respeito à medicina, que se estabelece profícua na operação da biopolítica, agindo diretamente sobre os corpos, as crenças e os costumes das cidades. Neste sentido vale dizer que

As ciências da vida ligaram-se cada vez mais ao contexto político do capitalismo, da normalização e da medicalização da sociedade, situando-se como peças de relações de poder, de agenciamentos concretos, de dispositivos de segurança, cujo alvo é a gestão da vida dos indivíduos e da população tomados como entidades biológicas, por meio da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e de um ajustamento dos fenômenos de população ao exercício do poder moderno (PORTOCARRERO, 2011, p.170).

Na modernidade, a medicina social assegurava como características femininas, com base nas ciências da vida: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal, de modo que é possível observar um movimento de fabricação destes sujeitos, sob aspectos específicos de assujeitamento, disciplina e governo (Foucault, 2013). No entanto, havia uma enorme diferença social e mercadológica entre as mulheres de classes diversas. Conforme Costa (2010) é necessário ressaltar que “as mulheres de classe média que dispunham de empregadas domésticas encontravam trabalho nas escolas, jornais e revistas que se multiplicavam”.

Operar adequações sobre homens, mulheres e ex-escravizados ao sistema de controle e disciplina dos corpos no espaço público, no tempo de trabalho e nas ideias novas que circunscrevia o caráter civilizatório e desenvolvimentista era uma preocupação governamental. Desta forma, de acordo com Soihet,

Das camadas populares se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada. Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantisse apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos (2004, p. 304).

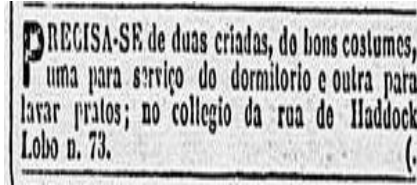
Ainda de acordo com Soihet (2004), a organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras famílias chefiadas por mulheres sós (*Idem*). A partir de 1850 é possível afirmar que há um processo no qual as configurações sociais, políticas e econômicas se rearticulam, de maneira que as tensões foram redistribuídas nas arenas de disputas, pois naquele momento entravam no jogo da microfísica de poderes novos elementos, de ordem moral e social e, outros sujeitos que ocupavam até então lugar periférico na sociedade - como o escravizado, agora livre, a mulher que antes tinha sua vida mais confinada nos afazeres domésticos, passa a se articular nos espaços urbanos. Também se fazia necessário, trabalhadoras e trabalhadores assalariados, já que o trabalho compulsório cedia lugar ao trabalho assalariado, ou não remunerado e não escravo das senhoras donas de casa. Assim, a mulher passa a ter possibilidades de assumir um papel completamente novo neste cenário. Como afirma Costa,

As oportunidades de trabalho para as mulheres, no entanto, não acompanharam o ritmo da expansão econômica. Segundo as estatísticas, o número de mulheres na força de trabalho diminuiu entre 1870 e 1920 de 45% para 15%, provavelmente em consequência da abolição da escravatura (2010, p.508).

E ainda,

As profissões de parteiras, farmacêutica, pajens, e amas, cabeleireiras, e prostitutas cresceram em grande número nos centros urbanos. E um número cada vez maior de mulheres começou a trabalhar em fábrica têxtil, onde elas constituíram cerca de 80% da força de trabalho. A grande maioria, entretanto continuava a trabalhar como empregada doméstica (*Idem*, p.508-509).

Imagem 1 –Anúncio de emprego para mulheres depois da libertação da escravatura



Fonte: Gazeta de Notícias (RJ), ed. 14, de 14 de janeiro de 1889.

Transcrição:

Precisa-se de duas criadas, de bons costumes, uma para serviço de dormitório e outra para lavar pratos; no colégio da rua de Haddock L

Outro aspecto não menos relevante, que possibilita entender o oitocentos, além da condição econômica, social, política dos sujeitos, impunha-se como questão central no projeto adotado pelo Brasil nos fins do século XIX, o que diz respeito a educação escolar. De acordo com Pasche,

As iniciativas de criação de escolas públicas e particulares são expressivas, mormente a partir da década de 1870. O impulso à atuação dos particulares fazia parte da política de Instrução Pública do Governo Imperial. As estratégias de apoio às instâncias privadas não se resumiam aos discursos favoráveis, às legislações que lhe garantiam o direito de liberdade de ensino, como a Constituição de 1824, a Reforma Couto Ferraz (1854) ou a Reforma Leôncio de Carvalho (1879) (2014, p. 24).

Ainda nesta perspectiva, apesar da proliferação das escolas, o número de analfabetos continuava muito alto. O censo de 1872 registrou que cerca de 80% dos brasileiros eram analfabetos (COSTA, 2010, p. 510). No entanto, implementou-se um conjunto de medidas demandadas por grupos sociais, tais como a universalização de direitos civis, liberdade religiosa, abolição da escravatura; também figurava o direito social da universalização do ensino elementar, desde que fosse possível contar com a iniciativa privada (PASCHE, 2014). Ainda segundo Pasche, em 1870, já haviam sido abertas cerca de 447 escolas públicas na Corte e 1114 colégios particulares. No entanto o analfabetismo era crescente no Brasil, de maneira que de acordo com Costa (2010), cerca de vinte anos mais tarde, o analfabetismo atingiria 85% da população. Contudo, é mister ressaltar que havia certa vantagem dos centros urbanos neste ranking, o que significa afirmar que o número de pessoas que sabiam ler e escrever era relativamente maior nestas áreas. Neste quesito, as mulheres levavam desvantagem quando comparadas aos homens, pois os homens analfabetos eram menos



numerosos em relação às mulheres. Assim, conforme Costa (2010), em 1872, na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, 50% dos homens e apenas 35% das mulheres sabiam ler. Como era de se esperar, a alfabetização das mulheres era mais expressiva nas classes mais ricas.

É interessante notar que as mulheres, mesmo em desvantagem no que diz respeito ao número de alfabetizados, às condições de trabalhos e à oferta de escolas, desempenharam papel de extrema relevância para a promoção da literatura, da arte e da cultura de um modo em geral no século XIX. Assim, vale notar, que muitos intelectuais que queriam se projetar no campo das letras, das artes, ou das ciências lutavam por frequentar salões literários dirigidos, regra geral, por mulheres, conforme afirma Lopes, que aponta ainda,

Aí (nos salões literários) se condensavam as discussões, se conheciam os novos talentos, se protegiam os melhores ou os mais favorecidos pela sorte. A frequência dos salões era, para alguns, a oportunidade de tomarem contato com o escol intelectual e, para outros, o meio de reconhecimento do seu valor e da sua obra. O sexo feminino prestou esse serviço a todos os que, sedentos de novidades, se acolhiam à sombra protetora de mulher, mais ou menos conhecidas ou famosas (LOPES, 2005, p. 173).

Lopes sinaliza que a principal forma de expressão nestes espaços “culturais” era a oralidade. Ali se expunham as novidades livrescas, periódicas e artísticas, no entanto, esta não era a principal maneira de divulgar a produção intelectual ou artística, de maneira que,

Em 1761, a Gazeta de Lisboa incluía colaboração de novos autores. Mas a divulgação escrita desenvolvia-se paralelamente à dos salões. Produtores e consumidores culturais entram assim num novo jogo, não já dependente de um público restrito e selecionado, como o dos salões, mas de outro um pouco mais vasto. [...] Mas não há dúvida de que a introdução dos periódicos a complementar o livro introduziu uma nova realidade. (*Ibidem*).

Sob estas condições históricas vale perguntar: 1) Qual é o estatuto do periódico neste cenário? 2) Qual é a medida de sua importância para o projeto de sociedade que se desejava construir embasado na cientificidade? 3) Como se dão os deslocamentos e os estabelecimentos de uso cultural, social, político, deste objeto material, gráfico cuja produção é expressiva nos fins do oitocentos? Em alguma medida, fazendo uso de certa liberdade ao interpretá-lo, é possível asserir que Certeau (1982) ajuda a compreender como que a historiografia marca, ou afirma este ponto de encontro entre conhecimento, verdade e poder, sujeito e objeto, passado e presente, em que se dá o que ele chama de heterologias, a saber, discursos sobre a alteridade:

Do século XVII ao XVIII, o que torna possível a convertibilidade do corpo visto em corpo sabido, ou da organização espacial do corpo em organização semântica de um vocabulário – e inversamente –, é a transformação do corpo em extensão, em interioridade aberta como um livro, em cadáver mudo exposto ao olhar. Uma mutação análoga se produz quando a tradição, corpo vivido, se desdobra diante da curiosidade erudita em um corpus de textos. Uma medicina e uma historiografia modernas nascem quase simultaneamente da clivagem entre um sujeito

supostamente letrado, e um objeto supostamente escrito numa linguagem que não se conhece, mas que deve ser decodificada. Estas duas "heterologias" (discursos sobre o outro) se construíram em função da separação entre o saber que contém o discurso e o corpo mudo que o sustenta. Inicialmente a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir (CERTEAU, 1982, p.4).

Foucault alerta que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta (FOUCAULT, 2010, p. 10). Neste sentido, tanto o ato de produzir um periódico, um jornal ou um livro em uma determinada época, quanto o ato de trazê-lo, mais uma vez, ao presente para o campo da história é em alguma medida, produzir “heterologias”; é transformar, um “objeto supostamente escrito numa linguagem que não se conhece, mas que deve ser codificada”. Deste modo, optamos por investigar o jornal *A Família*, que surgiu no mês de novembro de 1888 em São Paulo, e transferido para o Rio de Janeiro em 18 de maio de 1889, onde circulou segundo alguns autores até 1897<sup>17</sup>.

### 1.3 Das possibilidades de localização da documentação

Com a finalidade de localizar por meio dos recursos de busca na internet o maior número de exemplares digitalizado do jornal *A Família*, foi empreendida uma pesquisa pelo nome do jornal e pelo nome de sua redatora. Utilizando neste último caso, as duas formas em Português de se grafar Josephina: a forma original com “ph” e a forma na qual se escreve no lugar de ph”, a letra “f”<sup>18</sup>. A investigação se deu nos seguintes ambientes: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional(BN), no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro(IHGB), na Hemeroteca do Real Gabinete Português de Leitura (RGPL), na Hemeroteca da USP, no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) e no Arquivo do Estado de São Paulo,

<sup>17</sup> Há uma divergência quanto a data das últimas publicações do Jornal *A Família*, alguns autores como Fonseca (2000), Teixeira (2011), Duarte (2016), Silvia (2018) afirmam que o jornal circulou até 1897, outros porém, como Rodrigues e Silva (2005), e Melo (2014) afirmam que o último ano da publicação do impresso seria 1898. Adotou-se, porém, nesta pesquisa o ano de 1894 referente ao ano da edição 177, última edição encontrada na hemeroteca da BN.

<sup>18</sup> Vale assinalar que durante as buscas utilizando este recurso: uso do nome de Josephina com “ph” e com “f”, foi o que nos possibilitou encontrar o livro *A Mulher Moderna: Trabalhos de Propaganda*, pois o recurso de busca do acervo da Biblioteca Nacional não identificava o citado livro associado ao nome de Josephina Alvares de Azevedo grafado com “ph”. Depois de inúmeras tentativas *in loco*, foi possível encontrá-lo associado ao nome de Josefina grafado com “f”. Cabe ainda dizer que depois desta descoberta, comunicamos verbalmente à bibliotecária responsável pelo setor de obras gerais que imediatamente registrou a necessidade de uma revisão da “autoria”, termo utilizado pela bibliotecária para designar toda coleção referente a um mesmo escritor, de toda documentação ali disponível concernente à Josephina Álvares de Azevedo. O exemplar (original) *A Mulher Moderna* da BN, tinha sido emprestado à Biblioteca do Senado que preparava a “Coleção escritoras do Brasil, v.1, muito provavelmente no final de 2017, ano em que começamos nossa busca. Fato que nos manteve na insistência da procura, uma vez que já tínhamos o encontrado em seu acervo. A ficha de autoria deste livro continha apenas o nome de sua escritora grafado com “f”, tendo os campos data de nascimento e morte da “autora” em branco. Coube-nos imediatamente contribuir para o preenchimento destes campos junto a bibliotecária da BN.

visto que o jornal *A Família* iniciou suas atividades nesta cidade. Também foram feitas buscas na *Gallica* da Biblioteca Nacional da França (BNF), dado a proximidade de Josephina com alguns jornais franceses de sua época, além da busca feita na Hemeroteca Nacional de Portugal e, por fim, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, já que Recife, aparece nos registros como a terra natal de Josephina. Deste modo, foi possível localizar apenas um exemplar na Hemeroteca do IHGB, muito embora, não digitalizado, mas acessível fisicamente. Tal exemplar trata-se da edição especial que viera a público em 1889. O acesso a materialidade do periódico *A Família* só foi possível por meio deste único exemplar, já que a BN não disponibiliza documentos que já tenham sido digitalizados. O acesso a este material foi o que nos possibilitou observar, pelo menos no caso desta edição, a qualidade da impressão, o papel, sua preservação e seu formato.

Imagem 2 - Recurso da BN que disponibiliza a coleção do jornal *A Família* em Pdf

**A Família : jornal litterario dedicado a educação da mãe e familia (RJ) - 1888 a 1894**

1888	1	2	3	4	5			
1889	6	7	8	9	10	11	12	13
	14	15	16	17	18	19	20	21
	22	23	24	25	26	27	29	31
	32	33	34	36	37	38	39	40
	41	42	43	44	N° Esp.			
1890	45	46	47	48	49	50	51	52
	53	54	55	56	57	58	59	60
	61	62	63	64	65	66	67	68
	69	70	71	72	73	74	75	77
	78	79	80	81	82	83	84-00085	86
	87							
1891	96	97	98	99	100	101	102	103
	104	105	106	107	108	109	110	111
	112	113	114	115	116	117	118	119
	120	121	122	123	124	125	126	127
1892	129	130	131	132	139	153	154	
1893	155	156	157	158	159	160	161	162
	163	164	165					
1894	166	167	168	169	170	171	172	173
	174	177						

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira  
Acesso em 30 de maio 2018.

Na Hemeroteca da BN, foram localizados 143 exemplares digitalizados do periódico *A Família* como é possível observar na imagem acima, estando a maioria em um bom estado de preservação, o que permitiu sua leitura com facilidade. Das 143 edições localizadas, cento e

duas (102) possuem oito (08) páginas, uma (01) possui nove (09) páginas contando com a capa, quarenta (40) possuem quatro (04) páginas. Na edição de número 39, aparece repetida no quadro da Hemeroteca da BN, no espaço indicado como sendo a edição 32. Neste sentido, desconsiderando o número repetido e acrescentando a edição localizada no IHGB, como é possível observar no quadro abaixo, o volume total de páginas desta documentação é de aproximados novecentos e oitenta e cinco (985) páginas, que, em grande parte, foram facsimiladas para uma melhor análise. Vale ainda mencionar que na coleção digitalizada do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP) existem três edições digitalizadas do jornal *A Família*: a edição especial, com a fotografia de Josephina na capa, e mais as edições 10 e 25. As três edições também estão presentes no arquivo da BN, não constituindo neste caso, um aumento no número de jornais acessíveis para pesquisa, mas é possível afirmar que os arquivos encontrados no AESP possuem imagens em uma resolução de alta qualidade o que possibilita uma leitura bastante agradável. Além deste acervo, acrescenta-se à nossa documentação uma carta, não datada, escrita e assinada pela professora Josephina encontrada no setor de manuscritos da BN, os registros de óbito<sup>19</sup> localizado na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro, e a Certidão de Óbito localizada no Cartório do 8º Registro Civil de Pessoas Naturais da Comarca da Capital (RJ).

Quadro 1 – Edições ao longo dos anos e suas variações quanto ao nº páginas

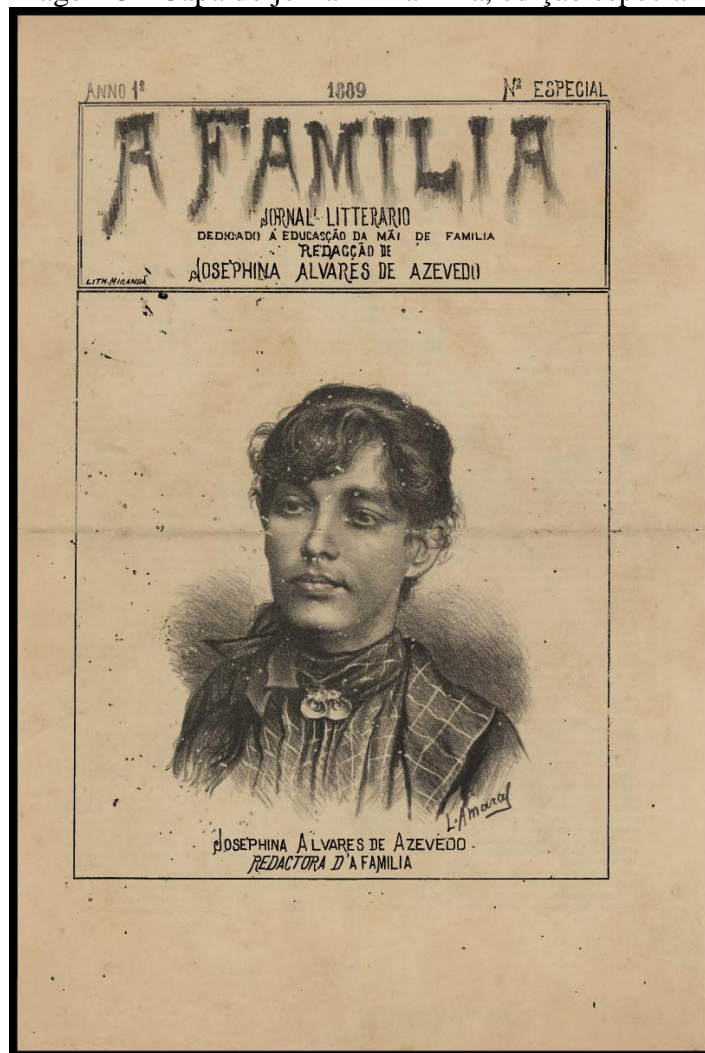
Ano	Nº de public.	Com 08 páginas	Com 08 páginas mais capa	Com 04 Páginas
1888	05	05	Xxx	Xxx
1889	37	28	01	08
1890	41	13	Xxx	28
1891	32	31	Xxx	01
1892	07	06	Xxx	01
1893	11	09	Xxx	02
1894	10	10	Xxx	Xxx
TOTAIS	143	102	Xxx	40
Nº de páginas	985	816	09	160

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da coleção *A Família*: Jornal literário dedicado à educação da mãe de família, encontrados na Hemeroteca Digital da BN.

<sup>19</sup> Conforme o obituário encontrado nos jornal *A Época*, edição 400 de 03 de setembro de 1913, Josephina Álvares de Azevedo foi sepultada no Cemitério São Francisco Xavier na Cidade do Rio de Janeiro. Por meio desta informação concluiu-se que o registro de sepultamento encontrava-se nos livros da Santa Casa de Misericórdia, órgão que administra o referido cemitério. Em posse desta informação fora solicitado a Santa Casa, busca e cópia da página do livro de registros de óbito da professora Josephina. A busca e a cópia da página representou um custo de R\$ 180,00. Por meio deste registro chegou-se ao conhecimento que a Certidão de óbito havia sido lavrada pelo escrivão José Cyrillo Castex, no antigo Registro Civil da 5ª Pretoria, no Engenho Velho – Rio de Janeiro. Atualmente, a documentação deste distrito está em domínio do 8º Registro Civil das Pessoas Naturais da Comarca da Capital, localizado no bairro da Tijuca/RJ. Esta Certidão, por sua vez, representou o custo de R\$ 230,56. Vale dizer que além da informação de que a professora Zefa teria morrido em sua residência de arteriosclerose, e que seria natural do Estado de Paraíba, dado que a própria professora em vida não confirma e os demais campos, filiação, profissão, herdeiros conhecidos e outros não foram preenchidos ou informados.

Na coleção da Hemeroteca Digital da BN, consta da primeira edição datada de 18 de novembro de 1888 publicada em São Paulo, à edição de número 177 de 28 de outubro de 1894, publicada no Rio de Janeiro. Esta coleção, no entanto não se encontra completa, pois trinta e três (33) publicações não constam na coleção. São elas, edição 28, 30, 35, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 128, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 175 e 176. Contudo, não foram encontradas em nenhum outro arquivo outras edições do jornal *A Família*, senão aqueles já mencionados, o que deixa de fora, todas as publicações feitas de 1894 a 1897, ano em que a publicação se encerra.

Imagem 3 - Capa do jornal *A Família*, edição especial de 1889



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

#### 1.4 *A Família*, jornal ou revista?

Parece não ser tão simples dizer com precisão o que é exatamente uma revista ou um jornal. Tanto o termo revista quanto jornal possui certo grau de polissemia, e ao longo da história sofreram graves ressignificações. Um vocábulo interpretado deslocado de seu próprio

contexto histórico pode viabilizar riscos de equívoco e anacronismo. No entanto, mesmo o exame minucioso de uma palavra em um dicionário de época<sup>20</sup>, não resolve completamente o problema semântico que cada palavra carrega consigo, apesar de contribuir para uma melhor interpretação. Em termos linguísticos, se pensarmos em certos acontecimentos (refiro-me aqui ao uso corrente de certas palavras) mais recentes em nosso próprio contexto histórico, será possível constatar que tais acontecimentos constituem-se de significações culturais próprias, às quais podemos atribuir variadas influências polifônicas.

O caso, por exemplo, da palavra “negro”, usada para designar, de certo modo, um sistema de classificação étnico-racial adotado para humanos que possuem a pele com maior presença de melanina e, ou ascendência africana, em muitas literaturas recentes aparece como sinônimo de “preto”. No entanto, para alguns, não é correto se referir a cor da pele de uma pessoa como negra, já que a etimologia desta palavra estaria ligada a algo decisivamente depreciativo proveniente do latim<sup>21</sup>. Para este grupo de pessoas, o correto talvez fosse dizer preto. No entanto, há quem prefira dizer negro no lugar de preto, pois se entende que preto é cor de coisas e negro é como se designa certa etnia. Assim, é possível observar o quanto é difícil definir, mesmo em nosso tempo, uma palavra profundamente usual com certo nível de precisão. Definir é, por assim dizer, o estabelecimento de determinados limites, precisar, indicar, fixar, mas é antes de tudo produção de sentido, ou o reconhecimento da mesma. Definir é dizer da coisa, o que ela é (tem) tal como se nos revela. No entanto, devemos considerar as mudanças de sentido como necessárias, que dão as definições contingências, e, conseqüentemente, instabilidades no tempo e na duração.

Uma coisa parece certa, é mais simples localizar o surgimento da imprensa periódica no Brasil, quer seja revistas ou jornais, a determinar com exatidão os seus significados sincrônico. Conseqüentemente, parece mais acessível classificá-las, por seus traços e diferenças, do que por aquilo que lhe pareça ser de natureza intrínseca.

Cabendo-nos deste modo, destacar o fato de que a imprensa periódica brasileira tem seu advento de uma maneira no mínimo inusitada: surge na Europa, mais precisamente em Londres em 1808. O *Correio Braziliense*, publicado semestralmente (Janeiro e Junho), cuja primeira edição foi impressa em Londres por W. Lewis, Páternoster-Row, (*sic erat*

---

<sup>20</sup> Alguns dicionários do século XIX foram consultados com a finalidade de se obter uma definição das palavras “jornal” e “revista”, próxima do uso da época. Além disso, foi possível comparar entre os impressos do oitocentos a maneira como se intitulavam e como dicionaristas traduziam para o seu tempo estas palavras. Optamos por utilizar nesta pesquisa o *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* de Aulete Caldas, localizado nas Obras raras da BN, e o livro de Gondin da Fonseca intitulado *Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)*, localizado na IHGB. Através destes dois instrumentos, foi possível obter uma melhor aproximação desses dois importantes conceitos para esta pesquisa.

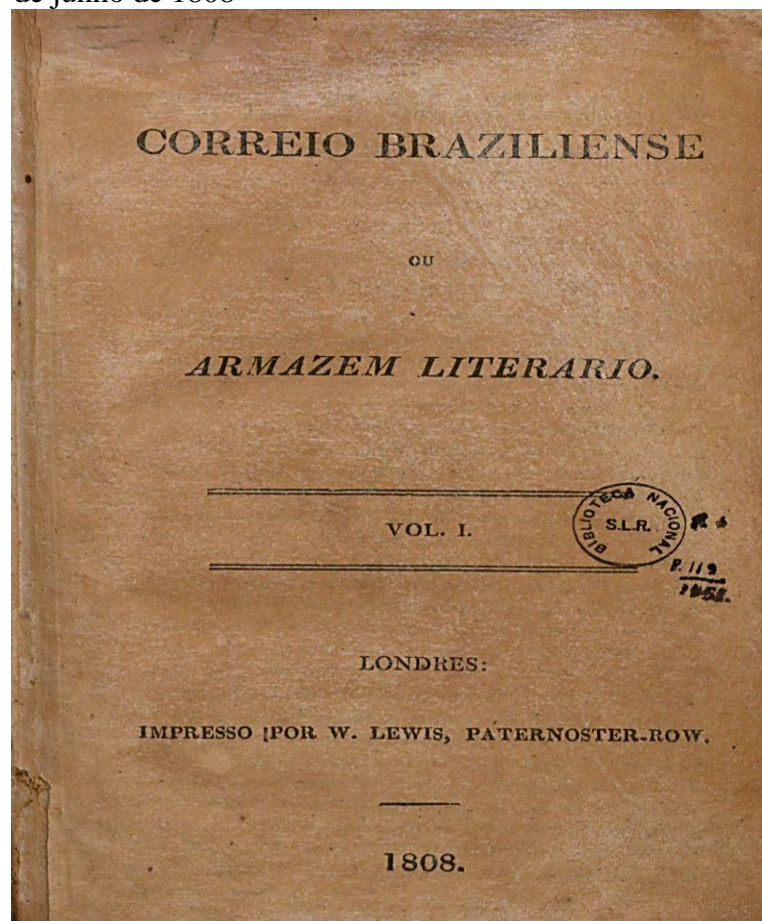
<sup>21</sup> Conforme o *Dicionário de Latim-Português de Ernesto Faria*, a palavra negro deriva de *niger*, que em Latim significa sombrio, tenebroso, infeliz, de mau agouro, fúnebre, triste, melancólico, mau, perverso (FARIA, 1994, p.358)

*scriptum*)marca este surgimento. Vale notar ainda, que curiosamente o periódico de Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, possuía entre 640 a 900 páginas aproximadamente cada volume.

No mesmo ano da primeira publicação do *Correio Braziliense*, apenas poucos meses depois, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, D. João funda em 13 de maio a Imprensa Régia que deu início à produção da *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicada pela primeira vez em 10 de setembro de 1808. Com duas edições semanais, o periódico é considerado o primeiro jornal impresso no país, cuja função principal estava relacionada com a publicação dos atos régios e, das políticas internacionais atreladas ao reino de Portugal. É interessante notar que no livro de Fonseca (1941), *Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)*, o *Correio Braziliense* ocupa o primeiro verbete, e a *Gazeta do Rio de Janeiro* o segundo, visto que este livro está organizado cronologicamente.

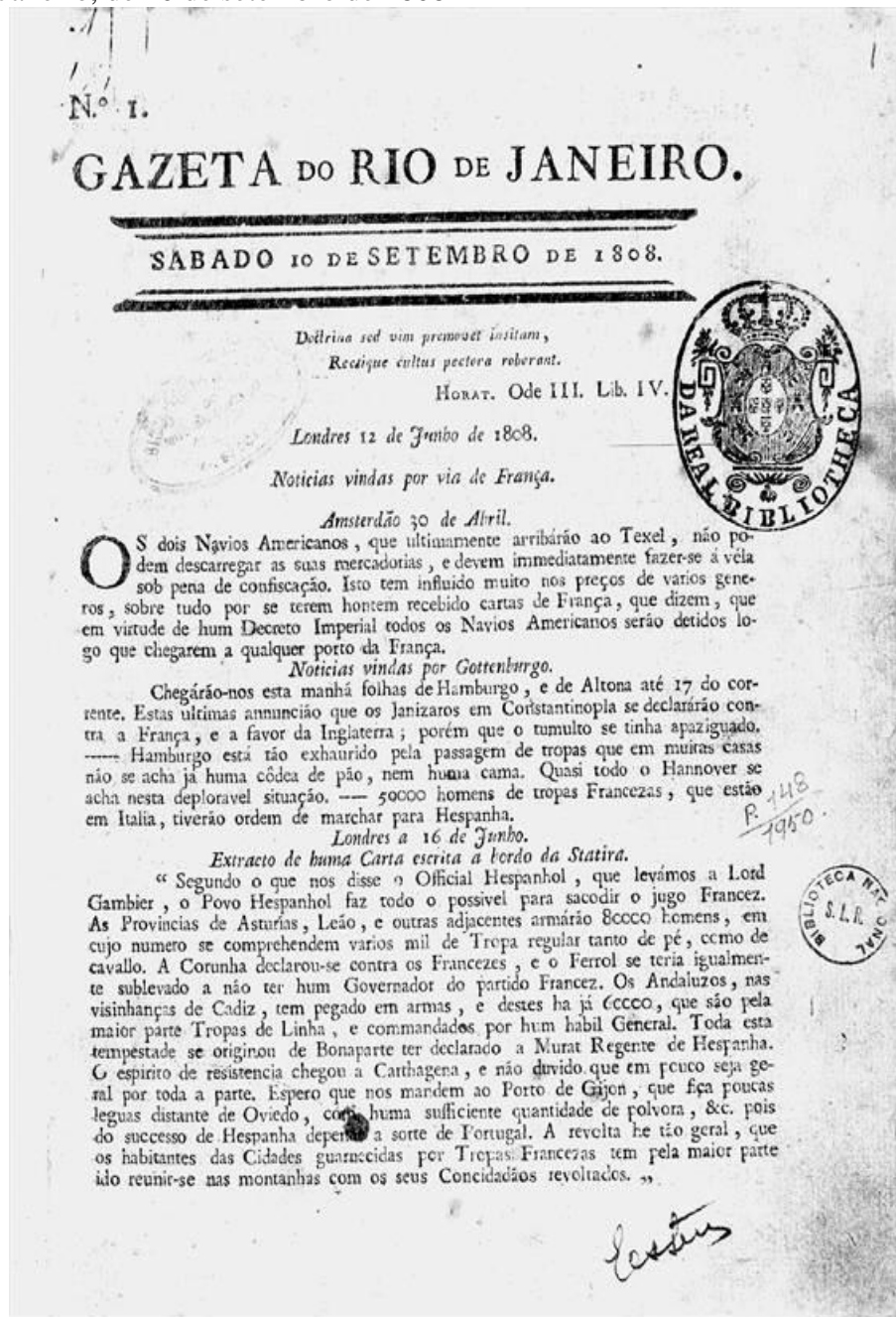
O que nos interessa aqui é que estas duas publicações ocupam diferentes posições tanto na composição, quanto no formato, número de páginas, posição política, tipografia e origem do capital. Ambas, no entanto, são reconhecidas como jornais.

Imagem 4- Capa do Correio Braziliense, primeira edição de junho de 1808



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Imagem 5 - Capa da primeira edição do Jornal Gazeta do Rio de Janeiro, de 10 de setembro de 1808



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Neste período apareceram quase que de uma só vez diversas publicações em todo o Brasil, como é possível observar no quadro abaixo. Isso se deu pelo fato de que a lei que proibia as colônias portuguesas de produzirem qualquer tipo de imprensa havia sido abolida em 13 de maio de 1808 com a fundação da Imprensa Régia.



Quadro 2 – Algumas das primeiras publicações periódicas no Brasil

Local	Ano	Periódico	nº pág. em média	Ilustrações/ imagens/ gravuras	Como se intitula	Periodicidade
Corte (RJ)	1808	Gazeta do Rio de Janeiro	04 - 08	não	Periódico	2 vezes por semana
Bahia	1811	Idade d'Ouro do Brasil	04	não	Jornal	2 vezes por semana
Rio de Janeiro	1813	O Patriota	70 - 120	não	Jornal	Ora mensal; ora bimestral
Pernambuco	1821	Aurora Pernambucana	04	xxx	Jornal	Uma ou duas vezes por semana
Maranhão	1821	O Conciliador do Maranhão	04 -08	não	Jornal	Duas vezes por semana
Pará	1822	O Paraense	5-10	não	Jornal	Uma ou duas vezes por semana
Minas Gerais	1823	O Compilador Mineiro	04	não	Jornal	Irregular
Ceará	1824	Diário do Governo do Ceará	xxx	xxx	Xxx	Xxx
Pernambuco	1825	Diário de Pernambuco	04	não	Jornal	Diário
Paraíba	1826	Gazeta do Governo da Paraíba do Norte	xxx	xxx	xxx	xxx
São Paulo	1827	O Farol Paulistano	04	não	Jornal	Semanal
Rio de Janeiro	1827	Jornal do Comércio	04	não	Jornal	Diário
Rio Grande do Sul	1827	Diário de Porto Alegre*	xxx	xxx	Xxx	xxx
Rio de Janeiro	1829	O Eco na Vila Real da Praia Grande*	xxx	xxx	Xxx	xxx
Goiás	1830	Matutina Meyapontense*	xxx	xxx	Xxx	xxx
Alagoas	1831	Íris Alagoense* <sup>22</sup>	xxx	xxx	Xxx	xxx
Santa Catarina	1831	O Catharinense	04	xxx	Xxx	xxx
Rio Grande do Norte	1832	O Natalense	04	não	Jornal	Semanal
Sergipe	1832	Recopilador Sergipano	04	não	Jornal	2 vezes por semana
Rio de Janeiro	1838	Museu Universal: Jornal das Famílias Brasileiras	08 - 10	sim	Jornal / Revista	xxx
Rio de Janeiro	1844	A Lanterna Mágica : Periódico Plastico-Philosophico	04 -16	sim	Jornal / Revista	Semanal
Espírito Santo	1849	Correio da Vitória	04	não	Jornal	2 vezes por

<sup>22</sup> Jornais não localizados.

Quadro 2 – Algumas das primeiras publicações periódicas no Brasil

Local	Ano	Periódico	nº pág. em média	Ilustrações/ imagens/ gravuras	Como se intitula	Periodicidade
						semana
Amazonas	1851	Cinco de Setembro*	xxx	xxx	Xxx	xxx
Rio de Janeiro	1852	A Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades	04	não	Jornal	2 vezes por semana
Paraná	1854	O Dezenove de Dezembro	08 - 12	não	Jornal	Semanal

Fonte:Quadro elaborado pelo autor a partir de cruzamento de informações extraídas através da Hemeroteca Digital da BN, e do PLANOR – Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras da FBN.

Segundo Zicman (1985, p.91), “há uma linguagem específica da Imprensa produzida pelo sistema global de informação, correspondente às diversas funções do jornalismo e ligada ao próprio modo de produção jornalística”. Ainda de acordo com esta autora, é possível distinguir na composição da linguagem da imprensa três elementos principais: “a expressão escrita (textos, manchetes...), a expressão icônica (fotos, desenhos,...) e a composição”. O que chama de composição é a forma como o periódico se estrutura quanto ao layout, isso vale para jornais, revistas e panfletos, e a escolha minuciosa da localização das imagens, dos títulos, dos artigos e colunas nas páginas dos impressos. A composição parece dizer muito da posição cultural e política assumida pelos editores. Neste sentido, é possível observar dupla natureza e dupla substancialidade na composição da imprensa: forma e conteúdo; imagem e texto.

Forma e conteúdo agem mutuamente um sobre o outro, bem como imagens e textos são interdependentes e interagentes. Tais elementos constituem, somada ao volume e periodicidade, a base fundamental para uma possível diferenciação e definição do que é revista e jornal.

O “jornal é a Imprensa Escrita Quotidiana”. Assim, de forma absolutamente sucinta, Zicman (*idem*) o diferencia de outros impressos. O que chama de “Imprensa Escrita Quotidiana” parece estar relacionado, necessariamente às jornadas e obviamente à cotidianidade. Parece evidente, no entanto, que “a representação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros, mas antes, uma causa direta dos acontecimentos” (*ibidem*. p.90). Podemos dizer de outra maneira que, apesar do jornal ser um instrumento de notícias, isso não significa exatamente que o jornal seja um espelho da vida cotidiana, muito pelo contrário, este é um instrumento que também é causa na cotidianidade dos acontecimentos.

Isto posto, observamos que o conteúdo e as informações expressas num jornal não são um fenômeno que repetem fiel e naturalmente a realidade<sup>23</sup>. Dito de outra forma, as notícias não constituem necessariamente efeitos da realidade objetiva, mas ao contrário, expressam sempre o *ethos* da intencionalidade da publicação e de seus editores. Neste sentido, o jornal, seja ele qual for, é um dispositivo de saber-poder, um instrumento de atuação política, um mecanismo gerador de opinião que produz emergências e efeitos, sendo ao mesmo tempo resultado de forças diversas, de outras emergências e outros efeitos.

Não há exatamente uma circularidade entre causa e efeito, nem mesmo se pode dizer com certeza que o elemento “causa” seja imprescindível aqui, mas uma rede de tensões se forma “atrás, dentro e em frente do jornal” (ALBERT *apud* ZICMAN, *op. cit.* p.92) atuando mutuamente neste campo de forças.

O impresso identificado como jornal possui o caráter da perecividade intrínseca a sua própria natureza - quando vem à luz sua matéria principal que é a notícia, ela já está colocada no pretérito. Este pretérito evoca sempre a novidade, como se necessitasse permanentemente de complementação, produzindo, assim, um fluxo constante de conteúdos.

A revista, porém, apesar de possuir pontos em comuns com os jornais, seguem alguns padrões diferentes. De acordo com Knauss (2011, p.19) referindo-se à esta tipologia (revista) “não existe uma definição precisa do objeto”. Ainda segundo Knauss, o senso comum concorda que uma revista:

É um impresso, menor que um jornal e maior que um livro, composto de cadernos e capa em brochura, com periodicidade semanal, quinzenal ou mensal. Vende-se em bancas ou por assinatura e trata de assuntos diversos, embora, geralmente, seja dirigida a algum segmento específico do público leitor (*Idem*).

No advento do periodismo no Brasil, a própria imprensa apropriou-se dos termos jornal e revista simultaneamente em suas publicações e, muitas vezes no próprio título, com pouca distinção como se tratasse de uma mesma coisa. Segundo Duarte (2016), naquela época jornais e revistas tinham a mesma aparência, no entanto, o que lhes diferiam era apenas a diversidade de gêneros literários e as matérias de entretenimento que no caso das denominadas revistas eram maiores.

Conforme nos aponta Knauss,

Muito citada como uma das primeiras e mais importantes revistas do período

---

<sup>23</sup> De acordo com Durval Muniz, “a realidade não é uma pura materialidade que carregaria em si mesma um sentido a ser revelado ou descoberto, a realidade além de empírica é simbólica, é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação.” Cf. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história*, São Paulo, Edusc, 2007, p. 25.

joanino, O Patriota (1813 - 1814), de Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, definia-se no seu subtítulo como Jornal literário, político, mercantil, etc. Sua periodicidade costumava ser mensal (às vezes, bimestral), o que condiz com a noção atual de revista; porém, seu formato (14 x 9 cm) e sua aparência mais se assemelham a um livro (2011, p.19).

E ainda:

A marmota Fluminense (1852 -1857), de Francisco de Paula Brito, normalmente referida na historiografia como um jornal, costumava circular duas vezes por semana, aparecendo às terças e sextas. Suas dimensões (32 x 23,5 cm) e formato tabloide remetem o leitor de hoje mais a uma revista do que um jornal. Muitas revistas definiam-se como “jornais” em seus subtítulos. Por outro lado, uma ou outra revista, autointitulada, estaria mais para jornal aos olhos da posteridade (Idem).

Estabelecer qualquer diferenciação entre jornais e revistas, implica na realização de duas distintas formas de investigação, a saber, uma sincrônica e outradiacrônica. No entanto, como bem observa Knauss,

Os limites entre jornal e revista mantiveram-se bastante fluidos ao longo do século XIX, e era comum os próprios redatores usarem os termos como sinônimos, ora empregando um, ora outro, juntamente com a designação mais ampla “periódico”, a única precisa, a rigor, à medida que ela permite uma diferenciação dos livros (*ibidem.*).

*A Família: Jornal Literário Dedicado à Educação da Mãe de Família* insere-se nesta problemática à medida que possui semelhanças ao que hoje chamamos revista, mas que se definiu, por um bom tempo, no seu subtítulo, como “jornal literário” (A FAMÍLIA, 1888).

Publicado uma vez por semana, em geral aos sábados, o periódico teve diversos tamanhos formatos<sup>24</sup>. Impresso no formato in-8º, a edição Especial de 1889, 33 cm x 44 cm (12,9921 pol. x 17,3228 pol.), impressa em papel sulfite branco<sup>25</sup>, com oito páginas na maioria das edições. No entanto, uma anotação encontrada nos Anais da Biblioteca Nacional (RJ), edição 85 de 1965, na página 56/216 diz que o jornal teve “Tamanhos vários”.

Com imagens inicialmente em ocasiões esporádicas e depois de determinado número, com maior frequência, as edições eram compostas em grande parte por secções seriadas, de maneira que novelas, contos, debates e matérias foram publicadas fracionadas, o que o tornava colecionável. Vale notar que muitos dos livros que Josephina escreveu foram antes publicados em fascículos na *Família*.

O projeto editorial visava democratizar a cultura letrada entre as mulheres, tornando o acesso aos textos canônicos e à crítica literária mais acessível. Com efeito, em 1890, aparece uma nota de Anália Franco explicitando a postura assumida pelo jornal. Diz a nota:

<sup>24</sup> Conforme os Anais da Biblioteca Nacional, edição 85, página 56 de 1965, é possível constatar nas descrições que houve publicações de tamanhos e formatos variados do jornal A Família.

<sup>25</sup> Informações colhidas a partir da análise e do contato com a própria materialidade do jornal, cuja edição especial de 1889 encontra-se disponível no IHGB.

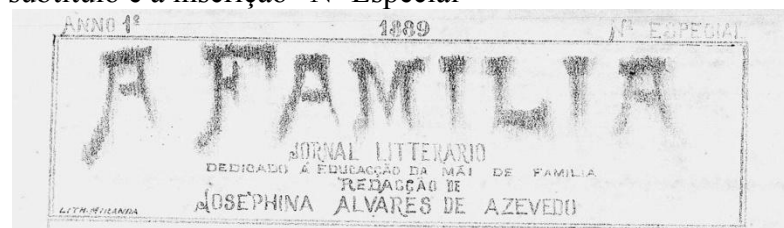
Se o jornal como se diz, nasceu para levar o recreio e a instrução ao albergue do pobre, e para substituir o livro que as classes menos favorecidas da fortuna não podem comprar, melhor e mais profícua recomendação de uma empresa jornalística é apresentar ao público escritos úteis e amenos, que alarguem a esfera dos nossos conhecimentos e nos encaminhem ao bem (FRANCO, 1889, p.3).

O periódico de Josephina possuía formato menor que os jornais comuns e maiores que os livros de sua época. Vendia-se por meio de venda direta ou por assinatura, era dirigido ao público feminino com o objetivo de ser o porta-voz de seus interesses. Mais tarde, tornou-se especificamente dedicado à mulher de um modo em geral.

Diante da evidente dificuldade, perguntamos como próprio periódico se define.

Feitas buscas pelas palavras “jornal”, “folha”, “revista”, “periódico” e “hebdomadário” na coleção referente *A Família* constante na Hemeroteca digital da BN, e analisando cada edição disponível desta coleção, foi possível constatar que o subtítulo: *Jornal Dedicado à Educação da Mãe de Família* foi mantido, até a edição de número 29. Porém, a edição especial de 1889 não possui impressa data em nenhuma parte da publicação. No entanto, evidências internas, como endereço da redação, valor do periódico, composição e a presença do subtítulo, faz pensar que esta edição trata-se do número trinta (30) da série. Além disso, uma nota de 21 de julho de 1889, publicada na página 04 do *Diário de Pernambuco*, endossam essas evidências. Diz a nota: “Recebemos e nos confessamos agradecidos a ilustrada colega D. Josephina Álvares de Azevedo a delicadeza que teve de vir pessoalmente nos oferecer um número especial que acaba de publicar<sup>26</sup> de sua conceituada revista”. Vale notar que a edição 29 do jornal *A Família* data de 06 de julho de 1889, coincidentemente, ano e mês em que tal nota foi publicada no *Diário de Pernambuco*. Chamo ainda atenção para expressão presente na nota acima citada: “um número especial que acaba de publicar”. É a única vez que o impresso *A Família* aparece enunciada nestes termos - “Nº Especial”. Ele foi impresso na capa desta edição, ao lado do ano (1889) e sobre o título. Neste caso, sendo a edição especial, edição de número trinta, o subtítulo, “Jornal dedicado à educação da mãe de família” esteve presente nas 30 primeiras edições.

Imagem 6 - Cabeçalho da Edição Especial de 1889, com subtítulo e a inscrição “Nº Especial”



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>26</sup> Grifo meu.

A partir da edição 31 o subtítulo não é mais usado pelo jornal. Sendo assim, levando em consideração a frequência do termo jornal no título nas trinta primeiras edições, a ocorrência das palavras buscadas se distribuem conforme a quadro abaixo:

Quadro 3 – Ocorrências das palavras “jornal, folha, revista, periódico e hebdomadário<sup>27</sup>” no jornal A Família

Tipo	Ocorrências no subtítulo	Ocorrências em todo o periódico aproximadamente
Jornal	30 vezes	206 vezes
Folha	Nenhuma	184 vezes
Revista	Nenhuma	106 vezes
Periódico	Nenhuma	67 vezes
Hebdomadário	Nenhuma	5 vezes

Com muita frequência a redatora refere-se ao seu periódico como revista, e com uma frequência ainda maior, outros jornais também chamam *A Família* de revista. No entanto, a questão se a *Família* era uma revista ou um jornal já estava posta a partir de sua terceira edição, na qual a redatora responde a uma polêmica levantada pelo Jornal *O Jahuense*, como é possível observar na imagem abaixo:

#### Imagem 7 - Resposta do Jornal A Família ao Jahuense

Não posso deixar sem resposta a apreciação feita pela *Jahuense*, sobre o apparecimento da minha revista *A Família*.

Diz o collega :

«Cremos que por engano a intelligente redactora deixou sahir no cabeço da folha «—jornal litterario.—» se é semanal não póde ser jornal que é diario.»

O collega é que está em erro, por afirmar que uma publicação deixa de ser jornal, desde que não é diaria.

Procure conhecer a genealogia da palavra *jornal*, e diga-nos quem commetteu o erro.

*O Jahuense*, deixa por ventura de ser jornal, por não ser diario ?

Fonte: Jornal A Família, ed.3, p.5. Hemeroteca digital da BN.

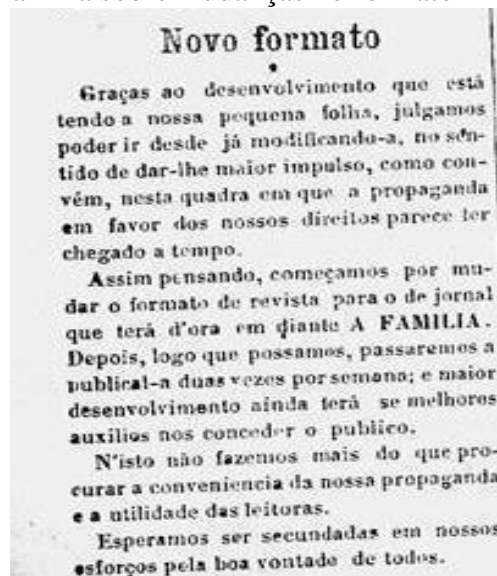
A nota de Josephina publicada na página 5 da *Família* indica a importância desta questão para a professora,

<sup>27</sup> A busca por palavras no jornal digitalizado realizada através do recurso de busca do sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, não garante um resultado quantitativo preciso, já que, muitas vezes, os impressos digitalizados encontram-se em um estado de conservação que comprometem a identificação das imagens que correspondem às palavras. Cada imagem é automaticamente correspondida e identificada por uma *tag* (etiqueta), mas em caso de textos corrompidos, faltando um pedaço, ou uma letra mofada, apagada, torna a identificação possível somente pela exaustiva leitura e interpretação do texto. Neste caso, a realização dessa busca (de modo mais superficial) tem a função de fornecer basicamente, uma ideia das frequências e a relação aritmética que há entre os índices da pesquisa.

Não posso deixar sem resposta e apreciação feita pelo Jahuense, sobre o aparecimento da minha revista A Família. Diz o colega: “cremos que por engano a inteligente redatora deixou sair no cabeço da folha ‘-jornal literário. -’ se é semanal, não pode ser jornal que é diário.”O colega é que está em erro por afirmar que uma publicação deixa de ser jornal, desde que não é diário. Procure conhecer a genealogia da palavra jornal e diga-nos quem cometeu erro. O Jahuense deixa de ser jornal, por não ser diário? (AZEVEDO, 1888, p.5).

Josephina é absolutamente enfática ao dizer que sua publicação trata-se de um jornal e não de uma revista. No entanto, no mesmo enunciado que formula sua resposta, chama o jornal de “minha revista”, o que nos faz pensar mais uma vez que, em alguma medida, havia no oitocentos (no Brasil) algum grau de sinonímia entre os dois termos. Como consta na nota publicada, a docente redatora prefere a palavra jornal para definir sua publicação. Assim, parece que seja mais apropriado o uso desta forma. Contudo, é bastante interessante ainda notar que na edição 61 da *Família*, Josephina (1890) volta a esta questão e asseve que seu jornal possui (mesmo) o formato de uma revista, mas que a partir daquela data (publicação) será feita uma mudança para melhor adequar ao formato de jornal. Segue a nota:

Imagem 8 - Nota explicativa d ‘A Família sobre mudanças no formato



Fonte: Jornal A Família, ed. 61, p.1 - Hemeroteca digital da BN.

Graças ao desenvolvimento que está tendo a nossa folha, julgamos poder ir modificando-a no sentido de dar-lhes maior impulso, como convém nesta quadra que a propaganda em favor de nossos direitos parece ter chegado a tempo. Assim pensando, começamos por mudar o formato de revista para o de jornal que terá d'ora em diante A Família (AZEVEDO, 1890, p.1).

Podemos observar pela resposta de Josephina, que quando a questão aparece no jornal *Jahuense*, o que estava em jogo no texto em que a crítica foi formulada era a periodicidade do impresso - ou seja, o fato de não ser diário era o elemento fundamental para não ser

considerado pelo *Jahuense* um jornal. Denota-se claramente que, para o seu editor, o impresso precisaria ser diário para ser denominado jornal, motivo pelo qual a polêmica foi gerada. No entanto, de acordo com a resposta de Josephina, ao que parece, o próprio *Jahuense* que era denominado jornal, também não era publicado diariamente<sup>28</sup>.

Já no segundo momento, por conta das mudanças editoriais no jornal *A Família*, a questão central era sobre o formato. Neste caso, a própria professora sinaliza que seu impresso possuía até aquela data mais semelhança com uma revista do que com jornal. Assim é possível dizer que além da periodicidade e do formato, pertence à ordem desta discussão, uma questão atrelada ao próprio modo de como seus idealizadores compreendem sua produção, já que ainda era muito incipiente a categorização destes objetos, até porque a imprensa no Brasil era algo ainda muito recente.

O jogo que se forma dos interesses entre o público e o projeto editorial, produz uma tensão na qual as transformações representam uma tentativa de adequar o periódico o tempo todo, de maneira a atender tanto ao projeto de Josephina, quanto agradar ao público. Tanto é assim que novas adaptações serão feitas para suprir às demandas.

Na edição 96, publicada em 26 de fevereiro de 1891, a nota de “Expediente” que aparece na página seis, diz que o periódico voltará a ser publicado no formato anterior a edição 61:

De certo, vai a leitora surpreender-se hoje com a inesperada volta d’A Família ao formato de revista. É que a prática veio trazer-nos a convicção de que é esse o formato mais conveniente a uma publicação deste gênero. Muitas pessoas há que colecionam esta folha, e para estas a revista é sem dúvida muito mais cômoda; tanto assim é que reiteradas tem sido as solicitações para a mudança feita (AZEVEDO, 1891, p.6).

Esta mudança mostra certo grau de volubilidade da própria tipologia do impresso em questão, permite assinalar que, em certa medida, *A Família* não possuía uma definição estável ao longo de sua existência. Tendo sido denominado *Jornal Literário*, usou-se, por muitas vezes, o termo revista, folha, hebdomadário e periódico para designar tal impresso, sendo, porém, *revista* a sua última designação. Pareceu neste caso, ser aceitável o uso das duas formas, tanto “revista” quanto “jornal” para designar o periódico de Josephina. Até por que esta distinção parece estar sendo afirmada no processo de constituição da imprensa periódica brasileira.

---

<sup>28</sup> Vale dizer que foram feitas buscas na hemeroteca digital da BN, no IHGB, no RGPL, FCRB, entre outras bases de dados e não foi encontrado nenhum exemplar do *Jornal Jahuense*, o que nos impossibilitou uma análise desta matéria.



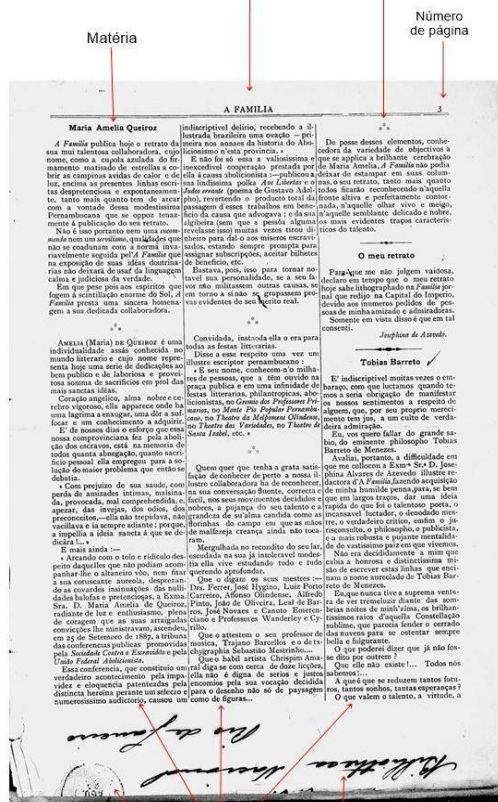
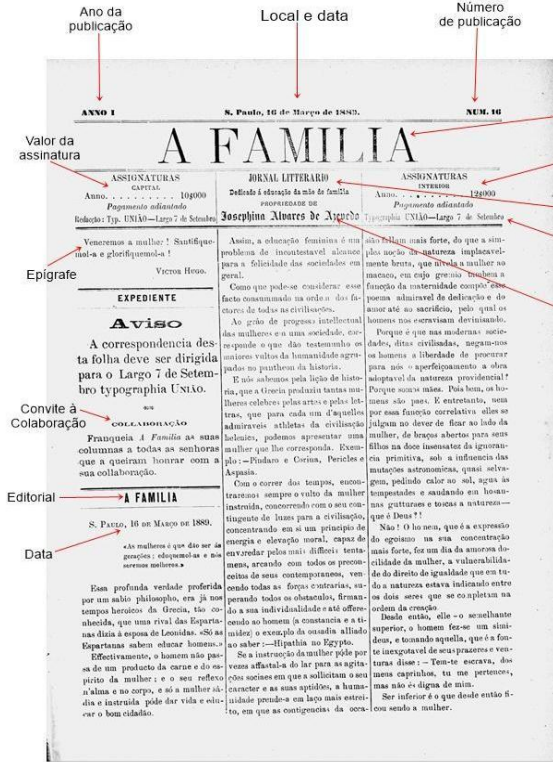
### 1.5 Das transformações do jornal A Família

O jornal *A Família* sofreu uma série de mudanças na sua forma de sistematizar e transmitir suas informações ao longo de seus quase dez anos. Seja na constituição da estrutura gráfica, na forma como os textos eram dispostos sobre o suporte, na maneira que os recursos de imagens foram aparecendo e como essas imagens se dispunham e dialogavam com os textos; no surgimento das propagandas comerciais depois de certo tempo de circulação, além de outras relevantes transformações, como mudanças nas fontes; volumes de páginas e, etc.

Assim, este subcapítulo tem por objetivo a elaboração de um inventário sobre as mudanças sofridas pelo impresso. Cada uma dessas mudanças pode constituir indícios de transformações em níveis menos visíveis, sua identificação pode contribuir para uma compreensão mais ampla do impresso e seu funcionamento. Cada mudança pode significar transformações dentro da instituição responsável pelo impresso, no âmbito geral de suas políticas editoriais e comerciais, no posicionamento do jornal frente aos embates socioculturais e no próprio capital da empresa. Cada mudança pode significar uma estratégia para manter a instituição como mecanismo político, social e cultural de comunicação dos interesses da mulher no Brasil naquele período. Número de páginas, de colunas, data, local, título, subtítulo, expediente, epígrafe, imagens, valores de assinatura, proprietários, colaboradores e colaboradoras, organização dos textos, tabulações e barramentos são elementos que estão em constantes transformações e, portanto, tornam visível a composição de um jornal, além de permitir, por meio de sua análise, compreender a organização e constituição deste tipo de objeto conceitual.

# Imagem 9 – Diagrama do Protocolo de leitura

## Protocolo de Leitura e Análise de Periódico\* Vista Explodida



Capa comum



Capa com Imagem

Parte de dentro

Colunas e disposição textual

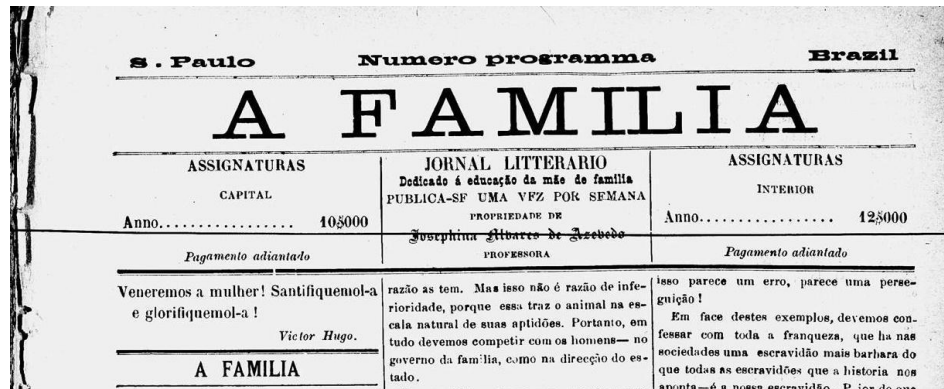
Elementos extra editoriais: anotações, rasuras, defeitos.

\* Elaborado a partir do "Esquema geral para caracterização da Imprensa" Zicman (1985), e Luca (2011).

### 1.5.1 Número de páginas e colunas

Até a vigésima nona edição, o jornal *A Família* era composto de oito páginas, cada qual dividida em três colunas. A partir da edição de número 31 até a edição 37, o jornal é editado com quatro páginas mantendo a mesma divisão de três colunas em cada página. A publicação de 14 de novembro de 1889, edição de número 38, volta à sua estrutura original com oito páginas e, assim, é publicado até a edição 58. No entanto, as edições de 59 e 60 são publicadas em quatro páginas novamente, mantendo, porém, a mesma composição anterior. Da edição 61 até a 87, o jornal, com quatro páginas, ganha diagramação nova, com cinco colunas na capa e uma tabulação com divisões que variam entre quatro e cinco colunas em uma mesma página nas partes internas, além de ter na última página uma seção de propagandas comerciais que não segue a nenhum padrão de colunas.

Imagem 10 - Cabeçalho da capa da primeira edição do jornal *A Família* com três colunas



Fonte: Jornal *A Família*, Hemeroteca Digital da BN.

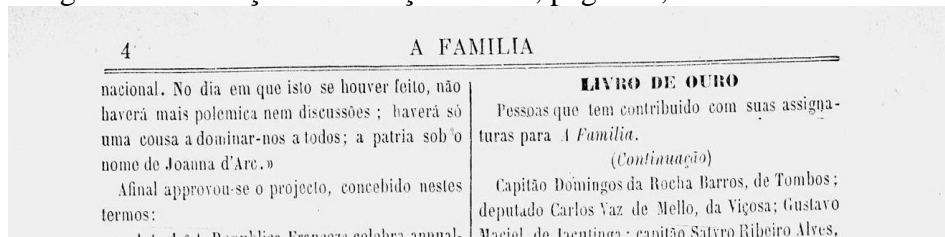
a

Imagem 11- Cabeçalho da capa da edição 61 do jornal *A Família* com cinco colunas



Fonte: Jornal *A Família*, Hemeroteca Digital da BN

Imagem 12 - Cabeçalho da edição n. 177, página 4, com duas colunas



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Retomemos a nota publicada na edição 61 que data de 24 de maio de 1890, a qual a redatora explica aos leitores, na primeira página, logo após o expediente, que a partir daquela data, o formato da publicação seria modificado para aproximá-la ao modelo de jornal. Josephina afirma que seu impresso está se desenvolvendo, por esta razão é que iria promover uma mudança do formato, que antes se assemelhava mais a revista, para se aproximar do modelo de jornal.

### 1.5.2 O valor do jornal

O jornal *A Família* era vendido por assinaturas anuais, por meio de pagamentos adiantados, com dois diferentes valores, um para a capital e, outro, para o interior. Durante as vinte primeiras edições, cada assinatura anual custava 10.000 réis na capital e 12.000 réis no interior.

Quando a edição 21 do jornal foi publicada ainda em São Paulo, o valor da anuidade passou de 10.000 réis para 12.000 réis na capital e, de 12.000 réis para 15.000 réis no interior. Chama a atenção que, nesta edição, apesar do valor da anuidade ter aumentado tanto na capital quanto no interior, o volume do jornal cai de oito para quatro páginas. Porém da edição 22 até a edição 29, o jornal volta ter oito páginas mantendo-se o mesmo valor.

Até a edição 177, o valor da assinatura do impresso de Josephina variou oito vezes. Mudou cinco vezes o valor da assinatura para a Capital/Corte e três vezes para as Províncias.

Em 18 de maio de 1889, o jornal foi publicado pela primeira vez na Corte, não sofrendo aí nenhuma alteração, mantendo a composição e a mesma sequência numérica das publicações anteriores.

Neste mesmo ano, uma edição especial fora lançada por ocasião da visita de Josephina Álvares de Azevedo à Recife. Esta edição aparece acrescentada de uma capa trazendo o retrato de sua proprietária. É a única vez, em 177 edições, que o jornal é publicado com nove páginas. Nesta edição é expresso o único valor de 15.000 réis a anuidade. Esta maneira de valorar a publicação de forma unificada (capital e interior) vai ser adotada na edição 31 em que o jornal, mais uma vez, tem seu volume reduzido de oito para quatro páginas.

A contar do número 33, serão publicadas cinco edições seguidas do Jornal com quatro páginas, com o valor da anuidade de 12.000 réis para a Corte e 15.000 réis para as Províncias. Estes valores serão mantidos até a edição 58. Neste intervalo o jornal tem seu número de páginas mudado duas vezes, novamente de oito para quatro e de quatro para oito páginas. Ao longo do ciclo de vida do periódico, tanto o número de páginas quanto o valor do jornal variam constantemente.

Nos anos de circulação do jornal *A Família*, o valor de outros jornais contemporâneos, publicados na Capital, era similar ao seu. Na grande maioria, os jornais também tinham dois preços, um para Capital e outro para as Províncias, sendo sempre o da Capital um pouco mais barato. Os jornais vendidos avulsos no Rio de Janeiro, nos fins da década de mil oitocentos e oitenta custavam em média 40 réis, como era o caso do *Jornal do Comércio*, da *Gazeta de Notícias*, da *Gazeta da Tarde*, do *Fluminense* e do *País*. No entanto, existiam periódicos vendidos avulsos que custavam até cem réis, como é o caso de *O Quinze de Novembro* e do *Sexo Feminino*.

Para uma breve comparação do que representavam o poder de compra destes valores, elaboramos uma lista de itens com seus respectivos preços expressos em anúncios encontrados em três jornais que circularam nas décadas de 1880 e 1890 no Rio de Janeiro: *Cidade do Rio* (1887-1902) cuja anuidade custava na corte 12.000 réis e nas Províncias 15.000 réis, *O Fluminense* (1878-2013), publicado em Niterói com valores de anuidade de 8.000 réis e 10.000 réis, Corte e províncias respectivamente e na *Família* (1888-1897).

Quadro 4 - Comparativo de preços

Item	Preço em Réis	Fonte	Ano	Edição	Página
Calça de casimira	5\$000 8\$000	Jornal Cidade do Rio	1888	159	04
Fraque	16\$000 20\$000	Jornal Cidade do Rio	1888	159	03
Sobretudo	15\$000 20\$000	Jornal Cidade do Rio	1888	159	03
1 kg. Café comum	700 réis 1\$200	Jornal Cidade do Rio	1888	159	03
1 kg. Café Oriente	600 réis	O Fluminense obs. de 1883 até 1888 este valor não se alterou	1888	1595	04
1 kg. Marmelada ou fruta em caldas	1\$200	Jornal Cidade do Rio	1888	159	03
Cama de ferro para casal	13\$000	Jornal Cidade do Rio	1888	159	03
Restaurante Voltaire Almoço	800 réis	Jornal Cidade do Rio	1888	160	03
Restaurante Voltaire Jantar	1000 réis	Jornal Cidade do Rio	1888	160	03
1 pct. pó de arroz	500 réis	Jornal Cidade do Rio	1888	160	03
1 kg. Café Águia	1\$800	A Família	1893	159	08
1 vidro de Xarope de	2\$000	A Família	1893	157	06

Quadro 4 - Comparativo de preços

Item	Preço em Réis	Fonte	Ano	Edição	Página
Anginco					
Livro de Poesia Zalina Rolim.	4\$000	A Família	1894	168	07
Primeiro livro de leitura - Felisberto de Carvalho.	1\$500	A Família	1893	159	08
Livro: Noções de Vida Prática - Félix Ferreira.	3\$000	A Família	1893	159	08
Cartilha Nacional - Hilário Ribeiro	500 réis	A Família	1893	159	08

Fonte:Elaborado pelo autor a partir da Hemeroteca Digital da BN.

Um morador da Capital, caso optasse por fazer a assinatura anual, nos últimos anos de produção e circulação do periódico pagaria 12\$000, isto é, algo em torno de 2\$30, cada número, considerando-se a periodicidade semanal. Com este valor, não conseguiria comprar nenhum dos itens relacionados no quadro 4.

Cabe seguir neste exercício para observar o valor da *Família* comparado a outros impressos contemporâneos. Como se pode observar no quadro 5, a *Revista Ilustrada* e *A Mai de Família* eram os únicos com preço superior ao periódico de Josephina.

A variação do número de páginas e do formato dos periódicos oitocentistas era muito comum. No entanto, os valores dos jornais quase não variavam. Neste período o valor avulso de um jornal ou até mesmo de uma revista ilustrada custava na grande maioria 40 réis, como é possível observar na tabela abaixo. Mas havia jornais e revistas com valores bem mais altos, chegando a cem ou até 1000 réis a unidade avulsa.

Quadro 5 - Comparativo de valor e composição de alguns periódicos oitocentistas

Periódico 1888-89	Endereço	Valor Avulso	Ass.na Capital	Ass. nas províncias	nº de pág.	Frequência	possui imagens
Cidade do Rio	Ouvidor, 74	40 réis	12,000	15,000	4	Diário	Não
O Fluminense	São João, 39	XXX	8,000	10,000	4	3 dias na semana	Não
Gazeta de Notícias	Ouvidor, 70	40 réis	12,000	16,000	4 - 6	Diário	Não
Gazeta Nacional	Ouvidor, 21	40 réis	10,000	12,000	4	Diário	Não
O Paiz	Ouvidor, 3-5	40 réis	12,000	16,000	4 -6	Diário	Não
O Quinze de Novembro do Sexo Feminino	Lavrado, 24	100 réis	10,000	12,000	4	Quinzenal	Não
Campeão Lusitano /Correio Port.	São José, 40	XXX	8,000	10,000	4	Semanal	Não
Revista Ilustrada	Gonçalves Dias, 50 sobrado	1000 réis	16,000 réis	20,000 réis	8	Semanal	Sim
Carbonário	Alfândega, 197	40 réis	XXX	XXX	4	3x por semana	Sim
A Mai de Família	XXX	500 réis	9,000	10,000	8	Quinzenal	Sim

Fonte:Elaborado pelo autor a partir da Hemeroteca Digital da BN.

Quando comparado com outro artefato material impresso, o livro, de acordo com a imagem 13, o mais barato era a Cartilha Nacional, de Hilário Ribeiro, que custava \$500, mais que o dobro do valor da *Família*. Como se pode notar, o livro mais caro corresponde a 13 exemplares do referido jornal.

Com este investimento é possível ter uma noção mais aproximada do mercado de jornais, livros e revistas contemporâneos à *Família*, indício das possibilidades de quem poderia ter acesso aos mesmos e a arte, produto da cultura letrada.

Imagem 13 – Propagandas de preço de livros didáticos adotados nas escolas públicas da Capital Federal

<b>LIVROS</b>	
Adoptados nas escolas publicas da Capital Federal	
Felisberto de Carvalho, Primeiro Livro de Leitura.....	1\$500
Idem, idem, Segundo Livro de Leitura.....	2\$000
Hilario Ribeiro, Cartilha Nacional.....	\$500
Idem, idem, Segundo Livro de Leitura.....	1\$000
Idem, idem, Novo Segundo Livro de Leitura.....	1\$000
Idem, idem, Terceiro Livro de Leitura.....	1\$500
Idem, idem, Novo Terceiro Livro de Leitura.....	1\$000
Ed. de Amicis, O coração.....	1\$500
Felix Ferreira, Noções da vida pratica.....	3\$000
Idem, idem, Noções da vida domestica.....	2\$000
J. J. Rocha, Fábulas (nova edição).....	1\$000
H. Ribeiro, Grammatica Elementar.....	1\$200
Idem, idem, Grammatica do 1º anno.....	1\$000
Idem, idem, Grammatica do 2º anno.....	2\$000
Idem, idem, Grammatica do 3º anno.....	3\$000
Felisberto de Carvalho, Trechos escolhidos...	1\$000
Brazilicus, Guia do calculo mental.....	2\$000
R. Azevedo Pinheiro, Noções de arithmetica elementar.....	\$800
Couturier, Geographia atlas.....	1\$000
Sylvio Romero, A historia do Brazil (ensino civico).....	1\$000
Borges Carneiro, Cathecismo constitucional.	1\$000
A* venda na livraria de Alves & C., rua do Gongalves Dias n. 48.	

Fonte: Jornal A Família, 1893, edição 159, p. 8.

A seguir, apresento um quadro no qual é possível observar mais detalhadamente as variações do número de páginas, colunas, e a presença de imagens (retratos) ao longo dos anos nas edições do jornal *A Família*.

Quadro 6 - Transformações de *layout* do jornal A Família e a variação de preço

Ano	Edição	Colunas capa ou imagem	Nº Colunas por dentro	Nº total páginas	Valor na Corte e Capital	Valor na Província
1888 -1889	01 – 20	03	03	08	10,000	12,000
1889	21	03	03	04	12,00	15,000
1889	22 – 29	03	03	08	12,00	15,000
1889 Ed. Especial data não mencionada no jornal	30 1ªxque aparece propaganda comercial	Retrato de Josephina	03 Páginas4 e 5 com paisagens	09	15,000	15,000
1889	31	03	03	04	15,000	15,000
1889	32	o nº 39 consta como sendo o 32 na HBN	e o nº 32 não foi encontrado	Xxx	xxx	xxx
1889	33 - 37	03	03	04	12,000	15,000
1889	38 - 44	03	03	08	12,000	15,000

Quadro 6 - Transformações de *layout* do jornal A Família e a variação de preço

Ano	Edição	Colunas capa ou imagem	Nº Colunas por dentro	Nº total páginas	Valor na Corte e Capital	Valor na Província
1890	45 - 58	03	03	8	12,000	15,000
1890	59 - 60	03	03	04	12,000	15,000
1890	61 - 87	05	04	04	10,000	12,000
1890 - 1891	88 - 95 Não encontrados	xxx	xxx	Xxx	xxx	xxx
1891	96	Joana Darc na capa + 3 as colunas	03 - com imagem - paisagem na p.5	08	Valor não expresso na publicação	Valor não expresso na publicação
1891	97	George Sand na capa + 3 as colunas	03 imagem da Igreja do Carmo no RJ	08	Valor não expresso na publicação	Valor não expresso na publicação
1891 - 1893	98 - 159	Imagens ou 3 colunas	03 imagem na p. 5 ou apenas textos	08	12,000	14,000
1893	160	03	03	04	12,000	14,000
1893	161	03	03	08	12,000	14,000
1893	162	Imagem ocupando capa inteira	02	04	12,000	14,000
1893	163	Imagem ocupando capa inteira	03	08	12,000	14,000
1893	164 -177	03	03	08	12,000	14,000

Fonte:Elaborado pelo autor a partir da Hemeroteca Digital da BN.

Como é possível observar a partir do quadro 6, o valor do jornal *A Família* não estava necessariamente atrelado a sua composição gráfica, volume ou, ainda, a presença de ilustrações e imagens. É possível identificar, por exemplo, que houve momentos em que o jornal não possuía imagem e nem ilustrações, com apenas quatro páginas, chegou a custar o valor único da assinatura na Corte ou na Capital de \$15.000 sendo este valor o máximo que o jornal custou. Muito provavelmente a variação no preço do jornal, no caso específico da *Família* estava relacionado ou com momentos acirrados de crises, ou com a valorização de suas ações.

Também podemos destacar, observando o quadro acima, a presença marcante de imagens que retratam ícones importantes na construção de uma agenda feminina que, em certa medida, valorizava o periódico, visto que a imagem de intelectuais, escritoras, santas, estadistas eram pouco difundidas e exploradas pela grande maioria dos jornais e revistas daquele horizonte.



### 1.5.3 Nome, subtítulo e a epígrafe do jornal A Família.

Conforme Faria, para efeito de recenseamento, por família definia-se:

A pessoa livre que vive só e sobre si, em uma habitação, ou um certo número de pessoas que, em razão de suas relações de parentesco, de subordinação ou de simples dependência, vivem em uma habitação ou parte de habitação, sob o poder, a direção ou proteção de um chefe, dono ou locatário da habitação e com economia comum (FARIA, 2002, p.132).

O nome de um jornal, como afirma Zicman (op. cit. p.93), é um elemento importante de “reconhecimento e de identificação” de um periódico. “São ricos em indicações sobre a história, o conteúdo e o público do jornal”(p.111). No caso da *Família*, o que podemos observar logo de saída, é a recorrência histórica no uso da palavra “família” no título de diversos jornais do século XIX.

São muitos periódicos que se utilizam desta palavra como indicativo de projeto político editorial. No entanto, com relação ao jornal *A Família*, de acordo com Duarte (2016), “o título do periódico pode até sugerir que se trata de uma publicação tradicional e conformada aos padrões sociais da época”. Mas não é exatamente isso que acontece com a publicação de Josephina.

Dedicado à militar pela emancipação da mulher por meio da educação, instrução, ensino e autonomia, seu projeto editorial configura-se como uma ferramenta de formação libertadora do “belo sexo”. A família é apresentada pelo jornal como um nicho de atuação desta mulher nova, aguerrida, combativa, “visionária e sonhadora”(AZEVEDO,1888, p.6). Com efeito, a família é pensada como o *locus* próprio para a produção de uma espécie de desenvolvimento político, econômico, cultural e social que, segundo ela, se iniciará em casa, por meio da “mãe de família”(AZEVEDO, *op. cit. loc. cit.*).

O nome do jornal, como já mencionado, é um nome que se forma a partir de algumas palavras recorrente na imprensa da época como podemos observar no quadro a seguir, porém, a palavra “família” no título do periódico de Josephina aparece muito mais como um recurso retórico para atrair o público feminino letrado que, provavelmente, já estava acostumado à revistas de moda, aos folhetins, à imprensa despretensiosa e despolidizadas, cujos títulos também se utilizavam desta palavra.

A expressão “família” evoca uma atmosfera de profundo respeito, tanto por parte das mulheres, “mães de família”<sup>29</sup>, quanto por parte dos homens, “pai de família”<sup>30</sup> naquele que era um horizonte de formação nacional e de construção de valores.

Quadro 7 - A palavra “família” no título de alguns jornais e revistas que circularam no Brasil oitocentista

Periódico	Circulação	Local de publicação	Observações ou subtítulo
A Família, Jornal de interesse maçônico	1872 - 1883	RJ	Folha religiosa maçônica, literatura e instrução
A Família Universal : Órgão da Sociedade Universal dos Maçons	01/06/1872 - 22/06/1872	PB	Maçonaria
A Mãe de Família : Jornal Científico, Litterario e Illustrado	1879 - 1888	RJ	Jornal científico, literário e ilustrado
A Família : publicação periódica	1884	RJ	Órgão do colégio Vieira
Almanach das Famílias	1877	BA	Publicação católica
Correio Familiar : Publicação Noticiosa Bisemanal	04/06/1875 - 29/07/1875	RJ	Notícias
Jornal das Famílias	1863 - 1878	RJ	Revista popular dedicado ao interesse das famílias brasileiras
Leitura Familiar	1871	RJ	Publicação dominical para toda família
O Correio Familiar	18/02/1886 - 13/06/1886	RJ	Órgão recreativo e noticioso
O Familiar	1891	MG	Publicação em tempo indeterminado, distribuição grátis
Jornal A Família	1888 - 1894	SP/RJ	Dedicado a educação damãe de família
Archivo das Famílias	1881 - 1882	RJ	Publicação Semanal consagrado ao recreio e interesses domésticos
Semana Familiar	02/02/1862 - 06/04/1862	RJ	Jornal para recreio das famílias residentes no Brasil
O Pae de Familia Catholico	1858 - 1859	RJ	Leitura para os domingos
Revista da Família Acadêmica	1887 - 1889	RJ	Escola Militar da Corte
O Monitor das Famílias	1859 - 1860	PE	Periódico de instrução e recreio
Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum	08/12/1821 - 05/01/1822	RJ	Recreio de fim de semana dos homens de letras

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Hemeroteca Digital da BN.

Havia um número significativo de jornais que circularam no Brasil entre as décadas de 1860 e 1890 que usavam a palavra família em seu título ou subtítulo. Depreende-se daí, que o termo em questão era de grande importância para imprensa da época. É possível observar, a

<sup>29</sup> Referência ao jornal Mãe de Família (1879 - 1888)

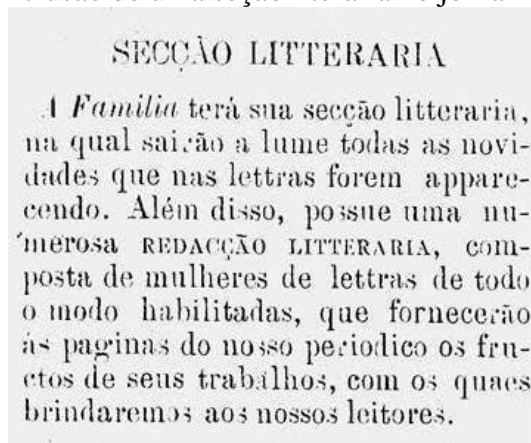
<sup>30</sup> Referência ao jornal O Pai de Família Católico (1858 - 1859)

partir do quadro acima, que de instituições de ensino à instituições religiosas, passando por órgãos recreativos ou até mesmo acadêmicos, o uso desta palavra não configurava nenhuma novidade, estava mais próximo no entanto, de certo modismo.

Também era comum que títulos e subtítulos de revistas e jornais dedicados às mulheres no século XIX, sobretudo escritos por homens, tivessem relacionado com o campo semântico da educação (DUARTE, 2016), o que de alguma forma leva a pensar na existência de uma hegemonia do pensamento patriarcal. Duarte, falando dos jornais dedicados às mulheres no oitocentos, afirma que “ao se apresentar como mentor, farol, manual, despertador ou espelho, eles se colocam acima das mulheres e como guia responsáveis pela mudança de seus *status quo*” (*idem*). É constatável, porém, que a casa editorial da *Família* não lança mão deste recurso, já que nenhuma destas palavras compunham seu título, tão pouco um tema de seu interesse, ao contrário, é justamente contra a tutela masculina que o periódico se põe com veemência.

O subtítulo “Jornal literário dedicado educação da mãe de Família”, foi publicado nas trinta primeiras edições como já assinalado.

Imagem 14 - Nota d’AFamília sobre a inclusão de uma seção literária no jornal



Fonte: Jornal A Família, 1888, edição 2, p. 1

Não era incomum que jornais femininos, e até mesmo os dirigidos ao público masculino tivessem em seu projeto editorial a propagação da produção literária de sua época. Com efeito, Knauss afirma que:

As manifestações literárias ganharam espaço nas páginas dos periódicos da época e promoveram o gênero literário da crônica, do conto e do folhetim, reunindo, no campo do periodismo, além de autores estrangeiros de destaque como Alexandre Dumas, nomes que se tornaram importantes na história da literatura brasileira. A popularidade alcançada pelo gênero literário fez despontar nas páginas dos periódicos da época obras marcantes, como, por exemplo, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (publicado no *Correio Mercantil*, na

passagem de 1852 e 1853), O Guarani, de José de Alencar (publicado em 1857, no Diário do Rio de Janeiro) e A mão e a luva, de Machado de Assis (publicado em O Globo, no ano de 1874) (2011, p.10).

Destaca-se no jornal *A Família* o interesse por tudo que é feminino, ganhando, assim, fôlego ao longo dos anos a perspectiva de uma literatura que se faz por mulheres e para mulheres. Autoras como Anália Franco, Ana Albuquerque, Maria José Canuto, Maria Amélia Queiroz publicam artigos, crônicas, traduções, poesias, novelas, peças teatrais, tratados, conferências e críticas literárias em um espaço que é usado como instrumento de aproximação, representatividade, comunicação e lutas prioritariamente em defesa dos interesses femininos. Deste modo, educação, trabalho, emancipação e o voto constituíam a pauta do que, no jornal, era chamado de literário. A própria Josephina Álvares de Azevedo se utiliza deste espaço para ali dar voz ao conjunto de sua produção literária.

Restam-nos ainda, outras duas palavras bastante importantes do ponto de vista do projeto editorial da *Família* contidas em seu subtítulo: “educação” e “mãe” constituem elementos incontornáveis neste projeto.

Só na primeira edição do jornal, o étimo educação/educar é usado vinte e nove vezes por Azevedo e pelas colaboradoras do jornal. Das vinte e nove vezes que a palavra aparece nesta edição, apenas duas se referem à educação de filhos, as outras vinte e sete vezes refere-se a educação da mulher e mãe de família.

Não é atoa que esta palavra, se encontre tão forte e tão marcante no texto do jornal. Ela evoca toda carga de sua intencionalidade, anuncia a chegada de outra perspectiva para a imprensa feminina, que se dispõe à crítica de um sistema que opera vigilâncias e punições às mulheres. Sinaliza um novo periódico que se abre a um confronto direto com a ordem do discurso de seu tempo, de tal forma que a redatora, referindo-se ao espaço da mulher na sociedade, diz ter ciência que o que afirma em seu editorial, não deve ser dito assim com tanta franqueza (AZEVEDO, *op. cit.*, p.1).

Acompanhado à palavra educação, como uma locução inseparável, a palavra “mãe” é alternada com a palavra “mulher” neste texto tão emblemático da primeira edição. Mãe é como de início se escolheu chamar o público alvo do jornal, para quem são pensadas as demandas e seus enunciados. No entanto, depois da trigésima edição é posto que esta mãe, não esteja mais só, que ela dê lugar ao sexo feminino, à solteira, à viúva, à menina, à pobre, à rica, à negra, à operária.

A expressão “mãe” contida no subtítulo do jornal *A Família* também parece estar relacionada de certa forma, com estratégia editorial. Afinal, se o jornal se dirige a mulheres no Brasil do século XIX, que mulher seria esta se não as mães de famílias?

De acordo com Duarte (2016), o censo de 1872 mostra que o Brasil tinha 81,43 % da sua população livre analfabeta; e apenas 19,85% entre os homens e 11,5% entre as mulheres

eram alfabetizadas. Com relação aos escravizados (homens e mulheres), menos de 1% sabiam ler e escrever. As classes de maior poder aquisitivos eram as que possuíam o maior número de mulheres alfabetizadas, contudo, não é possível afirmar que a educação se restringisse somente às elites. Muitas mulheres de posições sociais menos abastadas tiveram acesso à educação como afirma Costa:

Mulheres de classe média começam a ser notadas por sua habilidade em falar francês e, às vezes, inglês ou alemão. Foram treinadas na etiqueta e nos protocolos sociais. Sabiam tocar piano, cantar, recitar, desenhar, pintar e fazer qualquer tipo de bordado, mas eram também capazes de manter uma conversação animada sobre assuntos mais momentosos. Permaneciam nas escolas até os doze ou treze anos de idade quando saíam para se casar. Nas escolas, as meninas aprendiam rudimentos de histórias, geografia, aritmética, composição literária, doutrina cristã e trabalho de agulhas (2010, p.511).

Convocada às mães pelo jornal *A Família* para uma espécie de luta pelos direitos de igualdade em relação ao sexo oposto, parece evidente que esta convocação não fica explícita para que classe social fora feita, mas alguns indícios sugerem de que se trata de um certo auditório social específico. Em primeiro lugar, podemos observar através dos textos de Duarte (2016) e Costa (2010) que a educação de mulheres no Brasil em fins do século XIX ainda estava submetida ao sistema patriarcal, no qual a mulher era educada para atender de certa forma e, em certa medida, ao androcentrismo hegemônico.

Conforme o próprio jornal de Azevedo, na edição 4 de 1888, aparece elucidativa discussão sobre a educação da mulher brasileira em matéria assinada pela professora e colaboradora Anália Franco, que, citando a edição de outubro de 1885 da *Gazeta de Notícias*, fornece relevante pista para a questão. Franco (1888) afirma em nota “que de seis milhões de senhoras, cinco milhões trezentas e vinte cinco mil *eram* analfabetas” naquele ano no Brasil. Ou seja, a apenas três anos, pouco mais de onze por cento das brasileiras, segundo esta informação, eram alfabetizadas. Em números exatos, o que a matéria afirma é que da totalidade de mulheres brasileiras na época, somente seiscentos e setenta e cinco mil sabiam ler e escrever.

Não podemos garantir, contudo, exata e exclusivamente que este fosse exatamente o público alvo do jornal *A Família*. Ou seja, não parece que apenas as alfabetizadas constituíssem o seu público. Havia muitas manifestações organizadas pelas mulheres para divulgar, independente de sexo, a arte, a música, as descobertas científicas e a literatura nos chamados salões, conforme nos aponta Costa (2016). Outras manifestações como associações de operárias também foram criadas pela professora Josephina como podemos constatar no *Diário de Notícias* de 03 de janeiro de 1891. As quermesses eram outra forma de reunir

pessoas, estabelecer redes. Em todos esses lugares era possível encontrar alguém lendo um poema, um romance, uma notícia. Com efeito, é bem provável que seu público fosse irrestrito, incluindo mulheres e homens, jovens e adolescentes, libertos e escravizados, negros e brancos, alfabetizados e analfabetos.

#### 1.5.4A epígrafe de Victor Hugo

A epígrafe de Victor Hugo (1802 - 1885), expressa no cabeçalho do jornal, aparece em 109 dos 144 exemplares do jornal *A Família* encontrados na Hemeroteca Digital da BN. Notadamente, esta é uma das marcas mais significante de permanência desde que o jornal foi fundado, em 1888, na cidade de São Paulo. “Veneremos a mulher! Glorifiquemo-la! Santifiquemo-la!” - esta fórmula imperativa de um poeta francês, também do oitocentos, mantém-se, provavelmente com pouquíssimas exceções da primeira à última edições.

Victor Hugo é um poeta intenso, cuja produção literária o fez notável e bem sucedido. Em termos de poesia e literatura, é bem possível que o século XIX possa ser considerado o século Victor Hugo. Este defensor ferrenho dos direitos humanos dedica sua vida como poeta, romancista e estadista à luta contra forças opressoras em favor da humanidade. Contudo, uma nota de outro jornal da mesma época que faz referência a epígrafe de Victor Hugo presente no cabeçalho do periódico de Josephina, e aos termos usados no editorial da primeira edição *d'A Família*, é publicada na coluna “Como nos tratam”, em 8 de dezembro de 1888, na qual diz a nota:

O artigo da redação tem por epígrafe estas palavras de Victor Hugo: ‘veneremos a mulher! Santifiquemo-la e glorifiquemo-la’Inteirmente de acordo, exma senhora. Permita-nos porém que humildemente lhe digamos que a mulher para ser venerada, glorificada e, sobretudo santificada, não deve competir com o homem na direção do estado e em muitas coisas mais como vossa excelência sustenta e quer. É de justiça dizer que a revista está escrita com brilhantismo (Da Província de São Paulo, *apud A Família*, 1888, ed. 2).

Apesar da referência feita à epígrafe de Victor Hugo, a crítica tecida pelo periódico *Da Província de São Paulo* operava-se sobre as palavras de Josephina Álvares de Azevedo, afirmando que a “mulher não deve competir com o homem na direção do estado”(Idem). Esta é uma crítica que vai acompanhar Josephina e seu jornal por toda vida.

Citado por diversas vezes no jornal, além desua já mencionada epígrafe, Victor Hugo ganha relevo n’*A Família* em algumas matérias sobre literatura, direitos humanos e valorização da mulher. Destacamos, porém, uma matéria em especial publicada na *Família*,

sobre quatro versos de um poema que revela um Victor Hugo angustiado, triste, mas ao mesmo tempo simples e profundo.

Em 1847, Victor Hugo perde a filha mais velha, Léopoldine, que morre com o esposo em um afogamento no rio Sena. Sobre a tragédia, escreve uma dolorosa oração em forma de poesia. Em 1894, na edição 172, Magdalena de Carvalho (1894, p. 5) cita parte desta oração:

Seigneur, je reconnais que l’homme est en délire  
S’il ose murmurer;  
Je cesse d’accuser,  
Je cesse de maudire,  
Mais, laissez-moi pleurer<sup>31</sup>

Carvalho (1894) em seu artigo evoca o belo, porém a tristeza do poema põe-se a mostra. Ela diz que se deparou com os versos de Victor Hugo e ficou muitíssimo impressionada, não sabendo apreciar literariamente os versos sublimes do grande poeta, mas sentiu uma imensa comoção pela maneira simples e grandiosa com que “este pobre coração despedaçado e crente suplica num grito de angústia que o deixem chorar” (*op. cit. loc. cit.*).

Em fins do século XIX, Victor Hugo ocupava um lugar importante tanto na literatura quanto na história políticas das lutas sociais, esta é uma das grandes razões pela qual há tantas citações feitas à ele no periodismo oitocentista, sobretudo na segunda metade da década de 1880.

É quase impossível encontrar um jornal daquela época que não mencione pelo menos uma vez o nome de Victor Hugo, uma poesia ou uma citação dele. De fato, antes mesmo de *A Família* vir a lume, a imprensa já o reverenciava. Só para se ter uma ideia, numa busca rápida feita no sítio da Hemeroteca Digital da BN é possível encontrar mais de quinze mil ocorrências em apenas quatro décadas. Entre os anos de 1880 a 1889, por exemplo, o recurso de busca revela 8.341 ocorrências de menção ao poeta, são citações, pequenos episódios de sua vida, poesias, pequenos excertos e biografias.

Destacamos a publicação feita no ano de sua morte pelo jornal *A Estação* [Edição para o Brasil], publicada em 15 de junho de 1885, na qual foram utilizadas quatro páginas para homenagear o poeta.

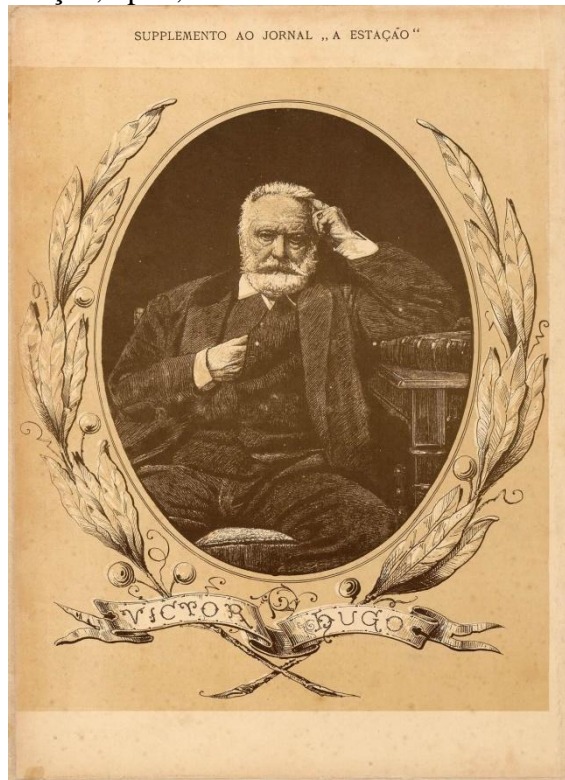
A Estação, não pode deixar de vir prestar a sua homenagem à memória deste grande poeta do século. Victor Hugo não pertence a França, mas à Humanidade, não a uma língua, mas a todas; e onde quer que haja homens capazes de sentir a poesia, deve celebrar-se a glória que tão vasto espírito deixou no mundo. (*A Estação*, 1885, p.1)

<sup>31</sup>“Senhor, eu admito que o homem está delirando

“Se ele ousa murmurar /Eu paro de acusar /Eu paro de xingar /Mas, deixe-me chorar” - Tradução livre.

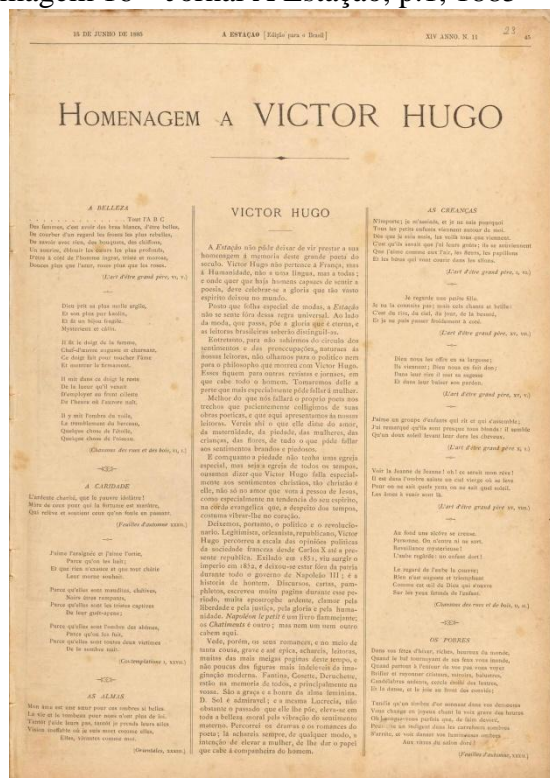
“Senhor, eu admito que o homem está delirando/ Se ele ousa murmurar;/ Eu paro de acusar/ Eu paro de xingar/ Mas, deixe-me chorar

Imagem 15 – Suplemento do jornal A Estação, 1p. 2, 1885



Fonte: Hemeroteca Digital da BN.

Imagem 16 – Jornal A Estação, p.1, 1885



Fonte: Hemeroteca Digital da BN.



Um pequeno texto publicado em 21 de março de 1882 no *Mequetrefe* (1875 - 1872), edição 269, revela uma personalidade curiosa e engraçada. Não é possível saber se a passagem fala de um fato ou se apenas trata de uma crônica acerca da vida do poeta. Diz a história:

Um dia Victor Hugo tomou um carro de aluguel para dar umas voltas. Finda a viagem o mestre ordena que o conduzam para a sua casa. Chegando a avenida, Victor Hugo o grande poeta quer pagar ao cocheiro, que se recusa a receber a espórtula com estas palavras: \_ Basta-me a honra de ter conduzido Victor Hugo. E afasta-se rapidamente. Alguns dias depois Victor Hugo toma de novo um carro e o acaso fê-lo cair no carro do mesmo cocheiro, que ainda se recusou a receber dinheiro. Desta vez o poeta encavacou com a história e obrigou o cocheiro a receber um luiz. De que se havia de lembrar o automedonte? Pega no dinheiro e vai depositá-lo no Rappel, como donativo voluntário a uma subscrição aberta pelo jornal de Augusto Vacquerie. - Diabo de cocheiro! - diz Victor Hugo tomando a coisa a sério. - O que é que eu hei de fazer para lhe ser agradável? Ah! Vou convidá-lo para jantar. E com efeito o fez, e jantaram juntos (O Mequetrefe, 1882, p.3).

De todos os exemplares da *Família* analisados, apenas 35 não continham a epígrafe, isso se deu em grande parte, em razão de sua substituição por uma imagem de capa, o que nos possibilita afirmar que em 1891 foi o ano em que a epígrafe de Victor Hugo foi menos publicada no periódico, já que este é o ano de maior ocorrência de imagens na capa. Foram 29 de 32 publicações feitas neste ano cuja epígrafe foi omitida. Apenas uma única ocorrência, onde imagem e epígrafe são publicadas num mesmo jornal, o número 102, que traz na primeira página o retrato de José de Alencar e na página seguinte inicia-se com o enunciado de Victor Hugo.

Portanto, a escolha e manutenção da epígrafe de um homem ilustrado, de grande prestígio, parecem emprestarà narrativa de Josephina, uma legitimidade importante para credenciar e animar a agenda que o periódico assume.

#### 1.5.5 Editorial e Expediente

O jornal é inaugurado com uma espécie de carta editorial, na qual sua redatora e proprietária apresenta seu posicionamento político em face ao cenário que vislumbra no Brasil e no mundo em fins do século XIX. De natureza educativa, dedicado às mães de família, o periódico possui um viés declaradamente político, cujo objetivo está na ordem da discussão que visa equalizar os direitos civis, políticos e trabalhistas entre homens e mulheres. Neste sentido, a redatora declara que: “é dever de todo o jornal que aparece, dizer o que vem fazer” (AZEVEDO, 1888, p.1). No entanto, apesar desta afirmação, logo parece ocupar-se do que “não veio fazer” o seu periódico, assim afirma: “não venho unicamente fazer uso da imprensa,

para ensinar a mulher paulista a educar seus filhos, porque isso sabe ela” (*idem*). Como afirma Duarte, “o jornal de Josephina se destaca de seus contemporâneos justamente pela veemência com que define as ideias e pela argumentação sempre lúcida e coerente”(2016, p.314).Duarte também destaca que se os primeiros textos sugerem uma educação que contribuísse para tornar as mulheres mais conscientes da maternidade e de seus deveres junto ao lar, em pouco tempo seu discurso radicaliza e passa a advogar a causa mais ampla da emancipação (*idem*).

Vale notar que a produção e lançamento na cidade de São Paulo pode significar parte de uma estratégia editorial publicitária, que visa alcançar um auditório social mais expressivo, mas que corresponde como afirma a própria redatora, a uma preferência pela bela cidade de São Paulo, “d’onde trouxe gratíssimas recordações, para aí dar à luz, à modesta publicação”(AZEVEDO, 1888).

O texto que inaugura o periódico é composto de três partes: uma primeira, na qual a autora esclarece as razões pelas quais tomou a decisão de fundar um jornal. Josephina afirma que diante do desejo expressado por algumas amigas de que realizasse “conferências sobre Educação da Mulher”(idem), se viu na obrigação de fazê-las compreender que a palavra de seus lábios era pálida, e que para atendê-las faria uso da Imprensa, escolhendo para tanto, “a bela cidade de São Paulo”(ibidem). Este é o único argumento que utiliza para justificar a fundação de seu jornal. Logo após a estas palavras, passa então a apresentar uma sucessão de discussões que vai nortear as matérias ao longo das edições. Nas palavras introdutórias é possível destacar outros dois momentos marcantes no texto, uma descrição detalhada sobre as condições da mulher em termos de educação e direitos. A estas condições, situação na qual a mulher se encontra, ela chama de “grande inquietação secular - a escravidão da mulher”(ibidem). Josephina suscita uma reflexão sobre o que chama de “princípio” da inferioridade feminina. A autora denuncia o domínio a que o universo feminino está submetido, e convoca as mulheres, já na primeira página do seu jornal, à “competir com os homens em tudo: no governo da família, como na direção do Estado” (*ibidem*).

A professora Josephina assere em sua argumentação que existem dois princípios fundamentais na base da sociedade cuja origem é a natureza. Ela se refere à “força” e à “ordem”, que dizem respeito ao masculino e ao feminino respectivamente. Esta é a fundamentação que há de levar por todo o seu trabalho teórico-literário-jornalístico. Pautada nessa ideia, vai afirmar ao longo de sua carreira que a mulher obterá mais e melhores êxitos na administração do Estado que os homens já obtiveram, pois, o “princípio da ordem” lhe é intrínseco, o que torna a mulher mais própria à administração pública.

Na terceira e última parte deste primeiro editorial, a autora defende a educação da mulher como um instrumento de libertação. Para ela, é a educação que subsidiará a estruturação de uma nova forma da própria mulher enxergar seu lugar no mundo e existir. A mulher educada, diante do controle e do cerceamento do poder hegemônico do Estado androcêntrico patriarcalista, tenderá a adquirir condições para reagir ao preconceito, movido pelo que Foucault (2012) chamaria de “racismo biológico de Estado” cuja operação se efetua sobre corpos, vidas, prole e sobre a população<sup>32</sup>.

Orientada com base nas experiências de mulheres europeias e nas estadunidenses, a autora prescreve a educação como o instrumento de construção de uma sociedade em que a mulher alcance os ideais modernos de igualdade, emancipação e direito, além de voz e espaço.

O grande recurso adotado nesta empreitada parece ser o que Josephina chama de ciência. A ferramenta desta tomada pedagógica é radicalmente um repertório exemplar para sua época. Josephina e sua equipe de colaboradoras dominam com maestria este repertório impecável, que inclui políticas internacionais, filosofia, literatura, história e, como não poderia faltar, retórica. Além disso, o grupo de mulheres envolvidas neste projeto possuía um currículo de lutas para atuarem como desbravadoras o novo caminho em que ingressaram.

Abolicionistas, jornalistas, médicas, dentistas, escritoras, professoras, formadoras de opinião. Mulheres que abriam escolas, compravam a liberdade de escravizados, alfabetizavam homens negros alforriados, promoviam associações femininas, administravam seus empreendimentos independentes de homens. Mulheres que estudavam, e, como afirmou Josephina (1888), estudavam muito para atuarem como oposição em face ao cenário em que viviam.

Retomando a noção de repertório, podemos dizer que extraímos tal noção do trabalho de Ângela Alonso no qual:

Um repertório é o conjunto de recursos intelectuais disponíveis numa dada sociedade em certo tempo. É composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem, metáforas (SWINDLER, 1986 *apud* ALONSO, 2002, p. 39).

E ainda,

Repertórios são criações culturais apreendidas, mas elas não descendem de uma filosofia abstrata ou ganha forma como resultado de propaganda política; eles emergem da luta (...) e designam (...) um conjunto limitado de esquemas que são apreendidos, compartilhados e postos em prática através de um processo relativamente deliberado de escolha (TILLY, 1993, p. 246 *apud* ALONSO, op. cit.

<sup>32</sup> Cf. em História da Sexualidade 1.

loc. cit.).

Como aponta Alonso (2002), na definição de repertório de Swindler (1986), a composição dos textos do periódico de Josephina, sobretudo de seus editoriais, cujo título é “*A Família*”, possui argumentos, conceitos e teorias, produzidos no interior de um espaço atravessado de questões sufocadas pela tradição, na qual o feminino agenciado pelo patriarcalismo, não tem, em grande medida, o direito à fala. Neste sentido, é controlado e interdito o discurso (FOUCAULT, 2010) que reverbera no interior da casa, na qual cabe à mulher circular e agir.

É exatamente neste nicho da vida privada que o jornal quer operar, produzindo certa circularidade cultural, através da ventilação de um rico repertório, já que em relação à educação da mulher há uma profunda economia do ensino formal, como se pode observar na fala da professora Josephina: “que a educação da mulher, é uma das maiores necessidades do século atual, isso é que não merece a menor contestação” (AZEVEDO, 1888). E ainda, “Que a mulher deve aprender mais alguma coisa, além do catecismo, da costura e de bem vestir-se, falar civilizadamente e fazer medidas” (*op. cit.*, 1889).

Como se pode observar, o jornal possui uma orientação expressa e uma forma de trabalho coletiva em favor de uma pauta voltada para a emancipação feminina, o que transparece na estrutura do impresso.

#### 1.5.6 As primeiras páginas do jornal, uso de imagens e datas comemorativas

Como chama atenção Derrida em seu texto *Mal de arquivo*<sup>33</sup>, nada do que ficou arquivado do passado o foi inocentemente. O arquivo, seja de textos, seja de objetos, é fruto de operações políticas e de sentido. Mesmo aquele documento ou vestígio do passado que possa ter chegado até nós por puro acaso foi produzido no seu tempo obedecendo a intencionalidades, ou seja, as evidências em seu próprio tempo são fabricadas (ALBUQUERQUE, 2007, p.25).

Conforme Zicman (1985), como parte dos “aspectos formais e materiais do jornal”, a primeira página funciona como uma espécie de vitrine. Ali, é possível acessar uma série de elementos que convidam ou não ler aquela publicação. A primeira página revela sua temática e, em grande parte, as principais campanhas encampadas pelo projeto editorial, seus proprietários e diretores, as fases que atravessam as grandes matérias e suas manchetes. Enfim, a capa é parte importantíssima de uma composição que é da ordem da intencionalidade

---

<sup>33</sup> Grifo do autor.

de seus idealizadores, “permite-nos vislumbrar o vínculo político-ideológico, os vícios temáticos e asindicações de público a que está destinada” (*idem*).

A grande maioria dos jornais e revistas femininas do século XIX possui em sua capa algumas características bastante comuns: imagens de moda, mulheres em trajes exuberantes, flores, poemas, folhetins românticos<sup>34</sup> e arabescos. Características que revelam em certa medida, forma e conteúdo da produção de sentido advinda da ideia originada nas classes sociais mais abastadas de que essas eram ou deveriam ser as preferências do público feminino naquele horizonte histórico.

De acordo com Oliveira (2011), as mulheres surgem como personagens na cena carioca a partir da segunda metade do século XIX nos folhetins escritos no Brasil. Reflexo de costumes provenientes da Europa, sobretudo francês, os folhetins românticos dão início à literatura romântica, cujo sucesso se tornou receita reproduzida por centenas de autores. Este gênero literário que carrega o drama da cotidianidade, feito para serem lidos aos pedaços, “funcionava como uma escola para o escritor romântico que treinava a sua narrativa, para depois, caso tivesse sucesso, lançar sua novela em volume” (*idem*).

Ainda segundo Oliveira, a mulher ali retratada, aparecia envolta em seus conflitos, impasses e conquistas, em uma constante luta para se tornar indivíduo moderno. “A partir de então, forma-se um trio moderno por *excellence*: a mulher, a imprensa e a literatura - especialmente a literatura publicada em jornais” (*ibidem*). Entre a dramaticidade dos conflitos vivenciados no universo feminino, sua posição social, e sua atuação como sujeito em processo na construção de sua cidadania, a partir do Segundo Reinado, a mulher alcança por meio deste fenômeno representatividade e espaço no imaginário social, político e cultural do oitocentos.

Normalmente vista como destituídas das práticas políticas, dos debates sociais e dos espaços públicos, as mulheres eram tratadas como se seguissem existindo na menoridade, subsidiada pelos homens(COSTA, 2010). A partir desta concepção, boa parte dos jornais e revistas escritos para mulheres eram considerados recreativos, pastoril e educativo, sendo o apelo estético um elemento permanente na composição de projetos editoriais femininos guiados pela pauta da elite patriarcalista, esta que, em certo sentido, misógina, buscava

---

<sup>34</sup> De acordo com Cláudia Oliveira (2011), o folhetim (*Le feuilleton*) “no começo do século XIX, designava um lugar preciso no jornal: o *rez-de-chaussée* - rés do chão, ou rotapé. Espaço localizado, geralmente, na primeira página, com uma finalidade precisa: apresentar o entretenimento e a notícia frívola. A invenção é francesa. Concebida por Émile de Girardin, que percebera, no período de consolidação da burguesia francesa, uma forma de democratizar a *grande presse*, para expandir o público leitor, o que, em contrapartida, tornaria o jornal mais barato e acessível à maioria da população.” Cf. *Mulheres de estampa: O folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado*, in KNAUSS, Paulo Et. al, (org.), Revista Ilustrada: Modos de Ler e Ver no Segundo Reinado, 2011, p. 157.

sufocar o avanço do processo no qual a mulher desfrutaria de maior autonomia, emancipação e liberdade.

A transformação feminina se dá pela via da transgressão às leis sociais vigentes, por isso, o romantismo apresenta uma profusão de personagens femininos marginais (prostituta-anjo, *grisette*, cigana), que preparam a estrutura para a emergência de uma mulher que vai livrando-se do peso secular das hierarquias que a sociedade patriarcal lhe impôs, deixando surgir, progressivamente, uma mulher que procura apresentar-se como sujeito da modernidade (OLIVEIRA, 2011, p.163).

Se por um lado a tradição apresentava a mulher frágil, incapaz e dependente de um provedor, por outro havia uma corrente que se propunha mostrar outro tipo de mulher, mais voltada à criação de um espaço de disputa entre os gêneros, não circunscrita aos apelos morais da igreja e a manutenção do estado de controle e disciplina exercido pela biopolítica dos costumes.

Enquanto ‘as mulheres da casa’ obedeciam aos seus maridos, davam-lhes sexo obrigatório, comida de graça e filhos que lhes garantiam a posteridade, as mulheres livres ou ‘da rua’ aprendiam a se individualizar. Assemelhavam-se aos homens, buscando prazer através do sexo, buscando livrar-se da maternidade como dever e não como escolha e prazer. Essa visão foi amplamente combatida por uma imprensa misógina, que via nas conquistas da mulher uma perda de controle milenar, uma ameaça (Sic) à harmonia social. (*ibidem*, p. 164)

O jornal *A Família* foge a essa regra. O periódico é dedicado à educação de mulheres e ao seu engajamento político, do primeiro ao último número. Não há em nenhum caso, nenhuma publicação que existam imagens que remetam a um apelo estético ao universo compreendido naquele momento com feminino.

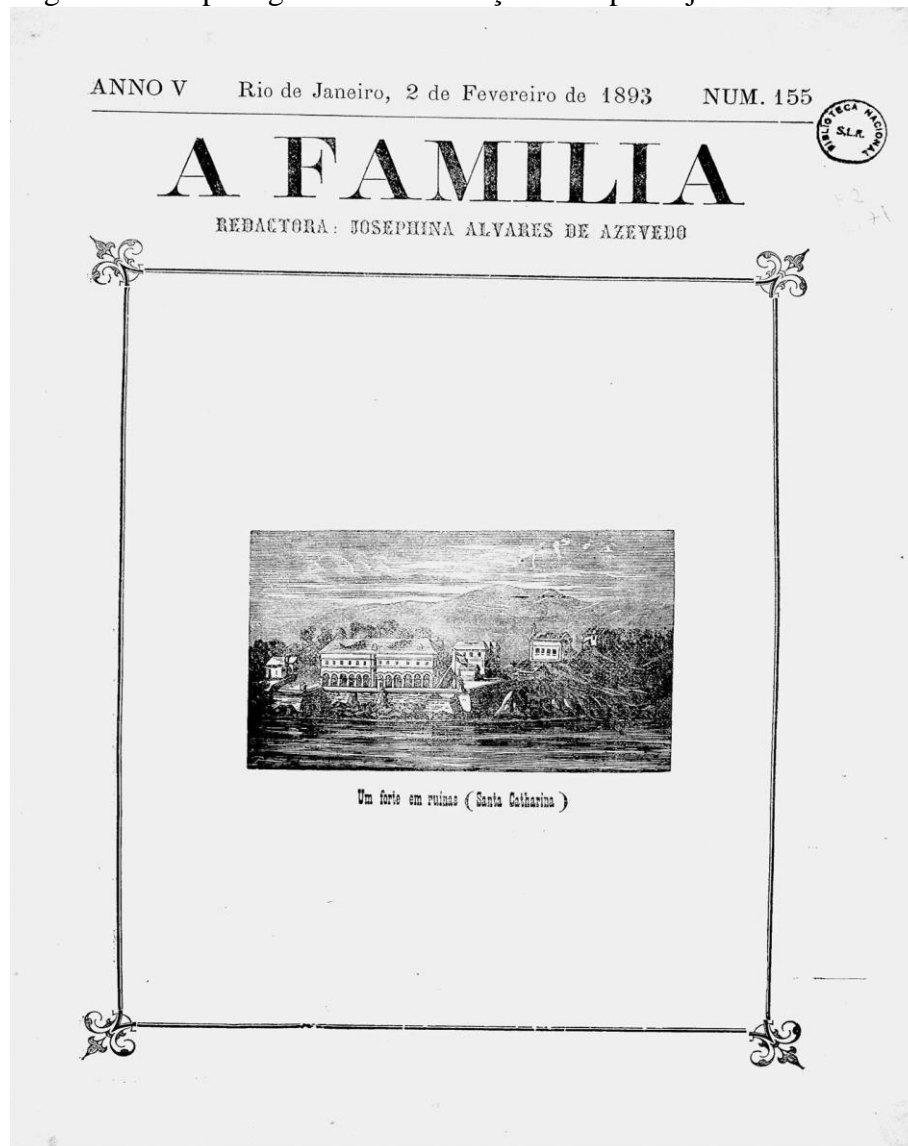
No entanto, existem várias edições que trazem ilustrações em xilografias e litografias. Porém, são retratos de personalidades que em grande parte foram publicados nas capas dos jornais, e há pelo menos um caso em que a capa é ilustrada com uma paisagem.

Sem flores nem moda, o jornal trata da educação da mulher em todas as suas dimensões e em todas as edições, por isso, parece ignorar total e intencionalmente os estereótipos em vigor.

Dito isto, é possível afirmar que as primeiras páginas do jornal *A Família* não eram tão diferentes dos jornais direcionados ao público masculino de sua época. Podemos classificá-las em quatro grupos: 1) as que só possuem textos, disponíveis em três colunas; 2) as que só possuem textos, dispostos em cinco colunas; 3) as que possuem só a imagem sem a mancha textual, contendo apenas o nome do jornal e o título da imagem; e por fim, 4) as que possuem imagem e textos. Assim, dos jornais localizados, 39 edições possuem capa ilustrada. Em

todo o conjunto, há apenas uma ocorrência de paisagem na capa, cujo título é “Um forte em ruínas (Santa Catarina)”.

Imagem 17 – A paisagem como ilustração de capa no jornal A Família



Fonte: Jornal A Família, 1893, edição 155, capa.

As demais ilustrações são retratos de personalidades nacionais e internacionais que compõem o repertório visual do projeto editorial da *Família*, e há ainda uma ou duas propagandas de profissionais que compraram a primeira página para publicarem suas fotos.

Existem outras imagens que foram publicadas nas folhas de dentro dos jornais. São representações de monumentos arquitetônicos, paisagens, uma pauta de música, e um retrato, publicado na página oito da edição especial de 1889, da escritora e colaboradora do jornal Amélia de Queiroz. Este é o único retrato localizado de uma personalidade publicada dentro do referido periódico.

Maria Amélia de Queiroz é uma importante colaboradora do jornal, que em julho de 1889 recebeu como hóspede em sua casa, na capital da província de Pernambuco em Recife, por vinte dias, a professora Josephina Álvares de Azevedo, quando esta fazia uma expedição pelo interior do Brasil para pesquisar sobre a educação de meninas e divulgar seu periódico. Por esta ocasião é que fora publicada em Pernambuco a edição especial, cuja ilustração em litografia, era de autoria do “hábil desenhista Libânio do Amaral<sup>35</sup>”(AZEVEDO, 1889).

Imagem 18 – Maria Amélia de Queiroz, litografia de Libânio do Amaral.



Fonte: Jornal A Família, ed. Especial - Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Assim, nesta seleta galeria de artes, 27 (vinte e sete) retratos são masculinos e 12 (doze) femininos. Porém, as imagens de Joana D’arc e de Eugênio Oyanguren aparecem cada uma, duas vezes nesta coleção. Além deste detalhe, a coleção apresenta dois diferentes retratos de Josephina Álvares de Azevedo, publicados em datas distintas e executados por diferentes artistas e diferentes técnicas: litografia e xilografia respectivamente. Uma na edição especial de 1889 e a outra em comemoração a seu aniversário em maio de 1891.

<sup>35</sup> “Em Pernambuco publiquei um número extraordinário d’A Família ilustrado pelo hábil desenhista Libâneo do Amaral” Cf. jornal A Família, edição 41, de 1889, p.2; “Para que não me julguem vaidosa, declaro em tempo que o meu retrato hoje sai litografado na Família, jornal que redijo na Capital do Império, devido aos inúmeros pedidos. Somente em vista disso é que em tal consenti. Cf. em jornal A Família, edição especial, 1889, p.2 e 3.



Imagem 19 - Josephina Álvares de Azevedo em xilografia de Pinheiro



Fonte: Jornal A Família, ed. 103 - Hemeroteca Digital da BN.

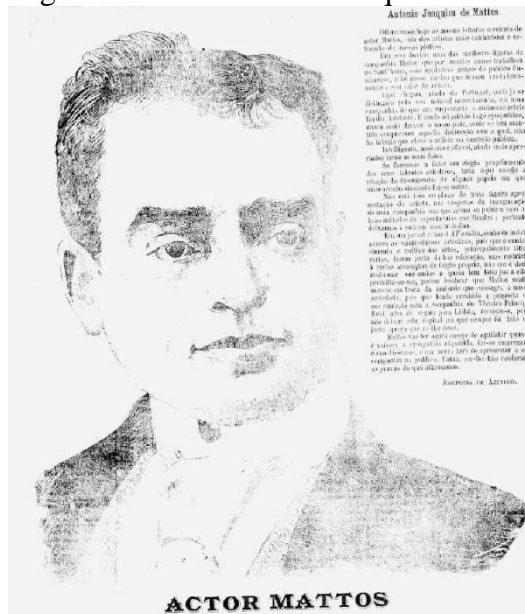
O aparecimento da ilustração no jornal *A Família*, acontece na sua vigésima sétima edição. A imagem que cobre duas páginas é uma pauta de música, cujo “clichê” tem os créditos de Paulo Robin & Cia. Rio de Janeiro. Seu título é tão somente “*Polka*” cuja autoria é provavelmente de Maria Enfermeira da Cruz Almeida, nome que aparece gravado na penúltima linha da pauta ao lado direito.

Imagem 20 - Polka: primeira imagem publicada no jornal A Família

Fonte: Jornal A Família, ed. 27 de 18 de julho 1889.

O aparecimento do primeiro retrato de uma pessoa no jornal foi o de sua redatora Josephina Álvares de Azevedo e ocorreu na trigésima edição, portanto, edição Especial, publicada em Recife em julho de 1889. O retrato gravado em litografia é de autoria do artista Libânio do Amaral. Em 2 de outubro de 1890, praticamente dois anos depois da fundação do Jornal, é publicado o retrato do ator Mattos com uma nota assinada por Josephina ao lado do retrato. A imagem ocupa cerca de três quartos da primeira página. O intervalo que vai se formar entre esta publicação e a publicação ilustrada seguinte é de aproximadamente cinco meses. Ou seja, outra imagem de capa só vai aparecer exatamente dezenove semanas depois. E é a partir desta, que o recurso de imagens vai realmente ser efetivado no programa editorial da *Família*.

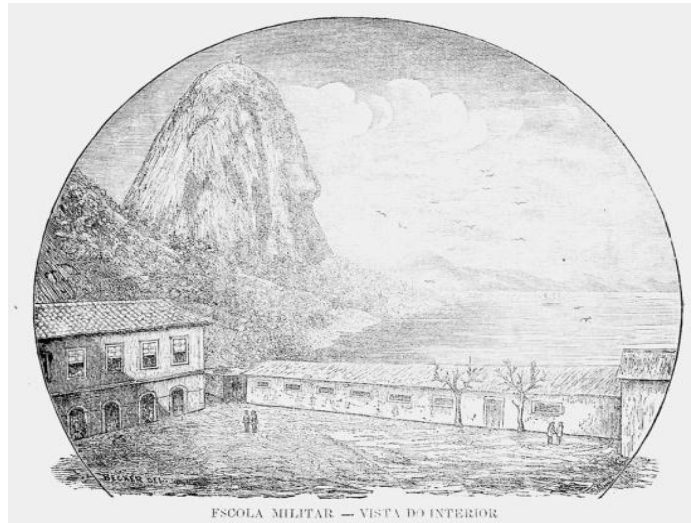
Imagem 21- Ator Antônio Joaquim de Mattos



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

As artes publicadas no jornal foram impressas por meio das técnicas de clichês, xilografia e litografia, como é possível observar através de evidências encontradas em algumas publicações do próprio jornal, como é o caso do texto expresso na edição 103, página 6 que diz: “a nossa gravura representa a Escola Militar vista de dentro, magnífico trabalho, devido ao hábil xilógrafo Pinheiro” (A Família, 1891).

Imagem 22 - Xilografia de Pinheiro, Escola Militar vista de dentro



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

O xilógrafo Pinheiro já havia talhado outras peças para o jornal. Além deste artista, Libânio do Amaral também é autor de ilustrações importantes publicadas no periódico, executadas, porém, em litografia.

A interpretação dessas ilustrações possibilita-nos pensar num outro século XIX para as mulheres, oculto por certo tempo da própria historiografia (COSTA, 2010; SOIHET, 2004; DUARTE, 2016) e necessariamente da história da educação. Um século em que a mulher se posicionava à frente dos problemas, das discussões, das lutas de um modo em geral, no qual, por meio desta galeria de artes podemos observar sua representatividade na cultura, na política e na educação.

Diferente da crença de que a mulher estava confinada no interior da casa e cerceada do direito às participações no âmbito público, sejam culturais, sociais ou políticos, Josephina parece entender a necessidade de compor uma agenda na qual a imagem da mulher fosse distinta da figura caricata e mítica produzida nos agenciamentos da elite tradicional brasileira.

O repertório de imagens femininas que o jornal compõe, estrutura-se a partir de uma relação rigorosa de notáveis: Joana Darc, Georg Sand, Concepción Gimero de Flaquer, Catalina II, Ignez Sabino, Miss Nightingale, Viscondessa de Leopoldina, Maria Amélia de Queiroz, Eliza Lemos e Josephina Álvares de Azevedo.



Todas as imagens foram tomadas de exemplo de vida e conduta para apontar a possibilidade de resistência e criação de novas perspectivas para o bello sexo naquele século.

A mulher é um tema que está na ordem do dia no jornal *A Família*. Compõe o campo de interesse por excelência de sua redação. Publicar sua imagem é de uma natureza em certo


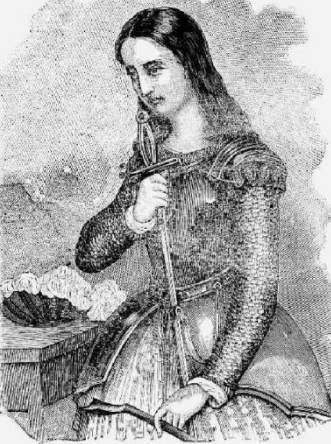


sentido transgressora já que até aquele momento as práticas jornalísticas em geral, ocupavam-se de publicar imagens de modelos constituídos e atravessados pela estética do corpo. As publicações feitas pela *Família*, diziam respeito a outro tipo de sujeito: professora, escritora, poetisa, guerreira, jornalista, imperatriz, abolicionista, enfermeira. Outra estética estava em jogo, que se relacionava com a vida e com o modo de existir daqueles sujeitos. Enfim, uma pequena galeria se nos apresenta o Jornal de seu repertório bélico, em favor das emergentes pautas femininas.

A seguir apresento extensa tabela contendo a imagem de todas as personalidades publicadas no jornal *Família*, considerando evidentemente a relevância deste feito pelo jornal, já que apesar de ser uma publicação escrita por mulheres, tendo seu público alvo principal o belo sexo, não é, portanto, negado aos homens o reconhecimento de sua importância e seus feitos na sociedade, o que revela, por parte deste projeto editorial, generosidade e democracia. Além do mais, a tabela oferece maior acessibilidade de visualização do repertório de imagens dos sujeitos envolvidos no jornal.





Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
30		<p>O meu retrato Para que me não julguem vaidosa, declaro em tempo que o meu retrato hoje sai litografado na <i>Família</i> jornal que redijo na Capital do Império, devido aos inúmeros pedidos de pessoas de minha amizade e admiradoras. Somente em vista disso é que em tal consenti.</p>	<p><b>Josephina Álvares de Azevedo 1851/1913</b>, proprietária e redatora d'A Família. Capa da Edição Especial de 1889, data imprecisa. Imagem produzida como assinala o texto, em litogravura.</p>
30		<p>Amelia (Maria ) de Queiroz é uma individualidade assás conhecida no mundo literário e cujo nome representa hoje uma série de dedicações ao bem público e de laboriosa e proveitosa soma de sacrifícios em prol das mais santas ideias. Coração angélico, alma nobre e cérebro vigoroso, ela aparece onde há uma lágrima à enxugar, uma dor a sufocar e um conhecimento a adquirir. É de nossos dias o esforço que essa nossa comprovinciana fez pela abolição dos escravos, está na memória de todos quanta abnegação, quanto sacrifício pessoal ela empregou para a solução do maior problema que então se debatia.</p>	<p><b>Maria Amelia Queiroz</b>, abolicionista, escritora e colaboradora d'A Família. Página 08, da Edição Especial de 1889. Obs.a foto que ocupa a página inteira foi produzida em litogravura.</p>





Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
77	 <p>ACTOR MATTOS</p>	<p>Oferecemos hoje às nossas leitoras o retrato do ator Mattos, um dos artistas mais conhecidos e estimados de nossas platéias. Era sem dúvidas uma das melhores figuras da companhia Helder que por muitos anos trabalhou no Sant'ana, com aplausos gerais do público Iluminado, e foi nesse núcleo que tornou-se verdadeiramente o seu saber de artista. Aqui chegou, vindo de Portugal, onde já era conhecido pelo seu notável merecimento.</p>	<p><b>Antônio Joaquim de Mattos</b> é um ator renomado português, que atuou em diversos teatros no Brasil. Tendo sido convidado para trabalhar na companhia de Teatro Príncipe Real em Portugal, preferiu continuar no Brasil. Capa do jornal de 2 de Outubro de 1890.</p>
96		<p>Podemos hoje dar como um verdadeiro brinde às leitoras d'A Família, a gravura de Joanna d'Arc, a extraordinária rapariga, que no momento mais crítico para os franceses surgiu em meio dos exércitos para salvar o seu povo de uma derrota certa, e fatal. Ao fazê-lo apraz-nos traduzir o admirável artigo que a seu respeito inseriu na importante revista <i>Le Droit des femmes</i> a ilustre escritora Jeanne Mercaeur.</p>	<p><b>Joana D'arc (1412/1431)</b>, a heroína francesa que foi canonizada pela igreja católica, foi homenageada pela primeira vez na capa d'A Família de 26 de Fevereiro de 1891. A segunda vez foi publicada em 28 de setembro de 1891, ed. 118.</p>
97		<p>A brilhante romancista, que foi sem dúvida, o espírito de mulher mais pujante, que nos tempos modernos se tem conhecido, foi ao mesmo tempo o documento mais completo de quanto é falsa a opinião universalmente aceita, de que não podemos nós competir com os homens em todas as manifestações do pensamento e em todas as energias da vontade</p>	<p><b>George Sand</b> é o pseudônimo de <b>Armandina Aurora Duprat (1804/1876)</b>. Afirmase que descendia d'um rei da Polônia. Certo ou não, fato é que as ideais democráticas em cujo regime viu a luz, insinuaram-se-lhe no espírito e foram espalhadas em profusão nos seus livros. É homenageada na capa do jornal de 5 de março de 1891.</p>
98		<p>A literatura contemporânea conta entre muitas das mais distintas escritoras, Concepcion Gimeno de Flaquer, uma organização privilegiada de literata e um talento feminino de primeira ordem. Concepcion Flaquer é autora do esplêndido livro <i>La Mujer Espanola</i>, que mereceu os maiores elogios de um dos mais festejados críticos acadêmicos do seu paiz, e publicou também, não há muito, outro livro sob o título <i>Madres de los hombres célebres</i>, collección biographica de súbito valor e afamada reputação. Indo para o México, onde reside, sentiu bafejar-lhe o sopro do jornalismo libérrimo da América e tomou á sua responsabilidade a redação da importante revista <i>El Álbum de la Mujer</i>, prestando a</p>	<p><b>Concepcion Gimeno de Flaquer (1850/1919)</b>. Escritora romancista, foi homenageada no dia 12 de março de 1891 na capa do Jornal A Família. Na publicação, o texto afirma que “a gravura (foi) copiada de um dos mais afamados álbuns de ilustrações femininas”.</p>





Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
		nossa causa o concurso ingente ,de que é capaz o prestígio da sua poderosa pena.	
99		Entre a nobilíssima plêiade de apóstolos do bem e de incansáveis batalhadores em prol da humanidade, destaca-se brilhantemente o majestoso vulto do ilustre sábio, cujo retrato honra este número d'A Família.	<p><b>Domingos José Freire Junior, (1843/1899).</b> Professor de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e um dos médicos mais destacados da época,foi capa da publicação de 19 de março de 1891 d'A Família.</p>
100		"Catalina era generosa — como o são todas as criaturas de sua espécie", "foi formosa por muito tempo, ou para melhor dizer, o foi sempre formosa", "costumava vestir-se de homem e esse traje assentava-lhe extraordinariamente, pois que, tinha uma figura airosa para representarmos os sexos"	<p><b>Catalina II (1729/1796).</b> Imperatriz consorte da Rússia, tem seu busto estampado na capa do Jornal A Família que data de 2 de abril de 1891. Apesar de seu retrato ocupar a capa, a matéria, estava inserida na seção: "Mulheres Célebres".</p>
102		"Honramos hoje as páginas d'A Família, estampando nelas o retrato do mais distinto dos romancistas brasileiros, José de Alencar F. Ferreira, falando desse ilustre romancista. disse: « Sobre ser escritor tão fecundo, foi também abalizado jurista: como consultor dos negócios da justiça escreveu numerosos pareceres, que se fossem publicados dariam bem para seis grossos volumes"	Na capa do Jornal A Família, de 2 de maio de 1891, aparece uma publicação em homenagem ao escritor romancista <b>José de Alencar (1829/1877).</b>
103		Um retrato significa apreço; um retrato significa mérito; um retrato como este, ornando a página de honra da nossa revista, traduz da parte da humilde colaboração d'A Família o dever de gratidão para com a sua redatora-chefe, Josephina Alvares de Azevedo, Um retrato, pois, significa muito, quando a expressão fisionômica traduz as irradiações do talento, a força de vontade, da perseverança, do sacrifício, demonstrando assim a luta pela vida, o amor pelo trabalho, a ideia pela ideia, o futuro, o fim e o exemplo digno da admiração do nosso sexo.	<p><b>Josephina Álvares de Azevedo (1851/1913).</b> No dia 9 de maio de 1891 um novo retrato de Josephina é publicado na capa do Jornal A Família. O texto apresenta uma profunda admiração e gratidão a sua redatora. Vale notar que a capa é apresentada como a " página de honra da revista".</p>

Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família





Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
104		<p>E' sempre justo render-se preito ao indivíduo que por si se eleva. E, neste sentido A Família, infatigável factora do progresso, não pode deixar no olvido a saliente personalidade do Comendador Bittencourt da Silva, cavalheiro assaz conhecido na sociedade fluminense não somente pelos seus méritos artísticos como também pela sua despreziosa philantropia, requisitos que tornam a qualquer digno de nota.</p>	<p><b>Bittencourt da Silva (1831/1911)</b>, fundador e diretor do Liceu de Artes e Offícios. A Família presta-lhe homenagem em 21 de maio de 1891, como uma matéria de capa.</p>
105		<p>Honra a nossa Revista de hoje o retrato do illustrado professor, que filho da pátria de Gonçalves Dias d'essa Athenas brasileira que tantos talentos há dado ao berço devendo o Estado do Maranhão orgulhar-se de possuir um filho tão dilecto. Verdadeiro gentleman no trato fino que a todos dispensa, o Dr. Menezes Vieira além da muita instrução dispõe, tem viajado muito, e no propósito de instruir a mocidade nessas viagens há sido incansável em granjear maior somma de conhecimentos que tanto o distinguem.</p>	<p><b>Joaquim José de Menezes Vieira (1851-1897)</b> - Médico e educador maranhense. Participou como sócio-fundador de instituições beneficente. É reconhecido pela sua participação como professor no Instituto de Surdos Mudos (1872-1888), no Colégio Menezes Vieira (1875-1887) e no Pedagogium (1890-1897). Sua foto foi estampada na capa do jornal de 1 de junho de 1891.</p>
108		<p>Muito dado á instrução pública foi um dos mais ardentes e fervorosos propagandistas da instrução popular; não só criando escolas, como institutos, asilos e inaugurando conferências públicas. O conselheiro Corrêa foi neste particular o melhore o mais convencidamente sincero auxiliar do Sr. D. Pedro de Alcântara.</p>	<p>Conselheiro <b>Manuel Francisco Correia (1831/1905)</b>, natural do Paraná, foi um entusiasta propagandista da “instrução popular” e atuou como um dos auxiliares de D. Pedro. Foi homenageado na capa do jornal em 2 de julho de 1891.</p>
109	 <p data-bbox="405 1989 542 2020">IGNEZ SABINO</p>	<p>De há muito inscreveu-se na legião brilhante de escritoras brasileiras a minha talentosa collega e distincta litterata Ignez Sabino, Seus constantes trabalhos em prosa e verso publicados nos diferentes órgãos desta capital haviam salientado as suas qualidades de espirito e a sua formosa educação artística</p>	<p><b>Ignez Sabino Pinho Maia, (1853–1911)</b>. A escritora baiana, foi diretora presidente da Companhia das Costureiras, e é no mesmo posto da Companhia Imprensa Familiar a que o jornal pertence. Sua foto foi estampada na capa do jornal em 21 de julho de 1891.</p>

Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família




Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
110		<p>Nunca é demais uma homenagem justa. E a que A Família, hoje rende ao distintíssimo comendador José Manoel Teixeira, é daquelas que comprazem a quem a presta. O illustre titular é um dos homens mais prestantes do nosso mundo financeiro, e um cavalheiro digno a todos os respeitos.</p>	<p><b>Comendador José Manuel Teixeira</b>, do ramo financeiro, foi homenageado na capa do jornal em 18 de julho de 1891.</p>
112		<p>A sua fisionomia, como as suas maneiras são igualmente agradáveis. O seu rosto, se bem que não seja dos que se podem chamar belo é daqueles que uma vez vistos nunca mais se esquece. Há no seu sorriso inefável doçura, no seu olhar decisão e firmeza, e com quanto sempre a tinha visto grave e correta, creio que a alegria é um dos seus dotes característicos.</p>	<p>A italiana <b>Miss Nightingale (1820-1910)</b> foi enfermeira e trabalhou cuidando de soldados britânicos na Guerra da Criméia. Florence escreveu dois livros: “Administração Hospitalar do Exército” e “Comentários sobre Questões Relativas à Saúde”. O jornal estampou sua foto na capa da edição de 1 de agosto de 1891.</p>
113		<p>É um nome inscripto na glória dos exímios artistas brasileiros. Efetivamente, José Levrero é dotado de notáveis talentos musicais, diplomado pela nossa academia, e conceituado vantajosamente em nosso mundo artístico. Não tem sido a sua carreira artística florada dos louros, que notoriedade da imprensa consagra, talvez por modéstia; mas não lhe diminui o mérito intrínseco, que o possui incontestavelmente.</p>	<p>A imagem de <b>José Levrero</b> foi estampada na capa do jornal em 8 de agosto de 1891. Além de maestro, foi professor do Conservatório Livre de música e fundou uma companhia de teatro - Mattos &amp; Levrero.</p>
114	 <p data-bbox="405 1800 528 1818">Comendador Albino da Costa Lima Braga</p>	<p>Não é uma completa biografia que aqui venho traçar, não será também uma inverdade o que aqui venho dizer, assim como igualmente não é por certo o incenso do turbulo da lisonja que me faz escrever algumas linhas sobre o Sr. Coronel Lima Braga, nome que por si basta para panegírico das suas altas qualidades e do sobranceirismo do seu caráter como homem de sociedade fina e educada.</p>	<p><b>Comendador Coronel Albino da Costa Lima Braga.</b> Homem de negócios no ramo industrial (máquinas e materiais de construção), teve sua imagem estampada na capa do jornal do dia 22 de agosto de 1891.</p>




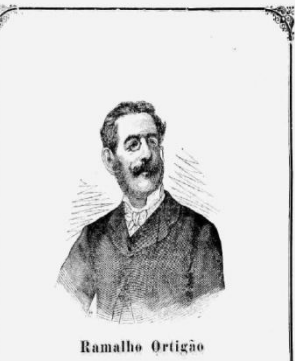

Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
115		<p>Está hoje consagrado o primeiro tenor dos nossos teatros. Realmente, Eugênio é aquele que maior sucesso tem conseguido nas diversas peças aqui representadas pelas companhias permanentes. A sua estréia em nossos palcos, logo que abraçou a carreira artística, não foi positivamente um sucesso. Mal avisado estava o público que o recebia tão equivocadamente, de que havia mais tarde consagrar-lhe a estima e a simpatia de que hoje gosa.</p>	<p><b>Eugênio Oyangueren</b> participou de várias companhias teatrais, tendo assumido na dos senhores Mattos &amp; Leveiro, o cargo de 1º tenor. Sua imagem foi estampada na capa do jornal em 29 de agosto de 1891.</p>
116		<p>O personagem ilustre que hoje homenageamos, consagrando-lhe a página primeira desta revista, é o Sr. Conde de Alto Mearim, ultimamente agraciado com esse título em duas vidas pelo governo de sua pátria. É um desses varões que, voltando o olhar para o passado, podem apontar após si uma senda gloriosa de lutas e de virtudes dignas do melhor renome.</p>	<p><b>Conde de Alto Marim (1818/1???)</b>, natural de Mattosinho, Portugal, foi, como noticiado pelo jornal, uma das fortes colunas do mundo financeiro, tendo fundado o Banco Construtores. Foi homenageado na capa do jornal em 12 de setembro de 1891</p>
117		<p>As nossas dignas leitoras encontrarão hoje a primeira página desta revista o busto de um homem engrandecido por essa virtude que raros possuem a da perseverança no trabalho. Foi na Laboriosidade de uma faina sem tregoas que ele conseguiu ser tudo quanto é; — isto é — a nobreza dignificada pela força de uma luta, que só concede a vitória aos que sabem ser heróis. Figura digna de uma galeria de Smill, o Visconde de Santa Marinha é um desses homens cujos exemplos edificam e ficam como padrão a apontar á mocidade.</p>	<p><b>Antônio Teixeira Rodrigues - o visconde de Santa Marinha</b>, foi homenageado na capa do jornal em 19 de setembro de 1891.</p>
118		<p>Tendo-se esgotado o número desta revista, havendo grande procura do mesmo, resolvemos reproduzir a gravura desta heroína, bem como o artigo em que dela nos ocupamos: "Podemos hoje dar como um verdadeiro brinde às leitoras d'A Família, a gravura de Joanna d'Arc, a extraordinária rapariga, que no momento mais crítico para os franceses surgiu em meio aos exércitos para salvar o seu povo de uma derrota certa e fatal.</p>	<p>A imagem de <b>Joana D'arc (1412/1431)</b> foi publicada pela segunda vez na capa do Jornal em 28 de setembro de 1891, acompanhada da tradução do texto da revista <i>Le Droit des femmes</i> da ilustre escritora Jeanne Mercaeur.</p>





Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
119		<p>O retrato illustre que honra hoje as páginas d'A Família é daqueles que impõem respeito aos cuervos, architectura de uma reputação gloriosa, para exemplo dos vindouros. Efectivamente, é o Exmo. Sr. Comendador Alfredo Montanha, um destes homens, cujas virtudes e serviços constituem o melhor padrão de uma vida cheia de abnegações.</p>	<p><b>Comendador Alfredo Montanha Martins de Pinho (Barão de Burgal)</b>, foi um importante homem de negócios. Presidente do Banco Regional do Brazil e diretor de uma companhia de transporte de cargas, sua imagem foi publicada na capa do Jornal em 07 de outubro de 1891.</p>
120		<p>A Família, dando hoje o retrato de tão illustre senhora honra a primeira página desta revista. A Viscondessa de Leopoldina é uma das mais distintas representantes do seu sexo e um dos ornamentos do nosso grand-monde. Esposa de um titular e eminentes qualidades, tem-se imposto pelas raras virtudes e dotes d'alma e do coração de que é dotada.</p>	<p><b>Viscondessa de Leopoldina</b> Sua foto foi publicada na capa do Jornal em 17 de outubro de 1891</p>
121		<p>O Dr. Manoel Lavrador é um desses homens de fisionomia tão acentuadamente característica que à simples vista, os menos perspicazes, percebem toda a pujança de seu caráter operoso e irrequieto. Capaz de enfrentar com os mais temíveis obstáculos, dir-se-ia que seu espírito, como que se recreia em erguer em torno de si, um mundo de dificuldades, só para ter o gosto de vencê-las pelo trabalho e pela perseverança.</p>	<p><b>Dr. Manoel Lavrador</b> Na capa do Jornal de 21 de outubro de 1891 foi publicado a sua foto.</p>





Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
122	 <p data-bbox="323 696 619 725">Barão de Paranapiacaba</p>	<p data-bbox="644 322 1123 656">E A Família, ornamentando a sua página de honra com o retrato desse distinto homem d'estado, sente-se orgulhosa de também poder prestar uma justa homenagem, a um dos mais abalizados cidadãos desta pátria tão querida. São tantos e tão variados os conhecimentos e grandes aptidões do eminente e muito illustrado Sr. Barão de Paranapiacaba, que difícil e quiçá impossível, se torna o estudo biográfico desse provector homem d'Estado.</p>	<p data-bbox="1139 322 1466 409"><b>João Cardoso de Menezes e Sousa, Barão de Paranapiacaba (1827/1915)</b></p> <p data-bbox="1139 416 1466 685">Foi um importante poeta e jornalista brasileiro. Foi deputado pela então província de Goiás e eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sua foto foi publicada na capa do Jornal em 7 de outubro de 1891.</p>
123	 <p data-bbox="323 1117 619 1146">Ramalho Ortigão</p>	<p data-bbox="644 743 1123 925">Ramalho Ortigão é um dos combatentes na pugnando presente. Escritor de mérito, perfeito cinzelador da sua língua, ele com vantagem tem sabido colocar-se no número dos batalhadores, que mais honram a pátria dos lusitanos.</p>	<p data-bbox="1139 743 1466 801"><b>José Duarte Ramalho Ortigão (1836/1915)</b></p> <p data-bbox="1139 808 1466 1043">Foi um escritor português, participou da redação do Jornal do Porto e foi nomeado oficial da Academia Real de Ciências de Lisboa. Em sua homenagem, o Jornal publicou a sua foto na capa em 16 de novembro de 1891.</p>
127	 <p data-bbox="323 1617 619 1646">Coronellador Albino da Costa Lima Braga</p>	<p data-bbox="644 1187 1123 1487">Não é uma completa biografia que aqui venho traçar, não será também uma inverdade o que aqui venho dizer, assim como igualmente não é por certo o incenso do turbulo da lisonja, que me faz escrever algumas linhas sobre o Snr. Coronel Lima Braga, nome que por si basta para panegírico das suas altas qualidades, e sobranceirismo do seu caráter, como homem de sociedade finaeducada.</p>	<p data-bbox="1139 1187 1466 1245"><b>Coronel Albino da Costa Lima Braga</b></p> <p data-bbox="1139 1274 1466 1397">Em sua homenagem, o Jornal publicou pela segunda vez, asua imagem na primeira folha em 19 de dezembro de 1891.</p> <p data-bbox="1139 1426 1466 1514">Obs.: A primeira foi no n. 114 acompanhado do mesmo texto.</p>



Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
131	<p style="text-align: center;"><b>Luiz de Mattos</b></p> 	<p>Acreditamos prestar um serviço aos nossos leitores relacionando-os com o preclaro e caritativo cavalheiro. De origem portuguesa, cônsul de Portugal na futura cidade de Santos, Luiz de Mattos é um dos vultos mais proeminentes dentre os muitos cavalheiros que exornam a cultivada e sempre liana sociedade santista</p>	<p><b>Luiz de Mattos (1860/1926).</b> Além de cônsul, foi importante produtor e comerciante de café, fundador de diversas empresas no Rio de Janeiro e em Santos; dentre elas a Companhia Industrial, a Companhia Carris de Ferro. Envolvido com serviços humanitários, participou de campanhas abolicionistas. Sua imagem foi estampada na primeira capa do Jornal em 3 de fevereiro de 1892.</p>
132	 <p style="text-align: center;">DR. KOCK</p>	<p>Hoje, Kock, o grande sábio, o filho do país dos pensadores, estendeu a proficiência do seu saber de um a outro hemisfério, curando a tuberculoses que ele afirma ser microbiana depois de um aturado estudo microscópico. Todavia, cremos que sobre tão fatal enfermidade, ainda não foi dita a última palavra. Outro, mais tarde, virá completar a grandiosa obra, cabendo no entre tanto ao erudito alemão cujo retrato se estampa aqui, a sublime missão do iniciamento do combate na portentosa ordem do progresso.</p>	<p><b>Robert Kock (1843/1910),</b> médico alemão, foi homenageado pelo Jornal em 13 de fevereiro de 1892.</p>
153	 <p style="text-align: center;">Dr. Acácio de Araújo</p>	<p><b>Dr. Acácio de Araújo.</b> Especialista em moléstias sífilíticas. Residência: Rua do Riachuelo 228. Consultas das 10 ao meio dia. Grátis aos pobres. Chamados a qualquer hora.</p>	<p><b>Dr. Acácio de Araújo</b> No Jornal aparece apenas sua foto e um anúncio. Não há nenhuma referência a seu respeito.</p>
154		<p>E de hontem ainda a história desse homem bom, caritativo e ilustrado, para que nos lembremos de aqui fazer o histórico de sua "vida toda consagrada ao bem desta pátria que ele tanto amava. O que foi o homem que se chamou D. Pedro de Alcântara nós sabemos, não só todos os brasileiros, mas ainda os povos da culta Europa que nele viam o tipo do rei democrata e patriota.</p>	<p><b>D. Pedro II, Imperador do Brasil (1825/1891)</b> Sua foto foi estampada na capa do Jornal em 20 de janeiro de 1892.</p>

Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
156	 <p style="text-align: center;">Eliza Lemos</p>	<p>Reproduzimos hoje o retrato desta ilustre escritora, por se ter esgotado a edição do número em que o demos e haver grande procura do mesmo.</p>	<p><b>Eliza Lemos</b>, cronista mineira e colaboradora d'A Família, teve sua fotopublicada na capa do Jornal em 18 de fevereiro de 1893.</p> <p>O referido número em que a foto original fora publicada não consta na coleção da Hemeroteca Digital da BN.</p>
157	 <p style="text-align: center;">EUGENIO OYANGUREN</p>	<p>A Família, dá hoje o retrato do aplaudido tenor Eugênio Oyanguren, retirado do teatro, por não ter nenhuma das empresas atualmente funcionando no Rio de Janeiro, querido utilizar dos seus serviços. No entanto, Eugênio Oyanguren, é um tenor distintíssimo, e o seu nome, não seria demais em qualquer das Companhias, que entre nós, exploram a operetta.</p>	<p><b>Eugênio Oyanguren</b> O jornal estampou sua foto pela segunda vez em 4 de março de 1893.</p>
158	 <p style="text-align: center;">PROFESSOR JOSÉ LEVRERO</p>	<p>Neste número não há nenhum comentário sobre o personagem, que também foi retratado na edição 113, como pode ser conferido acima.</p>	<p><b>Professor José Levrero</b> teve seu rosto estampado na antecapa do Jornal em 25 de março de 1893.</p>
159	 <p style="text-align: center;">DR. FRANCISCO PORTELLA</p>	<p>Não aparece nenhum comentário sobre o personagem. Somente a imagem</p>	<p><b>Dr. Francisco Portella (1833/1913)</b> Formado em Medicina, dedicou-se ao jornalismo. Estabelecido em Campos, elegeu-se vereador e depois deputado provincial e também federal. Governou o estado do Rio de Janeiro no período de novembro de 1889 a dezembro de 1891. Seu retrato foi estampado na capa do Jornal em 20 de abril de 1893.</p>

Quadro 8 – Uso de imagens no jornal A Família

Edição	Retrato	Trecho do Jornal	OBS.
162	 <p>EDUARDO BRAZÃO</p>	Não aparece nenhum comentário sobre o personagem. Somente a imagem	<p><b>Eduardo Brazão (1851/1925)</b>, foi um célebre ator português da escola romântica e um dos fundadores de uma das mais importantes companhias do teatro português, a Rosas &amp; Brazão.</p> <p>Seu retrato foi estampado na capa do Jornal em 29 de julho de 1893.</p>
163	 <p>D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL</p>	Não aparece nenhum comentário sobre o personagem.	<p><b>Carlos I - Rei de Portugal (1863/1908)</b></p> <p>D. Carlos nasceu no Palácio da Ajuda, recebendo o nome de Carlos Fernando Luís Maria Vítor Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão e morreu assassinado em Lisboa, sendo sepultado no Panteão Real de S. Vicente de Fora.</p> <p>O jornal estampou na capa o seu retrato em 19 de agosto de 1893.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do jornal A Família.

Assim, como um acontecimento, existem dez personalidades femininas que aparecem na primeira página do jornal da docente e redatora Josephina.

Uma proposição central nesta análise é que não existe uma mulher oitocentista propriamente dita, ou seja, não se pode pensar uma entidade ontologicamente determinada de mulher que tenha sua natureza fundada em costumes, moral e práticas produzidas estritamente em um determinado período da história. Nenhum sujeito tem um papel pré-fixado anterior à experiência. Nenhuma história é pré-determinada aprioristicamente. No entanto, é na imersão das tensões, nos choques de forças contrárias que se dão as emergências, os acontecimentos que produzem as existências no córrego das histórias dos sujeitos.

Um acontecimento, como nos aponta Castro, é um fenômeno tanto de ordem arqueológica quanto de ordem discursiva. É um fato que assume o caráter daquilo que destoa do todo na duração, é uma ruptura que gera novas condições de possibilidades ou simplesmente a novidade em determinado horizonte. Dito isto, Castro aponta que, para Foucault, *événement* é um conceito para caracterizar a modalidade de análise histórica da arqueologia e dos discursos:

Em um primeiro momento, podem-se distinguir dois sentidos desse termo: o acontecimento como novidade ou diferença e acontecimento como prática histórica. No primeiro sentido, Foucault fala de ‘acontecimento arqueológico’; no segundo, por exemplo, de ‘acontecimento discursivo’. O primeiro quer dar conta da novidade histórica; o segundo, da regularidade histórica das práticas (objeto da descrição arqueológica). Existe claramente uma relação entre esses dois sentidos: as novidades instauram novas formas de regularidades (CASTRO, 2016, p.24).

O que inferimos por meio deste movimento que acontece no Brasil do século XIX com relação às múltiplas manifestações femininas é o aparecimento de uma ruptura paradigmática que produz práticas regulares de saberes que se tornaram amplamente divulgados. Um acontecimento de ordem histórica e discursiva que fabrica conhecimentos e práticas no âmbito do universo feminino (protofeminista) cujo reflexo vai ser estendido à contemporaneidade.

É importante dizer que os jornais e revistas daquela época permaneciam dias, meses e até anos circulando no interior das casas daqueles sujeitos que os adquiriam. Como afirma Fischer (2006) em seu livro *História da Leitura*, “a produção de periódicos ilustrados baratos (as primeiras revistas) tornou-se possível graças ao uso da gravação em madeira, técnica que permitiu aos impressores inserir textos e ilustrações na mesma página”.

Para Cardoso,

O legado dessa primeira geração de revistas ilustradas é a construção de um repertório visual por meio da veiculação de estampas e/ou ilustrações representando pessoas, animais, plantas, obras de artes, costumes, incidentes e atualidades. A técnica preferencial para a reprodução das imagens era o uso de clichês importados, possibilidade de impressão simultânea com a matriz tipográfica, tradição de detalhamento volumétrico na gravura em madeira (origem dos clichês), falta de conhecimentos práticos da incipiente litografia comercial (CARDOSO, 2011, p. 26).

Neste contexto, podemos pensar que uma revista feminina de educação e política brigava por um espaço caro à constituição da concepção de mulher na contramão dos princípios androcêntricos, patriarcalistas, religiosos e morais do século XIX. Como afirma Fischer,

Os jornais e os semanários não eram feitos para leitura rápida. Na realidade, os leitores dos séculos XVIII e XIX tinham tempo para dedicar a esses materiais. Não havia grandes manchetes em negrito para ‘fiscar’ a atenção do leitor: a atenção já estava concentrada ali. Os artigos, portanto, podiam ser abordados em detalhes, com riqueza de argumentações, e ocupavam diversas colunas, até páginas. Os jornalistas recorriam à razão, não à emoção, e, em resposta, o leitor mediano refletia com ponderação, sem pressa, sobre o que lia (FISCHER, 2006, p.262).

Era neste tempo que se podia investir ocupando-o para a produção de ideias, para uma aula alongada por dias, meses e anos. Pois, na mesa da sala, junto aos livros, aqueles textos provocativos permaneciam, sem pressa, para a qualquer hora ser acessado, lido, comentado.

Além desta galeria de homens e mulheres, há ainda outra pequena coleção de retratos de monumentos arquitetônicos e paisagens que foram publicadas no jornal: O Lazareto na Ilha Grande, imagem decorativa que acompanha a história de Joana Dar'c não tem nenhuma relação com o texto, aparece na edição 96, ocupando cerca de um terço da página 05 (cinco).

Imagem 23 - O Lazareto na Ilha Grande, autoria de Pinheiro



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Na sequência, é publicada a Imagem da Igreja do Carmo, situada no centro do Rio de Janeiro. A gravura aparece também na página cinco, da edição 97 publicada em 5 março de 1891. Esta imagem é acompanhada de uma legenda publicada na página 4 que diz:

Igreja do Carmo: No propósito firme de tornar quanto possivei útil e agradável esta revista, oferecemos às leitoras mais uma gravura, devida a extraordinária perícia do hábil artista Pinheiro. Representa a Igreja do Carmo, monumento dos mais importantes desta capital, e que aquele distinto gravador reproduziu com tanta delicadeza quanta fidelidade. (A Família, 1891, p. 4)



Imagem 24 - Igreja do Carmo, Centro do Rio de Janeiro



## IGREJA DO CARMO—RIO DE JANEIRO

Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Este foi sem dúvida um período de grande prosperidade para o jornal. Uma sequência que acompanha a mesma estrutura em nove publicações quase ininterruptas contendo ilustrações na primeira e na quinta página. O arranjo editorial tinha inicialmente a rubrica da Tipografia da *Família*, situado à Rua Alfândega, 215. A partir da edição 101, passou a ser publicada pela Companhia Imprensa Familiar que ficava na Rua da Quitanda, n. 01. Em geral

as ilustrações diziam respeito a monumentos arquitetônicos situados no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, como é o caso do prédio da Intendência Municipal da Capital Federal, atualmente onde se situa o Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil, na Rua da República em frente ao Campo de Santana.

Imagem 25 - Intendência Municipal da Capital Federal

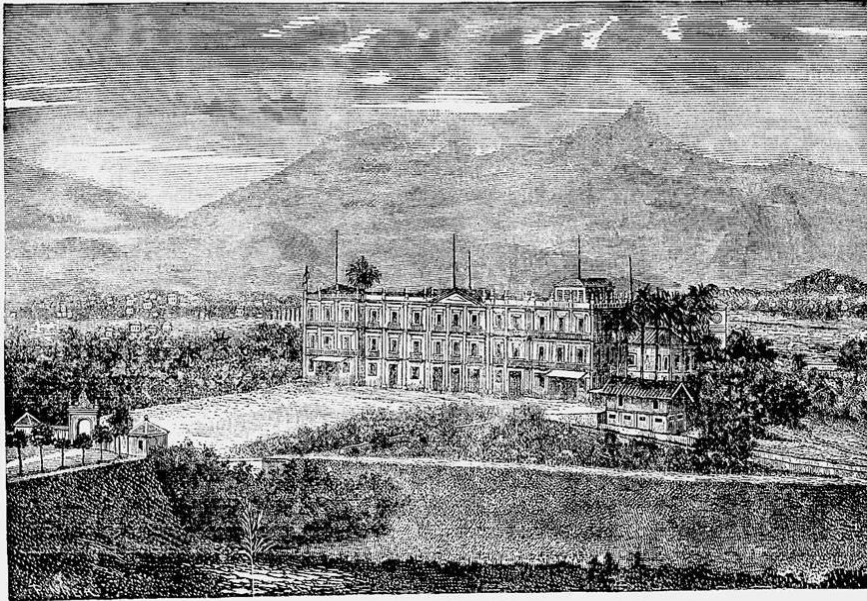


Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Publicado na edição 99 do jornal *A Família*, o palácio do Congresso Nacional na Quinta da Boa Vista, revelava a beleza e a imponência desta arquitetura:

Brindamos hoje os nossos leitores com uma belíssima gravura representando o edifício onde funciona O Congresso Nacional. Como é sabido este edifício era residência efetiva do ex-imperador; estabelecido o regime republicano, foram os bens e valores que ali existiam fins desejados e, por isso, já se fala em adquirir um outro edifício para nele terem lugar as sessões da próxima Assembleia Nacional. No entanto isso não impede que a ex-Quinta da Boa Vista seja um edifício notável, já pela sua colocação já pela tradição histórica que represente, e eis a razão porque aqui reproduzimos mais esse delicado trabalho do infatigável e consciencioso xilógrafo Pinheiro (*A Família*, 1891, p.5).

Imagem 26 - Palácio do Congresso Nacional – Quinta da Boa Vista

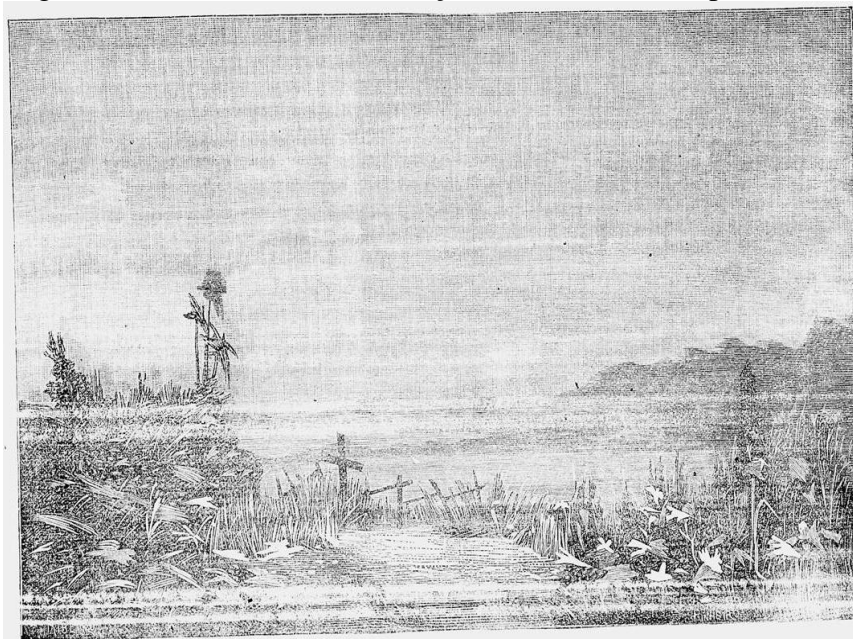


Palácio do Congresso Nacional (ex-Quinta da Boa Vista)

Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Na edição seguinte, cuja capa fora ocupada com a imagem de Catalina II, a página 5 foi ilustrada com a gravura intitulada “Túmulo de uma Criança na Serra de Teresópolis”. A imagem ilustra realmente uma sepultura de criança encontrada por um viajante, em um “esconderijo” deserto. Sua publicação trata-se de uma homenagem à criança morta por terrível doença:

Imagem 27 - Túmulo de uma criança na Serra de Teresópolis

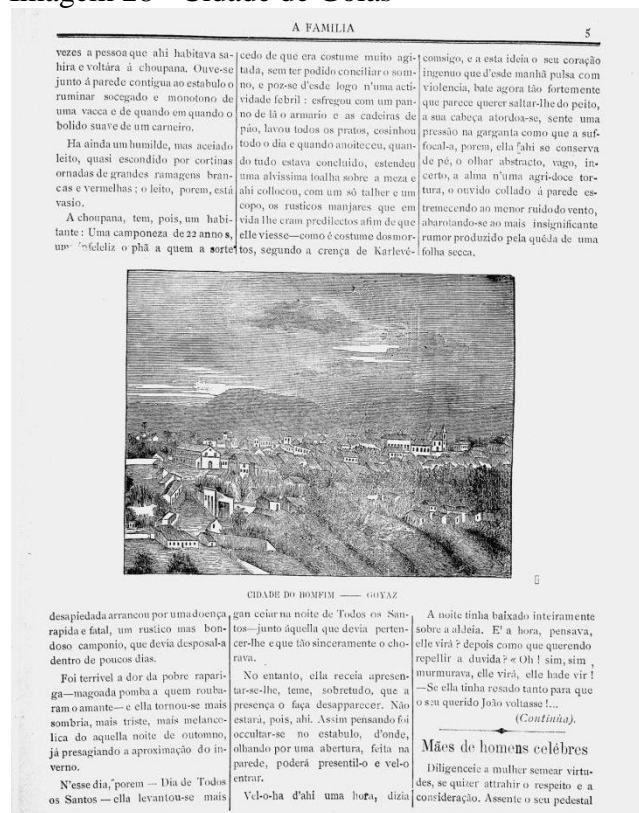


O TUMULO DE UMA CRIANÇA NA SERRA DE THERESOPOLIS

Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

“Para fugir da trabalhadeira de ajustar linhas e colunas de texto aos contornos da imagem e evitar o risco maior de uma sobreposição, era usual deixar uma boa margem para a inserção das ilustrações”(CARDOSO, 2011, p.24). Com efeito, na grande maioria das publicações ilustradas da *Família*, pode-se dizer que tenha havido esta preocupação. Ou as imagens eram impressas sozinhas no meio da folha ou eram acompanhadas com textos, porém, respeitando uma distância significativamente grande, cujo fim, parece-nos, para “evitar o risco maior de sobreposição”. É possível perceber o uso desta técnica, por exemplo, na edição 102, publicada em 2 de maio de 1891. A imagem retrata a “Cidade de Goiás”:

Imagem 28 - Cidade de Goiás



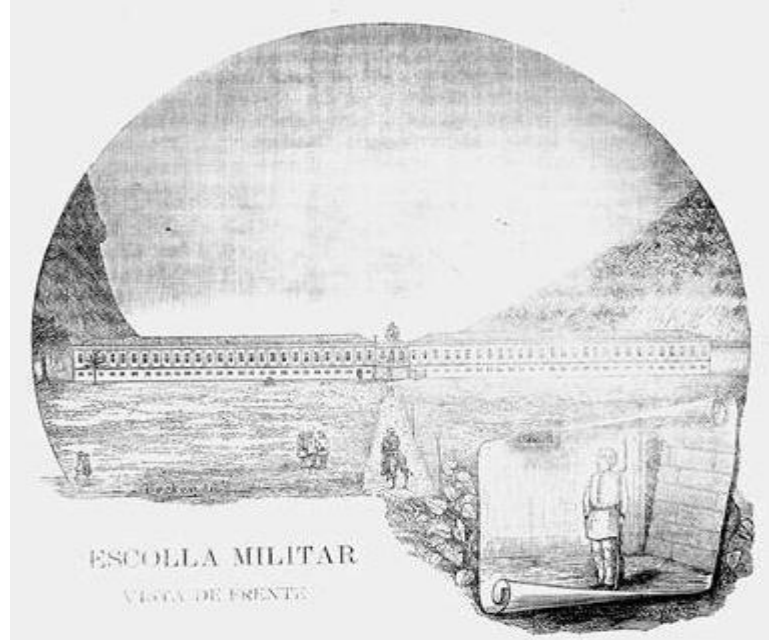
Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Ainda conforme Cardoso, “quando alguém se propunha a imprimir texto e imagem juntos, era normal reservar um espaço vazio durante a composição tipográfica, podendo corresponder à metade ou mais da página, geralmente de margem a margem, sem interrupção” (2011,p.24).

Apesar de esta ilustração ter sido impressa no meio da página 5 acompanhada de um extenso texto, vale dizer que não há nenhuma relação entre imagem e texto. Assinado por Mme.Potonié-Pierre, o texto cujo título é “Criança e Superstições: Uma véspera de finado em Karlevégan” trata-se de um conto sobre o dia de finado. Uma breve nota aparece na página 6 dizendo: “A nossa gravura representa a cidade de Bonfim no Estado de Goyaz, uma das cidades de mais futuro do mesmo Estado” (A Família, 1891, p.6).

Retratada de dois ângulos diferentes, a Escola Militar situada no bairro da Urca no Rio de Janeiro, viera a público nas edições 103 e 105, sendo a primeira gravura de autoria do já citado artista Pinheira, e a segunda assinada por Becker:

Imagem 29 - Escola Militar vista de frente

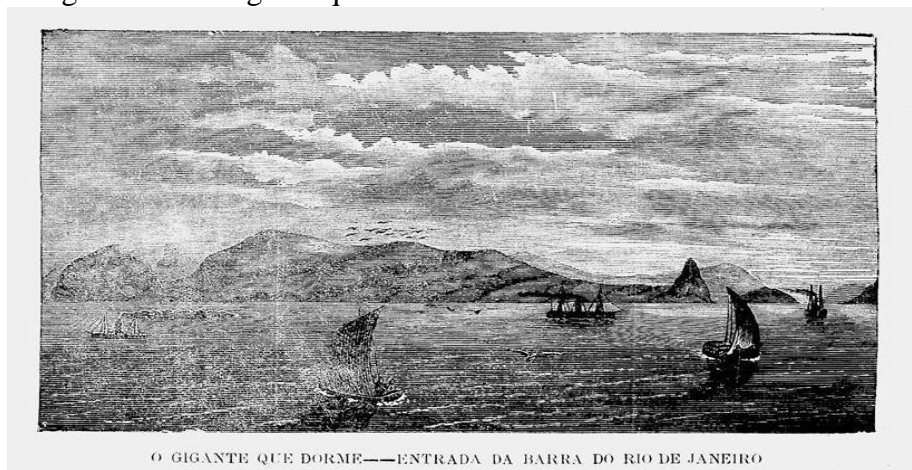


Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

A edição 104 traz na página 5, seguindo ao mesmo formato da coleção, a bela imagem da praia da “Barra” com as montanhas que ao fundo formam a silhueta de um gigante deitado, cujo título dado pelo jornal é “Gigante que dorme”.

Conforme Cardoso, “o legado dessa primeira geração de revistas ilustradas é a construção de um repertório visual por meio da veiculação de estampas e/ou ilustrações representando pessoas, animais, plantas, paisagens, obras de artes, costumes, incidentes e atualidades” (2011, p.26).

Imagem 30 - O Gigante que dorme



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Apropriando-nos do termo de Cardoso (2011), as imagens constituíam verdadeiro “repertório visual”. Apesar de pequeno, o valor deste repertório era absolutamente relevante, visto que parecia desejar atender a uma demanda até então vacante entre os jornais escritos por mulheres no século XIX. Como cada exemplar constituía-se como peça de coleção, cada imagem era também a produção silenciosa de um discurso e, ao mesmo tempo, parte de uma unidade coesa de sentido. O jornal que neste período adota a postura de revista ilustrada, e é assim muitas vezes referido, contribuindo para a fabricação de uma ideia de unidade nacional, visto que apresenta imagens desde o Sul, ao Norte do Brasil do século XIX.

Uma emblemática prova desta enunciação é a figura que se exhibe na edição 110, cuja temática são os índios do Amazonas. Desde a capital da República até Paris<sup>36</sup> passando por São Paulo, Petrópolis, Minas Gerais, Recife, Belém, poderá se ter uma ideia da atmosfera revelada pela *Família*.

Imagem 31 - Passagens dos índios no Rio Amazonas

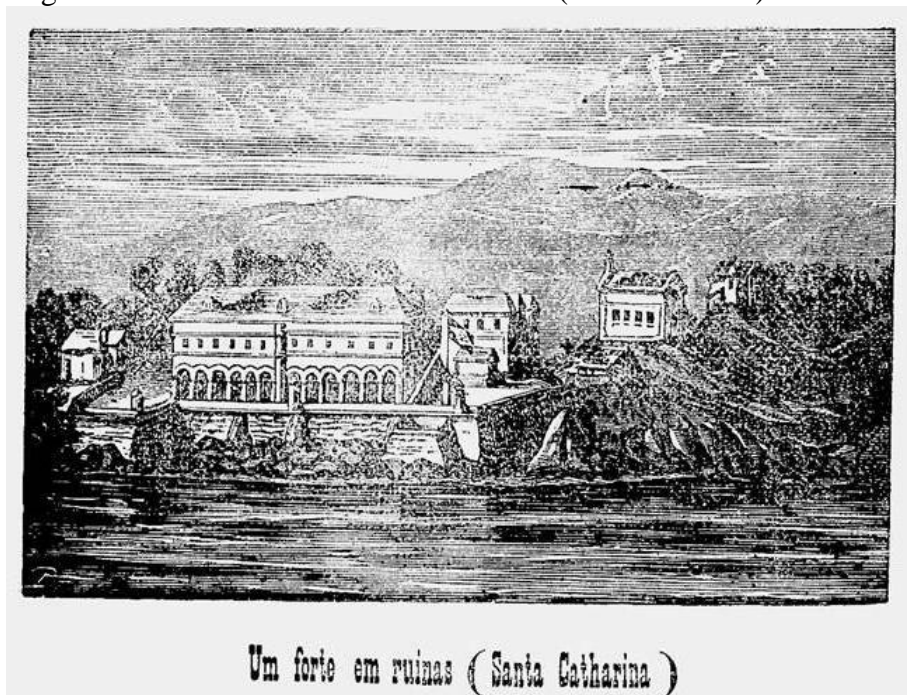


Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

A última paisagem desta coleção foi publicada na capa da edição 155 em 2 de fevereiro de 1893. É possível que houvesse outras ilustrações de monumentos arquitetônicos e paisagens, já que o jornal perdurou até 1897-98. No entanto, da coleção localizada até o momento, a última gravura encontrada representa um forte em ruínas em Santa Catarina.

<sup>36</sup> O jornal A Família possuía um correspondente em Paris, Potonié Pierre redator do jornal *Doit de Femmes*. Cf. Jornal A Família, 1890, edição 72, p. 3.

Imagem 32 - Detalhe - Um forte em Ruínas (Santa Catarina)



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Para Knauss (2011), a relação entre imagens e textos constituía o que denominou “intertextualidade”. Uma afinidade fabricada entre a representação gráfica de um personagem, uma paisagem, uma situação e o texto. No entanto, no que concerne ao jornal *A Família*, nem sempre era possível aplicar a noção de intertextualidade sobre esta combinação, pois na maioria das vezes textos e imagens não dialogavam. Na opinião deste teórico, “escrita e desenho se combinam”, bem como “leitura e olhar se complementam”, mas em *A Família*, a imagem pode ser apenas um recurso decorativo do objeto jornal/revista sem que haja nenhuma relação direta. Quase sempre, a figura possuía uma legenda impressa imediatamente em abaixo e em algum outro lugar do jornal, em uma página anterior, posterior ou na mesma página um brevíssimo texto de apresentação. As imagens funcionavam como espécie de brinde, já que estas eram escassas naquele período.

#### 1.5.7 Tipografias e endereços

Em São Paulo, no Largo 7 de setembro, na Tipografia União, foram impressos e encadernados no mesmo endereço 23 edições ininterruptas. No entanto, a sede do periódico mudou diversas vezes de endereço quando transferida para a Corte. No Rio de Janeiro, o primeiro endereço da redação foi na Rua do Rezende, 146 e a tipografia ficava Rua da

Alfândega, 215. Neste período o impresso trazia na última folha a seguinte inscrição: “Typ. da Família” (Sic).

Ao chegar à centésima edição, o jornal *A Família* passa a pertencer a uma sociedade anônima fundada com um capital de 50.000 contos de Réis divididos em 500 ações de 100.000 réis. A então recém-fundada Companhia Imprensa Familiar instalou-se na Rua da Quitanda, número 1.

Em 02 de abril de 1891, a referida edição *Família* traz na segunda página uma nota de Josephina em que apresenta ao público este processo de transição. No texto, a redatora afirma que esta mudança não acontece por motivos de especulação comercial, ela sinaliza que a realização de todo o seu projeto era maior do que o que podia carregar sozinha. No entanto, celebra a marca de em dois anos ser entre os jornais dedicados à mulher “o único em todo vasto território brasileiro” com o significativo número de “3000 assinantes” (AZEVEDO, 1891).

Josephina afirma não negociar o cargo da “direção mental da *Família*”(idem). Ela aponta que sua solitária missão até aquele momento foi acompanhada de dois movimentos: um contra, que produziu seus embates e querelas no âmbito político-educacional e jornalístico, e outro movimento que se deu em favor de sua vocação, por esta razão se viu na obrigação de “ceder por conveniência da folha”(ibidem) os direitos que lhe assistia como proprietária. Esta ação lhe fazia acreditar que seu projeto se tornaria mais forte, e alçaria melhores resultados, contudo não foi o que aconteceu.

Apesar de ter tido um núcleo seletivo e perseverante de colaboradoras e colaboradores na primeira fase do jornal, a professora Josephina afirma que esteve sozinha nesses dois primeiros anos da publicação. Possivelmente referia-se ao investimento financeiro por ela realizado. Com a venda da revista, seu projeto seria expandido como é apresentado numa outra nota publicada na última página da edição 100 (cem). Diz a nota que os fins da Companhia Imprensa Familiar são:

1º - Adquirir e manter a publicação semanal da revista de propaganda A FAMÍLIA, dando-lhe todo o desenvolvimento de um jornal ilustrado de modas, figurino, retrato e passagens<sup>37</sup>. 2º - Manter um estabelecimento tipográfico com as dependências relativas para a impressão da revista e exploração de todos os trabalhos congêneres. 3º - Manter um salão para exposição de todos os trabalhos artísticos e industriais de confecção feminina criando prêmios aqueles que sejam postas em concursos<sup>4º</sup> - Criar uma oficina onde as senhoras possam exercitar-se na arte tipográfica, litográfica, encadernação etc.

<sup>37</sup> “passagens” palavra de difícil legibilidade. O texto do jornal apresenta-se muito apagado nas primeiras sílabas da palavra.



Com esta mudança, a diretoria da citada Companhia organizava-se da seguinte forma: Ignez Sabino acumulava o cargo de presidente da Companhia Protetora das Costureiras e do Jornal. A gerência era exercida por José de Araújo Costa. Josephina Álvares de Azevedo permanecia como a redatora chefe, sendo-lhe, porém, atribuída o título de “incorporadora” da Companhia.

Pelo que se pode observar a Companhia Imprensa Familiar possuía um cabedal de finalidades. Destaca-se, porém, a criação de um perfil de empreendimento que abrange desde a publicação da revista, que foi como se iniciou o projeto, à uma espécie de escola de formação e aperfeiçoamento de “senhoras nas artes gráficas”, passando pela criação de um salão de exposições de artigos produzidos por mulheres, uma papelaria, etc. Tudo isso, em um grande complexo empreendedor que, em certa medida, pode-se dizer, prenunciava uma espécie de economia solidária.

A Rua da Quitanda representava importante status no âmbito do jornalismo carioca. De acordo com Fonseca, a *Família* tornou-se vizinha do *Correio da Manhã* e do *Correio Mercantil*. Ainda segundo esta autora,

A história dos endereços do jornal no Rio de Janeiro - que certamente seriam os endereços residenciais da escritora - revela que, ao chegar de São Paulo ela dispunha de recursos consideráveis, pois as vizinhas ruas do Rezende e do Senado estavam localizadas em uma área do centro que era habitada pelas famílias da ‘boa sociedade’ (FONSECA, 2000, p.4).

Depois de um curto período da transição do jornal para a Companhia, o empreendimento passa por profunda crise financeira, e em 3 de fevereiro de 1892, menos de um ano depois, uma nota de expediente convoca, na primeira página do jornal, uma assembleia geral extraordinária com todos os acionistas para eleição de uma nova presidência. Ignez Sabino, dias antes, pede exoneração do cargo alegando enfermidade.

Em 13 de fevereiro de 1892, uma nova convocação é feita na edição 132 do jornal, visto que o número dos acionistas não alcançou o quórum necessário para eleição de um novo presidente na assembleia anteriormente convocada<sup>38</sup>.

Não se tem, como de costume, as atas da reunião da referida assembleia publicada no jornal. Não se sabe ao certo quem assumiu a Companhia, ou se ela se dissolveu naquele ano, mas duas pistas foram deixadas nas publicações seguintes: um novo endereço de correspondência é divulgado, e o jornal passa ser impresso em uma nova tipografia.

<sup>38</sup> Infelizmente, as seis edições seguintes não foram localizadas e a edição 139 presente na coleção da BN não se encontra em bom estado, dificultando a leitura de todas as partes. Neste caso, da edição 133 a 139 praticamente todos os jornais foram perdidos. Uma curiosidade chama atenção A edição 139 data de 07 de julho de 1892.

Neste período *A Família* passa para a Travessa das Saudades, n. 32, no bairro de Sant'Anna, região portuária do Rio de Janeiro. De acordo com Fonseca (2000), este é muito provavelmente o endereço da casa de Josephina. E a tipografia, cujo nome era “Confiança” ficava na Rua da Alfândega, n. 198, Rio de Janeiro.

Imagem 33 - Sobrado, Rua da Alfândega, nº198 (atual)



Fonte:Arquivo pessoal de Jocemir Reis

Quadro 9 - Endereços referentes ao jornal *A Família*

Ano	Edição	Tipografia	End. Tipografia	End. escritório/redação
1888	01 -23	União	7 de Setembro, SP	Travessa da Sé, 01, Sobrado
1889	24	d'A Família	R. Alfândega, 215Corte	R. do Resende, 146
1889	Espec.	d'A Família	R. Alfândega, 215Corte	R. do Resende, 146
1889	33	d'A Família	R. Alfândega, 215Corte	R. do Senado, 45
1890	84-85	d'A Família	R. Alfândega, 215Corte	R. do Senado, 43
1891	101-132	Companhia Imprensa Familiar, Papelaria e Tipografia	R. da Quitanda, 01 Rio de Janeiro	R. da Quitanda, 01 Rio de Janeiro.
1892 (?) data grafada Errada	153-157	A partir desta edição não é usado mais Companhia Imprensa Familiar.	Travessa das Saudades, 32 Rio de Janeiro	Travessa das Saudades, 32 Rio de Janeiro
1893	158	Tipografia Confiança	R. da Alfândega, 198 Rio de Janeiro.	Travessa das Saudades, 32 Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Hemeroteca Digital da BN.

### 1.5.8 Mulheres notáveis, colaboradoras do jornal A Família

O periódico *A Família* coteja tanto características próprias de impressos como jornais, quanto de revistas. Escrito estritamente por mulheres, estabelece diálogo franco com o sexo oposto, pois fala às mulheres sem quase nenhuma restrição de gênero, de maneira que suas redatoras parecem não fazer acepção de sexo ao abordar temas como arte, educação, política, crítica literária, filosofia, religião, família, trabalho e direito.

Dirigindo-se às mulheres, abre-se a possibilidade de ser lido por homens. Sua composição textual, apesar de contemplar folhetins, poesias e receitas, não se detém a esses elementos como sendo seu fulcro principal. O projeto editorial acaba por dialogar com elementos que sejam estritamente dirigidos às mulheres, como moda feminina, por exemplo, embora tenha sutilmente afinidades e direcionamento a eles.

Uma constelação de mulheres colabora para a redação do jornal. Os temas são compartilhados, sem que haja claras e distintas áreas de interesses. Com isso, pode-se dizer que todas as colaboradoras transitam pelos mais variados temas sem qualquer critério impeditivo ou prejuízo da redação. Daí se pode inferir não haver uma matéria específica para sua principal redatora, ou um tema que lhe seja restrito. Josephina também faz críticas literárias, fala de educação, responde aos ataques de outros jornalistas, escreve sobre política, filosofia, etc.

À medida que lemos a documentação disponível, podemos constatar que o número de colaboradoras aumenta ao longo dos anos. São professoras, intelectuais, romancistas, poetisas, advogadas, médicas, abolicionistas e donas de casas.

Conforme Duarte (2016), “no total são 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas que circularam no país ao longo do século XIX”. Há uma infinidade de combinações de redes de interação entre essas mulheres. É possível observar diversos modos de articulação e combinações entre elas, trocas de correspondências, de matérias, de clichês e de artes, encontros, conferências, conversas. Grande parte delas escrevia para mais de uma revista. Tudo isso constituía importante ferramenta na empiria de uma determinada ecologia<sup>39</sup>, onde se pode distinguir, de toda parte, empenhos de colaboração e ao mesmo tempo de críticas e objeções, simultaneamente aos embates do tempo, tais como o próprio fato

---

<sup>39</sup> Ecologia é um termo usado pela biologia para designar os estudos das relações recíprocas entre seres vivos e o meio ambiente (Houaiss, 2001). Adoto aqui esta palavra num deslocamento conceitual, no qual é possível pensar as relações colaborativas e as disputas entre cada sujeito e de todos os sujeitos com meio ambiente. Ecologia nasce da noção: *eco* + *logos*, ou seja, casa + logos, casa + palavras, ou + ciências. Neste sentido, podemos pensar nas tensões que se formam no interior desta relação à que, por analogia, estamos chamando ecologia, que abarca necessariamente as partes e o ambiente.

da vanguarda, que é a inauguração de uma postura, ou de uma perspectiva, que se abre como caminho para se fabricar outras possíveis saídas até então não imaginadas, a emergência da novidade, ao acontecimento.

O jornal *A Família*, estava no crivo das grandes discussões do fim do século, justamente pelo fato de operar na vanguarda. As colaboradoras estavam não à frente de seu tempo, como pode parecer quando usamos a expressão vanguarda, mas imersas em seu próprio tempo. Vislumbravam a possibilidade de escape, a possibilidade da invenção de uma nova história para as mulheres. Por esta razão, a plêiade que compunha o colegiado de colaboradoras constituía-se de uma constelação de mulheres em seu tempo. Eis sua lista:

- 1 Anália Franco,
- 2 Isabel Dillon,
- 3 Honória Augusta de Campos,
- 4 Amélia Valle,
- 5 Maria da Piedade Pinto,
- 6 Margarida de Siqueira,
- 7 Anna D'Albuquerque,
- 8 Maria Lúcia Romariz,
- 9 Maria José de Canuto,
- 10 Adélia Barros,
- 11 Felicidade de Macedo,
- 12 Luiza Cavalcante Filha<sup>40</sup>,
- 13 Maria do Pilar Ozório,
- 14 Maria Amália,
- 15 Júlia Lopes,
- 16 Maria Zelina Rolim,
- 17 Maria Amélia de Queiroz,
- 18 Emiliana de Moraes,
- 19 Luiza Thienpont,
- 20 Paulina A. Da Silva,
- 21 Alzira Rodrigues,
- 22 Mme. Rennotte,
- 23 Ignez Sabino de Pinho Maia<sup>41</sup>,

<sup>40</sup>D. Luiza Cavalcanti Filha - Natural do Rio Grande do Sul, cultivou com elegância e gosto a poesia e escreveu: - *Alvoradas*: poesias. Pelotas, 1886, 96 pags. in-8° - São 69 composições prefaciadas por Francisco de Paula Pires, de quem já fiz menção. Seus versos são belos e naturais, sem palavrões ou termos estudados, como usam os poetas modernos. (BLAKE, 1899, p. 486)

<sup>41</sup>D. Ignez Sabino Pinto Maia - Filha do Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho e de dona Gertrudes Pereira Alve Maciel, nasceu na Bahia e é casada com Francisco de Oliveira Maia. Tendo começado sua educação literária na Inglaterra, vindo para o Brasil, continuou a estudar português e francês com o Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, lente da faculdade de direito do Recife, e estudou inglês e princípio de latim com a intenção de receber carta de Bacharel em Letras. Desde menina, no colégio, mostrou vocação para as letras e revelou-se poetisa, fazendo versinhos que eram lidos pelos professores, e aos 14 anos de idade fez umas traduções, uma do inglês e outra do francês que se perderam quando iam entrar no prelo, Cultiva a poesia, a música e passa suas horas no estudo, frequentando as bibliotecas, mormente a do Gabinete Português de Leitura. Tem colaborado para muitos jornais e revistas de Pernambuco, Alagôas, Rio de Janeiro, S. Paulo, etc. Escreveu: - *Rosas pálidas*: poesias - Pernambuco, 1886, in-8°; *Impressões*: versos, 2a serie - Pernambuco, 1887, in-8°; *Contos e lapidações*, Rio de Janeiro, 1881, in-8° - São 19 contos e varias poesias. A autora tem a entrar no prelo: *Esboços femininos*: Parthenon para as escolas brasileiras; *Lutas do coração*: romance histórico, prefaciado pelo Dr. Valentim Magalhães. Tem, ainda, inédito: *Alma de artista*: romance histórico; *Através de meus dias*: memorias e, *Literatura brasileira escolar para uso das escolas superiores* (BLAKE, 1895, p.279,280).

- 24 Baronesa de Mamanguape (Carmem Freire)<sup>42</sup>,
- 25 Maria da Silveira,
- 26 Maria Clara Vilhena da Cunha,
- 27 Marquesa d' Alorna,
- 28 Priscila Duarte.

À medida que as edições iam sendo publicadas, novas colaboradoras se juntavam ao seleto time dessas mulheres. Cada edição publicava uma lista atualizada. Nunca era publicada a lista completa. Às vezes estas listagens apareciam em outros jornais e era compartilhada pela *Família* na coluna “Como nos tratam”, como se pode observar a seguir:

‘A Família’ é este o título da Revista Semanal, publicada em S. Paulo sob a direção da Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo, com a colaboração de ilustres escritoras, entre as quais figuram as Exinas. D. Anália Franco, D. Izabel Dillon, D. Honória de Campos, D. Amélia Valle, D. Maria da Piedade Pinto, D. Margarida de Siqueira, D. Anna de Albuquerque, D. Maria L. Romaiz, D. Maria J. Canuto a marquesa d' Alorna. Jornal literário, contém escritos primorosos; mas o seu programa especial é - A emancipação da mulher. N'este empenho a ilustrada diretora apresentou um editorial de grande importância filosófica, fechando-o com as seguintes palavras: É preciso ter fé e esperança no futuro, que há de amparar a causa santa da nossa emancipação, que é a nossa elevação moral.

É preciso estudar muito, banhar o espírito na luz da ciência; mergulhar o pensamento na história; fazê-lo surgir no direito.

É esse entusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brasil, que me viu nascer e que eu desejo ver engrandecido ao apogeu de todas as glórias e em cujo seio a mulher seja nobre, instruídas livre. Louvável é a aspiração de quem trabalha para o progresso da pátria, influindo diretamente para esse fim. Extremamente gratos à distinta colega, retribuímos a sua honrosa visita com a nossa *A Verdade*; e quanto às digníssimas e eruditas colaboradoras d'*A Família*, sem expressões próprias para cortejá-las condignamente, servimo-nos para isso das palavras de Victor Hugo: ‘Veneremos a mulher! Santifiquemo-la e glorifiquemo-la!’ (*A Verdade* apud *A Família*, 1889, p.8).

O jornal ostentava um arsenal de mulheres que contavam com alto prestígio social. Letradas, com status de intelectuais, forneciam à *Família* uma atmosfera favorável. Algumas dessas mulheres, porém, foram invisibilizadas ao longo tempo. Caíram no esquecimento, ficando apenas vestígios de sua história. Outras foram celebradas no século de Josephina por escritores e jornalistas. Algumas poucas têm seu nome inscrito no panteão da literatura ou do jornalismo até os dias de hoje,

---

<sup>42</sup> D. Carmen Freire" Baronesa de Mamanguape - Nascida na cidade do Rio de Janeiro a 2 de março de 1855 e casada com o ex-senador do império Barão de Mamanguape, faleceu a 13 de setembro de 1891. Teve uma educação literária pouco comum no seu sexo e dedicou-se a estudos naturalistas. De 1888 para cá, porém, dedicou-se à literatura amena e particularmente à poesia com aplausos de vultos da altura do conselheiro F. Octaviano e do Visconde de Taunay, estreando na *Gazeta de Notícias*, e escreveu: - *Visões e sombras*: poesias - Estavam no prelo quando a autora faleceu. São poesias que, como disse o notável escritor português, Castro Soromenho, respiram um sentimentalismo adorável, palpitam talvez muito nervosamente, repletas de lágrimas e adorações virginais (BLAKE, 1893, p.103).

### 1.5.9 Anúncios e propagandas

Os primeiros anúncios que surgiram no jornal foram anúncios de peças teatrais encenadas no Rio de Janeiro. Na página 7, da vigésima quarta edição, publicada na Corte em 18 de maio de 1898, foi lançada no jornal *A Família* a coluna que tinha por título *Theatros*, nela foram anunciadas as festas de atores e atrizes, estreias e temporadas teatrais e quadrilhas. Os anúncios possuíam o formato de convites e eram encomendados por seus produtores. Continham breves descrições, elogios, datas, horários, protagonistas e grande elenco. O formato da propaganda também trazia notas sobre autores, atores e atrizes, e sua relevância na cena cultural do Brasil e da Europa.

Atores como Mattos ou escritores como Arthur Azevedo foram grandemente festejados na citada coluna. Todas as companhias que traziam seus trabalhos a público nos teatros da cidade do Rio tinham lugar nesta coluna, e fortaleciam a ideia de que *A Família* também se tratava de um dispositivo de comunicação cultural e cotejava aspectos de revista de entretenimento. Havia, ainda, em algumas ocasiões, críticas de teatro que levavam em consideração o enredo, a apresentação, a música, a interpretação e o texto.

Tal foi a coluna que trouxe a público a prolixa querela sobre a peça *A Doutora* do Dr. Silva Nunes. Na edição 32, de 23 de novembro de 1889, Josephina afirma ter recebido na redação do jornal uma carta do citado doutor na qual há, expressamente, uma desavença quanto à crítica feita pela jornalista sobre sua peça. Com relação a esta desavença, a professora escreveu em seu jornal uma série de resposta ao tal doutor. No entanto, encabeçando a primeira publicação desta coluna, apareceu o Teatro de Variedades no qual se apresentou a peça (quadrilha musical) *A revista Frotzmac* dos irmãos Aluísio Azevedo e Arthur Azevedo. No Teatro Santanna, era anunciada a Companhia Helter com a *Dona Sebastiana*. E no famoso Teatro São Pedro, *Joana Fortier* é o nome da peça com que se apresentou ao público a companhia da atriz Emília Adelaide. A citada coluna traz ainda notícias da peça em cartaz no Recreio Dramático, *O Bendegó* que recebe críticas negativas, ficando evidente a sua não encomenda. A coluna *Theatro* foi mantida por toda a história do jornal, às vezes com grande frequência e noutros períodos aparecia esporadicamente.

Em 1889, com o jornal sendo impresso já na cidade do Rio de Janeiro, inaugurava no número 32 interessante coluna, cujo título *Indicador* tinha por conteúdo anúncios de ofertas de serviço de médicos, dentistas e advogados. Não levou muito tempo para aparecer outros tipos de ofertas de serviços nesta coluna. Em 27 de fevereiro de 1890, por exemplo, foram publicadas serviços de moda e cartomantes:

Modistas: Mme. ERNESTINA Arnaud, com oficina de costura à Rua dos Arcos nº 12ª, apronta enxovais para casamento e luto com brevidade, perícia, e por módicos preços. Cartomantes: Mary, perita nesta arte; consulta, preço baratíssimo. Na Rua Sete de Setembro nº 20, 1º andar (A Família, 1890, p.8).

Também nesta edição foi feita propaganda de um tipo de “remédio para combater moléstias nervosas” e de uma loja de “Drogas” à Rua Primeiro de Março, número 12, cujo nome era Granado & C. Tímida, as propagandas ocupavam menos de um sexto da última página do jornal, porém, estes anunciantes que iniciaram esta empreitada, mantiveram seus nomes e endereços estampados nestas páginas por muito tempo.

Em 24 de maio de 1890, o nº 61 trazia pela primeira vez uma página inteira de anúncios. Além desta, as já conhecidas colunas *Theatro* e *Indicadores* ocupavam metade de outra página, de modo que, a partir desta edição, uma página e meia era ocupada por propagandas. Vale dizer que neste período o jornal tinha apenas quatro páginas, ou seja, quase metade do jornal constituía-se de anúncios e propagandas.

A coluna *Indicadores* recebeu nesta data, pela primeira vez, o anúncio da oferta de serviço de uma professora, tornando sua abrangência maior em termos de tipo de oferta: médicos, advogados, dentistas, cartomantes, modistas e, agora, professora. Com o tempo, cada uma dessas categorias foi sendo ocupada com anúncios de diferentes profissionais, aumentando a cada dia às páginas de propagandas.

Foi nesta edição que a última página do jornal passa ser chamada de *Anúncios* e contou, inicialmente, com quinze anunciantes: venda e aluguel de pianos, venda de fumo, água mineral, tônico universal, armazém de mantimentos, venda de querosene, de sabão, chapéu de sol, oficina e loja de calçados, loja de tecidos, águas japonesas para tingir cabelos, peças de teatro e vidraçaria. Vale dizer que, neste caso, foram feitos três anúncios de peças teatrais aos moldes dos anúncios estampados na página, ou seja, em *boxes*, com letras grandes e pouquíssimas palavras.

Desde o início das atividades do periódico, este foi o período que mais se fez propagandas. Apesar da experiência de crise acirrada no final de 1893 e início de 1894, a propaganda não ocupava tanto os jornais quanto no período que inicia esta prática, isso se dá muito provavelmente em razão da grande credibilidade que o jornal tinha nesta época, apesar da crise.

A partir da edição 61, em 1890, até a edição 87 do mesmo ano, os anunciantes eram praticamente os mesmos e a folha de anúncios, as vezes, eram repetidas sem sofrer alterações. Nas últimas edições de 1890 foram incluídos novos anunciantes: vagas para professoras e professores em uma escola primária, vagas em um sanatório, a propaganda do Banco Industrial e Nacional do Rio de Janeiro e de uma loja de louças.

Já em 1891 o jornal volta a ter oito páginas e a folha de anunciantes não é mais publicada, permanecendo apenas a coluna *Theatro* e *Indicadores*. Diferentes dos anúncios anteriormente feitos na coluna *Indicadores* apareceram apenas duas novidades neste período: Um anúncio de um “comissário de café” chamado “Luiz de Carvalho & C.” e um anúncio sobre uma loja de calçados, situada na Rua Uruguaiana 77. Neste período havia pouquíssimos anunciantes no jornal, o que nos leva a pensar que a mantenedora da publicação pudesse ser os serviços gráficos realizados pela Companhia Imprensa Familiares, a loja da companhia e os assinantes do jornal.

Somente na edição 121, em 1891, a coluna com o título *Anúncios* volta ser publicada. Com apenas cinco anunciantes, a coluna estampava a propaganda de uma loja que fazia compras, vendas e concertos de pianos; um anúncio de um externato primário e secundário para meninos e meninas; um anúncio da companhia Construtora Brasileira; uma loja de venda de café situada à Rua Uruguaiana, número 24, cujo quilo do café custava 1\$200; e, por fim, a propaganda da própria Companhia Imprensa Familiar.

Aparece pela primeira vez, em 1892, na edição 132, a propaganda de uma empresa que emprestava dinheiro a juros e por penhora de ouro, prata ou joias preciosas, situada à Rua Luiz de Camões no centro do Rio de Janeiro. Ainda neste mesmo ano, a edição 139 tem sua composição completamente transformada, sendo mais da metade do jornal ocupada por propagandas das mais diversas possíveis. Nesta época, o jornal possuía quatro páginas, sendo que duas páginas e meia foram ocupadas por anúncios.

Uma curiosidade ocorre na edição 153, um modelo de propaganda que não ocorreu em nenhuma outra edição. A primeira página do referido número é ocupada com o retrato de Acácio de Araújo, “especialista em moléstias de senhoras, de pele e sifilíticas”. Não há em nenhuma outra parte do jornal qualquer menção do tal doutor que remeta a uma homenagem por sua relevância ou mérito, de maneira que esta imagem somada a nota localizada na página seis, na coluna *Notabilidades*, que apenas informa a especialidade e o endereço de atendimento, caracteriza a única propaganda de capa no jornal *A Família*.

Na edição 154 aparecem pela primeira vez propagandas e anunciantes de outros Estados: Minas, São Paulo e Pernambuco. Ocupando três páginas e meia, a propaganda nesta época é uma importante ferramenta de manutenção do jornal e a presença de outros Estados nestas páginas de anúncio revela a circulação do jornal em outras praças. Pelos produtos e serviços oferecidos, é possível inferir que o público do impresso de Josephina possuía, em certa medida, algum poder aquisitivo, pois, médicos, ensino particular e advogados, representam, evidentemente, serviços caros à população daquele período. Além disso, viagens, bebidas, compra e concerto de pianos não eram comuns aos menos favorecidos já naquela época.



## 2 A PEDAGOGIA DO CUIDADO COMO UMA FERRAMENTA NA IMPRENSA DE JOSEPHINA ALVARES DE AZEVEDO

De acordo com Castro (2006), “nenhum texto de Foucault está inteiramente dedicado à educação”. Ainda em suas palavras, a noção de educação “aparece sempre em relação com outros temas e a partir deles, em particular, em relação com o disciplinamento dos corpos e dos saberes”. Silvio Gallo (2006), porém, sinaliza que abordar a obra de Foucault, tendo como chave de interpretação a estética da existência, o que nos leva conseqüentemente a considerar o cuidado de si, “tomando os sujeitos e as práticas históricas de sua constituição como seu problema central, possibilita interfaces muito interessantes com o campo educacional”.

Foucault (2010) reabilita o conceito de cuidado de si proveniente da Antiguidade Clássica, como uma nova estratégia de trabalho, cujo objetivo era pensar uma ética em que se produzisse um deslocamento dos jogos de dominação e poder para *as technologies of the self*<sup>43</sup>.

Nesta operação, o filósofo produziu uma outra perspectiva na diferença daquela até então adotada pela História Clássica do Pensamento para uma analítica das constituições dos sujeitos e sua *subjectivation* em termos políticos, de justiça e de ética. Foucault (2010) transfere da esfera de poder para a esfera das interações intrapessoais e interpessoais sua análise com o fim de entender com quais tecnologias os indivíduos operam enquanto sujeitos históricos.

Com efeito,

Podemos distinguir quatro tipos principais dessas tecnologias: a. *tecnologia de produção*<sup>44</sup>, que nos remete ao mundo das coisas, de sua manipulação, de sua produção (que eu proponho compreendermos como uma **Economia**); b. *tecnologias de sistemas de signos*, que nos colocam no reino das linguagens (e que proponho tratarmos como **Linguística**); c. *tecnologias de poder*, que nos lança no campo das relações sociais, e que produzem efeitos de “objetivação do sujeito” (proponho tratarmos como uma **Política**); e, por fim, d. *tecnologias de si*, que permitem uma espécie de trabalho de si sobre si mesmo (seu corpo e sua alma), aquela “educação de si” perseguida por Nietzsche (que a meu ver podemos identificar com uma **Ética**) (GALLO, 2006, p.181).

<sup>43</sup> No ano de 1982, Michel Foucault apresentou na Universidade de Vermont, nos Estados Unidos, um conjunto de seis seminários que seriam transcritos e publicados em 1988, sob o título *The technologies of the self* (a versão espanhola, de 1990, está intitulada *Tecnologías del yo*). Nesses seminários, Foucault apresenta essas tecnologias de si como a história de como o indivíduo age sobre si mesmo. Cf. em GALLO, Silvio., Foucault 80 anos, Org. GONDRA, J., KOHAN, W. Belo Horizonte, Autêntica, 2006. p.181.

<sup>44</sup> Todos os grifos da citação foram feitos pelo autor.

É neste conceito de *Epiméleia Heautou*<sup>45</sup>, o Cuidado de Si, que estamos interessados em Foucault para articularmos à História da Educação por meio do estudo do jornal *A Família*, e produzirmos, a partir daí, algumas reflexões sobre a possibilidade de uma “pedagogia do cuidado”.

Neste sentido, este capítulo tem por objetivo a realização de um levantamento da relação educação e imprensa no jornal *A Família* e de como a educação aparece e se constitui nas articulações estabelecidas pelo Jornal. Intentamos rastrear no periódico e em outros jornais da época as redes estabelecidas pela professora Josephina Alvares de Azevedo, em suas viagens, seus embates teóricos, suas associações, que indiquem caminhos e ofereçam elementos para sustentar a hipótese da formulação de uma “pedagogia do cuidado”.

É inegável que a educação não se pode restringir ao campo específico que se fabricou entorno da formalidade, ou seja, não é exclusivo ao processo educacional dos aparelhos da educação formal - tais como a escola ou a universidade, mas, evidentemente podemos dizer que o processo educacional, e até mesmo instrucional, transcende às instituições, perpassando pela comunicação, seja ela oral, visual, auditiva, tátil ou virtual. Enfim, a Imprensa figura aqui como uma tecnologia que necessariamente se constitui de um campo ao qual dá-se a educação, locus profícuo para sua realização. É ainda possível pensar numa educação mais ampla, interdisciplinar, transdisciplinar, inclusiva e menos centralizante quando operada por meio deste veículo.

A imprensa articula saberes, mobiliza tensões, opinião e, no seu ponto mais extremo, dispersa informações, além de estabelecer valores e desvalores, corrobora para a sociabilidade, sintoniza costumes, além de refletir representações coletivas, ainda que não isenta.

---

<sup>45</sup> Apesar da grande riqueza de nossa língua, o pensador frequentemente se encontra com falta de expressões que reflitam com precisão seu pensamento; devido essa falta, ele não consegue se expressar de maneira bem inteligível nem para os outros nem para si mesmo. Forjar palavras novas é uma pretensão a legislar nos idiomas, e essa pretensão raramente é bem sucedida. Antes de recorrer a esse meio extremo, é preciso ter o cuidado de vasculhar algumas línguas mortas e sábias, e tentar descobrir essa idéia com a conveniente expressão; e então, mesmo que o uso antigo dessa expressão tenha-se tornado incerto por culpa de seu autor, ainda é melhor consolidar o sentido que lhe era próprio ( mesmo que seja necessário deixar duvidosa a questão de saber se anteriormente lhe cabia exatamente o mesmo sentido) do que perder tudo que se escreveu para torná-lo compreensível. Por isso, para se expressar certo conceito, não mais do que uma palavra é encontrada, a qual em sua aceção já recebida seja exatamente adequada a esse conceito que é de grande importância distinguir de outros conceitos análogos, é prudente não ser pródigo e não usá-la simplesmente como variação de suas expressões como sinônimo de outros termos, mas de lhe conservar cuidadosamente o significado particular, pois do contrário, aconteceria facilmente o fato de que a expressão, em vez de ocupar especialmente a atenção, perde-se-ia em uma quantidade de outros sentidos bem diferentes, perdendo, ao mesmo tempo, o pensamento que somente a expressão pode salvar. KANT, Immanuel, *Crítica da razão pura*, Primeira seção, “Das ideias em geral”, Trad. Lucimar A. Coghi Anselmi e Fulvio Lubisco, São Paulo: Ícone editora, p.216-217, 2007.

Com efeito, pertence ao cerne desta investigação, as enunciações feitas pela personagem central deste estudo localizadas em seu jornal. Tal produção de enunciado foi usada como recurso para entender aspectos da educação que são operados no interior de um jornal/revista que não é necessariamente um periódico educativo no sentido *stricto sensu*, mas que tem a missão de informar, instruir, formar e educar enquanto informa.

## 2.1 Educação: espaço para diálogos

Para Figueiredo (1899) “educação” é “ato ou efeito de educar; polidez, cortesia”. (Do latim, *educatio*, de *educare*). Instrução, porém, é o “ato ou efeito de instruir; complexo de conhecimento adquiridos, informações, ou diligências, que esclarecem uma causa”. (Do latim, *instruction*, de *instruere*).

Queiroz (1961) no seu dicionário de Latim-Português define “*edocere*” como ensinar bem; instruir; avisar, e o verbo “*educere*” define como manter, criar, instruir, nutrir.

A concepção de educação, para Josephina Álvares de Azevedo, desempenha um papel decisivo na ideia de autonomia e emancipação da mulher e mãe de família em seu jornal. A professora afirma que algumas pessoas concordam que a mulher deve ser educada para ser boa mãe de família. No entanto, o que defende é que “esta educação seja sólida e que possa significar um desenvolvimento nestas ou naquelas aptidões especiais aproveitáveis à sociedade” (AZEVEDO, op. cit. p.2).

Partimos da observação de uma espécie de desvio radical da noção de educação<sup>46</sup> da mulher que emerge em um horizonte de subjugação, disciplinamento e controle operado por um sistema que está a serviço do patriarcalismo, à vocação religiosa, e à um tipo específico de família - das classes mais abastadas, como nos aponta Costa (2010).

A medida que avançamos na investigação da história das mulheres presente no periodismo brasileiro, constatamos que existem forças estruturais que atuam como limitadoras

---

<sup>46</sup>Os assuntos referentes à educação em São Paulo, local onde o jornal A Família surgiu, no período colonial estavam diretamente subordinados ao governador da província. Após a Proclamação da República e a organização das secretarias de estado, esses assuntos ficaram a cargo da Secretaria do Interior, organizada, em 1892, pelo Decreto nº 28, de 1 de março. Essa Secretaria responsabilizava-se, em sua 3ª sessão, pela instrução pública primária, secundária e superior, e também pelo ensino particular, pelos institutos de educação profissional, pelas bibliotecas, pelas associações literárias e demais estabelecimentos congêneres. Em 1931, por meio do Decreto nº 4.917, de 3 de março, a Secretaria dos Negócios do Interior transformou-se em Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública, tendo a seu cargo a educação pública e a fiscalização do ensino particular, assim como, a saúde pública e também a assistência às partes não atribuídas expressamente a nenhuma outra secretaria. Sob essa estrutura manteve-se até 1947 quando foi desmembrada pela criação da Secretaria da Saúde Pública e da Assistência Social, denominada Secretaria da Educação. [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/guia/guia\\_antigo](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/guia/guia_antigo) acessado em 03 de junho de 2019.

de suas ações e desenvolvimento. Para exemplificar, podemos apontar a igreja, o Estado, a família, a escola que, como afirma Duarte (2016), “segundo Bourdieu (1999), foi através dessas instituições que o patriarcado eternizou seu poder e legitimou a opressão sobre as mulheres”. Estas instituições operaram sobre seus corpos, práticas e modos de ser no mundo. Concordando com Costa (2010), “a influência da Igreja Católica e a persistência de normas culturais tradicionais criavam obstáculos formidáveis à redefinição de seus papéis”.

As mulheres brasileiras, diziam as profeministas que começaram a surgir no século XIX, eram oprimidas, vítimas passivas de seus senhores. Sem acesso à educação, não dispunham de meios para se emancipar: não tinham oportunidades de trabalho nem direitos ao sufrágio e à cidadania. Estavam presas num círculo vicioso. Como lhes faltava o poder político não tinham acesso à educação, e sem educação jamais teriam poder político (COSTA, 2010, p.496).

Porém,

Por outro lado, a incorporação da dominação não excluía a presença de variações e manipulações, por parte dos dominados. O que significa que a aceitação pela maioria das mulheres, de determinados cânones não significa apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas igualmente, construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação. Compreende, dessa forma, uma tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta - aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu. Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra seu próprio dominador (SOIHET, 2004, p.6).

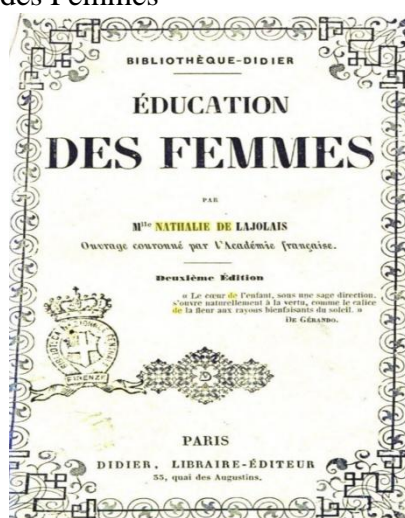
Nas últimas décadas do oitocentos, uma onda de transformações tornaram possíveis a criação de associações femininas, jornais e revistas (FRANCO, 2008; COSTA, 2010; (DUARTE, 2016 e SILVA, 2018). Para a grande maioria das mulheres envolvidas na luta pela igualação de direitos entre os sexos, o segredo da mudança estava em sua educação. O que parecia ser absoluta submissão era na verdade um terreno fértil e silencioso de insurgências (SOIHET, 2004). As mulheres descobriram, de alguma maneira, que a educação era uma excelente ferramenta para construção de outros costumes e outros *modus vivendis* capazes de lhes fornecer autonomia e liberdade.

A educação é o tema central do jornal de Josephina. Encontramos no periódico cerca de vinte a vinte cinco vezes esta palavra em cada edição. Porém, “Educação de mulheres” é a expressão que mais aparece em todo o jornal, numa época em que educar mulheres, na melhor das hipóteses, significava a transmissão de um conhecimento rudimentar de “história, geografia, aritmética, composição literária, doutrina cristã e trabalhos com agulhas” (COSTA, op. cit, p.504). Neste sentido, esta palavra ganha novos contornos a cada artigo publicado e, na medida em que o periódico se desenvolve, a educação vai se tornando uma espécie de

conceito, no qual a professora Josephina atribui importante carga semântica no âmbito geral de suas reflexões.

Na última edição da *Família*, publicada em 1888, portanto 5ª edição do jornal, Josephina apresenta uma tradução aumentada, como ela mesma afirma, de um artigo intitulado “Educação prática das mulheres”. Tal artigo é extraído do livro *Éducation des Femmes* escrito por de Nathalie de Lajolais, premiada pela Academia Francesa, publicado em Paris em 1847. O citado artigo trata-se do primeiro capítulo do livro em questão.

Imagem 34 - Livro *Éducation des Femmes*



Fonte: Google Books<sup>47</sup>

Em tal artigo é possível encontrar as definições de instrução e educação e, conseqüentemente, suas distinções. O texto que inicia na página 2 da quinta edição do jornal, avança até a metade da página 3 e continua na primeira edição publicada em 1889, tomando lugar da coluna *A Família*.

Lajolais inicia seu argumento afirmando que “muitas pessoas confundem instrução com educação [...], no entanto instrução e educação são coisas muito diferentes por sua natureza” (LAJOLAIS *apud* AZEVEDO, 1888, p. 3).

Consoante ao seu entendimento, a educação é apresentada como o ato ou o efeito de transmitir ensinamentos morais ao sujeito de aprendizagem. No início do texto, a escritora se refere claramente à educação de crianças quando afirma que “podemos comparar-se (sic) a criança com um livro cujas folhas em branco esperam que nelas se escreva” (*Idem*).

<sup>47</sup> Cf. em

[https://books.google.com.br/books/about/%C3%89ducation\\_des\\_femmes\\_Nathalie\\_de\\_Lajola.html?id=ed3WR4-3BMEC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/%C3%89ducation_des_femmes_Nathalie_de_Lajola.html?id=ed3WR4-3BMEC&redir_esc=y). Acessado em 29 de julho de 2018.

O termo “educação” aparece como o disciplinamento do corpo e do espírito e como a doutrinação moral e ética das crianças pequenas. A educação é associada a uma moral religiosa e deontológica, na qual a “mãe”, expressão da própria autora deve coagir à experiência dos pequenos, que como “folhas em branco” não criam nenhum obstáculo para esta ação externa aos sujeitos.

Nesta mesma definição, a educação aparece como “lição de virtude [...] e, consiste na força que empregamos para praticar o bem e fugirmos do mal”(ibidem). Para Lajolais (1847), “o fim da educação é habituar a alma a sujeitar o corpo, vencer os desejos, reprimir os afetos repreensíveis, a seguir somente aquilo que a razão esclarecida, unida ao sentimento religioso indica como melhor” (op. cit. loc. cit.).

Com relação à instrução, o texto não se detém muito em detalhamentos, apenas expressa em poucas linhas que instruir tem a ver com instrumentalizar os sujeitos para o serviço no aspecto social. Neste caso, educar é para o dever e para a moral; e instruir é para o trabalho e para a construção social.

De acordo com Alessandra Schueler, a diferença entre os termos educação e instrução foi estabelecida em grande parte pela leitura das Reformas francesas, por sua vez apoiadas em Condorcet (1743-1794), segundo o qual, educação se referia aos sentimentos religiosos e morais cuja transmissão deveria ser reservada às famílias, e instrução era o conjunto de conhecimentos que o Estado deveria proporcionar aos cidadãos (SCHUELER, 1997).

Polissêmica, a palavra educação assume uma diversidade de significados ao longo das edições do jornal *A Família*, muito embora escrito por uma plêiade de mulheres, e algumas vezes por homens, de classes sociais diversas. A palavra é usada em suas múltiplas formas, admitindo um eixo comum ao redor do qual orbitam uma constelação de concepções: a) é por meio da educação que se chega a emancipação da mulher; b) a educação é a ferramenta que salvará a classe social desvalida de sua condição marginal; c) a educação é o caminho pelo qual a mulher e o ex-escravizado chegarão a condição plena de cidadão; d) a educação é a base para a sociabilidade dos espíritos: o antídoto da violência e do atraso para uma sociedade que se pretende iluminada; e) o que “dociliza e promove a razão” e o espírito humano, ainda na infância, é atraído para o bem, o bom e o agradável; f) a educação deve ser sólida, para que se “possa ter desenvolvimento nestas ou naquelas aptidões especiais aproveitáveis à sociedade”; e, por fim, g) a educação da mulher é a base do verdadeiro progresso da sociedade.

Gondra (2004) ao analisar os discursos do Dr. Machado, destaca que o mesmo defende a partilha das responsabilidades e competências no processo de formação da mocidade:

educar, instruir e ensinar, ações a serem distribuídas, respectivamente, entre família (a educação moral), Estado (a instrução) e a Igreja (o ensino religioso).

A educação é “para formar a alma e os costumes; a instrução é para traçar o espírito e a inteligência”(AZEVEDO, 1888-89). Esta é a fórmula que Josephina escolhe para iniciar uma série de textos sobre o tema. Existe, porém, neste enunciado, uma espécie de introdução para toda abordagem sobre educação que será feita no jornal, pois, para a professora Josephina, em geral toda criança passa pelo crivo da educação da mãe primeiro, o que projeta a mulher em lugar privilegiado na condução dos desdobramentos históricos de toda sociedade, já que é a mãe quem fornece os primeiros elementos a forjar o caráter dos indivíduos que haverão de conduzir o Estado, a guerra e as instituições. Para Josephina (1888) “é evidente e sabido que a mulher é a base primordial da família e, conseqüentemente, da sociedade. A ela, é que está afeita a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e, como tal, educadora”.

Doutra maneira, pode-se dizer que a mulher é quem principia a educação dos meninos, que quando homens maduros se tornarão soldados, governantes, cidadãos, de modo que por suas ações serão reconhecidas a formação da mãe. Assim, a professora Josephina asseve que:

O célebre economista Say<sup>48</sup>, disse e com justiça, que pela educação da mulher deveria começar a dos homens: igual princípio ficou também consignado pelo sábio Mirabeau. Assim possuindo a mulher natural apanágio uma primazia incontestável para desenvolver pela educação na infância, indispensável é ilustrar e fortalecer seu espírito, a fim de que ela possa exercer dignamente essa benéfica ação. A esse respeito, assim se exprime um notável escritor: ‘Quanto mais terna e mais dedicada for a mãe que dirige a criança, tanto mais forte e mais completo será depois o homem’(AZEVEDO, 1889, p.3).

Por esta razão, Josephina considera “a educação da mulher mais importante que a dos homens, por isso que a destes é sempre obra daqueles”(AZEVEDO, 1888, p.3). Josephina utiliza o seu instrumental de propaganda para pleitear mais e melhores condições de ensino para meninas e mulheres. Ela reconhece o poder que o jornal possui, quando afirma que “as novas doutrinas impõem-se acima de tudo pela força misteriosa da imprensa” (AZEVEDO, 1888).

Neste caso vale lembrar que “como Machado de Assis, alguns jornalistas consideravam a imprensa uma escola em potencial - legítima ‘república do Pensamento’ - capaz de fornecer às mães e esposas informações úteis sobre elas mesmas e o contexto em que viviam”(DUARTE, 2016). Com efeito, Josephina abraça a missão de educadora da mulher e mães de família e faz do jornal sua escola, de modo que sua equipe pedagógica será formada

---

<sup>48</sup> É interessante notar que desde aqueles tempos a educação é tema de interesse de economistas.

pelas colaboradoras visionárias; sua classe, um auditório social constituído fundamentalmente por mulheres espalhada pelas capitais e pelas províncias do Brasil; sua lousa, o periódico *A Família*.

Por diversas vezes, a palavra educação foi incluída em diferentes significados e contextos, mas vale lembrar que alguns enunciados formados com esta palavra foram largamente repetidos no Jornal: “educação da mulher”, “educação dos filhos”, “educação social”, “educação dos homens” e “educação feminina” são alguns exemplos.

## 2.2O repertório do jornal *A Família*

A educação da mulher tal como é apresentada ao auditório social d’*A Família*, implica no mínimo dois aspectos: um que vai de encontro a representatividade e a reelaboração do feminino no imaginário da mulher e, o outro, que busca situá-las historicamente em termos políticos, econômicos e culturais.

Para a construção da representatividade e do imaginário feminino, o jornal apresenta às leitoras um vasto repertório como uma espécie de história universal das mulheres. Esta, porém, não será jamais uma história comum, mas uma história de mulheres notáveis contada por mulheres, de tal maneira que em nosso tempo, muitas estudiosas defendem estas memorialistas como proto-feministas (COSTA, 2016; DUARTE, 2016)e/ou feministas (COSTA, 2016; DEL PRIORE, 2004; SOIHET, 2004; LOPES, 2006; FEDERICI, 2017; SILVA, 2018).Proto-feminismo e feminismo são termos que utilizamos neste trabalho com base nos estudos destas pesquisadoras.

Educar, para o projeto editorial de Josephina, é um conceito que significava em alguma medida, então, forjar uma nova, ou resgatar a imagem da mulher que não fosse inferior ao homem moderno em nada. Ou seja, em termos de força física, sabedoria, inteligência, competência, liberdade, autonomia, emancipação, capacidade de trabalho, responsabilidade, intelectualidade, intelectividade, cultura e política.

A professora Josephina não admitia uma imagem inventada, ficcional da mulher. Preferia a imagem viva, real, resgatada das garras dos apagamentos operados pelo patriarcalismo androcêntrico histórico. Para isso, vários exemplos de mulheres do mundo inteiro foram reunidos em artigos, opúsculos e livros publicados no jornal. Nestes textos aparecem, com frequência, relatos sobre ingressos de mulheres nos cursos de medicina, odontologia e direito, profissões consideradas genuinamente masculinas. Aparecem histórias sobre a influência da mulher na administração pública; sobre feitos importantes de



personalidades femininas internacionais; sobre professoras, escritoras, guerreiras, santas e personagens bíblicas. Esforços para representar uma mulher que não se definisse pelo estereótipo construído pelas classes média e alta brasileira da época. Com efeito, Josephina nos assere que:

Entre nós fala-se muito de educação da mulher; mas tudo sem discernimento. Refere-se a uma espécie de polimento de espada que não se destina a ferir, senão a brilhar ingloriamente. No que consiste a tão decantada educação? No seguinte: - saber mal o português, a aritmética, o francês, o canto e o desenho, e muito mal arrumar uma casa (AZEVEDO, 1888, p.2).

Em todo jornal, a memória é sem sombra de dúvidas um instrumento a serviço da educação. Uma educação que se articula atravessada pela reminiscência universal feminina, no esforço de produzir outro paradigma na concepção do feminino. Todo o tempo é proposto, exigido uma ruptura abrupta no curso da história de opressão e escravidão deste gênero.

Para a realização deste projeto se fez necessário a posse de um repertório cultural, filosófico e histórico que abarcasse a formação de uma nova concepção para além daquela carregada de preconceitos que se tinha da mulher. Neste contexto foi preciso, como afirma Josephina:

Estudar muito, banhar o espírito na luz da ciência; mergulhar o pensamento na história; fazê-lo surgir no direito. Além disso, é preciso ter fé, esperança no futuro, que há de amparar a causa santa da nossa emancipação, que é a nossa elevação moral. Mas é preciso desde já romper com o preconceito e com a estultice dos homens, que nos tem avassalado aos seus caprichos, começando a estabelecer bem as bases do nosso direito (idem).

Nesta passagem é possível perceber que há uma tríplice sustentação que se pauta o jornal *A Família*: a ciência moderna, a história universal e o direito da mulher. Porém, esta guia tripartite forma-se da crítica feminina de militância.

Assim, é possível afirmar que ciência, história e direito constituem a base do repertório produzido para respaldar a educação que a professora Josephina oferecia às suas leitoras. Estes instrumentos parecem compor uma espécie de “caixa de ferramentas” que se utilizará na luta contra o “regime de biopoder” que, de acordo com Silvia Federici (2017), começou muito antes, na contramão deste projeto. Segundo a digressão feita por esta importante estudiosa:

O ápice da crise demográfica e econômica foram as décadas de 1620 e 1630. Na Europa, assim como em suas colônias, os mercados se contraíram, o comércio se deteve, o desemprego se expandiu e, durante um tempo, pairou a possibilidade de que a economia capitalista em desenvolvimento entrasse em colapso, pois a integração entre as economias coloniais e europeias havia alcançado um ponto em que o impacto recíproco da crise acelerou rapidamente seu curso. Essa foi a primeira crise econômica internacional (FEDERICI, 2017, p.168,169).

Federici (2017) considera ao que chamou de “primeira crise econômica internacional” como a mola propulsora para o biopoder. Ela faz longa digressão sobre como o corpo da mulher livre fora colonizado pela disciplina patriarcal, como se iniciou a “desvalorização do trabalho feminino”, como “as mulheres” se tornaram “novos bens comuns e como substitutos das terras perdidas”<sup>49</sup>; como foram “domesticadas”. Enfim, como chegaram ao estado contra o qual a professora Josephina se posiciona combativamente, com veemência, em seu jornal:

É nesse contexto que o problema da relação entre trabalho, população e acumulação de riquezas passou ao primeiro plano do debate e das estratégias políticas com a finalidade de produzir os primeiros elementos de uma política populacional e um regime de ‘biopoder’. [...] Sustento, ademais, que a intensificação da perseguição às Bruxas e os novos métodos disciplinares que o Estado adotou nesse período, com a finalidade de regular a procriação e quebrar o controle das mulheres sobre a reprodução, têm também origem nessa crise (FEDERICI, op. cit. loc. cit.).

O advento do biopoder é datado tanto em Federici quanto em Foucault (2007; 2010). Apesar de haver datação diferente, havendo um recuo ainda maior em Federici, um aspecto os aproxima sinalizando que neste caso um consenso. Para ambos, os corpos e as vidas foram profundamente afetados pelo Estado (governo) em um dado momento da história quanto a vida dos indivíduos tornou-se objeto de seu interesse. A *bios* constituiu, então, objeto da ciência, manipulável, controlável e disciplinada. O último capítulo de *La volonté de savoir* e o curso “*Il faut défendre la société*” são incontornáveis na compreensão deste conceito em Foucault. De acordo com Castro, para Foucault,

O poder, a partir do século XVII, organizou-se em torno à vida, sob duas formas principais que não são antitéticas, mas que estão atravessadas por uma rede de relações. Por um lado, as disciplinas, uma anátomo-política do corpo humano. Elas têm como objeto o corpo individual, considerado como uma máquina. Por outro lado, a partir de meados do século XVIII, uma biopolítica da população, do corpo-espécie. Seu objeto será o corpo vivente, suporte dos processos biológicos (nascimento, mortalidade, saúde, duração da vida) (CASTRO, 2016, p.57,58).

Neste caso, diante desta perspectiva, o projeto de educação presente no jornal *A Família*, encontra uma missão ainda mais complexa e mais dura que aquela anunciada nas primeiras páginas de sua edição programada. O que se tem são entre dois ou três séculos de um processo no qual a mulher vem sofrendo duras ações do androcentrismo patriarcalista. Ações

<sup>49</sup> Foi a partir desta aliança entre os artesãos e as autoridades das cidades, junto com a contínua privatização da terra, que se forjou uma nova divisão sexual do trabalho ou, melhor dizendo, um novo “contrato sexual”, segundo as palavras de Carol Pateman (1988), que definia as mulheres em termos - mães, esposas, filhas, viúvas - que ocultavam suas condições de trabalhadoras e davam aos homens livres acesso ao seus corpos, a seu trabalho e aos corpos e trabalho de seus filhos. De acordo com este novo contrato social-sexual, as mulheres proletárias se tornaram para os trabalhadores homens substitutas das terras que eles haviam perdido com os cercamentos, seu meio de reprodução mais básico e um bem comum de que qualquer um podia se apropriar e usar segundo sua vontade. Cf. em FEDERICI, S., *Calibã e a bruxa*, Tradução Coletivo Sycorax, São Paulo, Editora Elefante, 2017, p.191.

depreciativas, cerceadora e coercitiva que se operam sobre corpos, histórias e vidas femininas, muitas vezes introjetadas e assimiladas, de maneira que a própria mulher podia não se reconhecer mais como um ente pleno de razão, cogniscidade, cidadania e direitos. Por este motivo, as páginas do jornal deixam claro o valor do repertório de posse tanto por parte de sua redatora quanto por parte das colaboradoras.

Com isso, tomo de empréstimo uma cara noção elaborada por Ângela Alonso (2002), em que: “um repertório é um conjunto de recursos intelectuais disponíveis numa dada sociedade em certo tempo. É composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas” (SWINDLER *apud* ALONSO, 2002, p. 39) e, ainda, repertórios:

São criações culturais aprendidas, mas elas não descendem de uma filosofia abstrata ou ganha forma como resultados de propaganda política; eles emergem da luta (...) e designam (...) um conjunto limitado de esquemas que são aprendidos, compartilhados e postos em prática através de um processo relativamente deliberado de escolha (TILLY *apud* ALONSO, *op. cit. loc. cit.*)

Operamos um deslocamento da compreensão de repertório em Alonso (2002) para o que estamos chamando de repertório constituído pelo projeto editorial do jornal *A Família*, visto que é possível admitir táticas e estratégias em que se deflagram: a) padrões analíticos; b) noções; c) argumentos; d) conceitos; e) teorias; f) esquemas explicativos; g) formas estilísticas; h) figuras de linguagem; i) metáforas. Além disso, incluímos ao arsenal cultural de que a equipe editorial da *Família* lança mão para a construção de sua noção de educação no interior de seus embates político-ideológicos, preceitos da liberdade religiosa e bases bem fundamentadas na filosofia Moderna, Medieval e Antiga.

Como “padrões analíticos”, observa-se a constituição democrática no âmbito geral do agrupamento das matérias de cada edição do impresso. O jornal foi padronizado de forma a dar voz às diferentes vertentes femininas. Publicado com frequência na capa das mais diversas edições, convocação para que as mulheres, independente de convicções políticas, sociais ou religiosas colaborassem com o periódico e expressassem suas opiniões. Dizia a convocação: “Franqueamos *A Família* às suas colunas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua colaboração”(A *Família*, 1888, n.5). O regime democrático operado na inclusão de matérias, artigos e notas constituía faceta do padrão adotado pelos editores do jornal para atender sua demanda.

Apesar de declarada a posição do periódico com respeito às questões de gênero, posição social da mulher e o valor de sua educação, havia uma expressiva liberdade emitida por este enunciado ao que abria a possibilidade de se ter diferentes concepções sobre o regime

no qual o horizonte histórico do jornal estava encerrado. Evidentemente, não deixamos de acreditar que cada texto enviado à redação passasse pelo crivo da análise criteriosa de suas redatoras, no entanto, em muitos casos, textos com posições aparentemente antagônicos ao projeto vieram a público por meio do impresso. Silva versando sobre este tema afirma:

Disso, resultou uma profusão de diferentes opiniões sobre formas de se educar a mulher, e de fazê-la ampliar o escopo de sua participação na vida pública e na política nacional; logo, temos desde a defesa mais ferrenha de uma abertura para profissões ditas masculinas, tais como a medicina e o direito, até textos voltados à educação feminina para o exercício da maternidade e o papel de dona de casa (SILVA, 2018, p. 118).

Para Silva (2018), “essas não seriam posições contraditórias, pois conviviam com os papéis e o horizonte social de uma mulher do século XIX”. Ainda sobre este aspecto é possível observar um profundo esforço em constituir um espaço que é um espaço de fala, de discurso na fabricação de redes de sociabilidades no âmbito de ordem nacional e internacional em que *A Família* exerceria essa função de *locus* para a convergência de ideias. Por esta razão, parece que Josephina é muitas vezes chamada, ainda que anacronicamente, de feminista.

O núcleo formado pela redatora chefe e suas colaboradoras também lançavam mão de noções; argumentos; conceitos; teorias e esquemas explicativos em comum, cujo aporte se fazia a partir das experiências de mulheres espalhadas ao redor do mundo como é o caso de Joana D’Arc (1412-1431), George Sand (1804-1876), Catalina II (1729-1796) e Miss Nightingale (1820-1910).

A produção deste núcleo para sustentar sua defesa, vinculava-se à esteira de importantes produções intelectuais e filosóficas feministas do mundo como, por exemplo, o pensamento de Marie Olympe Gouges que escreveu *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (1791) (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã), e Mary Wollstonecraft, que em 1792 escreveu *A Vindication of the Rights of Woman* (*A reivindicação dos direitos da mulher*).

Em decorrência de sua riqueza, a produção intelectual disseminada por *A Família* era claramente reconhecida pela Imprensa de sua época. O repertório do jornal fazia crítica de literatura, teatro e política. Apresentava às mulheres, de maneira simples o pensamento dos filósofos, historiadores e artistas e, muitas vezes, os questionava com rigor. Era algoz nas querelas políticas contra seus adversários, e conquistou o respeito da sociedade de sua época.

### 2.3 Notícias, redes interativas e a fabricação paulatina de espaços

### 2.3.1 Números, metodologia da pesquisa e bases de dados

Retornamos ao tópico dos números, da metodologia da pesquisa e das bases de dados para articulá-lo, agora, sob outro aspecto, no que diz respeito ao aparecimento do nome da professora nos jornais e a importância do seu periódico no cenário da Imprensa de um modo em geral. O nome de Josephina Álvares de Azevedo aparece pelo menos 330 vezes entre os jornais publicados no Brasil, disponíveis na Hemeroteca digital da BN, entre os anos de 1888 à 1929.

Para conhecer a abrangência temporal e territorial da rede formada pela personagem, optamos por fazer uma busca pelo nome da redatora e não pelo nome do jornal *A Família*, devido o risco de ambiguidade que, conseqüentemente, resultaria em um número maior de ocorrências, já que o resultado da busca fazendo uso da palavra “família” não apareceria apenas como o título do periódico de Josephina, o que tornaria a pesquisa inviável, pois, desta forma, seria necessário avaliar caso a caso para se ter a certeza de que se tratava ou não de uma ocorrência sobre o jornal.

No entanto, outra forma de busca, um pouco mais refinada e trabalhosa, feita por períodos e depois por cada publicação a parte, nos levou a outros jornais que citam pelo menos uma vez o nome de Josephina e o jornal *A Família*. Curiosamente, com esta forma de pesquisar, há ocorrências que não aparecem na primeira forma de investigação.

A pesquisa com este formato ficou inconclusa, pois, apenas na primeira década a ser analisada, entre os anos de 1880 a 1889, circularam no Brasil pelo menos 1565 periódicos. Já na década seguinte, a coleção da Hemeroteca Digital da BN, conta com 1335 periódicos digitalizados que circularam no país. O horizonte de pesquisa constitui-se a partir da data de fundação do jornal *A Família* ao ano do último número do jornal localizado na Hemeroteca digital da BN, ou seja, de 1888 a 1894<sup>50</sup>. Neste caso, não era necessário exaurir todas as coleções disponíveis. Além disso, olhar todos os jornais que circularam no Brasil neste período estenderia longamente o tempo da pesquisa.

Sabe-se, porém que por razões técnicas, muitas vezes, o recurso de busca não consegue identificar determinada palavra, devido à rasuras, mofo, dobras, pedaços faltando, manchas e etc. Neste caso estimasse que durante este período, entre os anos de 1888 do início

---

<sup>50</sup> Apesar do recorte temporal desta pesquisa ter sido estabelecido entre os anos de 1888 a 1894, ao decorrer da pesquisa encontramos o nome de Josephina mencionado nos jornais até 1929. Neste sentido, considerando relevante a documentação encontrada, estendemos nossa análise até fins da terceira década do século XX.

da publicação da *Família* a 30 de março de 1929, em que Josephina foi homenageada pela *Revista da Semana*, possam existir até mais que o dobro de ocorrências de seu nome em jornais que circularam no Brasil e no mundo, isto porque além dos problemas técnicos, há ainda publicações que se perderam parcial, ou totalmente não pertencendo por esta razão à coleção da Hemeroteca ou a outra que eventualmente possa ser localizada, isto sem considerar o que não se encontra digitalizada e disponível na ferramenta da BN.

### 2.3.2 Reflexo de seu trabalho nos jornais

A ocorrência do nome de Josephina acontece pelo menos por seis motivos: 1) por causa do jornal e sua militância; 2) por suas viagens; 3) pelos lançamentos de seus livros; 4) propagandas das peças *O Sexo feminino* e *Os companheiros do Sol*; 5) homenagens e, por fim, 6) por seu estado de saúde e falecimento, ou de sua mãe.

Em grande parte, o nome de Josephina é citado por outros jornais e revistas quando simplesmente estes publicam agradecimentos pelo recebimento de um exemplar ou de uma coleção de *A Família*. Em geral estas publicações são acompanhadas de um breve elogio, ou por duras críticas. Como a estratégia de presentear outras redações com seu jornal, Josephina propaga o nome da *Família* e faz circular suas ideias. Além disso, a redatora chefe publica em uma coluna cujo título é “Como nos tratam” o retorno que recebe dos demais jornais, sejam eles elogiosos ou críticos.

Em 8 de dezembro de 1888, já na segunda edição do jornal *A Família*, Josephina publica na página 4 uma nota que diz:

O nosso humilde órgão tem merecido de muitos jornais tanto desta Capital como de fora notícias encomiásticas, saudando o seu aparecimento. Cumprimos o grato dever de agradecer a esses ilustres colegas essas provas de simpatias que podem ser traduzidas como incitamento para a propaganda que fazemos em prol dos nossos direitos (A FAMÍLIA, 1888, p.4).

Esta edição conta com a primeira publicação da coluna “Como nos tratam”. No entanto, tal coluna não foi publicada em todas as edições. Em geral, era composta por apenas duas ou três notas copiadas fielmente de outros jornais que diziam respeito à *Família* ou a sua redatora, o que demonstra claramente, desde o princípio, a preocupação de Josephina com o retorno dado por seus “colegas”. A citada coluna aparece desde a segunda edição até a edição 173, antepenúltima da coleção da Hemeroteca digital da BN, o que nos faz pensar, uma vez que tenha durado cerca de seis anos, que pode ter estado presente até os últimos jornais publicados por Josephina. Podemos inferir que o *feedback* era realmente essencial para a

condução dos modos de abordagem desta folha e das novas tomadas de decisão sobre o caminho a seguir.

Muitos jornais, tanto da Corte/Capital como de outras Províncias, recebiam *A Família*. Alguns redatores noticiavam o seu recebimento acompanhado de uma breve palavra de elogio: “Recebemos o número um da *Família*, interessante revista semanal” (Gazeta de Notícias, 1889, p.2); “*A Família*, nº 129 abre com o esplêndido artigo da inspirada colega Josephina Álvares de Azevedo” (Diário do Comércio, 1891, p.2); “Recebemos o número 36 de 26 de fevereiro desta revista” (O Cearense, 1891, p.2). Estas sem dúvidas eram as mais frequentes manifestações que se tinha de notícias sobre o jornal de Josephina.

Se por um lado parecia ser um protocolo das casas editoriais sinalizar o recebimento de jornais e revistas, por outro, a distribuição de edições entre os órgãos de notícia era uma estratégia, nos parece, bastante usual. Josephina, porém, em contrapartida, publicava algumas vezes em sua folha o *feedback* recebido:

Temos sobre a mesa o número programa de uma interessantíssima publicação - A Família - dedicada às mães de família e de que é proprietária a distinta professora Josephina Álvares de Azevedo. Este número é realmente magnífico, excelentemente colaborado, redigido com muito critério e ilustração. Cumprimentamos a simpática e inteligentíssima escritora augurando a sua publicação um futuro de prosperidade. Do Diário Mercantil (A Família, op. cit. p.8).

Por vezes, além de elogios, o jornal era recomendado às senhoras brasileiras, como aparece em *O Luctador*:

Temos presente o n. 170 d'A Família, importante revista que se publica no Rio e da qual é digna redatora a exma. Sra. d. Josephina Alvares de Azevedo, já há muitos anos conhecida como excelente escritora. E' uma revista que deve ser lida por todas as senhoras brasileiras, porque concorre para a educação moral e intelectual das filhas e mães de família. Muchas gracias. Do Luctador. (A FAMÍLIA, 1894, p.6).

Alguns jornais, além de agradecer, elogiar, sugerir ao público, também apresentavam notícias importantes sobre as quais o tema da mulher estivesse em jogo, como podemos observar a seguir:

O seu n. 81 continua a tratar do decreto do Sr. ministro da instrução publica, em que fecha às senhoras brasileiras as portas de academia. Trata também da instrução obrigatória, artigo firmado pela Exma. Sra. D. Anália Franco, que revela conhecimentos profundos sobre o assunto. O seu noticiário, sempre variado e seletivo, oferece leitura amena e própria das leituras de jornal a que ellas se consagram. Continue A Família na senda a que se propôs e tem sabido sustentar, e que o número de seus assinantes aumentará, como de coração lhe desejamos. Da Tribuna. (A Família, 1890, p. 3).

E ainda,

Acho muitíssimo simpática a associação que se vem criar e folgo com a sua criação

não só pelos fins louváveis com que se apresenta, como porque traz encantadora novidade de ter uma administração composta de senhoras somente. Parece-me que a minha gentilíssima colega Josephina Álvares de Azevedo já vai conseguindo alguma coisa com a sua propaganda e apresso-me em dar-lhe por isso os meus parabéns sinceros. Mas a nova associação é principalmente simpática pelos fins a que se propõe. Agora que os operários brasileiros se unem para a conquista de seus direitos, para o melhoramento de suas condições de vida era deveras preciso que se voltasse as vistas para causas essas desgraçadas operárias obscuras cujo trabalho árduo de todos os dias é menos pago que outro qualquer, cuja existência é muito mais penosa e muito mais cheia de lágrimas que a do operário mais infeliz e às quais não resta, entretanto, o desabafo de um protesto ou a esperança de um aumento de salário (Diário de Notícia, 1891, p. 1).

O teor da notícia, tanto da *Tribuna*, quanto do *Diário de Notícias*, apontam de certa forma, o grau de envolvimento e militância de Josephina Álvares de Azevedo em favor da mulher. Ao que parece, o nome da docente era, com frequência, relacionado às causas do direito à educação, do trabalho e da liberdade de pessoas do seu sexo. A matéria do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, acima citada, mostra que, desde aquela época, o trabalho da mulher não seguia um princípio de igualdade entre os gêneros, era desvalorizado em face trabalho masculino.

Voltando à coluna “Como nos tratam”, devemos dizer que esta não era o espaço exclusivo para a publicação das notas que diziam respeito ao jornal e a sua redatora. Em “Como nos tratam”, a preocupação era dar às leitoras da *Família* uma visão de como outros jornais avaliavam o periódico de Josephina. Mas em outras partes do jornal *A Família*, também foi publicada matérias em que Josephina e seu jornal eram notícias.

Houve muitas matérias polêmicas envolvendo a professora Josephina e seu jornal, como citado anteriormente, que foram rigorosamente respondidas pela *Família* em outras partes do impresso independente da coluna “Como nos tratam”. Citamos aqui, por exemplo, o caso da polêmica que se formou sobre se *A Família* era um jornal ou uma revista levantado pelo *Jahuense*, no qual Josephina responde com outra nota em seu jornal a tal polêmica.

Em uma publicação bastante inusitada, o nome de Josephina aparece como “incansável defensora do sexo feminino”. Chama-nos atenção o fato de que esta matéria publicada pelo *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro se tratava da tentativa de suicídio de uma mulher. Transcrevemos toda a matéria, por considerarmos imprescindível cada palavra para uma compreensão do que estava em jogo. Dizia a publicação que veio a lume no dia 18 de junho de 1890:

Disseram-me ontem as folhas: uma rapariga que mora na rua do General Câmara tinha um amante; esse amante abandonou-a, e ela envenenou-se com verde-paris. Socorrida a tempo, levada para o hospital da Misericórdia, o seu estado já não é grave. E eu perguntei a olhar admirado para as folhas, como se elas dissessem que o dr. Sampaio Ferraz resolvera mandar para Fernando de Noronha todos os credores



existentes do Rio de Janeiro: Será verdade?! Será mesmo possível que ainda haja uma mulher capaz de se matar por causa de um amante? Ai, perdoe-me minha ilustre colega D. *Josephina Álvares de Azevedo*<sup>51</sup>, a incansável defensora do sexo feminino; quando me contaram que uma mulher suicidou-se ou tentou suicidar-se por amor, eu sinto o mesmo espanto que sentiria se me contassem que o dr. Sampaio Ferraz tinha tomado a resolução de dar cabo aos credores. As mulheres de hoje já não são mais daquelas dos bons tempos da escada de seda presa ao balcão e das serenatas ao luar. O coração feminino mudou com os tempos, e como mudou, santo Deus! Casem-se hoje com as raparigas. Perguntem-lhes se amam os maridos. Muito. MUITÍSSIMO! Respondem todas. Mas perguntem a cada uma no caso de ser impossível o casamento, estaria pronta a dizer o papá e a mamãe para, desprezando a sociedade, ir viver com homem amado. Não! não! respondem todas. Depois desta resposta negativa, creio que seria inútil perguntar, se seria capaz de matar-se no caso de não se poderem casar, no caso de serem abandonadas pelos noivos. Ah! hoje a coisa é outra, as moças solteiras e as amantes repetem hoje o que as velhas diziam antigamente: Homens é o que não faltam! Escusado é dizer que as solteironas não pensam do mesmo modo (Diário de Notícias, 1890, p.1).

Esta longa passagem descreve um autor diante do *thauma*, muito embora, por vezes sarcástico, deixa-nos à mostra alguns indícios de que as mulheres estavam ficando diferentes com relação aos homens e à sociedade em fins do século XIX. Parecia se abrir um novo horizonte no qual as mulheres já não sofreriam tanto aos apelos e as imposições patriarcalista. Mas o que mais chama a atenção é o fato de estar ali, como peça central daquele jogo de palavras, o nome de Josephina. Ao que parece, no estabelecimento de suas redes de sociabilidade e através da propagação de suas ideias, Josephina logo se tornou uma referência em tudo no que dizia respeito ao feminino.

A tentativa de suicídio de uma mulher abandonada pelo amante parece fazer parte de um cenário obscuro e obsoleto nas palavras do autor da crônica. É algo assim tão inusitado como a hipótese do Chefe de Polícia Sampaio Ferraz<sup>52</sup> mandar todos os “credores existentes no Rio de Janeiro” para prisão em Fernando de Noronha.

Mas, o mais curioso é que abre-se aqui uma importante questão: como em tão pouco tempo esta mulher, uma professora jornalista, tornou-se uma referência nas questões que dizem respeito aos problemas que envolvem às pessoas de seu sexo? Como esta força

<sup>51</sup>Grifo meu.

<sup>52</sup>João Batista de Sampaio Ferraz nasceu na cidade de Campinas (SP) no dia 16 de fevereiro de 1857, filho de Joaquim de Sampaio Góis e de Maria Adelaide Ferraz de Sampaio. Fez os estudos primários na cidade de São Paulo e aí se formou na Faculdade de Direito em novembro de 1878. Depois de formado mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital do Império, e aí foi promotor público adjunto de 1881 a 1884, e promotor público de 1884 a 1889. Em 1888 fundou, com João das Chagas Lobato, o jornal O Correio do Povo, órgão no qual defendeu suas ideias republicanas fortemente influenciadas pela Revolução Francesa. Proclamada a República por Deodoro da Fonseca em 15 de novembro de 1889, foi nomeado o primeiro chefe de polícia da cidade do Rio de Janeiro. Conhecido pela alcunha de “Cavanhaque de Aço”, marcou sua atuação pela perseguição a grupos sociais marginalizados, em especial aos capoeiras. Combatia esses grupos desde sua atuação na promotoria no Rio de Janeiro e, como chefe de polícia, intensificou a perseguição e realizou diversas prisões. Um dos presos foi José Elísio dos Reis, filho do conde de Matosinhos e praticante de capoeira. Apesar de ter sofrido pressões de políticos influentes, como Quintino Bocaiúva, não soltou José Elísio, que foi deportado para a ilha de Fernando de Noronha. Cf. em ABREU, Alzira Alves de, Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930), Fundação Getúlio Vargas, 2015.

inspiradora e formadora de opiniões se insurge como um vulto em defesa da causa feminina em um horizonte profundamente marcado pela biopolítica, pelo disciplinamento do corpo e da opinião da mulher?

Apontamos aqui uma saída para esta aparente aporia: sedimentada pela força da clivagem operada pela biopolítica, a classe feminina converge para a imprensa, que se torna um instrumento utilizado para reunir ideias e fortalecer redes que se formam dentro e fora do país. Josephina figura um elo entre essas mulheres que, em seu jornal, são convocadas à luta. Neste sentido, Duarte auxilia pensar quando aponta que:

A partir de 1870, os órgãos feministas se multiplicam com uma rapidez espantosa, minimizando o isolamento das mulheres, divulgando as conquistas e realizando uma espécie de rede de apoio entre eles. Os mais radicais propagavam que o gênero está submetido ao fator econômico. Isto é que a dependência financeira determina a subjugação e que o progresso do país depende de suas mulheres (DUARTE, 2016, p. 35).

Tal como vimos na passagem acima, a atmosfera oitocentista nas últimas décadas estava em processo de transformações e efervescências políticas e culturais. Foi nesta onda que a imprensa dedicada à mulher ganhou embalo, recebendo ora apoio, ora crítica de suas congêneres.

Outra reportagem de 1890 parece coadunar com a ideia de que um fenômeno de transformação da mulher estava acontecendo naquele horizonte e que Josephina estava atenta à ruptura de paradigma. E não só isso, a matéria revela, em certa medida, que Josephina constituía-se de fato uma referência:

Segundo afirma uma folha da Bahia, há por lá uma excelentíssima senhora que se encarrega de fazer cobranças. Como vêem, a mulher já deu no Bras (sic) mais um passo adiante no terreno vedado pelo egoísmo dos homens, como diz a minha simpática e ilustre colega d. Josephina Álvares de Azevedo. Até aqui senhoras aparecem a exercer a profissão do dr. Barboza Romeu, a do dr. Bruschi Varella, a do dr. Souza Ferreira; agora, uma senhora aparece que vem exercer a profissão do pavoroso Seixas. A mulher vai avançando não há dúvidas (Diário de Notícias, 1890, p.1).

As notícias do jornal e sobre a professora Josephina se espalharam nos últimos anos da década de 1880 e se estenderam até o início do século XX. *O Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial*, publicou cerca de 13 brevíssimas notas citando a professora, o jornal e seu endereço entre os anos de 1893 a 1898. Tais notas levam a pensar na possibilidade do periódico *Familiater* circular até 1898.

Em 1913 foram veiculadas várias notícias sobre morte e missa de sétimo dia de seu falecimento. Em 1918 foi publicada uma crônica no *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) e na *Capital* (Manaus), sugerindo que os esforços de Josephina haviam sido sepultados com ela caso estivesse morta, já que as mulheres não lograram êxito em seus objetivos, sobretudo no

que se refere ao voto feminino. Por fim, uma última matéria foi localizada na *Revista da Semana* a 30 de março de 1929. Sobre esta matéria escrita por Mercedes Dantas, primeira secretária da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), será aprofundada no capítulo 3 deste trabalho, que trata da vida de Josephina através dos jornais e de seus escritos.

### 2.3.3 Notícias de viagens

Imagem 35 - Ponte Pedro II - Bairro de Santo Antônio



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

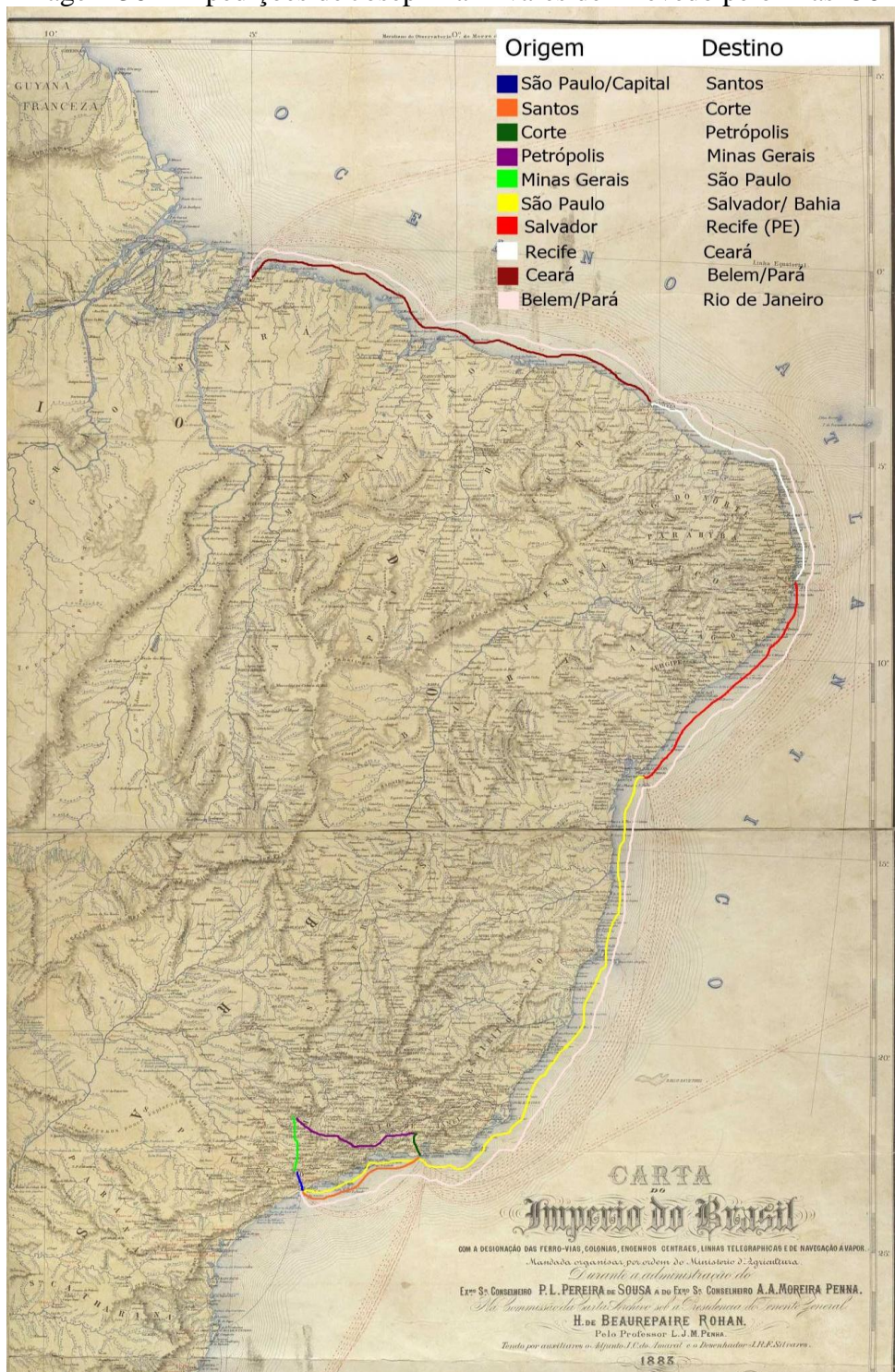
Pouco depois que o Número programa<sup>53</sup> foi lançado, Josephina empreende uma viagem pelo Brasil para pesquisar sobre instituições de ensino de meninas e divulgar sua folha, razão pela qual foi publicada uma nota na oitava edição da *Família* que dizia: “Durante a viagem ao Norte<sup>54</sup>, da redatora desta folha, fica a gerência da mesma a cargo do Sr. Francisco Dias de Barros<sup>55</sup>” (A Família, 1888, p.1).

Neste período uma série de notas foi publicada nos jornais e revistas do país informando a partida e a chegada de Josephina nos mais variados destinos. Às vezes, suas viagens eram empreendidas por terra e, muitas outras vezes, pelo mar como podemos observar na imagem a seguir.

<sup>53</sup> Esta é a forma que Josephina chama a primeira edição da Família

<sup>54</sup> O nordeste como espaço territorial tem data de nascimento. Foi durante o Estado Novo que o IBGE criou a primeira divisão regional do Brasil, dividindo o território nacional em cinco regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro Oeste. Com a valorização das regiões instituídas oficialmente em 1942, o Estado Novo procurava combater as oligarquias locais que dominavam os estados e buscavam integrar as partes em um todo maior. Cf. Fundação Getúlio Varga (FGV) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sobre> Acesso em 06 de junho de 2019.

<sup>55</sup> São Paulo, 19 de janeiro de 1889.

Imagem 36 - Expedições de Josephina Álvares de Azevedo pelo Brasil<sup>56</sup>

Fonte: Acervo digital de Cartografias da BN57.

<sup>56</sup> Elaborado pelo autor.

<sup>57</sup> Cartografia - Penha, Lauriano José Martins, Carta do Império do Brasil com a designação das ferrovias, colônias, engenhos centrais, linhas telegráficas e de navegação a vapor, 1883. Disponível em: JPG: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart163353/cart163353.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart163353/cart163353.jpg); e, ou HTM (sic) [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart163353/cart163353.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart163353/cart163353.html)

Através deste mapa: *Carta do Império do Brasil com a designação das ferrovias, colônias, engenhos centrais, linhas telegráficas e de navegação a vapor, 1883*, de Laurentino José Martins, podemos observar que havia uma malha ferroviária da Estrada de Ferro D. Pedro II que interligava algumas províncias e capitais do país. Também é possível distinguir algumas rotas de embarcações nacionais e internacionais, que possibilita o reconhecimento dos trajetos tomados pela professora Azevedo em sua expedição ao “Norte”. Tal trajeto foi reconstruído através das notas de jornais e pela própria descrição da Sra. Azevedo expressa em algumas notas avulsas e nas edições 40, 41, 42 e 43 da *Família*, em matérias cujo título era *Carnet de Voyage*.

A edição 13 da *Família*, publicada no dia 23 de fevereiro de 1889, é uma edição muito importante para situar o contexto expedicionário de Josephina. A referida edição publica as crônicas das primeiras investidas da professora nesta empreitada. Com o título *De S. Paulo a Santos* descreve uma atividade que até então parecia competir apenas aos homens. Souto afirma que não era prática recorrente no século XIX tornar público os relatos de viagens entre mulheres. Contudo, aponta que, segundo Leite, tais relatos escritos por mulheres neste período geralmente possuíam a forma de diários ou de correspondências que se emitiam aos familiares e amigos. Portanto, grande parte “não tinha a intenção de ser publicado.” (LEITE, 2000, p. 133 apud SOUTO, 2016).

Vale ainda notar que há uma espécie de hierarquização dessa tipologia textual em que se revela uma hegemonia dos relatos de viagens considerados mais importantes, os escritos por europeus do sexo masculino, sobre aspectos das paisagens, das práticas sociais, dos costumes dos povos das regiões colonizadas, tal como África, Índia e as Américas.

Para Souto (2016), realizar uma expedição tal como Josephina empreendeu, não era uma atividade meramente simples. Demandava uma série de protocolos e conhecimentos que a viajante precisaria dominar previamente para ter algum sucesso. Era necessário, por exemplo, estar em posse de um projeto, ter tempo, ter condições financeiras, ter intenções objetivas. Enfim, quando pensamos no caso específico da docente Josephina, temos de levar em consideração aspectos como a intencionalidade em fabricar uma rede de interação em que se desenvolvessem permutas e cooperações junto aos jornais. Ela vai ao norte do país com essa intenção. Além disso, carrega consigo, o projeto de fabricação de um olhar feminino acerca da educação desenvolvida para o seu sexo.

Josephina fará, como afirma o *Diário de Notícias da Bahia* (A Família, 1889, p.8), uma “longa e penosa viagem” cujo intento, pode-se dizer, de subverter aquela velha ideia de submissão e dependência do homem, criando assim a possibilidade de se pensar em uma

mulher que viaja desacompanhada, à trabalho, para pesquisar sobre qualquer assunto ou a passeio, em um momento da história em que esta experiência era realizada predominantemente pelo sexo masculino.

Neste sentido, ela afirma um *ethos* de autonomia, emancipação e, em algum nível, de liberdade, contribuindo para a produção de um deslocamento estrutural e epistêmico, cujo efeito se desvela na abertura de outro horizonte para o gênero feminino..

Acerca deste movimento físico, a que estamos chamando de expedições, portanto, deslocamento do próprio corpo através das paisagens, pelas veredas das mais diversas manifestações culturais, ao encontro com monumentos arquitetônicos ou naturais, às obras de artes, museus, bibliotecas, costumes dos indivíduos e das cidades e suas narrativas, imprime-se um caráter inscrito na própria constituição de si.

Inara Garcia Pinto versando sobre viagens pedagógicas em sua tese de doutorado intitulada *Um professor em dois mundos: a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis (1891)*, afirma que:

Gondra e Mignot (2007) apresentam esse tipo de viagem como técnica de investigação e conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro e sobre si, transformando aquilo que se observa, em experiência significativa na trajetória de vários homens e mulheres (PINTO, 2011, p. 18).

A viagem expedicionária, ainda que no âmbito nacional, como é o caso da realizada por Josephina, é de alguma maneira desvencilhar-se de uma atmosfera familiar, profissional, social, da própria casa, para refugiar-se em outra, o que caracteriza em certa medida uma espécie de retiro para o qual se levam os cadernos de notas pessoais, quando a intenção é mais tarde difundir a tal experiência, ou rever, reavaliar a expedição.

É interessante notar que a experiência do retiro aparece nos textos de Foucault (2011) como *umatéchnetoû bioû* que possui regularidade e intencionalidades e que acompanham os modos de fazer, conforme Castro (2010) asse. Ainda segundo Castro, os termos técnica e tecnologia agregam à ideia de vida prática as noções de tática e estratégia, ou seja, agrega à noção de vida, meios e finalidades respectivamente.

Traduzido por Foucault (2011) como *anachóresis*<sup>58</sup>, retiro:

Pode ser interpretado de pelo menos de dois modos diferentes: “a retirada do exército diante do inimigo e a fuga de um escravo que deixa a chóra; mas, no contexto das práticas de si mesmo, significa um ausentar-se do mundo no qual alguém se encontra imerso, interromper o contato com o mundo exterior, não sentir sensações, não se preocupar com o que passa à nossa volta, fazer como se não se

<sup>58</sup> *Anachoréo* significa fugir, retirar-se, procurar refúgio. Cf. Léxico do Novo Testamento de F.W. Gingrich, traduzido por Júlio P.T. Zabatiero, Ed. Nova Vida, 2000, p. 22

visse o que acontece. Uma ausência visível aos outros (Castro, 2016, p.30).

Ainda vale lembrar que, de acordo com Castro (*op. cit. loc. cit.*), “a escritura de si mesmo aparece nos textos da Antiguidade como uma técnica complementar a *anachóresis*”. O resultado material desta escritura era chamado pelos gregos de *hypomnémata*, que pode ser traduzida como caderno de anotações.

Eles constituíam a memória material das coisas lidas, escutadas ou pensadas, um tesouro acumulado para a releitura e a meditação. Esse material servia para a composição de tratados mais sistemáticos nos quais se apresentavam os argumentos e os meios para lutar contra um vício ou para superar os obstáculos e as desgraças da vida (DE4, 404, 418). Mas não eram diários íntimos ou relatos da experiência espiritual, [...] seu objetivo não era trazer à luz os *arcana* da consciência. Em lugar de desvelar o indecifrável, de revelar o oculto, os *hypomnémata* reúnem o já dito, o que se pode escutar ou ler. Eles tem como objetivo a constituição de si mesmo (DE4, 405, 409). [...] Constituem antes um material e um quadro para os exercícios a realizar frequentemente: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros, etc. (*Idem.*, p.221).

Os cadernos de notas e os diários de bordo, ou “caderno de vida” como são chamados, muito embora remeta à Antiguidade como vimos nas citações anteriores, é uma prática muito usual que atravessou séculos e pode-se dizer que não se restringiu apenas à relatos de viagens mas a outras experiências, cuja finalidade, muitas vezes, era de ser compartilhado em momento oportuno. A exemplos podemos citar os *Cadernos do Cárcere* de Antonio Gramsci (1891 - 1937), os cadernos de anotações de Graciliano Ramos (1892 - 1953) de quando visitou a União Soviética em 1952, que deram origem ao livro *Viagens* e, ainda, podemos citar como este importante instrumento de registro de experiências, os textos avulso de Marc Bloch (1886 -1944) escritos nos campos de concentração publicado post-mortem por seu filho com o título *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*.

Tais anotações constituem importantes fontes através das quais se produziram muitos trabalhos de pesquisas no campo da história, da psicologia, da antropologia e etc. Contudo, no caso da professora Josephina, suas viagens redundaram, além da propaganda de seu jornal, em anotações que foram escritas com a finalidade de serem publicadas no jornal *A Família*.

Conforme Pinto nos aponta,

Participante de uma tradição em escala mundial, a prática das viagens pedagógicas, reinventada no tempo do Império como estratégia de governo a fim de atingir o grau de civilização via instrução da população, chega a República como proposta inovadora que pretende inscrever o Brasil no rol dos países civilizados (PINTO, 2011, p.18).

Inara Garcia Pinto ainda afirma, ao citar Vida (2008), que “uma outra dimensão dessa circulação pode ser captada no circuito não governamental, conduzida pela ação de grupos sociais ou de indivíduos isolados”(*op. cit. loc. cit.*). O projeto editorial do jornal *A Família*

parece abarcar a esta perspectiva que se dedica à observação da educação, porém, em âmbito nacional e especificamente sobre a educação e instrução da mulher.

Para Gondra e Schueler (2010), esse duplo movimento da narrativa de viagem - *o de olhar o outro e o de ver a si* - permite-nos perceber os efeitos comparativos que o professor viajante produz em relação aos projetos de educação em curso e a sua própria experiência docente.

Outra diferença pode ser percebida quando lido os relatos da jornalista Josephina Álvares de Azevedo é que seus textos se enquadram muito melhor no gênero da crônica que de relatórios de viagens propriamente dita ou anotações de diário. A crônica, gênero literário como o próprio termo designa, tem a ver com *chronos* que em grego significa tempo. Josephina fala de um tempo, e lhe é inescapável a dimensão de temporalidade a que está submetida. Além do mais, seus relatos estão atravessados de uma série de elementos que estão para além da descrição dos aparelhos educacionais por ela encontrados em seu caminho. O tempo que se faz presente em seus textos é o agora. O instante presente e as descrições na primeira pessoa produzem uma atmosfera em que o leitor terá a sensação de estar colado aos fatos, como podemos perceber no texto que escreve sobre sua ida da Cidade de São Paulo à Santos. O estilo parece indicar que ainda se encontrava em processo. Nesta primeira investida, Josephina apenas escreve um ensaio:

Uff! que calor! É completamente em suor, que lanço mão da penna, afim de fazer a descrição da minha rápida viagem a esta cidade. Rápida sendo ela, rápida também será sua descrição. Instalei-me no Grande Hotel de França, e com franqueza, se gostei de umas coisas, desgostei-me de outras. A minha embirração começou pela tabuleta do mesmo hotel. Não achei aquilo próprio, pareceu-me mesmo uma falta de consideração ao país em que se vive, hastear-se a bandeira francesa no centro do estabelecimento; em compensação gostei da cozinha que é excelente, da sua proprietária que é amável e delicada como todas as francesas. A casa onde funciona o correio é acanhadíssima, e com franqueza, indecente para uma cidade como a de Santos. A Alfândega é regular, e dela me ocuparei com mais vagar, quando aí voltar novamente. O método de ensino aplicado às meninas, é o mesmo do da capital, isto é, deficiente e acanhado. O comércio é forte e próspero. Há dois jardins regularmente tratados e bem arborizados. O teatro parece ser esplêndido, não o garantindoporém, pois só lhe pude ver a parte exterior. A Barra é incontestavelmente o lugar mais pitoresco de Santos, aí estive de passeio e consegui passar duas horas bem agradáveis. O acolhimento que a minha revista encontrou nesta cidade, foi mais que lisonjeiro, e veio mais uma vez provar que a sociedade santista é uma sociedade escolhida, composta de cavalheiros distintíssimos e amantes do progresso da terra em que nasceram ou em que vivem. As manifestações que recebi são imperduráveis na minha memória e deles jamais me esquecerei. A imprensa desta cidade é composta de três jornais diários, habilmente redigidos por amestradas penas do nosso jornalismo (A Família, 1889, p.1-2).

Josephina se ocupa de alguns poucos tópicos sem nenhum aprofundamento: o calor, o hotel, a estadia, o prédio dos Correios, o comércio, as praças. A professora usa duas linhas para falar da educação de meninas na cidade de Santos. Ela afirma que a metodologia de



ensino aplicado a elas é a mesma usada na capital de São Paulo, e é taxativa em afirmar que o método era deficiente e acanhado.

O texto trata-se de um ensaio, uma primeira investida nesta seara, de maneira que a própria redação se mostra inacabada, aliás, a tarefa de observação também se mostra assimao sinalizar, por exemplo, “A Alfândega é regular, e dela me ocuparei com mais vagar, quando aí voltar novamente” (*Idem*).

Neste caso nenhum nome foi citado, o que nos faz pensar na possibilidade de que esta viagem fosse apenas uma passagem, sem compromissos, encontros, reuniões. Neste período, não houve jornais que noticiasse a chegada ou a partida de Josephina. A professora praticamente estava no anonimato.

Nesta mesma edição, para ser mais exato, edição 13 de 23 de fevereiro de 1889, outra matéria fala na sequência da viagem à Petrópolis, quando passa pela Corte:

Depois de percorrer algumas cidades do Norte de S. Paulo, cheguei à Corte, indo hospedar-me na casa de pensão dos srs. Teixeira de Macedo & Comp., estabelecidos à rua do Areal nº 8. É uma bela casa dispondo de acomodações excelentes. Assiti à representação de várias revistas e a uma magnífica comédia representada pela companhia do provector ator Guilherme da Silveira, a qual tem por título: Minha mulher não tem chic. Das revistas a que está fazendo sucesso é o Bendegó, sem haver para isso um motivo plausível. A D. Sebastiana é sem dúvida alguma a melhor revista deste ano. Escrita em estilo fluente e alegre, consegue prender a atenção do espectador, contribuindo também o belo desempenho dado aos diversos personagens que representam os atores Vasques, Mattos, Colás e Peixoto, que com inexcédível graça reproduz um papel aqui feito por uma atriz (*Idem*).

Passados três dias na Corte, a professora segue viagem à cidade imperial onde é recebida por “Sua Majestade o Imperador” com quem teve uma longa conversa. Vale notar que ao escrever sobre este momento, Josephina revela seu parentesco com o poeta Álvares de Azevedo. Diferente do que afirma Sacramento Blake<sup>59</sup>, a jornalista diz ser prima do poeta. Também foi nesta visita que se encontrou com a Princesa Isabel e recebeu de “Sua Alteza” a promessa de proteção ao seu periódico:

No dia imediato ao da minha chegada tive a honra de ser recebida por S.M. o Imperador, o qual depois de conversar comigo a respeito de meu falecido primo o poeta Álvares de Azevedo, declarou-se protetor da minha revista e louvou-me pela minha missão que tomei sobre meus ombros. Daí dirigi-me ao palácio de S. A. Princesa Imperial a qual tomou um regular número de assinaturas, com que protegeria a minha publicação (*Idem*).

---

<sup>59</sup> Cf. BLAKE, Augusto Vitorino Alves. Sacramento, *Dicionário Bibliographico Brasileiro*, v.5, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. p.241.

Em razão da falta de acomodações, Josephina não ficou muito tempo em Petrópolis, pois os hotéis achavam-se todos lotados. No entanto, aproveitou para se encontrar com algumas das mais importantes personalidades do país que também passavam pela cidade.

Assim mesmo tive ocasião de estar com a Exmas. Sras. Viscondessa do Cruzeiro, Maria Viard, Carolina Land, Augusta das Chagas Justiniana, Baronesa de Muritiba, Maria Duque Estrada, e os Exmos. Srs. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, Ministro do Chile, Conselheiro Nogueira Soares, Padre José Benedicto Moreira, A. Azara de Oliveira, Comendador Carlos de Aguiar, Urbano de Faria, Tabelaio Moret, Professor José Lopes de Castro, M.M. de Araújo Castro, Manuel Gomes Coelho e João Guilherme Pinto de Souza. A todas as Exmas. Sras. e aos distintos cavalheiros, meus sinceros agradecimentos pela maneira brilhante com que se dignaram receber-me. Termina esta apresentando a S. M. o Imperador, o protesto da minha sincera gratidão pela maneira honrosa com que se dignou acolher-me, e pelas palavras de animação com que mimou-me (*op. cit. loc. cit.*).

Um nome que em especial chamou-nos a atenção entre os “cavalheiros que dignaram-se em receber” nossa personagem, foi o do Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira que fora ministro dos Negócios do Império entre os anos de 1870 a 1875, além de ter atuado “de forma intensa no campo da educação, abrindo e subvencionando escolas, expondo projetos acerca da instrução, criando bibliotecas e asilos, entre outras ações (NASCIMENTO, 2016).

Ao nos depararmos com esse cenário, cuja descrição revela uma plêiade de intelectuais, políticos e importantes senhoras membros da elite brasileira, percebemos um conjunto de elementos que se articulam uns sobre os outros, constituindo matéria que pode ajudar a compreender a atividade expedicionária da nossa personagem.

A cidade imperial, intelectuais, políticos, artistas, senhoras da alta classe, tudo isso tem muito a dizer sobre esta rápida viagem da professora e jornalista Azevedo. Nesta composição distinguimos espaços físicos, espaços imateriais, intersecções, redes, partilhas de tempo, de ideias e interesses, encontros, bem como atravessamentos político e cultural.

Podemos flagrar neste conjunto de elementos o retrato de uma mulher que tem acesso à determinadas redes e autoridades, que desfruta de privilégios e circula em espaços reservados à elite econômica, intelectual e artística. Espaços físicos e imateriais: a casa real, os jardins, os saraus, as rodas políticas, os assuntos de Estado. Por meio destas condições, constitui associações, experimenta campos de intersecções, conhece pessoas, divulga seu trabalho, conquista o “direito privilegiado da fala”. Desta primeira epifania, Josephina ganha status de intelectual, torna-se uma referência entre as mulheres, estabelece alianças recebendo apoios importantes e entra na ordem do discurso.

Seguindo viagem, podemos dizer que confrontando as datas de algumas publicações pareceu que esteve em Minas Gerais pelo menos duas vezes. Em março de 1889 tem uma breve passagem que fora noticiado no jornal *O século*:

Aqui esteve nos dias 9 e 10 do corrente a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo, hábil redatora e proprietária da Família, interessante periódico consagrado ao lar, que se publica na capital de S. Paulo. Foi-nos agradabilíssima a visita com que honrou-nos aquella valente Senhora, que há percorrido quase toda a província de S. Paulo, Rio, e grande parte da de Minas na propaganda do seu utilíssimo periódico. Desejamo-lhes toda sorte de venturas e farta coleta de assinaturas (O Século in A Família, p. 8).

Em 6 de abril deste mesmo ano, o jornal de Josephina notícia: “Assumi de novo a direção do jornal *A Família* a Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo que se achava em excursão pela província de Minas”(A FAMÍLIA, 1889, p.1).

Ao chegar em São Paulo, depara-se com uma epidemia que se estende em algumas cidades da província. O cenário encontrado é um cenário de horror, há mortes por toda parte. Josephina relata que onde havia progresso e prosperidade “vê-se [...] lágrimas” e luto. No entanto, o sofrimento, nas palavras da jornalista, “implantou no coração do povo paulista a primeira de todas as virtudes, a doce bonança com a máxima presteza debela as mais atrozes tempestade da vida” (Idem), contudo, são estes, mais solícitos que por terem se voluntariado à socorrer, foram também, alguns “fatalmente vítimas da sua dedicação”.

Em viagem pela província de Minas, chegava-me aos ouvidos a calamitosa contingência em que se achava esta província que adotei e da qual me considero como filha. De longe, elevava a Deus meu coração, rogando por esses infelizes, bem dignos de uma sorte melhor. De volta às plagas paulistas, para o seio desse povo ubérrimo de bondade, foi então que pude medir com os olhos da alma tudo que se passa de horripelmente triste nas vizinhas cidades (*Ibidem*).

Nossa viajante não esconde seu espanto e terror diante de toda aquela situação calamitosa. Conta como foi afetada com tremores e lágrimas ao “lembrar-se das vítimas que se tem feito em Santos e Campinas essa terrível epidemia, derramando por toda parte a lágrima e a desolação”(op. cit. loc. cit.). No jornal *A Família*, não se falou mais desse assunto nas edições seguintes, parece até que de uma hora para outra a epidemia estancou. Muito provavelmente tratava-se da febre amarela, que assolou a Corte, espalhando-se em seguida por Santos e Campinas, como podemos constatar através das páginas dos jornais<sup>60</sup> que circulavam no país.

<sup>60</sup> É possível encontrar em publicações de diversos jornais deste período, notícias sobre a epidemia de febre amarela na Corte, em Santos e Campinas. Há também, notícias de acometidos da mesma doença em Santa Catarina, Minas e Pernambuco. O Diário de Campinas: Folha Popular, por exemplo, noticia listas de óbitos diários por febre amarela a começar em abril de 188. No dia 18 de abril o jornal publica uma nota dizendo que

Em 27 de junho de 1889 a jornalista retorna à Minas Gerais. Desta vez a *Gazeta do Rio* publica: “Segue hoje para a província de Minas Gerais, a Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo”. Assim, aos poucos, a extensão da expedição vai ficando cada vez maior.

Em novembro de 1889, inicia-se na *Família* a coluna que durará quatro edições seguidas com uma série de publicações com o título *Carnet de Voyage*, noticiando as viagens que fez à Bahia, Recife, Ceará e Belém:

De volta de minha excursão pelas províncias do Norte, começo hoje a dar, em breves traços, conta das impressões recebidas no período d'essa viagem, o que constitui para mim a maior satisfação, por poder dar um publica testemunho de quanto vi, de quanto entusiasmo minh'alma foi presa, diante do espetáculo da grandiosidade das regiões percorridas, do progresso e da atividade dos povos que visitei, da hospitalidade, lhanza e simpatia das pessoas que tanto me obsequiaram (AZEVEDO, 1889, p.2).

*Carnet de Voyage* expressa o início de uma nova forma de olhar e descrever. A cultura, o povo, as imagens que se têm daquela província, a arquitetura urbana, os monumentos, as edificações, as instituições de ensino, tudo isso vai aos poucos se revelando ao leitor. Descreve introdutoriamente de forma bastante geral sua apreensão do que chamou de “terra prodigiosa da liberdade”, seu texto é de fato um tecido fino, rico em detalhes:

Encetei o meu trabalho pela Bahia, primeiro ponto de minha excursão, a velha metrópole brasileira, terra de tradições, pátria de heróis, berço de grandes homens. A Bahia é a terra prodigiosa da liberdade, da beleza e de todos os encantos; o que fez um dos seus poetas dizer, em inspirada estrofe: ‘A cidade das montanhas é princeza do Brazil!’. Realmente, é bela, principalmente vista do mar, à noite, quando a trêmula luzerna da lua se estende por sobre as cúpulas das suas igrejas, e as inúmeras eminências que se elevam sobre a cidade, em que os lírios perfumam as brisas que encrespam as águas da sua imensa Bahia e os trovadores noturnos atiram aos ares as suas melodias repassadas de langores (*Idem*).

A forma poética com que aborda a descrição de Salvador configura uma significativa dose de sentimentalidade às suas palavras. A jornalista não escapa ao espírito de seu tempo, seu olhar sobre a cidade e sua forma de abordá-la parecem descrever um lugar perfeito, o “Éden” como sugere:

Relembra a virgem adormecida, sobre cujo seio a brisa vem espalhar uma chuva de pétalas, — pés descalços no tapete das ondas. E quando ao alvorecer, mergulhada a lua no infinito, através do verde-negro de suas montanhas, a aurora vai rastejando a branca toalha da sua nívea luz, pelas areias claras das extensas praias que se estendem Bomfim além, como é bello esse trecho de vergel a beira-mar, com os seus cajueiros vergados ao peso de dourados pomos, as suas mangueiras luxuriantes, (as suas palmeiras esguias, flexíveis) e graciosas, como virgens dos sertões americanos!... E' indizível o que a perspectiva da natureza aí acumula aos olhos observadores de quem tem a ventura de deslumbrar-se ante tão mágicos painéis.

---

naquele dia, 58 pessoas morreram da doença. Na Corte, a *Gazeta* (RJ) publica na edição 33 que uma campanha está sendo montada para tentar conter a doença e cuidar dos mais pobres.

Dir-se-hia que é um Éden, com todos os encantos que sonharam as imaginações ardentes e entusiastas dos Chateaubriand (*Ibidem*).

A cidade também compõe esta paisagem de perfeição rítmica e harmônica. Os desnivelamentos géo-urbanos dão um ar de encontro de duas realidades que se complementam: Cidade Alta e Cidade Baixa conectada por um “Elevador Hidráulico”, o comércio, o arsenal de guerra, a alfândega. Só a repartição dos correios não merece seus elogios:

A vista marítima tendo por ponto de observação o terraço do Passeio Público, ao lado do Forte de S. Pedro, não é menos bela; o próprio jardim, pela sua colocação excepcionalmente agradável, e pelas suas riquezas naturais é um dos lugares mais deliciosos que conheço. A cidade, que é um presépio, vista de fora, dentro é dotada d'uma ondulação acidentada que lhe dá um encanto especial. E' dividida em duas: — a Cidade Alta e a Cidade Baixa, que se comunicam por ladeiras íngremes, difficilmente acessíveis, e pela grandiosa obra d'arte — um dos maiores trabalhos de engenharia no Brasil — o Elevador Hidráulico — torre elevadíssima, que tem cem metros de altura, cavada em rocha enorme. A cidade baixa é uma nesga de terra em parte conquistada ao mar, e onde funcionam o grosso do commercio, o arsenal de guerra, a repartição do correio (que é uma das piores do norte), a alfândega, parte da imprensa, e alguns estabelecimentos de grande importância. A cidade alta é a parte elevada da terra e por onde a cidade se estende, com os seus monumentos históricos e grandiosos, com os seus edificios públicos e particulares, os seus importantes hotéis, como o de Paris, um dos melhores em que me lenho hospedado, as suas velhas e lendárias igrejas, as suas praças e largos, os seus campos de manobra, bairros e arrabaldes. De amigas e nobres legendas, possui certificações, que atestam a sua primitiva pujança; palácios ou casas nobres, que testemunham o prestígio e as tradições dos seus passados dominadores. Na acepção histórica, é talvez a cidade mais rica em documentos monumentais de sua passada grandeza e do valor dos seus denodados povoadores (AZEVEDO, *op. cit. loc. Cit.*).

Os espaços físicos são conquistados por sua descrição, mas não ficam de fora os sujeitos que encontra, como diz: “quanto ao carácter do seu povo, pode-se dizer que é o mais afável possível” (*Idem*). Outro elemento radicalmente relevante diz respeito exatamente ao que se propões a missão: compreender a educação dos lugares por onde passa, neste sentido, assere-nos que a Bahia está adiantadíssima em termos de instrução, além de ostentar os “maiores estadistas como Zacarias, Cotegipe, Ruy Barboza, Saraiva e outros” (*Idem*).

Possui além da sua velha Academia de Medicina, estabelecimentos de instrução primaria e secundaria vantajosamente reputados. O Lyceu de Artes e Officios é importantíssimo, regido por leis orgânicas perfeitamente adaptadas aos seus fins. Funciona em um edificio magnífico, sob a direcção do illustrado Dr. Manoel Vittorino Pereira, uma das glórias literárias daquela província. Entre os estabelecimentos de educação, que visitei, em companhia do meu illustrado colega Virgílio de Lemos, distinto e illustrado redator do ‘Diário do Povo’, cabe-me o dever de mencionar o Collegio de Nossa Senhora da Glória, perfeitamente dirigido pela habilissima educadora D. Maria Augusta de Azambuja. Visitei também o Collegio União, dirigido pela Sra. D. Vitalina Alvares dos Santos, e que não é menos digno de encômios que o de N. S. da Glória. São dois dos melhores estabelecimentos da educação que conheço, guiado pelos melhores métodos de instrução e servidos por professoras inteligentísimas. A Bibliotheca Publica, é uma das mais bem organizadas que tenho visto (*Idem*).

Apesar de se dedicar religiosamente à alianças com outros órgãos de imprensa, da expedição à Bahia, além de citar a companhia de seu colega Virgílio de Lemos, redator do *Diário do Povo*, afirma em duas linhas que a imprensa baiana é perfeitamente orientada e servida por mãos talentosas.

Souto (2016), versando sobre as expedições de Josephina, assere que “a construção da subjetividade da jornalista estava muito mais atrelada ao espaço público do que ao espaço privado”. Com efeito, a professora rasura como forma de resistência os protocolos de gênero e condiciona a criação de sua própria subjetividade a partir de foro íntimo por meio de uma espécie de auto-conquista.

De Salvador, a professora Josephina continua a expedição em direção à Recife. O *Diário de Notícias da Bahia*, o *Diário de Pernambuco* e *A Família*, noticiaram a viagem: “No paquete inglês Tamar segue amanhã para o Recife a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo” (*Diário de Notícias* in *A Família*, 1889, p.8). O *Diário de Pernambuco* emite uma nota em 21 de julho de 1889, que diz:

Visita ilustre: por um telegrama recebido pelo nosso colega Thiago da Fonseca, que nos foi graciosamente mostrado, soubemos que chega hoje a esta capital a excelentíssima Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo, digníssima diretora d’*Família*, bem redigida revista semanal que se publica atualmente no Rio de Janeiro (*Diário de Pernambuco*, 1889, p.3).

Sem dúvidas esta foi uma das mais importantes viagens em termos pessoais para Josephina. O jornal *A Família* dedica duas edições em diferentes datas que demonstram sua afetividade por essa terra e os motivos pelos quais a sente. Em suas palavras, Josephina Álvares de Azevedo, descreve sua emoção ao voltar à terra natal. Entre lágrimas e indefinível alegria, entrega-se às lembranças, e a uma provável reflexão sobre os modos de como saíra de Recife, há doze anos, no anonimato e, como retorna, atravessada pela conquista de si:

Continuando a minha excursão para o norte coube-me a ventura de tocar em minha terra natal Pernambuco! Não poderia exprimir em breves termos a sensação experimentada ao lóbrigar ao longe surgindo das ondas, como a Vênus mitológica emergindo das espumas, essa terra querida, berço de heróis, pátria de tradições! A alma entre-sorrindo, n’uma expansão d’alegria indefinível, como que delirava de prazer, enquanto que os olhos, baixando do horizonte para as majestosas perspectivas, ora deslumbravam-se ante tantas magnificências, ora banhavam-se em lágrimas, essas que vertemos, quando, ao fim de longa saudade, curtida em paragens estranhas, nos aproximamos do objeto das nossas mais ardentes afeições! Para mim não é só Pernambuco a Veneza do Norte, é também o berço encantado em que embalaram-me os sonhos irisados da meninice — berço radiante, liberado na grimpada das vagas que espumam por sobre os arrecifes, espalhando-se pela imensidade azul dos mares. Oh minha terra adorada (AZEVEDO, 1889, p.1).

Conquistar sua própria liberdade é, sem dúvida alguma, um dos passos a serem dados no caminho do cuidado de si. Neste caminho, parece necessário que cada indivíduo a

semelhança do retiro (*anachóresis*), busque encontrar um escape da pressão exercida pela moral dos bons costumes, da influência das normas, ou, supere, de alguma maneira, a ação coercitiva operada por formas distintas de controle e disciplina dos corpos que se exerce sobre cada indivíduo. “Pensar por si próprio” é, antes de tudo, romper, com as travas que cerceiam os deslocamentos que só se experimentam na liberdade de ir e vir.

Hannah Arendt (1994), ao escrever a biografia de Rahel Varnhagen, dispõe de um número de reflexões que contribui para o pensamento que se pode dispensar sobre a mulher imersa em horizontes tais quais os séculos XVIII, XIX e até mesmo XX.

Conforme Arendt<sup>61</sup>,

O Iluminismo elevou a razão ao *status* de autoridade. Declarou como capacidades suprema do homem o pensamento e o que Lessing chamava “o pensar por si próprio”, no qual qualquer pessoa pode se empenhar sozinha e por seu próprio arbítrio. ‘Tudo depende do pensar por si próprio’ (ARENDR, 1994, p.20).

Josephina experimentava uma liberdade pouco usual para uma mulher de seu tempo ao adotar a razão como ferramenta primordial de sua vida. Rejeita antigos preconceitos de modo que conquista o direito de “pensar por si e de agir sobre si”.

Mais uma vez, de acordo com Arendt,

O pensar por si próprio liberta dos objetos e de sua realidade, cria uma esfera de puras ideias e um mundo que é acessível, sem conhecimento ou experiência, a qualquer ser racional. Liberta do objeto exatamente como o amor romântico liberta o amante da realidade de sua amada. E como do amor romântico nascem os ‘grandes amantes’, que não podem mais ser perturbados por nada do que amam, cujo sentimento não mais pode ser confundido por qualquer realidade, da mesma forma o pensar por si próprio assim entendido, proporciona uma base para os ignorantes cultivados, que - isentos por nascimentos de obrigação para com qualquer objeto do ambiente cultural estranho - necessitam apenas, para se tornar contemporâneos, despir antigos preconceitos e libertar-se para pensar (*Idem*).

Por tanto, sua ida à terra natal é, em última instância, uma atitude de reflexão, uma forma de tornar a olhar a si mesma depois de um determinado tempo. Mas este caminho é sutilmente elaborado de fora para dentro, da paisagem a qual vai compondo lentamente ao penetrar sua cidade à sua subjetividade. Primeiro a visão das ondas, do continente, a descrição do pacote se aproximando, a embarcação pequena, a emoção:

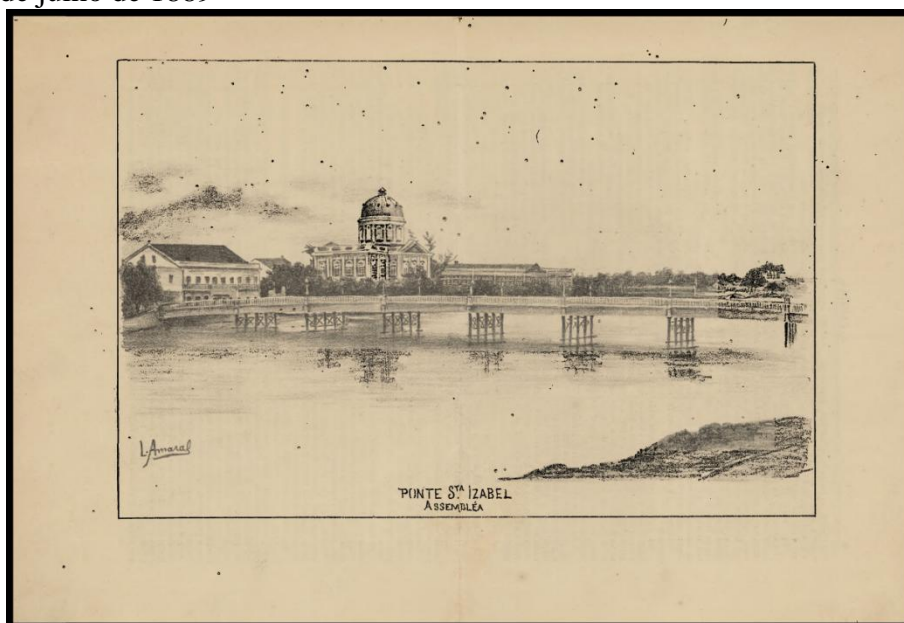
---

<sup>61</sup> “A biografia de Rahel Varnhagen foi o primeiro livro escrito por Hannah Arendt. Antes de emigrar da Alemanha e, alguns anos mais tarde, da Europa, nos anos 30, o manuscrito já estava pronto; mas vinte anos se passaram até que fosse publicado, em 1957. Rahel Varnhagen ficou conhecida por sua presença no cenário cultural da Alemanha no período da passagem do século XVIII para o XIX, marcado pelos ideais do Iluminismo, o culto à figura de Goethe e o espírito do Romantismo. Hannah Arendt nos conta a vida dessa mulher, conhecida por seus contemporâneos por seu brilhantismo, como a história de um doloroso fracasso. Rahel - mulher, nem rica e nem bonita, e judia - dedica sua vida a tentar apagar pela assimilação a sua origem, que considerava infame. Os recursos que dispõe para isso - a mentalidade do Iluminismo, os contatos com a nobreza, a entrada na cena cultural, o casamento.” Cf. in ARENDR, H., *Rahel Varnhagen: A vida de uma judia alemã na época do Romantismo*, Tradução de Antônio Trânsito e Gernot Kludasch, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

Aproximavamo-nos da terra. O mar encapelado rugia, no seu bramir tremendo, as estrofes lamuriosas do seu cântico selvagem. Por sobre as vagas, a intrépida falua cortava uma linha de espumas, com a sua vela branca aberta ao vento, numa carreira doidejante de navio-gaivota. O paquete, em que viajávamos, não transpunha o ancoradouro, além do Camarão. Para desembarcarmos, era necessário tomar qualquer destes pequeninos barcos que transportam passageiros dos vapores para terra; confiaraquela pequenina casca de nós sacudida pelo líquido gigante a frágil existência. Mas a ansiedade de chegar cedo, de baixar na terra do berço, de ver a cidade enamorada, de sentir o perfume das suas flores, o bafejo das nossas auras, as blandícias do nosso clima, ora enorme, ardente, perturbadora. Apertava-se-me o seio de saudade; a alma doudejava de alegria, dessa agri-doce ventura, que se não sente muito tempo, que se não descreve nunca, porque essa inexplicável sensação que se experimenta, após longa ausência, ao voltar à terra natal, não se descreve, não se compreende, não se define, porque não está ao alcance da linguagem humana, exprimir aquilo que tem a sua causa secreta nos mistérios impenetráveis da natureza, e que só resume nesse poema de prazer, de tristeza, de ventura e de saudade, sintetizando nesta expressão tão vaga— o sentimento! Alegre, radiante, e chorando, sem refletir bem no perigo, sem medir o poder das vagas, embarquei em um bote, em demanda da terra, pouco depois de dar fundo o paquete. O percurso a fazer era longo; as vicissitudes e perigos a vencer eram enormes: não obstante, tudo afrontei, desembarcando pouco depois (AZEVEDO, 1889, p.1).

Após passar doze anos fora, aos 38 anos, regressa para à sua terra natal. Carrega consigo a emoção de ser “filha da terra”. Diferente do que afirma Sacramento Blake, em seu famoso Dicionário Bibliográfico Brasileiro (1899) no qual se lê que a jornalista teria nascido em Itaboraí no Rio de Janeiro, Josephina afirma ser natural de Pernambuco, de maneira que sua fala imprime um caráter de lembrança e saudade de infância, do cheiro da cidade, dos costumes jamais esquecidos:

Imagem 37 - Ponte Santa Isabel em Recife, presente de Libânio do Amaral por ocasião de sua visita a cidade, publicada na Edição Especial de julho de 1889



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



De fato, a cidade conhecida através das lentes de Josephina, por meio de suas descrições é “deslumbrante”. As palavras da professora constituem uma ode apaixonada. Trata-se de uma homenagem e uma espécie de reparação por ter estado ausente tanto tempo:

O deslumbramento de que fiquei possuída em terra foi indizível. O Recife é uma cidade rica de magnificências, com as suas pontes admiráveis, com os seus bairros banhados pelo Capiberibe, com os seus monumentos, os seus edifícios grandiosos, as suas ruas belíssimas, praças e jardins encantadores. São notáveis, entre outros edifícios, a Assembleia Provincial e a Estação da Estrada de Ferro de Caruaru. Graças à recepção honrosa e simpática que me foi feita, pude visitar diversas repartições, estabelecimentos e outro edifícios, sendo muito obsequiada (AZEVEDO, 1889, p.2).

Tendo ficado hospedada em casa de sua amiga e colaboradora Maria Amélia de Queiroz por quase um mês pode, como afirma, “visitar diversas repartições públicas como vem fazendo nas províncias por onde tem passado”.

Visitei a Assembleia Provincial, em que fui muito distinguida, principalmente pelo popular tribuno pernambucano Dr. José Mariano; a fotografia Duscable, em que me foi oferecido o meu retrato; o Arsenal de Marinha, o Quartel do 14 batalhão de Infantaria, o do Esquadrão de Cavalaria, o do Corpo de Bombeiros e o Quartel General, sendo em todos recebida pelos distintos chefes com toda a afabilidade. Visitei o Palácio da Presidência, o Consulado Português, a Alfândega, e a Estação da Estrada de Ferro, sendo muito solicitada, pelos Drs. Lucio do Amaral, Nascimento e o capitão Gusmão Lobo. Por toda a parte não me foram regateados obséquios e honras; ponhorada (sic) fiquei por tão generoso acolhimento (*Idem*).

Em Pernambuco a jornalista publica a edição 30, Edição Extraordinária da *Família* e é agraciada com cinco importantes obras de artes de Libânio do Amaral que, por sua vez, assina a arte da citada edição. São estas as artes: seu retrato e o retrato de Maria Amélia de Queiroz, desenho da Ponte Pedro II e da Ponte Santa Isabel e, por fim, uma peça que não foi publicada, paisagem sobre uma ostra:

Em Pernambuco publiquei um número extraordinário d' «A Família», ilustrado pelo hábil desenhista Libânio do Amaral, com as magníficas pontes de Santa Izabel e a de D. Pedro II, bem como o meu retrato. O Sr. Libânio, que é um lápis maravilhoso, ofereceu-me também uma linda paisagem desenhada em uma casca de ostra, trabalho esplêndido, que revela a proficiência e a inspiração do artista (*ibdem*).

Numa quarta feira, 7 de agosto de 1889, o *Jornal de Recife* publica uma nota de despedida dizendo: “A Exma. Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo nossa inteligente comprovinciana e distinta colega d'A *Família*, segue hoje, no paquete Pernambuco, para a província do Ceará, onde vai continuar a propaganda de sua bem sucedida folha” (*Jornal de Recife*, 1889, p.1). Depois de vinte dias, com o pesar da saudades que leva e que deixa, Josephina segue sua missão:

Como disse, curta foi a minha demora em Pernambuco; vinte dias depois tomava o

pacote com direcção ao Ceará. Terminando este rápido esboço, cumpre-me agradecer os obséquios que recebi do Sr. Dr. Thiago da Fonseca, que me acompanhou sempre, a toda a parte, dispensando-me toda a distinção e sollicitude; bem como aos meus ilustrados colegas de imprensa, pelas inúmeras atenções com que mimosearam-me durante a minha estada nesta cidade (*ibidem*).

Na manhã de sábado, 10 de agosto de 1889 é publicada no *Cearense* a nota que dizia “Chegou ontem do sul do Império a Exma. Sra. D. Josephina”(1889, p.1). O jornal *A Constituição* de 11 de agosto de 1889, também publica uma breve nota:

A bordo do Vapor Nacional ‘Pernambuco’ chegou ontem a esta capital a nossa distinta e ilustre colega Exma. Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo, principal redatora e proprietária da importante revista semanal *A Família* que se publica na Côte, e da qual são colaboradoras as Exmas. Sras. DD. Amália Franco, Maria Zelma Rolim, Adélia Barros, Luiza Thienpont, Maria Amélia de Queiroz, Maria Remotte, Maria Ramos, Paulina Silva, Emiliana de Moraes, Alzira Rodrigues, Anna Autran e Doutora Isabel de Barros Dillon. A distinta e gentil jornalista penhorou-nos ontem com sua honrosa visita e ofereceu-nos um exemplar daquela importante revista, com a qual muito prasenteiramente (*sic*) permutamos (*A Constituição*, 1889, p. 1).

Seguindo o roteiro que desenvolve ao longo da expedição, Josephina relata na coluna *Carnet de Voyage* da edição 42 de seu jornal, como foi sua experiência no Ceará. É interessante notar que todas as edições que traziam a citada coluna, foram publicadas por pelo menos quatro meses depois das expedições. Ou seja, a edição 42 viera a público em 14 de dezembro de 1889, a professora, porém, aportara ao Ceará entre os dias 9 e 10 de agosto deste mesmo ano. Tal é o fato que nos leva a pensar, devido a riqueza de detalhes de cada matéria, que a jornalista fazia uso de cadernos de anotações (os quais, infelizmente não foram localizados durante esta pesquisa). É muito provável que houvesse ali, em tais anotações, outros caminhos a serem percorridos, outras pistas a serem estudadas, o que valeria radicalmente uma varredura nas bases de dados em Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro, lugares cuja história de Josephina Álvares de Azevedo possuía profunda relação. Mas isso deve constituir nova pesquisa, visto que demandaria muito tempo e trabalho.

Retomando o tema da coluna *Carnet de Voyage*, o Ceará é, assim por dizer, o penúltimo passo dessa aventura pelo norte do Brasil. Ao passar por ali, a redatora da *Família* segue seu projeto de estabelecer novas alianças com outras agências jornalísticas, novas redes culturais, políticas, e dar, também, continuidade ao projeto que aos poucos foi se tornando outra faceta da viagem, mostrar o Brasil às brasileiras leitoras de seu jornal:

Ceará! a terra da luz! Nesse ninho ardente, de sonhos e de idealidades, alguma coisa há que nos fala a alma, como um canto de ave, um hino da natureza, uma aurora encantada do aromas e de flores. Ali, vive um povo heróico, altivo, generoso e humanitário. Foi nas suas selvas que primeiro o gemido doloroso do escravo transformou-se no hino festivo do cidadão. Ceará é o berço de Iracema, a pátria de José de Alencar (AZEVEDO, 1889, p. 2).

Josephina escolhe começar a sua escrita, pela exaltação do cearense, como se não houvesse outra opção, prefere abrir caminho ao eleger o povo como o herói desta terra. Mas antes, perplexa pela pertinente presença do sol e do calor, chama a província do Ceará de “terra da luz”, “ninho ardente”. Em seguida, parece fazer alusão ao canto do Carcará, ave presente na cultura e no imaginário do povo sofrido do Sertão nordestino.

A professora exalta o movimento abolicionista cearense que em 25 de março de 1884 aboliu definitivamente a escravidão na província, e que por este “glorioso acontecimento” a Confederação Abolicionista organizou uma festa que durou vários dias em toda província, como nos aponta Serrano:

Neste ínterim, liberta-se o Ceará da escravidão, em março de 1884. à voz dos jangadeiros, município por município foi, desde janeiro de 1883 até março de 1884, proclamando emancipados seus escravos, até que afinal se deu a vitória definitiva. De Fortaleza, seguiu um telegrama para o Rio: ‘24 de março, 11 horas e 10 minutos: Ganhamos a primeira batalha. Cientifique o Imperador, cujo abolicionismo respeitamos, que apesar da perseguição do governo, o Ceará está livre’. Foi um reboiço na capital. A ‘Confederação Abolicionista’ organizou uma quermesse em benefício dos escravos. Vários dias de festa comemoraram o glorioso acontecimento (SERRANO, 1968, p. 398,399).

Evidentemente Josephina não poderia deixar de citar um dos mais ilustres filho da terra, o romancista José de Alencar e sua composição indianista *Iracema*. Exalta a natureza e suas mulheres cearense:

Nessa terra abençoada, tudo é belo, tudo é grande! As flores e as mulheres são belas, grandes são os corações e a natureza. Será talvez por isso que as inclemências do seu clima são lá maiores que em outra qualquer parte. Mas, em compensação, como o cearense é valoroso diante das tempestades de sol que o abrasam (AZEVEDO, 1889, p.2).

Insistentemente fixa seu olhar na generosidade e simplicidade do povo. Até que descreve, com poucas palavras, a grandiosidade de suas praias e a indizibilidade do prazer em desfrutar das belezas da província com suas edificações elegantes e alinhadas:

Ao aproximar-se o paquete das praias cearenses, eram estas as considerações que fazia, nos meus transportes de simpatia para com esse povo, tão forte, mas ao mesmo tempo tão generoso e tão simples! O mar tranquilo e madorento espalhava-se numa extensão enorme, o como que reflectia na sua transparência azulada os meus pensamentos. A chegada ao Ceará produziu em mim uma sensação de prazer e ventura, que eu não sei perfeitamente definir. O Ceará é uma das cidades mais belas do Brasil: moderna, com os seus edifícios novos, limpos, elegantes e irrepreensivelmente alinhados, como se obedecessem a um plano geral, preconcebido. A vista de conjunto deslumbrada; produz entusiasmo. Infelizmente o Ceará não possui uma alfândega à altura dos demais edifícios, o que deixa, logo ao desembarque, uma impressão desagradável e de verdadeiro contraste com os demais edifícios. Isso porém será um senão que não há de perdurar, porque, com certeza, o governo será obrigado a contribuir para que a formosa capital cearense possua uma alfândega digna de si. O Ceará, que já de si é uma cidade formosa, possui um Passeio Público que é extraordinariamente belo. Assenta sobre três planos que lhe

dão uma beleza incomparável. É um dos orgulhos, aliás justos, de todos os seus filhos que o estimam e apreciam quanto devem. O edifício da Estação da Estrada do Ferro de Baturité é imponente (AZEVEDO, *op. cit. loc. cit.*).

Ao destacar a crise na província, exalta a recepção recebida. Chama atenção para as duras secas que assolavam a terra e a “péssima condição do serviço público”:

Possui a capital uma escola superior de estudos militares, recentemente criada pelo governo e dirigida proficientemente pelo digno coronel Mallet. É um estabelecimento de instrução digno de todos os encômios. A recepção que me fizeram os cearenses foi das mais lisonjeiras; deixaram em minha alma gravada profunda gratidão e eterna lembrança. Não foram poucos os obséquios, gentilezas os agrados que recebi de todos. No meio de uma crise tremenda como a que atingia esse povo, apesar de todos os males, desde a péssima organização do serviço de socorros públicos até às inclemências do clima, ainda assim os cearenses tinham alfagos para os hóspedes, hospitalidade para todos os que lhes batiam às portas (*Idem*).

Por fim, a jornalista agradece ao também jornalista do jornal *O Libertador*, João Lopes, sua companhia e a recepção que teve das senhoras e moças as famílias mais ricas da província:

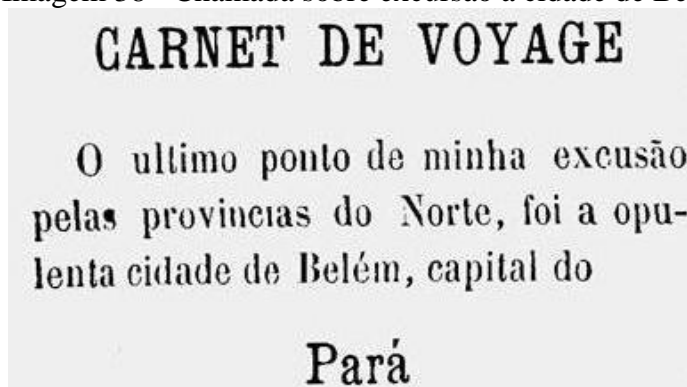
Obsequiada e honrada pelo meu digno colega João Lopes, do ‘Libertador’, penetrei até o recinto da Assembleia Provincial, onde me foram deferidas todas as finezas da educação cearense. As repartições públicas receberam-me com as maiores demonstrações de consideração e afeto; as casas particulares das famílias de todas as jerarchias abriram-me as suas portas com uma cordialidade encantadora. E devo aqui atestar todo o meu afeto por essa gente tão boa, por essas matronas tão generosas, por essas moças tão gentis, tão afáveis, e encantadoras que tanto captaram o meu coração (*Ibidem*).

Conforme Josephina, “sua estada nesta capital foi muito curta”, mas o suficiente para descobrir que aquele era realmente um povo muito forte, apesar da terrível seca que já naqueles dias configurava um cenário de fome e miséria por toda parte, “felizmente, o cearense é forte, resignado e heroico”:

Durante a minha estada nesta capital, estada que foi muito curta, infelizmente, tive o melhor ensejo de verificar que é mais do que verdadeira a fama do que esse povo goza em toda a parte ; e isso me foi tão agradável, quanto agora me considero feliz por ter de confessá-lo aqui. Tivesse a natureza para com esse povo menos asperezas, menos horrores, e então essa fama cresceria tanto, quanto a sua grandeza. Mas é que a natureza tão pródiga nas quadras viridentes que faz a admiração de todos, tem também os seus momentos cruéis — esses em que a seca perisdica (sic) assola os seus campos, cresta as suas plantações, espalhando a fome e a miséria por toda a parte, felizmente, o cearense é forte, resignado e heróico, o que lhe dá força para suportar crises que teriam aniquilado outro que não fosse esse povo. Por isso a impressão que nos deixam aquele povo e aquelas plagas nos edificam de modo que a legítima expansão de entusiasmo de que se deixa dominar a alma do que ali chega sucede a mais profunda expressão de saudade do que d'ali parte (*Idem*).

Saindo do Ceará, Belém é o seu próximo destino. A rota do mar permanece como parte do caminho traçado.

Imagem 38 - Chamada sobre excursão a cidade de Belém



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN

Esta foi provavelmente a visita mais rápida que Josephina realizou nesta expedição ao Norte do Brasil. A coluna *Carnet de Voyage* da edição 43 quase não oferece detalhes de sua visita nesta província. Muito provavelmente, a professora já devia encontrar-se bastante cansada devido à longa distância percorrida por terra e mar. Ao que parece sua intenção fosse voltar de Fortaleza ao Rio de Janeiro, mas ela resolve seguir até Belém do Pará. Uma pista do jornal *A Constituição* afirma que dali mesmo de Fortaleza ela voltaria ao Sul: “no vapor Espírito Santo que segue hoje para o Sul”. Esta notícia veio a público no dia 21 de agosto de 1889. No entanto, a professora ainda estenderia sua jornada:

Nessas regiões que o Amazonas banha, em que a pororoca estronda no amplexo titânico do rio com o oceano, tudo maravilha a criatura. A grandeza da natureza aí como que abate o homem, tornando-o como que pequeno para domar os elementos. O Pará é um prodígio e uma riqueza. Está nisso o segredo do engrandecimento do seu comércio e da sua inquestionável prosperidade. Das regiões do Norte é aquela em que abundam mais os estrangeiros, dando ao seu comércio um cunho de actividade extraordinária. A cidade, por isso, com ser bastante afastada do governo central, não deixa por isso de ser adiantada e florescente (AZEVEDO, 1889, p. 6).

A riqueza da província, seu comércio, a presença de estrangeiros e, mais uma vez, a natureza exuberante constituem as coordenadas da descrição da viagem. Josephina, porém, se encontra com Paulino de Brito, jornalista que a certa ocasião lhes desferirá golpes de críticas, que em suas palavras, “deu mais relevo” à sua propaganda:

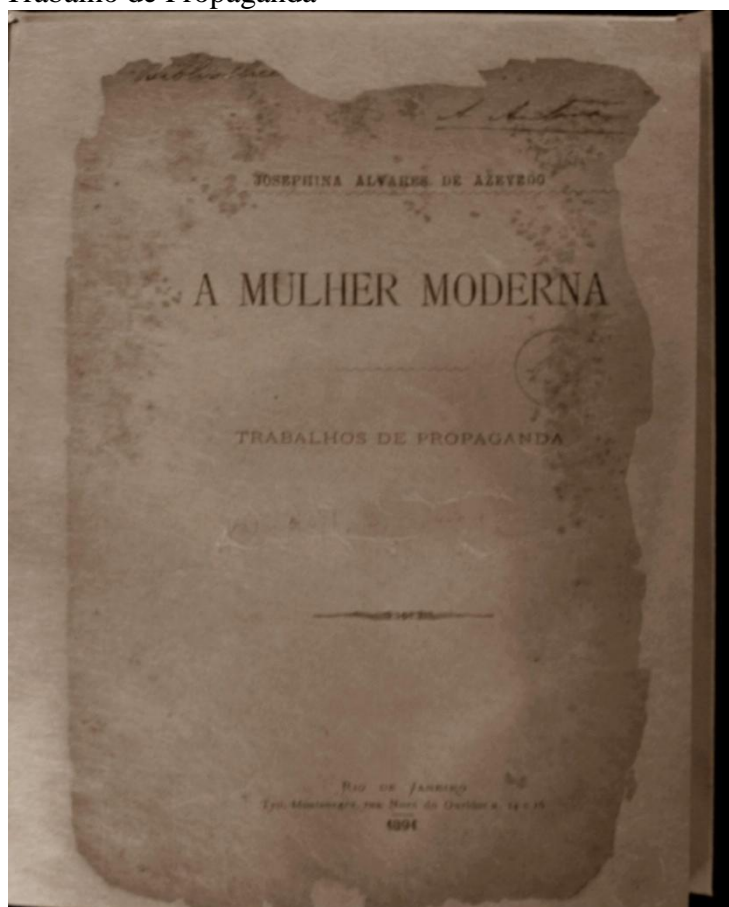
O Pará possui desenvolvida imprensa, notando-se entre os seus jornais, alguns diários de grande formato e excelente redacção. Mau grado todas estas cousas, foi no Pará que encontrei um jornalista retrógrado, o Sr. Paulino de Brito, que em repellidos artigos, vasados nos velhos e acanhados moldes da metafísica estafada e dos preconceitos sociais em voga nos tempos das Kalendas, atacou de frente a propaganda d'A família com todo o poder da sua lógica, da sua dialéctica, da sua filáucia e do seu despeito pela litteratura do Rio de Janeiro. Isso, porém, foi um senão insignificante, que lá mesmo encontrou protesto, tenho certeza, das próprias paraenses, que como senhoras educadas à luz dos princípios da moderna sociologia não podiam concordar com aquele jornalista. Entretanto, força é confessar, que essa fraca opposição, deu mais relevo à minha propaganda e aceitação ao meu modesto jornal.

É possível destacar uma importante finalidade no que diz respeito à expedição da jornalista e professora Josephina. Fica claro que um dos eixos de sua preocupação era o que ela mesma chamou de “propaganda”. Dito de outra maneira, as viagens estavam relacionadas diretamente com a divulgação de seus trabalhos jornalísticos e literários. Constituindo, em parte, a agenda que corroborava com o projeto de seu periódico e de si.

A professora Josephina conquistou o direito de viajar sem ter, necessariamente, a companhia masculina, o direito à fala e, sobretudo, o direito à escuta, fazendo de si a sua maior experiência. Em geral ela era recebida por jornalistas, servidores públicos e militares, quando em visita a uma cidade. Suas palavras de ordem era quase sempre as mesmas quando referidas à mulher, liberdade, autonomia, emancipação e direito iguais aos dos homens. Por esta razão, suas ideias foram tachadas como utopias, duramente criticadas e, até, combatida por alguns. No entanto, de acordo com a própria Josephina, algumas dessas querelas deram mais relevo a sua propaganda e aceitação ao seu jornal.

#### 2.3.4 Quando um livro era lançado

Imagem 39 -Ante capa do livro A Mulher Moderna:  
Trabalho de Propaganda



Fonte: Biblioteca Nacional - Fotografia do arquivo pessoal de Jocemir Reis.

Josephina Álvares de Azevedo escreveu alguns livros que foram largamente divulgados pela imprensa de sua época. Porém, nem todos sobreviveram ao tempo, restando-nos apenas vestígios em notícias de jornais. Versando sobre esta questão, Silva afirma que

O apagamento da atuação das feministas no século XIX em favor da obtenção de direitos ao voto acompanha [...], um movimento de interdição da história das mulheres, principalmente das letradas do entre séculos, e de sua importância para a cultura a sociedade e a política do Brasil num momento crucial de mudanças sociais e políticas sintetizado pela transição entre governo monárquico e governo republicano (SILVA, 2018, p.115).

Para não correr o risco de cair em meras simplificações e em algum nível de maniqueísmo, é preferível supor que em razão das baixas tiragens, devido ao alto custo de publicação no século XIX, os livros de Josephina possam ter ficado, apesar de largamente divulgados, em estado rarefeito, considerando o território nacional, dado as imensas distâncias percorridas por sua produção, que ela mesma, à mão, levava aos seus leitores.

Se como Silva (2018) sinaliza, houve de fato ação intencional no apagamento dessa produção literária, é inescapável dizer que também houve vigor na palavra escrita do que sobrou de seus livros para que hoje fossem redescobertos como focos de experiências que, de certa forma e em certo sentido, produziram matrizes normativas do discurso feminista no Brasil. Sim, porque, não buscando necessariamente às origens, nem as estruturas ontológicas do discurso feminista no Brasil, mas observando o fenômeno da descontinuidade no aparecimento da escrita feminino/feminista nos jornais como um acontecimento histórico, postulamos que há algum respaldo para daí se supor mutações nos modos de agir e ser mulher no interior do horizonte oitocentista.

É possível encontrar em alguns jornais daquela época vestígios que permitem reconhecer o caminho da produção literária desta docente que, por vezes, assinava suas matérias como Zefa.

Há evidências de que teria escrito entre cinco ou seis livros, à peça teatral *O voto Feminino* e traduzido outra peça do francês, chamada *Os companheiros do Sol*, encenada no Rio, que trataremos mais adiante, além de muitas outras traduções do Francês e do Inglês para o seu jornal.

O *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 11 de janeiro 1891, publica uma nota anunciando o lançamento do livro de Josephina *A mulher moderna*. A nota diz ainda que aquele livronão era o primeiro escrito pela professora.

A nossa gentilíssima colega Josephina Álvares de Azevedo vai publicar por todo este mês o seu segundo livro de propaganda, intitulado *A mulher moderna*. O livro que tem cerca de 200 páginas, em 8º francês, está sendo cuidadosamente impresso

nas oficinas tipográficas do sr. Montenegro. Esperamo-lo (Diário de Notícias, 1891, p.1).

O *Diário do Comércio* e a *Gazeta de Notícias* também festejaram a chegada deste livro. Já em 5 de fevereiro de 1891, o jornal *A Gazeta de Notícias*, traz em primeira mão a notícia de mais um livro da professora Zefa: “com o título *A Mulher Emancipada*, publicou a Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo, em grosso volume, os seus belos trabalhos de propaganda, grande parte dos quais já havia sido publicado na *Família*” (Gazeta de Notícias, 1891, p.2).

O próprio jornal *A Família*, tratou de publicar notícias que saíam em outros jornais sobre os livros de sua redatora. Vale lembrar que muitos desses textos foram publicadas em partes antes de serem editados como opúsculos ou livros encadernados. Este recurso era um modo de tornar o texto mais barato e acessível. Após a publicação de uma série de artigos com o mesmo tema e o mesmo título, a coleção era publicada em pequenas tiragens em formato de folheto ou livro encadernado, em geral in-8º, capa dura, como é o caso de *Retalhos*.

RETALHOS: Recebemos um folheto com o título supra, escrito pela exma. sra. d. Josephina Alvares de Azevedo, ilustrada redatora d'A Família. E' uma coleção dos belos artigos da autora, publicados em seu importante jornal de propaganda da emancipação da mulher brasileira. A operosa escritora mostra que o seu espírito é laborioso e tenaz na sustentação da ideia pela qual se dedica, convencidamente, na imprensa. Saudando respeitosamente à ilustre senhora, confessamos-lhe a nossa gratidão pela mimosa jóia literária com que nos brindou. Da Verdade (A Família, 1890, p. 7).

*Retalhos* é um dos livros perdidos de Josephina, que só é possível acessá-lo por meio dos textos encontrados na *Família*, porém, como a coleção deste periódico não foi completamente localizada, provavelmente ao ser publicado em formato de livro, o texto em questão, pode ter ganhado acréscimos, como era muito comum. Por esta razão não temos tal opúsculo na íntegra. *A Gazeta da Tarde* também publicou uma nota sobre seu recebimento:

RETALHOS: Esse nome tomou a coleção dos artigos, que a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo publicou na Família, de que é redatora. *A mulher moderna* é a epígrafe de uma série de artigos, em que a distinta jornalista bate-se valentemente em prol do seu sexo, que ela procura fazer empenhar-se na conquista dos seus direitos. O direito de voto é uma questão, que a ilustre redatora d'A Família ventila com alguma vantagem, se bem que nem sempre apresente fortes argumentos. Contém ainda o livro da Exma. Sra. D. Josephina uma versalhada da mesma literata, um lance de vistas doloroso sobre a situação de algumas cidades de S. Paulo, uma crítica à comédia *A doutora*, do Dr. Silva Nunes, e por fim uma sua versão do espanhol. D. Josephina de Azevedo é inegavelmente uma esforçada e intemerata defensora dos direitos de seu sexo. Nós, apesar de vestirmos calças estamos prontos a alistar-nos na sua grandiosa cruzada, oferecendo a causa das mulheres nossas poucas energias e nossa muita dedicação. Da Gazeta da Tarde, Recife. (*op. cit. loc. cit.*)



O texto noticia sobre dois livros de Josephina escrito em formato de artigos: *Retalhos*, e *A Mulher Moderna*. Este último tem o texto recuperado na íntegra pela Coleção Escritoras do Brasil, volume 1, publicado em 2018 pelo Senado Federal em dois formatos, impresso e em plataforma digital.

Como muitos textos de Josephina foram publicados em capítulos pelo jornal *A Família*, é bem possível que haja outros livros de sua autoria que estejam perdidos. Títulos como *Mães e Mestras*, *Galeria Especial*, *Mulheres Célebres*, são matérias que chegam ter de trinta e cinco a quarenta capítulos no jornal. Estes títulos não correspondem a nenhum livro localizado de sua autoria. Mas, é muito possível que ainda sejam descobertos encadernados. Estima-se que ao todo, pelo menos, cinco livros de Josephina tenham sido perdidos, o que daria uma margem de aproximadamente entre oito e dez livros publicados.

### 2.3.5 Propaganda das peças teatrais

Outro motivo para que ocupasse as páginas dos jornais foram as duas peças teatrais que tiveram sua participação direta, uma como escritora - *O Voto Feminino* e, a outra, como tradutora, *Os Companheiros do Sol*, que em agosto de 1890, teve lugar na propaganda do *Diário do Comércio*:

Depois de ter sido completamente reformado, o antigo Teatro Phênix Dramático reabre-se amanhã com o nome de João Caetano, fazendo nela a sua estreia uma importante companhia dramática, organizada ultimamente e da qual fazem parte diversos artistas conhecidos e de merecimento. A peça escolhida para estreia denomina-se *Os Companheiros do Sol* e é traduzida do francês pela distintíssima escritora a Exma. Sra. D. Josephina Álvares de Oliveira. É um drama cheio de situações altamente dramáticas e que deve obter um grande sucesso (*Diário do Comércio*, 1890, p.2).

O *Diário de Notícias*, também publicou a reinauguração do citado teatro com a peça traduzida por Josephina: *Os Companheiros do Sol*:

Estreou anteontem a antiga Phênix Dramática, agora chamada com o nome de João Caetano, uma nova companhia dramática dirigida pelo inteligente ator Cardoso da Motta. Foi auspiciosa a estreia do novo grupo que se apresentou o drama em 5 atos de Paulo de Jay, traduzido pela nossa colega d. Josephina Alvares de Azevedo, *Os companheiros do sol* (*Diário de Notícias*, 1890, p.2).

Também noticiaram a reinauguração do teatro Phênix, a *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *a Novidades* e *A Família*. Temos a notícia de que apenas uma única peça teatral fora de fato escrita por Josephina. Publicada, nas páginas da *Família*, foi encenada em algumas salas teatrais da cidade do Rio de Janeiro em um período de grande efervescência política. Mais

uma vez, Josephina tem seu nome publicado nos jornais do país. Não bastasse ser uma das grandes precursoras do feminismo no Brasil (DUARTE, 2016; SOIHET, 2004; SILVA, 2018), inscreve seu nome na história do teatro brasileiro com a citada comédia política.

Foram inúmeras menções à peça *O voto feminino* nos jornais. Conforme Karawejczyk:

A inspiração para a feitura da peça, [...] teria sido deflagrada pela tentativa de renovar o alistamento eleitoral de *Isabel de Sousa Matos*, dentista que, desde 1885 – baseada na lei Saraiva de 1881, que garantia o voto para os portadores de títulos científicos –, teria conseguido se alistar para votar no Estado do Rio Grande do Sul. Isabel, ao se mudar para o Rio de Janeiro, teria procurado uma junta eleitoral para refazer o seu alistamento para votar nas eleições para a Constituinte, que teria sido negado pelo então Secretário de Estado dos Negócios do Interior, José Cesário de Faria Alvim (2018, p. 317).

O alistamento de duas mulheres na junta eleitoral cuja finalidade era votar nas eleições Constituinte pareceu algo inusitado aos jornais da época. Este fato, segundo o *Diário de Notícias*, aconteceu no dia 14 de março de 1890 na freguesia de Sant’Ana, Rio de Janeiro e tomou as páginas dos principais jornais do país:

Perante a Comissão eleitoral do 1º distrito da Paróquia de Sant’Anna, compareceram ontem as cidadãs Josepha Cardoso de Faria Leal e Anna Jacinta Cardoso e requereram a sua inclusão no sistema eleitoral a que se está procedendo. A comissão distrital tomou em consideração o pedido das requerentes e vai fazer nesse sentido uma consulta ao cidadão ministro do interior (Diário de Notícias, 1890, p.1).

Com pouquíssimas diferenças, outra nota foi publicada na *Gazeta de Notícia* (RJ). No mesmo dia e na sequência, a polémica se espalhou.

“Solicitaram a inclusão no alistamento eleitoral do 1º distrito de Sant’Anna, as cidadãs Anna Jacinta Cardoso e Josepha Cardoso de Faria Leal ambas esposas de funcionários públicos. A comissão distrital tendo dúvidas ao respeito, resolveu consultar ao ministro do interior.”(Gazeta de Notícias, 1890, p. 2).

Imediatamente depois, jornais como a *Gazeta do Norte* (CE), *O Estado do Espírito Santo* (ES), o *Libertador* (CE), *A República* (PA), o *Jornal do Recife* (PE) e a *Revista Ilustrada* (RJ) espalharam a notícia. No entanto, este último retratou na edição 583 de 22 de março de 1890 o fato com três charges, que pela forma de abordagem, fazia parecer que o alistamento de mulheres para às eleições era coisa risível.

As charges que ocupavam as duas páginas centrais da revista não acompanhavam a textos com comentários e argumentos sobre a temática, apenas de forma pilheresca, algumas legendas faziam a vez da mancha textual.

Imagem 40 - Charges sobre o alistamento de duas mulheres na junta eleitoral



Fonte: Revista Ilustrada (RJ), edição: 583, Hemeroteca da BN

É possível ler no quadro 6 da imagem acima que “Algumas senhoras requereram serem alistadas como eleitoras. A junta paroquial, com a máxima cortesia, lhes declarou nada poder resolver sem consultar o governo”; e no quadro 7, um personagem masculino de forma pilhérica reflete: “Estamos, pois, ameaçados de ouvir à sobremesa, belos discursos sobre a marcha dos negócios políticos”.

A notícia que imediatamente se espalhou, ganhou tom de algo que é da ordem da impossibilidade, curiosidade e deboche por parte de alguns redatores. Conforme aponta Karawejczyk,

O fato de esse tipo de material ser apresentado em veículos de circulação, tais como jornais e revistas, dava uma visibilidade grande ao tema, atingindo um público mais amplo. Tais charges colocam em evidência a forma como a demanda pelo voto feminino estava sendo considerada na época, utilizando o recurso da pilhéria e da zombaria (2018, p. 320).

A própria imprensa da época fazia suas incursões na reflexão sobre o modo como jornais e revistas abordaram a temática. A *Gazeta de Notícias* publicou uma matéria no dia 23 de março de 1890 na qual o cenário era descrito de forma binária, em que se apresentavam grupos prós e contra.

O fato de duas senhoras terem requerido a inclusão dos seus nomes no alistamento eleitoral veio ser motivo para as crônicas diárias da semana finda. Tema farto, abundante, inesgotável, as variações exercidas sobre ele têm sido muitíssimas e todas felizes. Como se deve prever, dividem-se em dois campos os que já disseram a

respeito: uns aplaudem, louvam o procedimento das requerentes; outros desaprovam e criticam a pretensão, aplicando-lhe meia dúzia de pilhérias, das que tem por único e inocente fim – matar o adversário (Gazeta de Notícias, 1890, p.1)

Não tardou a resolução do ministro do interior Cesário Alvim vir à lume, para que mais uma vez os jornais e revistas se debruçassem sobre a questão do voto feminino. No entanto o parecer do ministro figurou como algo que era absolutamente esperado pelos mais diversos setores da sociedade, excetuando-se, é claro, aqueles que acreditavam estar atravessando um horizonte propício para o ingresso da mulher na arena das decisões políticas nacionais. Contudo, a interdição do voto feminino vigoraria por mais alguns anos, muito embora não fosse algo que estivesse evidente nos parâmetros dos decretos eleitorais, mas embasado nos costumes, como é possível perceber na própria matéria que alude o decreto eleitoral nº 200-A do Governo Provisório exercido por Deodoro da Fonseca, publicada no *Diário de Notícias* na edição 1735 de 1890,

A consulta ao eleitorado é o meio mais puro, mais solene e mais sincero de chegar onde se deseja. Pelo liberalíssimo decreto do governo provisório, sobre a qualificação eleitoral, só não terá direito de voto quem não souber ler e escrever, ou quem não quizer. Pode ser mais amplo e mais democrático o meio da consulta? É o país todo, exceção feita dos cidadãos que se confessam incapazes; é o país todo, que assim virá diretamente, e não por intermédio de quem quer que seja, dar a sua aprovação ou o seu voto contrário à constituição e simultaneamente eleger a câmara dos deputados e o senado, a quem será confiada a missão de legislar de acordo com a sanção presidencial (*Diário de Notícias*, 1890, p.1).

Pela própria interpretação do redator do *Diário de Notícias* não havia nenhum impedimento de uma mulher se alistar, bastava ela querer, ser capaz, saber ler, escrever e ter acima de 21 anos. Ou seja, a cidadania conferia o direito à inclusão no que o escritor do texto chama de “o país todo”. Mas não foi bem assim a interpretação do ministro. O que foi levado em consideração parece ter sido os costumes e não o referido decreto nº 200-A de 8 de fevereiro de 1890<sup>62</sup> sancionado pelo Governo Provisório, já que em tal decreto, a mulher não tipificava um sujeito de pertencimento à cidadania. A própria lei, tanto a Saraiva de 1881<sup>63</sup>, quanto a lei eleitoral do Governo Provisório não levou em consideração a possibilidade do alistamento feminino sob qualquer circunstância, e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, o texto em si, não lhes negava a possibilidade de alistamento eleitoral, pois não fazia nenhuma referência ou menção ao gênero.

<sup>62</sup> Decreto nº 200-A, de 8 de Fevereiro de 1890 - Publicação Original, disponível em: Câmara dos Deputados Federais, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-200-a-8-fevereiro-1890-516313-publicacaooriginal-1-pe.html>

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/lei-saraiva>

A resposta negativa do ministro era esperada por boa parte da sociedade, pois o fato de duas mulheres, ainda que “esposas de funcionários públicos”(Gazeta do Norte, 1890), ou portadoras de título científico como aparece numa das cláusulas da lei Saraiva, não mudava em nada a condição de desvantagem histórica e socialmente construída a que estavam submetidas as mulheres. Neste caso escreve o redator do *Diário de Notícias* do Rio:

Saboreando o meu café matutino, li ontem a notícia de que o sr. dr. Cesário Alvim, respondendo-lhe a consulta de que lhe foi feita a pouco, vai declarar que as senhoras não têm o direito de votar. Pelo que ouvi de três bocas femininas, a resolução do sr. ministro do interior, como aliás era de se esperar, de tal modo provoca a indignação do belo sexo, que não ficarei admirado se aparecer por aí, em breve o partido feminino, cem vezes mais ameaçador e numeroso do que o partido católico (*Diário de Notícias*, 1890, p.1).

Uma série de manifestações da opinião pública se desencadeou a apenas quatro meses e meio de República (*Idem*). A aparente assertividade na construção da democracia estava sendo posta à prova pela inesperada ação do sexo frágil. O *Diário de Notícias* revela em suas páginas que as mulheres após a Proclamação da República estavam atentas à possibilidade da reestruturação do discurso e das práticas políticas, tendo em vista a tentativa de aproximação com liberalismo francês, modelo muito visado na fabricação da política nacional brasileira, mas ainda vale notar que havia se formado ao longo dos anos de aparente silêncio, novas relações de poder e forças:

Dona Joaquina, senhora cheia de virtudes e de anos, esposa de um honrado comerciante de molhados, mãe de uma encantadora rapariga que é noiva - quase sogra, portanto, assim se pronunciou sobre a deliberação do dr. Cesário Alvim, ontem, conversando com a professora da filha, sacudindo os braços grossos como coxas, arregalando os olhos protegidos por umas pálpebras muito enrugadas e muito moles: - É um desaforo! O que tal senhor merecia bem eu sei! As mulheres não podem votar... Ora, é muito boa! Por que as mulheres não podem votar?! Eu cá por mim não me troco por homem algum. [...] Então meu marido, que de política coisa alguma entende pode dar o seu voto a este ou aquele candidato e eu o mesmo não posso fazer, - eu, que leio os jornais com atenção e ando sempre em dia com o que se discute? Boa! Olhe dona, se na câmara houvesse mulheres como eu, de outro jeito andaria os negócios por aqui! É de se lhe tirar o Chapéu! Meu marido pode votar e eu não posso! Em que meu marido é mais homem que eu? (*op. cit. loc. cit.*)

O surpreendente aqui é pensar que esta relação de forças já estava acontecendo no interior das casas, no âmbito das relações familiares, mas parece que ainda não tinha chegado ao debate público. As discussões eram veladas pela força dos preceitos religiosos, morais e radicalmente de costumes que se operava sobre a mulher, sua imagem e sua moral.

A crítica “pilheresca” de alguns jornais tornou público o debate, o que eventualmente pode ter contribuído para desvelar um desejo recalcado da participação feminina nas tomadas

de decisões política. Estava engatilhada a palavra. Mulheres, então, educadas, leitoras de jornais, que acompanhavam os debates e vida pública manifestaram sua opinião:

A esposa de certo funcionário público, d.Lolinha - mulher pequena, de escuros olhos meiga, depois de reprovar o ato do sr. ministro, disse a uma de suas amigas mais íntimas: - afinal, quanto a mim, pouco me importa que as mulheres vão às urnas ou deixem de ir. Quando chega o tempo das eleições, o Canduca vê-se tanto comigo não o deixo sossegar um instante, Canduca, digo-lhe, tu deve votar em Fulano. Mulher meu Deus! Responde-me ele, tu sabe que sou empregado público e que tenho de votar em Cicrano (sic). Mas não o deixo, e tanto lhe falo de dia e tanto à noite lhe falo, que é aquela certeza - vota em Fulano. Quem leva a cédula a urna é meu marido, mas afinal! quem vota sou eu... (*idem*).

Há de se notar que não havia um indiferentismo do “belo sexo” às questões políticas, muito pelo contrário. Do interior das casas emanavam silenciosamente a opinião feminina que, por muitos anos, parecia não existir. Ao que parece, parte da literatura fabricou uma atmosfera em que a mulher estava totalmente submetida, e que não exercia nenhuma influência no meio político, sendo sempre sua opinião recalcada. Contudo, ao analisar estas páginas de jornal, encontramos uma espécie de micro-física na qual o poder apresenta-se espalhado rizomaticamente, nas conversas entre senhoras, nas discussões políticas à mesa durante a refeição, entre marido e mulher, na feira, no mercado, após a missa.

Dona Amélia, - uma respeitável viúva, - disse-me a respeito da resolução do sr. ministro: - não aplaudo, meu senhor, a mulher que se quer tornar homem, que abandona o lar durante horas, que se faz médica ou advogada, que toma uma profissão. A mulher deve estar sempre junto dos filhos, o seu lugar é em casa; a mulher não deve ser médica ou advogada, não deve ter profissão. Não deve, veja bem, mas pode. Não se lhe tire a liberdade de ser o que quiser ser, de fazer o que quiser fazer. Não concordo com a resposta dada pelo ministro a uma consulta que lhe foi feita, com a decisão dele: a mulher não pode votar. Porque não poderá votar a mulher que negocia sob a sua firma, que paga impostos, que dispõem de seus capitais? Pois porque não pode votar a mulher que é diplomada por uma faculdade, a mulher que cura e que advoga? Porque não pode votar a mulher que é professora, que recebe dinheiro do governo para ensinar, que está incluída no rol dos empregados públicos? (*Ibidem*).

Como podemos observar, o que está em jogo em todas essas notas é uma espécie de emergência do discurso feminino sobre sua liberdade, uma esperança eufórica de fim de século que clama a respeito da mulher: “Não se lhe tire a liberdade de ser o que quiser ser, de fazer o que quiser fazer. (*idem*)”. Uma epifania da vontade feminina vem a público, então muito movida, provavelmente pela proclamação da República. O *fin-de-siècle* constituiu uma ambiência propícia para o fortalecimento do discurso de Josephina. É nesse cenário que a peça o *Voto Feminino* é ensejada.

Uma atmosfera bastante semelhante toma parte da Europa e os Estados Unidos pouco antes. No Brasil, o olhar mais atento, acompanha a seu modo, as ideias que circulam ao redor do mundo desde a década de 1840:

O feminismo enquanto movimento organizado, só entrou no cenário político tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, por exemplo, a partir do movimento sufragista desencadeado por volta da segunda metade do século XIX. Em 1840, as americanas Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Antony fundaram a Woman Suffrage Association (Associação nacional para o voto das mulheres), e Lucy Stone criou a American Woman's Suffrage Association (Associação americana para o voto das mulheres). A primeira reivindicava o direito ao voto feminino; a segunda somava às reivindicações sufragistas a reforma das leis do divórcio. Ambas foram fundidas em 1890, para formar a National American Woman's Suffrage (NAWSA) (Associação nacional americana para o voto das mulheres), que aliadas a outros sufragistas conseguiram o direito de voto às mulheres em 1920 (SOUZA; DIAS, 2013, p.155).

O sufrágio como a expressão do agenciamento na política está radicalmente forjado na livre escolha exercida pelos sujeitos, sobre a qual se estabelece um dos pilares fundamentais da cidadania. Afinal, “a consulta ao eleitorado é o meio mais puro, mais solene e mais sincero de chegar onde se deseja” (Diário de Notícias, 1890). No entanto, conforme Foucault (2010), a interdição é o procedimento de exclusão mais evidente e mais familiar que se conhece e se exerceu na história política do Brasil. Porém, dentre as partes não conformadas com a decisão do “veto” do ministro do interior, encontramos intelectuais, artistas, poetas, romancistas, advogadas e advogados, educadoras e educadores, dentre os quais Josephina Álvares de Azevedo que, até então, não havia se manifestado. Seu jornal mantinha-se até aquele momento sem emitir nenhum juízo sobre os acontecimentos. Mas a palavra lúcida e veemente de Josephina veio a tona em 3 de abril de 1890:

A velha questão já vencida do direito de voto às pessoas de meu sexo teve, ao que consta, uma solução provisória pelo governo, a mais incompatível com o regime de igualdade, como é o republicano que agora possuímos. O governo, resolvendo a questão apresentada *não considera nem oportuna, nem conveniente qualquer inovação na legislação vigente no intuito de admitir as mulheres sui juris ao alistamento e ao exercício da função eleitoral*<sup>64</sup>. A solução supra pode ser considerada como não tendo razão de ser uma vez que se nos admitindo a votar, em virtude da lei vigente, nada se inova, nem se nos concede fora da lei. A grande questão está em se saber se a mulher está ou não na letra da lei para ser admitida à qualificação, e ninguém poderá negar que a respeito não há nem uma só disposição que a impeça de poder obter o título de eleitora. Ora, não há dúvida alguma em que pela lei vigente, toda aquela que souber ler e escrever é admitida a votar, consagrando o direito em tal caso como condição indispensável a qualquer pessoa para o exercício dessa faculdade, a condição de poder exercer conscientemente o privilégio eleitoral. A lei até hoje consagrando esse privilégio por não ter sido restringido a faculdade às mulheres, nunca foi discutida pelo fato de não ter sido invocada por nenhuma dama, que se quisesse valer dela. No momento em que se apela para a sua doutrina em favor de que pretensão, ela não pode deixar de ser cumprida à risca, e nesse caso, não há inovação em conceder-nos o direito de voto.

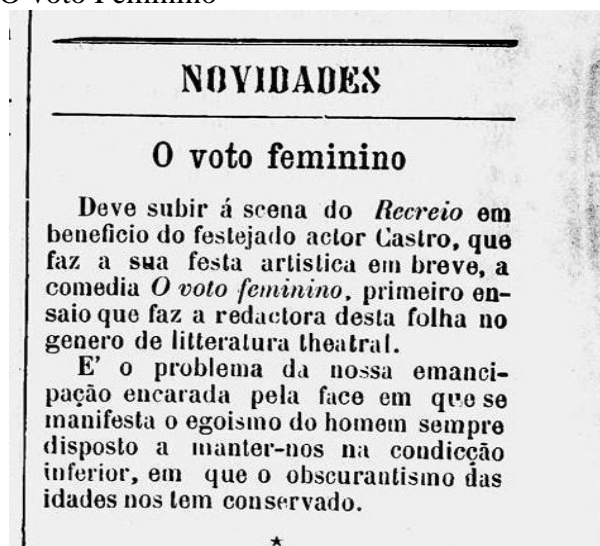
---

<sup>64</sup> Grifo do próprio Jornal.

Mas não fica só por aqui o nosso argumento acerca da inconseqüência da resolução citada. Os privilégios e as teorias mais absurdas, fazendo o cortejo nefasto de teorias falsas que compunham o velho regime, haviam limitado à mulher na sociedade o papel precário de ser social sem direitos civis. Com a inauguração do regime republicano era natural que esses vícios e defeitos da forma decaída desaparecessem também. E, no entanto, a solução de que tratamos, veio tirar-me dessa doce ilusão. A questão é momentosa e há de por força produzir os seus naturais efeitos. No fim do grande século das reivindicações sociais não se poderá impunemente negar à mulher um dos mais sagrados direitos individuais. Iludida a vitória dessa conquista, ela ressurgirá por fim inteira e sublime, como a luz por instantes obumbrada, ressurgirá mais brilhante e intensa, cessada a causa que a impediu (A Família, 1890, p.1).

No dia 10 de abril de 1890, Josephina anuncia em seu jornal que está preparando a comédia *O voto feminino*. Angustiada pelo que chama “egoísmo do homem”, mergulha numa escrita que naquele mesmo mês de abril faz surgir do gênero da comédia teatral, tal peça para então fazer dois ingressos: no debate sobre o direito de voto às mulheres que já vinha se desenrolando no Brasil e na dramaturgia. Josephina constrói no prólogo da peça uma espécie de manifesto ao voto feminino. Ela aponta como o ápice do absurdo, o fato de duas senhoras na província de Minas que “pretenderam a inclusão de seus nomes no alistamento na paróquia de Barbacena, e tiveram seus nomes favoráveis”, mas em seguida, foram excluídas uma vez que abriria precedente para suas futuras candidaturas políticas (AZEVEDO, 2018, p.24).

Imagem 41 - Primeira propaganda da comédia  
O voto Feminino



Fonte: A Família, 1890, Biblioteca Digital da BN.

Agora mesmo agitada esta questão em Minas, em vista de requerimento de duas senhoras, que pretenderam a inclusão de seus nomes no alistamento da paróquia em Barbacena, e que, depois de favorável despacho do juiz de direito da comarca, foram mandadas excluir do alistamento em acordão da Relação de Ouro Preto (AZEVEDO, 2018, p. 24).



Neste processo de sua produção textual, Josephina resgata e publica com franqueza a minuta da pauta de decisão usada para embasar a recusa dos citados alistamentos. Mas antes, na tecitura que compõem a introdução da peça, faz longas digressões arriscadas. Arriscadas, porque põe em risco, para a época, o valor moral de seu jornal, põe em risco, por consequência, sua própria aceitação enquanto jornalista, professora e escritora. A maneira como abordar os problemas de seu sexo, tem algo referente a uma espécie de dizer-verdadeiro, como aponta Michel Foucault (2011) na *Hermenêutica do Sujeito*, a respeito desta tecnologia de si. O filósofo francês alerta para a *Parhesia* (Dizer tudo, dizer-verdadeiro, falar francamente), conceito que resgata da Antiguidade para reintroduzir no “diagnóstico do presente” a noção de filosofia espiritual, da catarses e da responsabilidade com o cuidado de si e dos outros. Numa lógica ético-estética, o indivíduo que fala tudo, corre riscos e para então fazer uso da condição de quem diz a verdade, o dizer-verdadeiro precisa lançar mão da *coragem da verdade*. A despeito dos riscos, Josephina ousa dizer tudo. Dizer tudo neste caso, significa se expor. Expor a si, sua opinião.

Imagem 42 - Trecho da peça *O Voto Feminino* publicado na ed. 82 de 1890

FOLHETIM		ANASTACIO		RAPHAEL		ESMERALDA		ANASTACIO	
Josephina Alvares de Azevedo		(Baizo a Raphael) isto agora é com o senhor.		Virão ocupar os nossos lugares.		E' a compensação das iniquidades de tantos seculos!		Pois fiquem certas de que não ha de levar o melhor. (Sae)	
<b>O Voto Feminino</b>		RAPHAEL		<b>DOUTOR</b>		<b>DOUTOR</b>		<b>Scena 15ª.</b>	
(CONTINUAÇÃO)		(O mesmo) Commigo, não; é com o senhor.		Quando provarem competencia para elles, porque não?		Demais, nem todas as mulheres irão ocupar cargos importantes, assim como nem todos os homens hoje os occupam.		<b>OS MESMOS, MENOS ANASTACIO</b>	
<b>DOUTOR</b>		<b>DOUTOR</b>		ANASTACIO		ANASTACIO		<b>DOUTOR</b>	
Mas senhores, sejamos todos cordatos. O direito de voto ás mulheres é de toda a justiça.		Se a mulher tem aptidão para adquirir titulos scientificos, porque não ha de ter para os cargos publicos?		Seria horroroso! Isso não! A substituição do homem, o predomínio nefasto da fragilidade feminina! Figas!		E o escandalo?		Tenho certeza de que a mulher será emancipada; e com o direito que lhe cabe á elegibilidade, far-se-ha representar no parlamento, já nesta sessão.	
ANASTACIO		IGNEZ		ESMERALDA		ESMERALDA		RAPHAEL	
Não é só o direito de voto que ellas querem, é o direito de votar e ser votadas. E' o reinado das saias!		Apoiado; e aqui está a Esmeralda para prova.		Seria a mais bella das conquistas humanas, porque nós não somos senão iguaes aos homens, apenas tendo differenças sexuaes e virtudes para melhor.		A moralidade existe por si.		Meu collega, olhe que isto é muito.	
<b>DOUTOR</b>		<b>DOUTOR</b>		ANASTACIO		IGNEZ		<b>ESMERALDA</b>	
Não ha tal. Será antes o reinado das competencias. D'ora em diante não veremos mais na sociedade a impostura de serem as mulheres que façam as cousas e os homens que recebam as honras., como por ahí se dá...		Se pode exercer cargos publicos, porque não ha de poder desempenhar o mandato?		Cala-te! cala-te! E que farão os homens?		Sr. Anastacio, fique certo de que o dominio das calças está para acabar.		Raphael, lembra-te que és meu marido.	
		ANASTACIO		IGNEZ		ANASTACIO		IGNEZ	
		Mas nesse caso, teremos tambem de ser governados por ellas.		O que poderem e souberem fazer.		Nunca! Ora figas!		Sem duvida. O Sr. Raphael deve ser rasoavel.	
						RAPHAEL		<i>(Continua)</i>	
						Sra. minha sogra, cuidado com os homens!			

Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Publicada em partes pelas edições do jornal *A Família*, o texto que servirá de prefácio ao texto dramático em seu manifesto não fez tantos alardes, mas quando reunido em um opúsculo que é distribuído primeiro às casas editoriais, adquire potência não conferida igualmente aos excertos. Quando posto como a introdução do seu livro *A Mulher Moderna: Trabalho de Propaganda* adquire as características da ponta de uma lança afiada, que se forma para então acertar em cheio o coração que ela há tanto desejava acertar: dos pilares da argumentação de seu maior adversário: o patriarcalismo androcêntrico vigente. O modo como

conduz suas críticas reforça o debate, chamando muito para si as atenções o que, a torna alvo certo de opositoristas.

Formidavelmente o texto captura o espírito de seu tempo, assim como muitos jornais trataram a questão de forma pilheresca, também ela o fará, só que desta vez ridicularizando o medo patriarcalistas de ver na mulher autonomia, liberdade e direito de voto. Josephina fala de maneira comediástica sobre o que até então parecia estar velado aos olhos dos indivíduos: havia alguma coisa de temível no *logos* adotado por aquela mulher. Aclamada pelo público, a peça também encontrou resistências e duras críticas, mas que lhe valera impulsos para ser ainda encenada por pelo menos oito ou mais vezes.

Imagem 43 - Recreio Dramático<sup>65</sup>, o teatro que recebeu a peça O voto Feminino



Fonte: Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro

<sup>65</sup>Em 1900, último ano do século XIX, existia na cidade do Rio de Janeiro razoável número de teatros que apresentavam as produções de companhias teatrais privadas (não havia leis de incentivo, patrocínio ou algo que o valha). A maioria daquelas casas de espetáculo sequer está de pé nos dias de hoje. Delas, só ficou a saudade e o registro do quão foram importantes para a diversão do carioca de então. Vejamos um dos mais famosos e simpáticos teatros cariocas que funcionou desde o século XIX até o início da segunda metade do século XX: o Recreio Dramático. Ficava na Rua do Espírito Santo (atual 21 de Abril), no número 45, pertinho da Praça Tiradentes. Essa região central do Rio concentrava um bom número de teatros nessa época. O Recreio foi inaugurado em 18 de agosto de 1877 com o nome de Teatro des Varietés, por Eugene Roger. O prédio foi adaptado de uma fábrica de sabão, ali construída e desativada em 1876, ficando o prédio abandonado por um ano. Em 1879, passou a se chamar "Brasilian Garden" (sic) e, no ano seguinte, recebeu o definitivo nome de Recreio Dramático. Tinha 20 camarotes, 508 cadeiras, 2 frisas, 60 galerias nobres, 223 cadeiras numeradas e cerca de 500 entradas gerais. Ele possuía um grande jardim com um bar onde havia mesas para freqüentadores. Nas peças de muito sucesso, quando cerca de duas mil pessoas pagavam para assistir às revistas de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, muita gente ficava no bar do jardim, bebendo e conversando. No jardim, segundo Luiz Edmundo em seu admirável "O Rio de Janeiro do meu tempo", também havia "uma bica velha, aflita e mal fechada, sem um copo, sem uma caneca de folha, para o espectador que não quer beber a cerveja do botequim que aí há. Vingança de um homem que tem negócio, paga aluguel de casa, empregados e impostos". Os pagantes de ingressos populares e mesmo os vendedores de programas e fotos dos artistas, aliviavam suas bocas sedentas nessa democrática torneira. Cf. <http://www.cultura.rj.gov.br/busca-tag/recreio-dramatico>. Acesso em 17 de julho de 2018.

Josephina Álvares de Azevedo foi sem dúvida uma mulher incansável, que relutante e irremediável penhora toda sua experiência à conquista dos plenos direitos das pessoas de seu sexo. Ela faz uma trajetória que vai desde a partida de sua terra natal à construção de uma imagem política e intelectual. Respeitada e detentora de uma posição na sociedade que privilegiava, fabrica para si, seu próprio ofício, a saber, a docência por meio da notícia, por meio da poesia, da literatura. Sua meta era cuidar de um modo amplo da história das mulheres, exigir-lhes os seus direitos, fabricar uma representação da qual as mulheres pudessem sentir orgulho.

É possível pensar em uma espécie de pedagogia, que é da ordem do cuidado de si e dos outros, praticada pela docente Josephina. Escapar da violência simbólica operada pelas classes dominante que disciplinavam e controlavam as mulheres por meio do convencimento ou da força, foi uma das primeiras atitudes a ser experimentada por esta professora, que em posse de sua autonomia e liberdade, visou aclarar o entendimento de suas contemporâneas pela conquista da educação e instrução através de seu jornal, por meio da comédia *O Voto Feminino* e pelos livros originados de sua pena.

Somente por meio da educação e instrução é que a mulher pode chegar ao pleno entendimento de sua condição. Para Josephina não há outro meio em que o sexo feminino possa encontrar liberdade e ver em sua própria vida algum sentido. Por esta razão, seu empenho é totalmente voltado à luta pela emancipação de seu sexo dos grilhões que a sociedade patriarcal mantém através da manutenção da ignorância, negando-lhes a educação e a liberdade. O jornal *A Família* objetivava educar os olhos das mulheres para que pudessem enxergar que, em diversos níveis e de diversos modos, estavam sendo violentadas. Neste caso, o ato de projetar luz sobre os saberes femininos era, ao mesmo tempo, um ato ético e estético: no fundo uma ação de cuidado.

Tendo em vista as tensões de seu tempo, a professora-jornalista Josephina Álvares de Azevedo tenciona um projeto experimental e único que abraçava, de forma holística e generosa o gênero feminino: educação, instrução, profissão, família, lazer, tudo isso atravessava suas ações: uma associação de costureiras, uma escola de artes gráficas para mulheres, um clube de senhoras jornalistas, educação feminina, uma revista para mães de família, livros de todo tipo para suprir a lacuna aberta pelo que chamava de “egoísmo dos homens”.

Parecia que esta mulher compreendia que, sendo um dispositivo que se utilizava na operação do controle, também podiaser útil na operação da produção de liberdade. De maneira que, sendo a educação um elemento de dominação e disciplinação, podia servir de

chaves para abrir cadeados e grilhões que mantinham as mulheres presas na torpe ignorância as filhas de Eva. Por esta razão opera-se uma pedagogia que faz toda a diferença, carregada de um efeito histórico, memorialista, enriquecida por um repertório riquíssimo composto pela história universal das mulheres, pelos saberes culturais, sociológicos, filosóficos e literários. Enfim, dotada de uma riqueza ímpar, inundava-se as páginas de sua revista com determinadas luzes do conhecimento para alertar a mulher de suas possibilidades, como nos asseire:

Em todos os meus artigos exarados nas colunas de A Família, tenho sempre empregado os maiores esforços para que seja ampliada a educação da mulher; para que ela seja *emancipada da ignorância*, a fim de que possa transmitir aos homens do futuro os verdadeiros princípios da sã moral, do amor pelo progresso; para que possa começar a desenvolver desde a mais tenra idade a inteligência de seus filhos, preparando-os; para si e para a pátria (AZEVEDO, 1891, p. 121).

A pedagogia exercida por esta professora, prima legítima do poeta de *Lira dos vinte anos*, possuía uma carga de zelo, de cuidado a que os gregos da Antiguidade chamavam muito provavelmente *epimélea*. Uma pedagogia exercida com o cuidado de si e dos outros. A prática social, necessária e radicalmente, era o elemento mais evidente enquanto objeto de ensino e aprendizagem. O jornal *A Família*, não parou de convocar um só dia enquanto circulou, às mulheres e aos homens para estas práticas ético-estética.

Conforme Foucault (2010), o cuidado de si é uma prática social ético-estética. Cuidar de si é antes de tudo cuidar dos outros, por isso podemos afirmar que uma espécie de pedagogia do cuidado, relacionada ao “reino da eticidade” (CASANOVA, 2013), operava-se na escrita de Josephina.

Entenda aqui por pedagogia do cuidado, uma ação pedagógica que transborda os limites de uma educação que se opera pura e simplesmente no âmbito formal, nos espaços da escola. A pedagogia do cuidado é aquela que pode e deve estar ali na sala de aula, mas que ultrapassa seus limites. Ela deve compreender e atender holisticamente os sujeitos a partir, e atravessado pelas práticas sociais. Entenda-se por pedagogia do cuidado a ação que tem por base o respeito à individualidade e ao pleno exercício da cidadania da pessoa humana. Neste sentido, o investimento regular de Josephina Alvares de Azevedo pode ser associado aos cuidados que preconizou, focado na emancipação feminina, produzir efeito sobre si e sobre os outros, com vista a impulsionar uma nova ordem social.

### 3 A VIDA ATRAVÉS DOS JORNAIS E OS ESCRITOS DE SUA PENA

Em 1851 o Visconde do Rio Branco se expressou da seguinte maneira: ‘Cumpre libertar o sexo privilegiado do antiquado preconceitos que impedem o seu desenvolvimento intelectual: cumpre elevá-lo ao grau que lhe compete na escala dos seres racionais, habilitá-lo para exercer legítima e benéfica influência nos destinos da Sociedade Civil’. ‘Se fosse precisouma revolução social para libertar o belo sexo do Brasil, da obscura e tirânica posição em que se acha, seria esta a primeira e única revolução em que me veriam entrar’ (O Paiz, 1929, p. 9)

Josefina Álvares de Azevedo, [...] foi jornalista, professora, poetisa, dramaturga, editora e infatigável feminista-sufragista no século XIX, tendo em sua vida defendido ativa e incansavelmente os direitos das mulheres no Brasil (Trombka,2018, p.13).

De Amália Álvares de Azevedo Cunha e Ignácio Manuel Álvares de Azevedo, veio ao mundo a 5 de maio de 1851, no Recife, capital da província de Pernambuco, Josephina Álvares de Azevedo, prima do escritor de *Lira dos Vinte Anos*, o poeta Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) que falecera pouco depois de seu nascimento.

Em torno de sua vida giraram por muito tempo, uma série de questões difíceis de decifrar por razões diversas, posto que alguns registros de fatos importantes se perderam no tempo e no espaço. A incógnita sobre algumas dessas questões mantêm-se até os dias de hoje.

Conforme o volume cinco do famoso *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, publicado em 1899, Josephina Álvares de Azevedo era irmã por parte de pai do citado poeta Álvares de Azevedo. Segundo o mesmo dicionarista, que lhe era contemporâneo, Josephina teria nascido em Itaboraí (RJ) a 5 de março em um ano desconhecido do oitocentos. Muitas historiadoras, estudiosas e entusiastas do feminismo tomaram como base as referências dadas por Sacramento Blake quando se referiam à Josephina. No entanto, indícios encontrados em algumas fontes tornaram conhecidas respostas diferentes daquelas até então levantadas.

Ao avaliar documentações como as próprias edições do jornal *A Família*, e edições de outros jornais que fizeram menções à Josephina e seu jornal, cruzando datas e informações localizadas em documentações particulares como o registro e a certidão de óbito<sup>66</sup>, foi possível chegar a novas descobertas.

Em setembro e outubro de 1913, a família de Josephina Azevedo publicou nos jornais notas sobre sua morte, “enterramento” e missa de sétimo dia. Uma dessas notas em especial, datada de 3 de setembro, trazia o título “Enterramentos” com a seguinte frase: “ Foram

---

<sup>66</sup> Ver anexos 3 e 4.

sepultados *ontem*<sup>67</sup> [no] Cemitério São Francisco Xavier”. Em seguida, a referida nota continha uma lista de nomes, idades, estado civil e endereço de pessoas que morreram na proximidade daquela data. Com base nesta nota pode se chegar a conclusão de que Josephina era viúva e teria morrido em sua casa, aos 62 anos de idade, no dia 2 de setembro de 1913, um dia antes da nota vir a público. Porém, fora localizado na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro seu registro de óbito lavrado no dia 1 de setembro de 1913.

Apesar dos obituários não fornecerem muitas informações, cada uma das notas encontradas apontaram pistas da história particular desta mulher.

Em 8 de setembro de 1913 publicou-se no *Correio da Manhã*, nota que é repetida no dia seguinte na *Época*:

Maria Amélia de Azevedo Costa, Alfredo Álvares de Azevedo e Moacyr Álvares de Azevedo, irmã e filhos da finada Josephina Álvares de Azevedo penhorado, agradecem as pessoas que compareceram a seu enterramento e preveem que a missa de sétimo dia de seu falecimento terá lugar amanhã, terça-feira 9 do corrente, às 9 horas na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Dores, sita à Rua São Januário em S. Christóvão (*Correio da Manhã*, 1913, p.11).

Em 3 de outubro de 1913 é publicado no *Jornal do Brasil* outra nota que dizia:

Maria Amélia de Azevedo Costa, Alfredo Álvares de Azevedo e Moacyr Álvares de Azevedo, irmã e filhos da finada Josephina Álvares de Azevedo convidam aos seus parentes e pessoas de sua amizade para assistir a missa de trigésimo dia que será celebrada hoje sexta-feira 8 do corrente às 9 ½ horas na Igreja de N.S. da Conceição e Dores, dita a Rua de São Januário, S. Cristovam, por cujo ato antecipadamente agradecemos (*Jornal do Brasil*, 1913, p. 14).

As notas citadas fornecem informações relevantes sobre a vida de Josephina. De acordo com a matéria, ela teve dois filhos: Alfredo Álvares de Azevedo e Moacyr Álvares de Azevedo<sup>68</sup>; era viúva quando morreu; tinha pelo menos uma irmã, cujo nome era Maria Amélia de Azevedo Costa; e que seus últimos dias se passaram na casa situada à Rua Luiz Barbosa, nº 102, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro.

A Certidão de Óbito<sup>69</sup> da professora Azevedo, registrada por seu sobrinho Oscar de Siqueira Amazonas, afirma que ela faleceu de arteriosclerose “a um (1) dia do mês de setembro [...] às 06:00 horas”, concordando com as citadas notas de jornais, assere que de fato morreria aos 62 anos de idade, viúva e em sua casa. Porém, os campos do nome do cônjuge, profissão e nome dos pais encontra-se “em branco” e “ignorados”, como aparecem no texto.

---

<sup>67</sup> Grifo meu.

<sup>68</sup> Cf. também em *Época* 1913, edição 406, p. 6.

<sup>69</sup> Anexos 1 e 2.

No entanto, outro problema é apresentado: diz o texto da referida Certidão que Josephina teria nascido no Estado da Paraíba. Quanto a esta questão, a própria jornalista, diz ser natural da província de Pernambuco e conta na coluna *Carnet de Voyage* que ao visitar sua terra comovia-se de lembranças e saudades. Conforme suas palavras: “A alma entressorridente, numa expansão de alegria indefinível, como que delirava de prazer, enquanto os olhos, baixando o horizonte para a majestosa perspectiva, ora deslumbrava-se ante tantas magnificências, ora banhava-se em lágrimas” (A Família, 1889, p.1) E continua: “Oh minha terra adorada!”, “berço encantado em que embalaram-me os sonhos risados de meninice” (*Idem*). Na Edição Especial publicada em 1889, Maria Amélia Queiroz falando do retrato de Josephina, refere-se à professora como “modestíssima pernambucana”. Além disso, é possível encontrar outros jornais, como *Jornal de Recife* (1889) e o *Diário de Pernambuco* (1889, 1891) referindo-se a Azevedo como “conterrânea”.

Em 10 de novembro de 1929, *O Paiz* publica, na edição 16457 uma extensa matéria que nos fornece algumas pistas bastante interessantes. A matéria cujo título era “*Preito de saudade e gratidão do feminismo brasileiro aos seus defensores mortos*” tratava-se de uma “palestra [ministrada] por Maria Amália de Faria na Rádio Clube do Brasil”. Dizia a referida matéria que Josephina Álvares de Azevedo era “natural de Pernambuco e filha adotiva de São Paulo”. Dizia ainda que esta ilustre jornalista havia chegado naquela cidade no ano de 1878, e fazendo forte alusão ao ano de seu nascimento, cita Visconde do Rio Branco, que em 1851 profere outro belo preito à mulher.

Tendo morrido aos 62 anos em 1913, como afirmam documentos pessoais, Josephina teria nascido em 1851, concordando com a matéria acima citada. Neste caso, ela chega a São Paulo aos 27 anos para aí dar início a sua carreira. Pouco se sabe sobre sua vida acadêmica e profissional. Apenas por meio de revistas e jornais sabe-se que era professora, que dominava a língua Francesa e Inglesa, pois haviam várias traduções suas publicadas na *Família*. Pela proximidade e amizade com que mantinha com a professora Anália Franco, muito provavelmente tenha exercido o magistério em um das instituições de ensino fundada e dirigida por esta militante que, em 1887, já ministrava aulas em um “colégio” em Taubaté, São Paulo<sup>70</sup>.

Dez anos depois de ter chegado à cidade de São Paulo, em 1888, Josephina funda na capital o jornal *A Família* com a colaboração de Anália Franco, Dr<sup>a</sup> Isabel Dillon, Augusta Maria, Margarida de Siqueira, Lúcia Romariz e Maria Canuto. No Largo 7 de Setembro,

---

<sup>70</sup> Cf. Correio Paulistano, 1887, p.2

tipografia União, o jornal permaneceu por 23 edições, de 18 de novembro de 1888 à 4 de maio de 1889, data da última edição publicada em São Paulo.

Em janeiro deste mesmo ano, a jornalista decide fazer uma expedição às Províncias do Norte onde vai observar o sistema educacional aplicado às meninas, como vimos anteriormente. Em uma destas primeiras viagens visita Petrópolis onde é recebida pelo Imperador D. Pedro. Neste encontro Josephina revela seu parentesco com poeta Álvares de Azevedo. O projeto da viagem era estender sua expedição às repúblicas do Prata, Lisboa, Paris, Espanha e Estados Unidos. Mas o cansaço e a necessidade de voltar à sede da Imprensa permitiu que chegasse apenas até Belém do Pará, de onde voltou a Capital da República.

Em 1890, Josephina publica *Retalhos*, escreve a comédia *O Voto Feminino*, que é apresentado no Teatro Recreio Dramático, e traduz a peça *Os Companheiros do Sol* encenada em agosto do mesmo ano citado no teatro Phênix, reinaugurado com o nome do ator João Caetano.

Em 1891 é publicado seu segundo livro: *A Mulher Moderna: Trabalho de propaganda*. Uma nota dizendo que Josephina estava prestes a vender o jornal *A Família* para uma companhia com o capital de 50.000\$000 sai no *Jornal de Recife*. Neste mesmo ano uma matéria sobre os rumos do jornal assinada por sua principal redatora confirma esta notícia:

Companhia Imprensa Familiar: Como verão as nossas leitoras pelo prospecto inserto na seção respectiva, A Família, ao completar o centésimo número de sua publicação deixa de ser minha propriedade e passa a pertencer a uma Sociedade Anônima por mim incorporada com o título supra. Aqueles que têm acompanhado com atenção os meus perseverantes esforços na propaganda incessante em favor dos direitos e da emancipação do sexo a que pertença (A Família, 1891, p. 2).

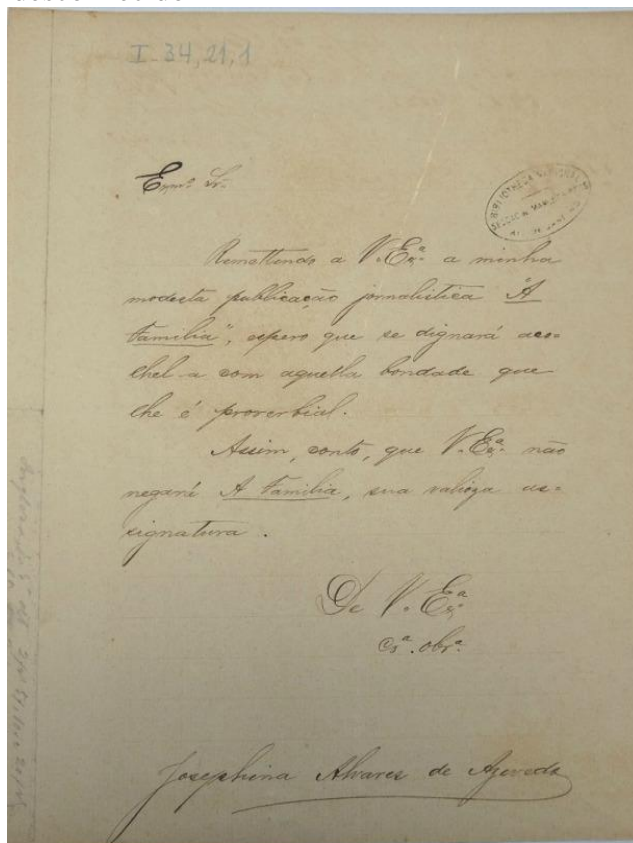
O jornal *A Família* chega a duas mil assinaturas e é reconhecido por todo o país, estabelece diversas redes com outras casas editoriais pelo Brasil, Argentina, França e Estados Unidos. A Companhia Familiar mantém uma tipografia, uma loja de artigos de papelaria, um curso de formação em artes gráficas para mulheres e uma associação de costureiras na Rua da Quitanda, número 1. Neste ano, Ignez Sabino assume a diretoria da Companhia Imprensa Familiar e Josephina passa a gerência da folha.

Josephina afirmava que seu jornal era o “único em todo território brasileiro” na militância, na veemência, na clareza e nos objetivos. No editorial da edição 100 fala de perseguição, invejas e lutas. Assere que abre mão da direção do jornal em prol da causa sem visar vantagens. O trabalho de militância desempenhado por Josephina e suas colaboradoras



através de conferências, por meio de cartas e pessoalmente em suas viagens resultaram em uma empresa forte e bem sucedida.

Imagem 44 - Carta e Josephina a remetente desconhecido



Fonte: Setor de manuscritos da BN - Fotografia do arquivo pessoa de Jocemir Reis.

#### Transcrição da Carta(Imagem 44):

Exmo. Sr.

Remettendo a V.Ex<sup>a</sup> a minha modesta publicação jornalística "A Família", espero que se dignará a acolhê-la com aquella bondade que lhe é proverbial.

Assim, conto, que V. Ex<sup>a</sup> não negará A Família, sua valorosa assignatura.

Josephina Álvares de Azevedo

O apogeu da Companhia Imprensa Familiar, contudo, não durou muito tempo. Em agosto de 1891 uma notícia parece deixar claro que sustentar toda aquela estrutura não ia ser uma tarefa fácil. Há apenas quinze edições da revista sob a direção da nova companhia, uma medida emergencial se fez necessária: a redução de despesas.

Em reunião de Diretoria e de acordo com a Exma. Sra. D. Josephina de Azevedo que imediatamente acedeu ao que propomos, resolvemos diminuir os nossos ordenados de 250\$000 mensais, a 100\$ até o mês de março do ano próximo vindouro. Capital Federal, 28 de Agosto 1891 Inez Sabino, Presidente (A Família, 1891, p.2).

Imagem 45 - Propaganda da Companhia Imprensa Familiar



Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN

No dia 30 de janeiro de 1892 é publicado uma nota de pedido de desculpas às leitoras na edição 130, pelo atraso na publicação deste número. De acordo com nota, o atraso se deu em razão de uma peça quebrada do prelo. Vale dizer que o jornal ficou pouco menos de um mês sem ser publicado neste período. Na sequência, Ignez Sabino adoece e pede exoneração do cargo da diretoria, uma assembleia geral é convocada, porém, o quórum necessário de acionistas para a instalação da assembleia não foi alcançado. Assim, uma nova assembleia é convocada. Mais uma vez, o quórum não se forma e, pela terceira vez, o jornal publica praticamente a mesma chamada:

Companhia Imprensa Familiar: 3ª CONVOCAÇÃO -Não se tendo reunido número legal de acionistas, convido-os novamente a se reunirem no dia 17 do corrente, à 1 hora da tarde, na rua da Quitanda n.1, para eleição do presidente. Capital Federal, 10 de Fevereiro de 1892.—O director-gerente, José de Araújo Couto (A Família, 1892, p.2).

Depois da edição 132, as seis edições seguintes não constam na coleção da Biblioteca Nacional, porém, a edição 139 fornece uma série de informações sobre aquele período: O jornal é transferido da Rua da Quitanda nº 1 para a Travessa da Saudade, número 32. Seu *layout* aparece com quatro páginas a menos, sem qualquer imagem em todo jornal; José de Araújo deixa o cargo de gerente da folha que ocupava desde a fundação, assumido por D. Leopoldina Menezes de Andrade. Vale ainda mencionar que, das quatro páginas do jornal, duas e meia foram ocupadas com propagandas. A crise financeira acirrada leva à falência a Companhia Imprensa Familiar, atingindo o jornal, mas não o derrota.

A jornalista Azevedo retoma a diretoria do periódico, leva o prelo para casa e continua sua incansável missão. Duas curiosidades chamam a atenção: a edição 153 é a única de todas as edições localizadas que tem sua primeira página ocupada por uma propaganda: o retrato do Dr. Acácio de Araújo, médico de moléstias. Não há nenhuma nota elogiosa ou matéria sobre o tal doutor, apenas a oferta de seus serviços. Outro detalhe chama atenção, é o fato de que, nesta edição, a data foi impressa errada, possivelmente por ter ocorrido diminuição do quadro de operárias e, conseqüentemente, de revisores.

Em 1893 depois de beirar a falência, *A Família* se restabelece a custas de muito esforço. Das oito páginas, três e meia são ocupadas por propaganda. Em 1897 é lançada sua terceira coletânea de textos, com o título *Galeria Ilustre: Mulheres Celebres*. Este livro vai ser reeditado por pelo menos três vezes.

O Almanak Laemmert, referindo-se à Josephina, publicou uma nota registrando a atividade do prelo d'*A Família* na Travessa do Barbosa, número 12. Depois desta publicação feita em 1898, que se referia ao ano anterior, o nome de Josephina Álvares de Azevedo só vai reaparecer nos jornais 20 anos depois. Uma matéria que vem a lume pelo *Jornal do Brasil* e pelo jornal *A Capital do Estado do Amazonas* retoma o tema do voto feminino. Conforme o referido texto, a “mulher inglesa” saiu na frente desta festejada conquista. Em defesa dos direitos da mulher, a matéria questiona “porque não há de a mulher participar das grandes conquistas da civilização hodierna?”. Para Antenor Thibau, articulista da matéria, “o homem teme a intervenção da mulher nos pleitos eleitorais”. E assere:

A mulher eleitora, é *ipso facto*, elegível e poderá, então, reunir muito mais probabilidades de vitória do que o homem, ao fim de certo tempo desse novo regime, dadas certas circunstâncias, facilmente explicáveis, ao mais ligeiro exame da psicologia humana. E daí, do inevitável choque de interesses superiores, a fatal oposição do elemento masculino até os primeiros pruridos de propaganda por essa aspiração feminina, que ele receia que assuma, dentre em pouco tempo. [...] E há certa razão do receio, do verdadeiro pavor, que predomina nos espíritos masculinos, pela intromissão da mulher na política, razão cuja causa, apanhada em flagrante no seu âmago, nada os eleva, ao contrário, muito os diminui: - é o terror da concorrência (A Capital, 1819, p.1).

Como se pode observar nesta passagem, há uma denúncia de que a razão pela qual a mulher não exercia seus direitos políticos não residia no sexo feminino em si, mas no “medo”, no “pavor, que predomina nos espíritos masculinos”. Este medo e pavor parece ter sido distribuídos por todos os campos da vida das mulheres. Por muitos anos, “viajantes, romancistas, juristas, religiosos, moralistas e até médicos fixava-se uma imagem da mulher frágil e indefesa, ignorante, submetida ao poder patriarcal” (COSTA, 2010, p.495), mesmo “diante da lei, a mulher estava permanentemente num estado de menoridade” (*Idem*).

O pavor e o medo são agora apresentados como as únicas razões pelas quais, ainda, no século XX, vigorava no Brasil, um rigoroso controle e coerção sobre o gênero feminino. É neste contexto que Thibau (1918) sobre “O voto feminino” evoca, duas décadas depois, a figura da professora, poetisa, abolicionista e jornalista Zefa:

Não sei se é viva ou morta Josephina Álvares de Azevedo.  
Se é morta, baixou ao túmulo, enterrando consigo as suas ilusões terráqueas; se é viva, coitada! A senilidade permitir-lhe-á, apenas, o prazer platônico de gozar da vitória das suas colegas inglesas de propaganda, porque não lhe será possível mais o antigo esforço em prol do seu ideal na sua Pátria (*Ibidem*).

Outra matéria localizada, já no fim da terceira década do século XX, chamou atenção pelo fato de passados trinta e dois anos do fim das atividades do jornal A Famíliae 14 anos da morte de Josephina, ela continuava sendo uma forte referência para o feminismo no Brasil, sobretudo, para a questão ainda não resolvida do voto feminino.

Publicada em 30 de março de 1929 pela Revista da Semana, e assinada por Mercedes Dantas, primeira secretária da ABI, a matéria leva o título: “A precursora do Feminismo no Brasil”. O texto que ocupa duas páginas (26 e 27) desta revista, nas quais há um reconhecimento do trabalho desempenhado por nossa personagem e uma bela homenagem à “precursora do feminismo no Brasil”. No entanto, o mesmo texto, oferece a denúncia de que até àquela data, passados onze anos da promulgação da participação da mulher no jogo político Inglês, o Brasil ainda tinha fixadas e vigentes as mesmas normas do século de Josephina.

Imagem 46 - Capa da Revista da Semana

30 de Março de 1929

Revista da Semana

# A precursora do feminismo no Brasil

por Mercedes Dantas

“MULHER INSTRUÍDA É MULHER EMANCIPADA”  
Josephina Alvarez de Azevedo

Ha mais que vem para bem. Não há dúvidas. Ou mal não se costuma ser. Mas o bem se me apresentou na surpresa incomparável de encontrar uma grande e sã alma feminina, hoje inteiramente esquecida e quid iustitiamus.

Por via dos males cabu-me ás mãos curiosa um livro datado de 1878 — MULHERES CELEBRES. Com o sub-título *Galateia Aliter*.

Destinava-se, há cincoenta annos, á propaganda da mulher e era assignado por Josephina Alvarez de Azevedo.

O nome da autora, que nelle perfila alguns vultos de mulheres famosas na Historia, offerece imediatamente ao do genio da *Terra dos vinte annos*. E nessa persoa, admirada de verificar tanto talento e tanta energia ignorados, busquei-lhe a obra, apaixonadamente.

Encontrei mais um livro — *Emancipação da mulher* — 1859. E na Bibliotheca Nacional uma revista semanal por ella fundada — A FAMILIA — onde annunciava um terceiro — *Relatório* — e um retrato.

Esses documentos historicos indagam Josephina Alvarez de Azevedo no logar exacto que a sua obra social lhe confere o titulo, que ao a ella cabe, de precursora do feminismo no Brasil.

Não pode haver dividas a respeito. Li os quarenta e tantos numeros de A FAMILIA. Li os seus dois livros. Procurei, indirectamente, a professora D. Dionidia Dalryo, para computar data e o que opano que a illustre senhora me enviou — INICIO DO FEMINISMO NO BRASIL. (1.ª parte) com o sub-titulo *Memorias para a historia* — de sua autoria prova que D. Dionidia Dalryo foi uma innovadora no regimen educativo da mulher, iniciando o ensino de artes e profissões, as exposições pedagogicas *ainda no Imperio*, na *parte da illustration Camera Municipal desta cidade*. Nos ultimos dias da monarchia a sua actividade, conforme ella propria conta, era como professora, orientando o ensino mais para o civismo pratico e abstracto. O retrato de livre alda — *A Fidalga* — por ella finalizado em 1902. Não me recorde assim proter ter sido a que lançou o primeiro grito pela emancipação politica da mulher. A prof. Dalryo tem o merito, e grande, de ter sido a primeira a dar *inicio á emancipação feminina no Brasil com um partido organizado*, com finalidades exclusivamente destinadas em pugnas electoras, em 1909. Mas não foi a precursora. Isso, não. Tocou essa gloria a Josephina Alvarez de Azevedo, simplesmente.

Nem dos derradeiros numeros de A FAMILIA, assigno esta declaração de uma das suas collaboradoras, a poetisa Narcia Amalia, em carta dirigida a Josephina Alvarez de Azevedo:

*Supponho ter sido eu, no Brasil, quem primeiro ergueu a voz clamando contra o estado de ignorancia e de abjectamento em que jazíamos, em artigos que denunciei a mulher no seculo XIX e a emancipação da mulher.*

Semelhante declaração prova que, nesse particular, caberia a Narcia Amalia ter sido a primeira a clamar contra o estado de ignorancia e de abjectamento em que jazia a mulher.

E adiante: *Collaboradora da imprensa paulista, sob pseudonymo feminino, denunciei que os trabalhos que não eram hauteines em livros cuja leitura importava em abjectamento ao poder da mãe de familia.*

E além: *... no vir a onda mellejosa para deixar passar o oasbalho de proletores. ... mas soffri-me a necesse eardica inutilisando-me absolutamente para as paginas incrementas mas estenuando da imprensa.* Deições insustentaveis desses trechos da autora de *Albulas*: apesar de ter sido a primeira a insurgir-se contra o estado de servidão da mulher, não foi a primeira a levantar o grito por sua emancipação politica. Telloha feito, talvez, mas confesso que a *novas eardicas inutilisando-me absolutamente para as paginas incrementas mas estenuando da imprensa.*

Nem chegou pois a alerir luto, nem mesmo até a defender os seus dois artigos historicos, reprimindo o oasbalho de proletores.

Não teve persistencia no ideal, não teve programma, não convenceu, não batalhou. Foi um braço perdido no meio da indifferencia episcopal das mulheres e dos preconceitos egoticos dos homens.

Explicavel porque, se a simples publicação de dois artigos sobre esse assunto, feitos com a elegancia e a intelligencia de Narcia Amalia, foram attribuidos a “quienes hauteines em livros cuja leitura importava em abjectamento ao poder da mãe de familia” e facil imaginar-se de que dynamismo de accão e de coragem precisou Josephina Alvarez de Azevedo para abertamente pugnar pelo ideal politico, escrevendo livros, servindo-se das mais fortes forças de divulgação, da imprensa e do theatro, para onde compoz uma comedia — o verso — representando em grandes appaços no *Theatro Recreativo Dramatico*, do Rio de Janeiro, em 1878, ha mais de sessenta annos. Era um trabalho preparatorio. Outros vieram depois, vigorosos. Ella era permanente; mas sempre a mesma. Era um homem, ha doze annos se acentara Francisca Dantas e vivia em S. Paulo como professora. Acompanhava

as conquistas femininas, na America, de onde recudia revistas e jornais. Mantinha relações com as mulheres illustres de seu tempo e aheitava para suas irmãs, no Brasil, a igualdade de direitos. *A emancipação da mulher ha de ser uma conquista da civilização americana*, affirmava. Não podia, entretanto, ignorar que uma nação escravocrata, onde a senala desafiava muitas vezes os proprios lares, com uma porcentagem de analfabetos de causar angustia, não podia ignorar, que o passo inicial para o triumpho devere ser, pois, a seleção do problema da educação da mãe de familia. *Mulher instruida é mulher emancipada*, affirmava ella. *E as mais instruidas*, continuava, *naquelle tempo re-*

O fetiche diz: *Jornal literario, dedicado á educação da mãe de familia.*

Redactora: Josephina Alvarez de Azevedo. Collaboradoras: Amalia Franco, Maria Zalina Rolim, Inez Sabina de Pinhe Maia, Carmen Freire (baronesa de Maranhão), Amélia de Barros, Marianna Silveira, mlle. Renette, Maria Ramos, Paulina A. de Silva, Emília de Moraes, Alzira Rodrigues e d. Isabel Dillon.

A esse nome juntaram-se depois outros mais illustres: Narcia Amalia, Rozalva de Melo, Penelina Duarte, Maria Clara Vilhena da Cunha, Julia Monteiro, Amélia Rodrigues, Adalina Lopes Vieira e Julia Lopes que, então, publicava alguns contos do seu livro *Contos infantis*.

Todas essas penhas femininas dedicavam-se a poesia, ao conto, á dissertação sobre assumptos educativos ou literos. Josephina Alvarez de Azevedo, não. Era do artigo de fundo, da politica, da polemica, de todos os ideos feministas.

Ella era antes de tudo uma jornalista, *primeira entre par*: a *horvica e devotada jornalista*, como a chamaram, certa vez, com justicoa. Era sua penha de jornalista, masculina, desacommodada, audaz, dizia em o numero novembro: *Para ser uma jornalista, excedendo de profecciona a bella cidade de S. Paulo para ali dar a luz á modesta publicação que tem por titulo A FAMILIA. Eu represento simplesmente uma consciencia e um estylo, nada mais. As novas doutrinas impõem-se a cada de todo pela força misteriosa da imprensa. A imprensa, que fulmina a terra, também depozta as consciencias adormecidas. Porque ella é como o sol que não se esgota e perora e chlo. E ha, effluviamente, um grande erro a julgar-se a consciencia universalmente adormecida pela grande ignorancia secular — a consciencia da mulher.*

E com edocor, convicção e talento sustentou, entre as maiores difficuldades materias, o seu jornal durante dois annos.

Um acontecimento naquella epocha, a FAMILIA, a imprensa de S. Paulo e do Rio ergueram unanimemente a iniciativa de Josephina: *Diario Mercantil*, *Correio Paulistano*, *Gazeta de Notícias*, *Jornalense*, *A Gazeta de Recife*, *A Tribuna do Norte*, *Diario do Commercio*, *A Tribuna de Santos*, *Paralimol*. E assim affirmava o *Federalista*: *Neste genero não se apparece e de um modo tão correcto que faz honra ás suas distinctas collaboradoras.*

Adoptou o lema: *Venecemos a mulher — Santifiquemo-la — Glorifiquemo-la*, phrase de Victor Hugo.

Mas, como atrás de seu programma educativo trata o ideal politico, retrouso um lalle, a Provincia de S. Paulo: *Permittida-nos, porém, que humildemente de digamos que a mulher para ser senhora, deve ter a consciencia cultivada, não deve competir com o homem na *educação da vida*, e em muitas outras cousas mais como F. Fortes sustenta e que.*

Foi sustentando suas ideas e querendo-as com ardor, claramente, publicamente, que a precursora do feminismo, entre nós, escreveu os mais bellos artigos. Artigos que hoje as feministas não tem tido anno de subverber. Artigos clamantes, cerrados de logica e de bom senso.

Nem delles declarava, sem contestação: *“Foco de luz com oasbalho que atenuam com mais oasbalho e amor um estado de meu assumpto, no Brasil — a emancipação da mulher.”*

Esses assim que falava. Conscia, sem artificios, sem recios. *Queremos a liberdade de interior nas eleições, de eloje e ser electas como os homens, em quantidade de condado.*

A questão foi agitada em Minas Geraes. Duas senhoras requereram a inclusão de seus nomes no alistamento da parochia de Barbacena e, depois do despacho favoravel do juiz de direito da comarca, foram excluidas do alistamento em accordo da Relação de Ouro Preto.

Josephina vem á lida com um artigo admiravel, onde estabelece a premissa: *“O homem, diz, é que a mulher — emancipada pela intelligencia e pelo razão — é igual ao homem em valor moral e, portanto, qual a elle merece a lei. Mulher instruida é mulher emancipada. O direito de votar é um direito de consciencia, e todo que possui a consciencia critica de consciencia deve, portanto, o direito de voto.”*

E chamava, em bello e vehemente artigo, a mulher para a propaganda no lar e na sociedade: *escreva a escriptura. “Barba de proletores e de rastos de rasto de escriptura contra os novos e rastos de rastos de rastos contra a nova liberdade.”*

Exam vincto e com o membra da Commissão da Constituinte. Sete, apenas, votaram a favor. Estava perdida a causa. A obtundida parlamentar sempre lo indifferente. E ella vingou: *“Por que não se fazem nunca grandes cousas. E no emtanto como se ellas são feitas, mais as grandes. Recorrem e os homens fazem voltar a sua felicidade, a honra no amor, a creencia no bem e a fé na esperanca.”*

Josephina Alvarez de Azevedo  
COLLABORADORAS  
Amalia Franco, Maria Zalina Rolim,  
Inez Sabina de Pinhe Maia, Carmen Freire (Baronesa de Maranhão), Adelia Barros,  
Marian da Silveira, Mlle. Renette,  
Maria Ramos, Paulina A. de Silva,  
Alzira Rodrigues e Doutora Isabel Dillon

ASSIGNATURAS  
Capital annuo 12000  
Mensur 18000

RED. E TYPOGRAPHIA RUA DO SENADO N. 46  
RIO DE JANEIRO

nucleo exaltador desses valores, sem um scenario onde a elegancia foi poesia se mostrassem triumphantes.

Foi nesse epico, em dezembro de 1888, que em S. Paulo, na typographia União, no Largo 7 de Setembro, surgiu o primeiro numero programma de A FAMILIA, lançado por Josephina Alvarez de Azevedo.

Era uma revista de offe folhos, formato octavo, tendo como redactora Francisca Dantas de Barros, filha de Gaspar Dantas de Barros.

Fonte: Jornal A Família, Hemeroteca Digital da BN.

Tratada como professora pelos meios de comunicação, pelos pares, pelas autoridades, a jornalista Josephina Álvares de Azevedo atuava apoiada por uma rede de mulheres, em um cenário majoritariamente masculino, a ponto de muitas vezes ser-lhes atribuído como elogio, a forma de atuar masculina pelo seu tom de voz, sua retórica e pela abertura que tinha entre os intelectuais de sua época.

É interessante focalizar a vida desta mulher cuja formação é a docência, mas a atuação se dá no campo das ideias e da formação de novas frentes de diálogos, promovendo o debate franco e aberto, no entanto, seu próprio horizonte fica praticamente inalterado. Ela é apenas efeito de uma atmosfera própria de seu tempo, sem a qual seria impensável sua realização como singularidade no interior deste horizonte.

Para Casanova (2013),

Por mais que seja possível pensar a ocorrência de crises singularizantes no interior das aberturas epocais do ser, por mais que o ser-aí singular possa transformar o significado dos entes no seu campo existencial mais próprio e rearticular a experiência fenomenológica para além do poder prescritivo das estruturas prévias da interpretação, e, por fim, por mais que ele conquiste a si mesmo como cuidado, superando toda distância entre o ôntico e o ontológico, entre a sua essência e os seus modos fáticos de ser, uma época nunca chega a se alterar por conta disso (CASANOVA, 2013, p.118).

Esta é uma passagem que define, de modo muito explícito, o que propriamente significa um acontecimento em termos de emergência no campo existencial. O aparecimento de um sujeito que se manifesta no interior de uma crise na qual o conjunto de suas ações sejam elas positivas ou negativas, a singulariza nesta abertura histórica. Usando um termo genuinamente heideggeriano, o professor Marco Antônio Casanova (2013) chama o ser humano de ser-aí, o que designa uma espécie de impessoalidade e objetividade dos entes dotados de razão. Para este teórico, a manifestação de sujeitos que sobressai aos demais de sua época se dá pelo fato deste ter possivelmente conquistado a si mesmo pelo cuidado, mas esta conquista e epifania não torna o horizonte a que está imerso diferente da hermenêutica prescritivamente possível. Ou seja, por mais que um sujeito sobressaia aparentemente ao seu tempo, e conquiste a si mesmo como a própria crise de seu horizonte histórico, ainda assim, este ente é dotado de atravessamentos produzidos no interior de seu próprio tempo.

Josephina Álvares de Azevedo conquista um lugar privilegiado no que diz respeito à possibilidade de ser ouvida e lida por mulheres e homens do século XIX. Seu discurso é embasado pela história, filosofia, sociologia e é fortalecido pelo recurso retórico que adota e a faz angariar adeptos para sua causa. Ela tem acesso aos nobres, à casa imperial e aos

militares. Sua história pessoal contribui para a realização de um diagnóstico da emergência do presente.

Por esta razão parece fazer sentido a pesquisa sobre a vida de alguém que possa eventualmente ter conquistado a si mesmo como cuidado. Ainda que não tenham alterado efetivamente seu tempo, a análise das experiências deste ente contribui perfeitamente para a realização de um diagnóstico do tempo presente.

### 3.1 Livros que nascem da alma e do coração

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?* (Roland Barthes, 2004, p. 26).

Praticamente tudo que foi escrito pela professora Josephina no jornal *A Família* virou livros. A maioria desses escritos só não se perderam por terem sido publicados em pelo menos duas vias; primeiro nos jornais e, depois, como panfletos, opúsculos e livros.

O conteúdo dos livros dizia respeito à emancipação e autonomia da mulher, sobre política, cidades e cultura. O fio que tecia todos os temas era a educação. Além desse campo de atuação, também entraram nos livros os grandes debates e os textos que Josephina escrevia em respostas às questões sociais, as críticas de teatro e políticas.

Uma história das mulheres é fabricada ao longo das publicações e tem lugar especial em suas preocupações. No total, foram localizados apenas dois livros preservados: *A Mulher Moderna: Trabalho de propaganda* e *Galeria Ilustre: Mulheres Célebres*. Estes dois livros encontram-se na Biblioteca Nacional no setor de Obras Gerais. Já no Real Gabinete Português de leitura e no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro há apenas um exemplar, em cada biblioteca, do livro *Galeria Ilustre*.

Em 2018 o Senado Federal reeditou *A Mulher Moderna*, sendo este o primeiro volume da Coleção Escritoras do Brasil<sup>71</sup> publicada pela Secretaria de Editoração e Publicações - SEGRAF.

---

<sup>71</sup>A coleção *Escritoras do Brasil* busca divulgar as escritoras de escassa ou nenhuma presença no cânone literário, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Visa preencher um vácuo na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários. Cf. em Azevedo, Josefina Álvares de, 1851-1913. *A mulher moderna : trabalhos de propaganda / Josefina Álvares de Azevedo ; apresentação, organização e notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares ; apresentação à coleção Ilana Trombka. - Brasília : Senado Federal, Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF, 2018.*

No total, aparecem nos jornais notícias sobre três antologias publicadas pela professora Josephina, são elas: 1) *Retalhos* (1890), 2) *A Mulher Moderna* (1891), 3) *Galeria Ilustre* (1897). O primeiro resulta de publicações que datam de 1888 à início de 1890, o segundo é a coleção dos textos publicados entre 1890 e 1891 com o acréscimo da comédia *O Voto Feminino*, e por fim, *Galeria Ilustre* que, conta com textos de 1891 a 1896-97.

### 3.1.1 Retalhos

Apesar de muitas vezes ser referido como um “folheto” pelas casas editoriais e nas propagandas dos jornais, *Retalhos* constituiu-se de um pequeno livro em formato in-8º, com 78 páginas, publicado no Rio de Janeiro, impresso pela tipografia da Família à Rua do Senado, nº 45. Este livro consiste em uma coletânea de artigos e poesias selecionadas, nas quais o direito da mulher é o tema central<sup>72</sup>, além disso, continha uma série de textos sobre algumas Cidades de São Paulo, e uma crítica a comédia *A Doutora*, do Dr. Silva Nunes<sup>73</sup>:

Tratando da última comédia representada em má hora pela companhia da Sra. Emília Adelaide e de que é autor o Dr. Silva Nunes, fui d'opinião, que como peça literária era de valor negativo, e como estudo sociológico de negativo alcance. A minha opinião teria sido melhor expressa, se eu tivesse afirmado, como agora afirmo, que o Dr. Silva Nunes foi d'uma indelicadeza cruel para com as pessoas do meu sexo (AZEEDO, 1890, p.8).

Josephina reedita por diversas vezes o texto, acrescentando sempre novas perspectivas críticas com o fim de refutar a teoria impressa no argumento final da comédia, que tinha a finalidade de provar a incompatibilidade da mulher para desempenhar a medicina. De acordo com a professora Josephina, o doutor Silva Nunes,

Pretendeu, em sua tese, chegar à conclusão absurda, de que -a profissão médica é incompatível com a honra de uma moça; e teve desejos demonstrados de que instrução e virtude são atributos que repelem nas damas. Ora, isto é simplesmente uma ofensa grave às médicas, que temos, às contemporâneas ilustradas, além d'um grande, d'um inqualificável disparate (AZEVEDO, 1889, p.4).

Para Josephina, a comédia *A doutora*, possuía “um certo grau de perversão de ideias”, de modo que “não era lógico e nem natural” o enredo da peça, além disso não se justificava pelo fato de ser uma comédia e ter a finalidade de fazer rir, conforme suas palavras: “Pode ser que o autor tenha tido em vista somente fazer comédia para a gente rir; mas o que é certo é

<sup>72</sup> Cf. A Família, 1890, edição 49, p.8.

<sup>73</sup> Cf. A Família, 1890, edição 51, p.8.

que toda a gente séria há de lastimar aquilo que vimos na cena do S. Pedro e que constituiu o pior atestado da capacidade do comediógrafo” (*Idem*).

Com relação aos poemas, não é possível determinar com precisão quais foram publicados no livro *Retalhos*, pois como já mencionado, o livro é uma antologia contendo textos selecionados. Por conta disso, uma interessante crítica denuncia a ausência de poemas e sonetos escritos por Josephina:

Retalhos: A elegante escritora D. Josephina Alvares de Azevedo enfeixou num folheto sob o título acima, vários artigos e alguns versos, publicados n’A Família, folha que magistralmente redige, em defesa dos direitos da mulher. Nós já conhecíamos as produções da ilustre escritora pela leitura constante do seu excelente jornal, contudo deleitamo-nos novamente em percorrer aquelas páginas palpitantes de vida, de entusiasmo em prol do seu sexo. Quanto aos versos a autora dos Retalhos há de nos permitir uma observação. Tendo, como tem, sonetos magistrais publicados n’A Família e diversas poesias de um lirismo encantador, de uma correção adorável, achamos que foi uma injustiça clamorosa suprimir tais produções do seu folheto e dar, no entanto, inserção a umas quadrinhas humorísticas, que, conquanto tenham espírito a valer não podem ser comparadas com as suas esplêndidas poesias líricas. Não acha a ilustre escritora que foi injusta consigo mesmo e com aquelas flores cheias de perfume suavíssimo da alma feminina, que vimos espalhadas pelas colunas do seu magnífico jornal? Isto é apenas uma ligeira observação de alguém que lê e que admira tudo o que sai da pena sibilante da ilustre escritora. Do Diário de Campinas (in A Família, 1890, p.8).

Desde a primeira edição do jornal Josephina já publicava suas poesias. Os versos desta poetisa falam da natureza, do amor e da vida. A primeira poesia que aparece nos jornais, cujo título é *Primavera*, revela uma escritora delicada e sensível. Apesar de instituir para si a missão do arauto da liberdade feminina, sua poesia dialoga com o seu tempo, com as convenções e os costumes. Ela não toca diretamente em questões políticas, nem fala sobre educação ou autonomia feminina. A poesia de Josephina apresenta a outra face desta mulher:

#### PRIMAVERA

Oh! na primavera as flores  
São outras, tem mais frescura;  
Tem mais vida, mais odores,  
Tem uma seiva mais pura.  
O campo é mais verdejante,  
As fontes mais cristalinas,  
A brisa mais sussurrante.  
As rosas mais purpurinas.  
Cardumes de borboletas  
Dondejam pelos valados.  
Pousando alegres, inquietas,  
Nos castos lírios nevados.  
As gotas d’água, trementes,  
São per’las amarantinas  
Que brilham, belas, algantes,  
Pelas relvosas campinas.  
Oh! na primavera as dores  
Tem outra seiva no seio...  
Assim lambem os amores  
Tem outro encanto, outro enleio (AZEVEDO, 1888, p.5).



É importante assinalar que algumas colaboradoras como Izabel Dillon, Adélia Barros e Anália Franco também publicaram poemas e versos nos jornais, não sendo esta atividade evidentemente, exclusiva da professora Zefa. Há ainda, frases e pensamentos atribuídos a escritores homens, por exemplo, Victor Hugo e padre Fleury. Existe também a marcante presença de citações de filósofos como Rousseau, Kant, Schopenhauer, Sócrates e outros. O jornal se propunha a estar aberto a receber do sexo feminino colaborações de todo tipo, de modo que aparecem muitas poesias e contos cujas escritoras não aparecem mais que uma vez no jornal. *Retalhos*, porém, carrega consigo a exclusividade dos textos de Josephina Azevedo.

### 3.1.2 A Mulher Moderna

Imagem 47 - Capa do livro A Mulher Moderna publicada pelo Senado Federal



Fonte: Senado Federal<sup>74</sup>.

O segundo livro de Josephina não tardou a sair, *A Mulher Moderna: trabalho de propaganda* foi publicado em 1891 pela tipografia Montenegro, no Rio de Janeiro. Originalmente, continha 152 páginas, com uma introdução e uma coleção de artigos. Na introdução Josephina afirma que seu livro não era inteiramente novo e que os artigos sob o título, *Emancipação da mulher* e correlatos foram publicados no seu periódico anteriormente.

<sup>74</sup>Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/biblioteca/colecoes/colecoes>. Acessado em 15 de abril de 2019.

De acordo com a professora, “o assunto [de seu livro] por sua natureza é grande,” para ela ninguém com mais entusiasmo e amor se dedicou ao tema da emancipação da mulher no Brasil.

O livro contém uma introdução e quatro partes, sendo a primeira composta de um manifesto e o texto da peça *O Voto Feminino* na íntegra. O manifesto da peça se inicia com três pertinentes indagações:

No fundo escuro e triste do quadro de provações a que votaram a mulher na sociedade, brilhará, com a fulgente aurora da República brasileira, a luz deslumbradora da nossa emancipação?[...] A pátria é livre, a sociedade brasileira vai reconstituir-se sob as bases de uma prometida política libérrima, de vistas amplas, de princípios vitoriosos. Mas em meio a tudo isso o que ficará sendo a mulher brasileira? Qual o destino que lhe reservam no conflito da vida nacional? (AZEVEDO, 1891, p.21).

Conforme estas palavras, fica evidente que com a chegada da República almejava-se que houvesse mudanças no quadro geral de direitos políticos com respeito à mulher. A mulher será emancipada? O que ficará sendo a mulher brasileira? Qual seu destino, tendo em vista a proclamação da República? Estas questões constituem o cerne da angústia de Josephina. Neste sentido, seu texto apresenta todo o sistema anterior como já vencido, passado, mas uma dúvida ainda permanece: e a mulher, como ficará? Em suas palavras,

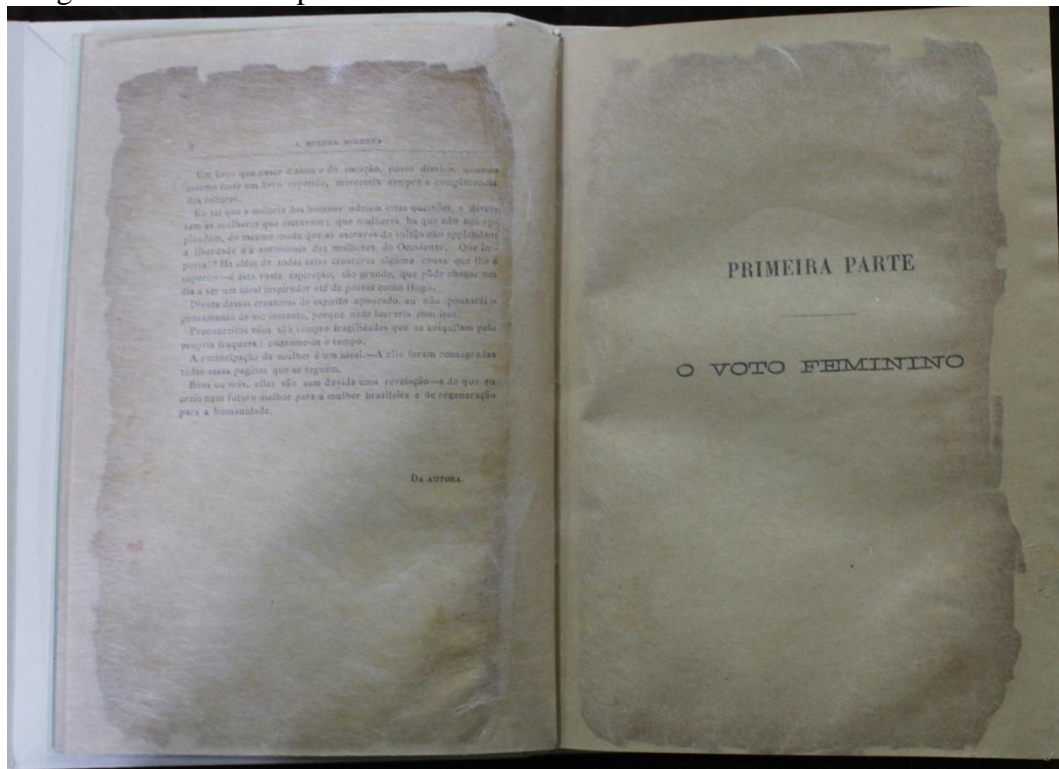
O regime da escravidão legal e moral, que nos premia, como uma massa formidável sobre um corpo, não era um regime de igualdade, não dava à mulher vasto campo ao exercício da sua atividade em todas as esferas; aos seus pulsos ligava as cadeias de preconceito, vendava-lhe os olhos da inteligência, com o negro capuz da ignorância. Esse regime caiu, atirando os seus destroços para o acúmulo do passado. Mas deixará por ventura após o seu cataclismo, uma coluna só, de pé, desafiando a razão da nossa condição social oriunda do regime passado? (*Idem*)

Apesar da questão ser posta pela professora, a resposta na sua concepção era de natureza e teor incontornável. Para ela, era “necessário que a mulher também como ser pensante, como parte importantíssima da grande alma nacional, como uma individualidade emancipada, [fosse] admitida ao pleito em que vão ser postos em jogo os destinos da pátria”(*Ibid*). O desejo de ir às urnas, de intervir nas eleições, de eleger e ser eleita era a pauta principal das reivindicações.

No aprofundamento de sua reflexão, a professora demonstra ter pleno conhecimento de que havia uma clivagem operada pela ação preconceituosa que cria as leis e opera radicalmente no recorte de gêneros. Nesta ação, ela vislumbra uma espécie de cinismo na forma de tratar a questão das mulheres e, afirma: “Ou estaremos fora do regime das leis criadas pelos homens, ou teremos também o direito de legislar para todas. Fora isso a igualdade é uma utopia, senão um sarcasmo atirado a todas nós” (*Idem*). De acordo com

Josephina, a democracia e o direito ao voto afirma a supremacia individual dos sujeitos e somente por seu intermédio é que a mulher se achegará verdadeiramente na condição plena de cidadã.

Imagem 48 - Primeira parte do livro *A Mulher Moderna: O Voto Feminino*



Fonte: Biblioteca Nacional - Fotografia do arquivo pessoal de Jocemir Reis

A peça *O Voto Feminino* possui uma abordagem direta, o texto da peça possui apenas um ato, tendo porém três números de canto, sendo dois duetos e um *ensemble* final. A comédia foi encenada na festa artística do ator português radicado no Brasil Antonio Pereira Fontana e Castro, em maio de 1890, no teatro Recreio Dramático do Rio de Janeiro. A história contém sete personagens, tendo como cenário a sala da casa de estar do Conselheiro Anastácio. São quatro homens e três mulheres que aguardam ansiosos pela decisão que o Ministro havia de tomar se o voto feminino era ou não cabível e aceitável. Tendo sido negada às mulheres os direitos políticos, não esmoreceram em suas aspirações.

O texto oferece uma variedade de cenas bastante engraçadas e envolventes, com uma linguagem acessível e direta. Conforme Silva (2018), “A simplicidade do enredo, segundo Valéria Andrade Souto-Maior (2001), indica que Josephina Azevedo tinha um objetivo único e certo com sua peça de estreia, que pretendia encenar cenas do cotidiano doméstico, priorizando a questão feminina”.

Para a professora Josephina, a mulher corria, em certo sentido, risco de não ver êxito algum em seus esforços, pois podia ser que a Constituinte<sup>75</sup> as deixassem de fora dos benefícios na criação da lei que, no fundo, estruturaria as concepções da nova nação. No entanto, Josephina aponta uma possibilidade:

A nossa Constituinte, prestes a reunir-se para firmar a lei base da nova nacionalidade, deverá ser o ponto de partida para essa grande reforma, de que hoje carecermos mais do que nunca, mas que pode ficar prejudicada, ainda por muitos anos, se não nos esforçarmos porque ela se faça já, compelindo os constituintes a firmarem de uma vez para sempre o nosso direito obscurecido (AZEVEDO, 1891, p.33).

A professora sinaliza para a necessidade de esforço coletivo. É nítida a convocação à luta na qual as mulheres são mestras em praticar uma luta silenciosa, cautelosa e eficaz, mas que pode, evidentemente levar “muitos anos”, caso não acedam à campanha. A peça foi um sucesso de público, encenada por pelo menos oito vezes no Brasil, além de seu texto ter sido enviado para um correspondente na França. Em nota, Josephina noticia seu envio a Potonié Pierre, redator chefe do jornal francês *Droit des Femmes*:

A redatora desta folha acaba de enviar a Paris, o manuscrito e a autorização afim de poder ser traduzida para o Francês e representada na grande capital, a sua comédia *O Voto Feminino*. Acha-se encarregado dessa missão o notável escritor Potonié Pierre, de quem temos a honra de publicar um artigo neste número (AZEVEDO, 1890, p.3).

A segunda parte do livro *A Mulher Moderna* possui nove seções e tem por subtítulo: *Emancipação da Mulher*. A primeira seção inicia com o texto que fora publicado na primeira edição do jornal. Subtraído apenas o primeiro parágrafo da publicação original, o texto justifica o ingresso da professora Josephina Álvares de Azevedo no meio jornalístico:

Instada por algumas amigas a fim de fazer umas conferências sobre a Educação da Mulher, fiz-lhes notar que a palavra em meus lábios era pálida, não tinha as cintilações do verbo de Staël, nem o colorido suave e puro do estilo de Sévigné, nem a enérgica expressão da palavra de Louise Michel, e que, portanto faria uso da imprensa, veículo mais seguro para a transmissão do pensamento destinado a gravar-se nos espíritos (AZEVEDO, 1891, p. 81).

Depois destas palavras, a professora aborda em linhas gerais o projeto editorial do jornal *A Família*. Apresentando já no texto inaugural, as demandas que deseja discutir sobre as condições da mulher, sua educação, sua liberdade, seus direitos, sua importância para a

<sup>75</sup>O Brasil poderia ter sido a primeira nação do mundo a aprovar o sufrágio feminino. No dia 1º de janeiro de 1891, 31 constituintes assinaram uma emenda ao projeto da Constituição conferindo direito de voto à mulher. Tal emenda foi rejeitada. Somente há pouco mais de 80 anos as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto, adotado em nosso país em 1932, através do Decreto nº 21.076 instituído no Código Eleitoral Brasileiro, e consolidado na Constituição de 1934. Disponível em <<https://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>>. Acesso:6 de junho de 2019.

sociedade. O jornal *A Verdade*<sup>76</sup> discorrendo acerca da citada publicação, assere que Josephina Álvares de Azevedo, “apresentou um editorial de grande importância filosófica” (*A Verdade* apud *A Família*, 1890, p.8). Para a professora Azevedo, era “preciso estudar muito, banhar o espírito na luz da ciência: mergulhar o pensamento na História; fazê-lo surgir no Direito”(AZEVEDO, 1891, p.17).

Neste sentido, será que podemos pensar no empenho desta professora em termos de ofício filosófico; tem o seu trabalho, características palpáveis à que se poderiam igualar ao fazer dos pensadores (homens)? Pareceu interessante à esta pesquisa considerar tal questão já que se nos é apresentado por um periódico imerso no mesmo horizonte histórico de Josephina, um atributo à esta professora, jornalista, poetisa, contista, que raramente seria atribuída a uma mulher no Brasil do século XIX, o fazer filosófico. O jornal *A Verdade* não trata de todo o pensamento desta escritora, até porque aquela era a primeira edição d’*A Família*. *A Verdade* se refere apenas de um editorial, no entanto, é preciso notar que esta passagem é aquela que serviria de parâmetro para todos os demais trabalhos jornalísticos de Josephina. Afinal, este editorial trata-se da apresentação do seu projeto, de modo que cumpre fazer esta pergunta: poderíamos ver agora no seu trabalho, mais de um século depois, as atribuições de um filósofo? O que seriam esses atributos afinal?

Conforme Castro, para Foucault, a filosofia tem como tarefa diagnosticar uma verdade que possa valer para todos e para todos os tempos, apontar os modos de ser do presente e dizer o que nós somos hoje e o que significa, hoje, dizer o que somos:

É filosofia o movimento pelo qual (não sem esforços e tateios, sonhos e ilusões) distancia-se do que está adquirido como verdadeiro e busca-se outras regras de jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos quadros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se distinto do que se é (FOUCAULT, *Ditos e Escritos IV* apud CASTRO, 2016, p.175).

A intenção aqui não é promover a professora e jornalista Josephina Álvares de Azevedo à filósofa, ou tão somente determinar que seus escritos sejam qualificáveis como pensamento filosófico, contudo pareceu profícuo poder pensar em uma mulher brasileira do século XIX que possa ser, em alguma medida, em algum dia, compreendida e considerada como uma importante filósofa brasileira. A primeira vista não é de fato uma questão fácil de resolver. Esta também não é a intenção, isso poderá ser feito em outra oportunidade e em

<sup>76</sup> O jornal *A Verdade*, fundado em 1849 no Rio de Janeiro teve diversos homônimos nas mais variadas províncias do Brasil. Sendo publicado até 1941 circulou nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Bahia e Ceará. As datas de início e fim de circulação são imprecisas visto que todas as coleções constantes na Hemeroteca da BN se encontram incompletas.

outra pesquisa. Deixar aqui um grande ponto de interrogação para uma possível reabertura de seus arquivos pessoais e dos documentos que lhe sejam concernentes parece importante para a história da educação e, sobretudo, para a história do feminismo no Brasil.

Outro pensador que contribui para endossar a investida nesta reflexão é o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Para ele, a filosofia é da ordem do “ser iniciante”. Provocativo, o pensador nos coloca diante de um problema, a saber, a vida arriscada e entusiasmada daquele que incansavelmente retoma sempre aquilo que leva a pensar sem resignação:

Para Heidegger, filosofar jamais significa acumular uma série de informações relativas a um conjunto de doutrinas tradicionais ligadas a problemas filosóficos pontuais e tratar subsequentemente essas informações a partir de uma espécie de prova lógica de consciência. Filosofar também não designa, para ele, o esforço por superar todos os pressupostos herdados e, a partir de uma circunscrição aos poderes constitutivos da razão, seguir com rigor metodológico o caminho árduo que conduz à verdade. Ao contrário, filosofar implica antes um retorno sempre renovado às determinações primordiais de um caminho de pensamento, à origem que nunca permanece isolada em um passado desprovido de sentido, mas que sempre participa ativamente das decisões do futuro (CASANOVA, 2013, p.15,16).

Considerando a experiência artístico-política-educacional de Josephina, podemos dizer em comparação às duas citações anteriores de Castro (2016) e Casanova (2013) e as respectivas definições do fazer filosófico em Foucault e Heidegger respectivamente, que há, em alguma medida, uma aproximação do espectro filosófico na sua carreira: preocupação, seriedade e modo de abordar os objetos do pensamento à aproxima deste campo tão restrito aos homens. Evidentemente há de se ocupar em fazer aqui uma exegese dos citados enunciados para daí tirar uma conclusão se é ou não filósofa nossa personagem. Mas podemos inferir que o movimento pelo qual com muitos “esforços e tateios, sonhos e ilusões”, Josephina “distancia-se” do que está em seu tempo, “determinado como verdadeiro” e busca outras regras para fazer seu jogo. Ela opera “deslocamentos e transformações dos quadros de pensamento” hegemônico de seu tempo, “realiza grandes modificações dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se distinto de si”, em um processo constante de transformação.

Na terceira parte, temos o que Josephina chama de “assuntos diversos.” Ela apresenta na ordem, uma série de artigos publicados no jornal a partir de outubro de 1890. São sete no total: “Decreto iníquo e absurdo”, “Divórcio”, “Constituição e Constituinte”, “O casamento civil”, “Clube das Senhoras”, “Conflito entre Portugal e Inglaterra” e, por fim, “As Senhoras”.

O primeiro, “Decreto iníquo e absurdo”, discorre sobre a proibição das mulheres de ingressarem nos cursos superiores. Conforme Josephina (1890-91): “O decreto do ministro

dos correios e instrução fechou às senhoras brasileiras as portas das academias”, depois de anos de sonho e luta, depois da conquista, com a chegada da República, e a posse de um ministro “positivista comteano” há um radical retrocesso:

É recente ainda no Brasil a propaganda em favor da educação da mulher. Há 20 anos, nada seria mais extraordinário do que desejar uma moça instruir-se. Pareceria um sonho a ideia de um doutor de saias. O progresso, porém, que vence todos os obstáculos e corrige todos os absurdos, foi dominando a ignorância dos nossos costumes, até que se conseguiu que nós, as mulheres, pudéssemos frequentar aulas de estudos superiores, ser professoras, adquirir carta e fazer clínica (AZEVEDO, 1891, p.103).

O ministro da Instrução, Correios e Telégrafos, Benjamin Constant é o autor do projeto e alvo de duríssimas críticas da professora Josephina. O esperado era que, com a chegada da República, a ampliação dos direitos fosse uma das frentes de atuação dos novos governos, mas qual não foi a decepção quando veio a lume esta notícia.

A bagagem de todo o positivismo comteano, que lhe ande a saracotear no cérebro, não pode sair da aula, da cátedra, do livro, para os bancos do ministério, sob pena de usar mal confiança de um povo, que pode pedir-lhe que tudo derroque menos as conquistas modernas dos direitos da mulher na sociedade emancipada (*Idem*).

Porém, foi exatamente o que aconteceu. O positivismo científicista comteano, trazia a marca da moralidade retrógrada, de um tempo deplorável, em que a mulher era reduzida à suposta “incapacidade” intelectual. Josephina desferiu inúmeros golpes de seu repertório contra o Senhor ministro:

E, no entanto, com a estada do Sr. Benjamin Constant no governo, a coisa foi outra: nada nos tendo dado, tirou-nos tudo quanto tínhamos, em nome da moral positiva, da filosofia de Comte, o homem que não soube nem sequer constituir o seu lar. Mas nem o positivismo – velha doutrina filosófica, que o comtismo andou aproveitando nos resíduos de cada sábio de todos os tempos – nem essa filosofia, tão velha quanto a terra com as necessidades reais da criatura, poderia estabelecer semelhante lei: porque essa filosofia na sua índole tem como principal critério a expansão dos atos naturais, e a educação do espírito é um caso de tanta necessidade, como a sua manifestação em todos os fenômenos da vida social (*Ibidem*).

Conhecedora das questões, a professora polemista escreve dois extensos artigos a respeito, e recebe inúmeras críticas, mas não considera importante rebater, pelo fato de que seus oponentes não estavam à altura para um diálogo franco e de peito aberto. Chamam-na de “violenta”, acusam-na de usar de uma “coragem doida”, mas ela não se abate e assere:

Alguns jornais desta capital admiraram-se da violência de minha linguagem no primeiro artigo sobre este assunto. – Nada mais violento do que o ato do ministro que o provocou. Outros julgaram, nas insinuações das suas notícias, um desrespeito, uma espécie de coragem doida o fato de atacar, sem respeito, a filosofia comtiana. Estes, não seriam capazes de reagir nem contra a mais absurda das doutrinas, desde que ela trouxesse a assinatura autoral de um medalhão ou de um matemático que

saiu fora da sua esfera para dar leis ao mundo. Não responderei a nenhum deles, nesse sentido, como não responderia a qualquer escolástico que viesse repetir-me a frase banida por Pascal (*Ibid.* p.106).

Josephina deixa de priorizar a questão após seu segundo artigo, citando-o esporadicamente e, de forma indireta, em outras matérias.

O segundo tema da terceira parte, não menos polêmico que o primeiro, trata de um assunto que confronta diretamente à Igreja e suas doutrinas: *o divórcio*. Josephina faz uma longa apologia ao direito da mulher em desfrutar deste dispositivo. Para a professora, “muitos fatos não se reproduziriam na sociedade se o divórcio não manietasse a ação da vontade [...] da mulher” (*ibidem*.p.108).

Indubitavelmente provocativa, a docente levanta uma enorme poeira no meio moral e religioso, acusada de incitar as mulheres à desobediência. Neste caso, mais duras críticas recebe quando este artigo é lançado, agora, em livro, recebendo o ódio da imprensa religiosa como troco. No entanto, sua maior preocupação está única e radicalmente sobre a vida das mulheres que são humilhadas e tem de permanecer fiéis ao marido e ao lar; sobre a vida das “donzelas” que casaram forçadas pelos pais. Neste sentido, para a Josephina, “providencial como lei, o divórcio será, em todo caso, sumamente benéfico como estímulo”, visto que:

Seria mais senhora do seu destino a mulher donzela que pudesse repudiar o marido que os pais lhe impuseram sem consultar a sua afeição, do que aquela que muitas vezes para não desobedecer tem de sacrificar a existência inteira a um capricho da autoridade paterna, que despreza os votos de um coração de moça para só consultar o seu calculado egoísmo (*AZEVEDO, op. cit. loc. cit.*).

O terceiro tema abordado nesta sequência tem por título *Constituição e Constituinte*. Na tentativa de pressionar aos deputados constituintes a reconhecerem os direitos da mulher, Josephina Álvares de Azevedo elabora uma argumentação que se pauta na concepção de democracia e a sustenta sob a noção de que a Constituição seria a “Carta Magna da autonomia e da liberdade” para “todas as pessoas”.

Escrito durante a submissão do projeto da primeira Constituição republicana do Brasil, em 1891, o texto da professora aponta que tal projeto deixou de fora, mais uma vez, o gênero feminino no que diz respeito aos direitos constitucionais, sobretudo no que se refere à liberdade individual, a igualdade e a autonomia:

A liberdade individual só é uma verdade quando, entre todas as pessoas, os direitos sociais são perfeitamente iguais. Ora essa igualdade não coexiste com a tutela permanente do homem sobre a mulher, perante as leis vigentes, de nada valem as aptidões e os talentos das mulheres, porque estas não podem concorrer com os homens em todos os ramos da atividade cívica e social; portanto, nós não temos ainda, nem nos promete a lei projetada, essa esperada autonomia, que era de prever em uma quadra de renascimento para um povo moderno. Mas se o projeto da



Constituição assim concebido ataca tão rudemente a nossa melhor esperança, restamos apelar para a reunião da Constituinte, em que esse projeto terá definitiva aprovação (*Idem*, p.109).

O discurso da professora Josephina produziu uma agenda entre as mulheres e conquistou apoio entre os homens. Sua tarefa visava projetar luz sobre o debate, imprimindo um caráter radical de inadmissibilidade à aceitação de que tendo o Estado brasileiro avançado para a República tenha mantido as mulheres na mesma subordinação em relação aos homens.

O quarto tema deste subcapítulo, algumas questões sobre o *Casamento Civil* constituíam o objeto do artigo. Tendo se implantado a laicidade em termos teóricos, ainda vigorou por muito tempo as normas baseadas em costumes religiosos e morais no Brasil, de maneira que o povo, a quem Josephina se referia, ainda não tinha compreendido o que exatamente significaria esta laicidade quando tratava do casamento. Para a professora, era “necessário, entretanto, que [fossem] bem esclarecidos os pontos que a muita gente parecem obscuros”, com consequências a que chamou de “grandes males”.

O cerne do problema se concentrava na dúvida que o texto responde com esta frase: “O casamento civil não exclui o religioso, nem este àquele, e ambos não são incompatíveis.” Neste sentido, passavam valer os dois casamentos e eram complementares, sendo que um atendia aos preceitos civis e, o outro, religiosos.

*Clube das Senhoras* é o antepenúltimo tema desta sequência que trata da iniciativa das mulheres estadunidenses em fundar “em New York o clube das mulheres de imprensa”. Em contrapartida, as jornalistas no Brasil vivenciam uma experiência totalmente adversa e opressora. Conforme Josephina:

Aqui, tais instituições não poderiam fundar-se, porque não há senhoras que se dediquem a carreira jornalística. Há algumas poucas escritoras de muito mérito; essas, porém, não fazem da imprensa carreira, fogem dela, porque lhes seria até prejudicial. É tristemente desanimadora a contingência das brasileiras que meditam sobre a condição da mulher neste país, onde, ainda, não é possível nem mesmo utilizar a sua inteligência (AZEVEDO, op. cit. p.113-114).

Esta passagem aponta em certa medida que, o jornalismo feminino era ainda uma instituição em formação. A imprensa feminina estava dando os primeiros passos e a profissão parecia ser muito mais uma distração que uma profissão necessariamente. A futilização da imprensa feita por mulheres era para a jornalista Azevedo uma atitude desprezível. Josephina acreditava que a imprensa deveria servir aos interesses da sociedade, e a imprensa feminina, estritamente aos interesses civis, culturais e políticos das mulheres. A imprensa, para ela, era uma ferramenta política de extrema importância.

O penúltimo artigo desta série chama-se *Conflito entre Portugal e Inglaterra*. Nele encontramos a exaltação elogiosa daqueles que lutam em favor de pátria. O texto aborda a disputa entre portugueses e ingleses pelo território “às margens do Zambeze”, dominado por Portugal. Acostumados a levar vantagens sobre os portugueses, os ingleses não contavam que Portugal teria a colaboração do povo:

Corajoso e patriota, manifestou-se o rei. O povo rugiu ameaças. As colônias bateram o pé! E os ingleses a estas horas reconsideram a sua ousadia, bem crentes de que, embora façam cruzar os mares poderosas esquadras, não serão capazes de internar, soldados pela África, porque a encontrarão a intrepidez dos portugueses, e a coragem indomável dos negros (*Idem*, p.115)

De acordo com a professora Josephina este é um “belo exemplo de patriotismo” e luta que deveria ser seguida. O povo deveria estar ao lado dos ideais de sua nação e de seus interesses.

Por fim, o sétimo artigo, que compõe a terceira parte do livro *A Mulher Moderna*, intitula-se *As Senhoras*. Neste subitem, temos a continuidade do tema anterior, porém focado exclusivamente nas mulheres, que por sua vez, por ocasião do conflito entre Portugal e Inglaterra, as portuguesas, ofereceram suas mais preciosas joias para ajudar nas despesas que a guerra poderia contrair. Através da história, desde Roma antiga à França daquele século, Josephina testemunha a importância que as mulheres têm para as suas nações.

De acordo com o segundo o artigo, apesar da contribuição feminina, elas não foram devidamente reconhecidas, mas invisibilizadas. O texto assere que muitas portuguesas se aprofundaram em seus estudos e contribuíram significativamente para a história daquele país, tendo sido vítimas do esquecimento e da ingratidão dos homens. Se seus nomes tivessem sido lembrados, segundo a professora, também na história do Brasil haveria maior respeito pelo belo sexo.

A quarta e última parte do livro é composta apenas de três matérias que foram escritas em resposta ao Sr. Paulino de Brito, outra ao Dr. Silva Nunes e, por fim, a última fora escrita em resposta a certo colega [jornalista] não identificado no texto, que contesta a validade do jornal *A Família*.

Em resposta ao Sr. Paulino de Brito, vê-se um tom claramente erístico das partes. A temática se baseia em uma discussão literária inaugurada pelo articulista paraense que, por meio de missivas, sobre as questões que compõem a seara de Josephina: “educação”, “mulher” e “família”, convoca-lhe ao debate. Nossa personagem admite se achar em desvantagem em relação ao seu oponente. Ele, porém, discorre:

Humilde literato de província, eu não devia talvez alimentar a pretensão de discutir com uma escritora tão distinta. V. Ex. que vem da corte, daquele ninho de águias, daquela poeira de sóis, daquele imenso foco literário do século XIX, talvez ainda conserve de lá alguns laivos desse desdém soberano com que as sumidades literárias fluminenses costumam acolher todo o brasílio esforço intelectual que não tenha tido a fortuna de ser produzido à sombra do Corcovado, ou embalado ao estrondo sonoro das ondas do Guanabara (BRITO apud AZEVEDO, 1891, p.122).

Para Brito que era poeta, contista, cronista, romancista e jornalista, a literatura produzida na capital não passava de cópias da literatura francesa, e a produção das províncias, cópias de cópias. A professora Josephina, escreveu quatro artigos em seu jornal em resposta às provocações. Além do mais, teve a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente quando em viagem, visitou o Estado do Pará.

Josephina não se preocupa em refutá-lo, pois que, para ela, a pura exposição de suas ideias já era o bastante. Neste sentido, a professora lista as tópicas levantadas por Brito:

1º Que as ideias de V. Exa. sobre educação, sobre a mulher, sobre a família, ou não são bem definidas, ou não foram bem compreendidas entre nós. 2º Que os meios por V. Exa. empregados na sua propaganda atestam incoerência, e são a contradição mais cabal das suas teorias. 3º Que as proposições de V. Exa., exaradas no artigo que li, não são todas exatas. 4º Que se com efeito as mulheres, conforme V. Exa. diz, são nossas escravas, será necessário concluir que nós, os homens, somos os mais parvos ou os mais complacentes dos senhores; casos em que a escravidão torna-se uma delícia. 5º Finalmente, que as minhas patrícias são julgadas com muita severidade e injustiça, se não por V. Exa., ao menos por alguns dos seus ilustres apologistas(*Idem*).

Conforme Josephina (1891), o Sr. Paulino do Brito afirma que suas ideias sobre educação, a mulher, família ou não foram bem definidas, ou não foram compreendidas por ele. Para ela, a última hipótese é a correta, pois, “em geral os homens são neste assunto de uma incompreensibilidade pasmosa. Em se tratando de dar à mulher alguma preponderância no lar como em todas as funções da vida civil, eles se fazem de difícil compreensão. É o melindroso do problema (p.125)”.

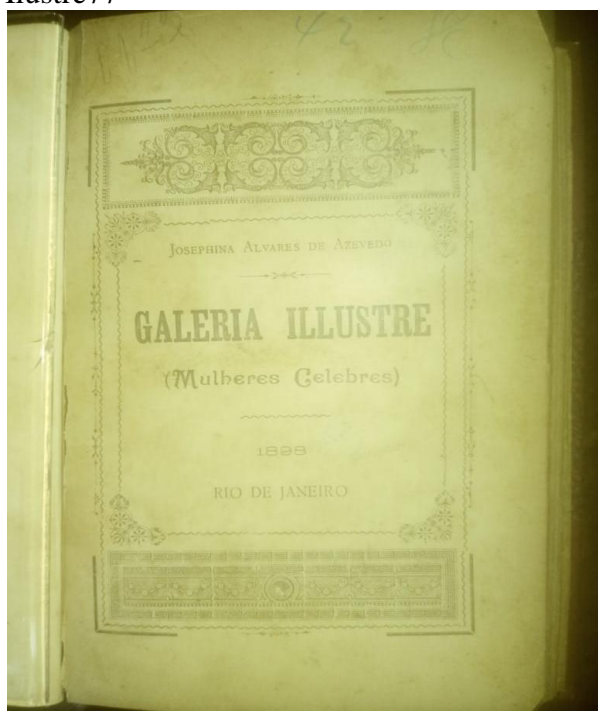
A segunda matéria da quarta parte do livro é composta pelos artigos em que Josephina discute a peça teatral *A Doutora*, escrita por Silva Nunes, como já citado anteriormente. O texto presente neste subcapítulo é inteiramente fiel ao do texto do jornal. A professora teceduras críticas à peça de Silva Nunes e as repete no livro.

*As novidades* é o título da última matéria do livro recebe. Vale dizer que chamo a cada subtítulo de “matéria”, pois foi é o termo empregado pela própria articulista, redatora do jornal, além de ser, como já mencionado, de fato matérias que compuseram o jornal. Nesta última parte um brevíssimo texto discute a uma questão a respeito do nome e da validade argumentativa do jornal. O que parece, pelo teor da resposta, esta era uma provocação sofrida pela docente que, por pouco, a fez perder a paciência. Sua resposta foi sem sombra de

dúvidas a mais severa. Classificado de mal educado à ignorante, a resposta foi curta e grossa. Para finalizar, de tão mau gosto foi a provocação, que não houve nenhuma citação, nem mesmo o nome do jornalista foi mencionado.

### 3.1.3 Galeria Ilustre

Imagem 49 - Folha de rosto do livro *Galeria Ilustre*<sup>77</sup>



Fonte: Biblioteca Nacional - Fotografia do arquivo pessoal de Jocemir Reis.

*Galeria Ilustre* é, muito provavelmente, o último livro escrito por Josephina Álvares de Azevedo. Publicado pela primeira vez em 1897, os textos remetem a um período que vai de 1890-91 a 1896 e início de 1897. Os textos contam com uma coletânea de história de mulheres ilustres pertencentes à história geral. Alguns desses textos, porém, como *Joana D'arc* foram traduzidos pela professora Josephina. Nenhum texto deste livro é absolutamente original, sendo, portanto, o resultado de uma seleção feito pela escritora. Vale dizer que a estrutura textual das histórias precisava caber no jornal. Era necessário, antes de tudo, encaixar no projeto. Nesta perspectiva os textos foram arranjados de maneira a atender a demanda e suas especificidades. Semelhantemente aos livros anteriores, *Galeria Ilustre*, fora publicado em fascículos.

---

<sup>77</sup>Ed. de 1898.

Há exatamente dez histórias de personalidades femininas contempladas no livro, são elas: Joana d'arc, Maria Tereza d'Áustria, Miss Nightingale, Catalina II, Cleopatra, Isabel a Católica, Pocahontas, Margarida de Anjou, Heloisa, e George Sand. A publicação localizada na Biblioteca Nacional, é uma edição de 1898, possui 173 páginas impressas pela Tipografia a Vapor, situada à Rua 7 de Setembro na Capital.

Uma nota de Josephina nesta edição apresenta muito brevemente o livro. Diz a nota:

Não tendo feito nenhum trabalho propriamente original, nem tão pouco uma tradução literal de quanto li sobre as heroínas consagradas neste livro, deve ser ele considerado uma compilação, pois nesta conta o dou à publicidade. Pequeno contingente é para a história das *Mulheres Célebres*, que é muito grande, quase tanto a dos homens que mereceram este epíteto. Em todo o caso, é um subsídio à propaganda da emancipação que se universaliza. Poucas são as heroínas que encerra: mas qualquer delas bem clara. O que aí está é o melhor que pude fazer; medindo-se o meu desejo, terá um valor maior do que o intrínseco; mas esse é o que poderá justamente compensar-me do esforço feito (AZEVEDO, 1897, p.1).

Pode-se dizer que os três livros da professora Josephina foram escritos quase que simultaneamente, pois, apesar de possuírem datas diferentes de publicação, os três livros, *Retalho*, *Mulher Moderna* e *Galeria Ilustre* são resultado de um fluxo constante e ininterrupto da escrita, que teve início em 1888 ou até mesmo alguns meses ou anos antes, e segue, como um rio, até o último trabalho.

Há coerência e um fio tecedor que parece articular toda a produção literária e intelectual em uma peça única, a que chamou, em seu segundo livro, de “minha obra”. Como um tecido colorido e cheio de fios diversos, de diversas procedências, seu texto é polifônico, atravessado das mais variadas leituras de mundos, de artes e de livros. Não há uma só vez que soe uma só voz solitária em suas composições. Como um coro de barítonos, contraltos, sopranos, meso-sopranos ressoam em sintonia dando forma e conteúdo à sua opus. Assim é a produção literária da escritora-jornalista Josephina. Podemos dizer que, apesar de reivindicar para si sua “obra”, seu foco estava a todo o tempo concentrado na sua leitora e no seu leitor. E, este último livro, indicia, então, claramente outras participações diretas em sua escrita, de maneira que se deflagra de fato esta pluralidade nesta composição textual.

Conforme Roland Barthes, “toda leitura deriva de formas transindividuais.” Depois de pronto o tecido, cada um o veste como o queira, cada qual faz a roupa que melhor combina. Assim é a leitura, há um certo grau de possibilidades abertas pelo livro que não é dado por quem escreve. Neste sentido Barthes afirma:

As associações geradas pela letra do texto (onde está essa letra?) nunca são, o que quer que faça anárquicas; elas sempre são tomadas (extraídas e inseridas) dentro de certos códigos, certas línguas, certas listas de estereótipos. A leitura mais subjetiva que se possa imaginar nunca passa de um jogo conduzido a partir de certas regras. De onde vêm essas regras? Não do autor (2004, p.29).

Por esta razão, o texto de um é sempre o texto de todos, isto é, de quem escreveu, mas é também de quem o ler. Para Roland Barthes (2004) “não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica”. Neste sentido, o texto é um jogo sem autor e sem origem. Em *Escrever a Leitura*, Barthes (2004) aponta: “A escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve”.

Dito isto, tornamos a olhar para o “composto” preparado pela professora Josephina, em defesa de suas crenças, da liberdade da mulher, sua educação, emancipação e seus direitos. Enfim, percebemos muitas semelhanças na história de ontem e de hoje. Contudo, lendo os seus livros e o jornal, parece ser possível capturar exatamente a intencionalidade da professora. Porém, o que do texto recebemos em conformidade com nossa recepção, nosso horizonte histórico, parece que o que trata é de um tempo presente e, por assim dizer, de questões atuais.

### 3.1.3.1 Joana d’Arc

Joana d’Arc é a primeira personagem apresentada por Josephina Álvares de Azevedo. Conforme o livro, Joana, nasceu em 6 de janeiro de 1412, nos limites de Lorena e da Campina, num vilarejo denominado Domremy. Era “a terceira filha de um lavrador chamado Jacob de Arc e de sua mulher Isabel Romeira, apelido que na Idade Média adotavam com frequência os que haviam feito peregrinação a Roma, à Jerusalém ou a outros santos lugares” (AZEVEDO, 1898, p.6-7).

A casa em que nasceu é assinalada por uma estátua em que a gloriosa mártir é representada em atitude de orar e por três escudos esculpidos na fachada, os quais ostentam, o primeiro os brasões de Luiz XI, o segundo as armas outorgadas a um irmão da donzela, com o apelido Liz e o terceiro figurando uma estrela e um arado (*Idem*).

Imagem 50 –Casa de Joana d’Arc



Fonte: Domremy la Pucelle: village natal de Jeanne d’Arc.

Imagem 51 - Detalhe da casa:  
Imagem de Joana d'Arc de joelhos e os três brasões  
citados por Josephina



Fonte: Fotki.

Imagem 52 – Detalhe da casa: Joana d'Arc em  
impressão sobre tela



Fonte: Magnoliabox.

Devota de Santa Catarina e Santa Margarida, a jovem pastorinha Joana alegava receber visitas de um anjo enviado por Deus que lhe conferira a missão de libertar a França

do domínio da Inglaterra e conduzir o Delfim da França ao coroamento. Joana solicita uma audiência ao herdeiro do trono. É recebida e submetida a um teste:

A questão reduzia-se, pois, a saber, se a anunciada por Baudricourt era ou não a prometida libertadora, para averiguar que havia um meio artiloso, a saber: o rei, ao recebê-la confundir-se-ia entre os seus cortesões, cedendo a qualquer um o melhor lugar, se Joana se deixasse enganar tomando por verdadeiro o falso personagem era inútil prosseguir em averiguação (AZEVEDO, 1898, p.7).

A jovem Joana rejeita o falso personagem e identifica o futuro rei na multidão, desta forma, ganha confiança de Carlos VII. Impressionado o Rei lhe confere um pequeno regimento de homens com os quais ela vence uma sucessão de batalhas, a começar por Orleães. Por este motivo se tornou conhecida como a Donzela ou a Virgem de Orleães.

Joana ganha prestígio entre os franceses e torna-se temível por seus adversários ingleses que, ao fim de algumas batalhas, a captura e a lança na fogueira sob a acusação de heresia, em 30 de maio de 1431, aos 19 anos de idade.

Imagem 53 - Joana D'Arc, óleo sobre tela  
- autor Pedro Américo<sup>78</sup>



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes.

Ao traduzir o texto Josephina não lhe atribui nenhuma referência, sabemos apenas que seu original fora escrito em Francês. Contudo, esta breve biografia de uma santa

<sup>78</sup> Imagem de Joana d'Arc, pinturade Pedro Américo, ano 1883, Dimensão: 229 x 156 cm., acervo do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil.



guerreira parece servir de base para muitas manifestações artísticas, pois, era repleta de uma linguagem romântica, poética, mítica e religiosa, que dava o brilho à história de uma mártir e heroína francesa que se veste de homem e conduz um exército à vitória e a libertação de seu povo.

A história de Joana d'Arc é tão emblemática que aparece nas artes plásticas, no cinema e na literatura<sup>79</sup>. Joana foi canonizada pela Igreja Católica em 1920 anos e é considerada a padroeira da França.

### 3.1.3.2 Maria Thereza d'Áustria

Após contar a história da Virgem de Orleães, Josephina introduz em seu livro uma brevíssima compilação romanceada da história de Maria Thereza d'Áustria, considerada uma das mulheres mais poderosas da história da Europa. Conforme o texto, Maria Thereza foi a única mulher a subir ao trono de Carlos VI, seu pai, permanecendo durante quarenta e um anos, só o deixando após sua morte, em 1780, aos sessenta e três anos de idade.

Maria Thereza nasceu em 13 de maio de 1717. Não era a primeira na lista da sucessão, mas perdera logo cedo o irmão que por natureza tinha direito ao trono. Por lei, Maria Thereza não poderia governar já que havia um impedimento legal de que uma mulher subisse ao trono da casa dos Habsburgo, no entanto, assim que o Imperador Carlos VI morre, tal lei perdeu a validade

Impaciente estava ela por utilizar o seu instinto de governo, quando a linha masculina da casa de Habsburgo, que reinava havia quatro séculos, se extinguiu ao expirar Carlos VI a 6 de outubro de 1720 às 2 horas da madrugada. Em virtude da programática, recaiu nela a coroa, cujo peso em outros tempos havia feito mais uma vez inclinar a seu arbítrio a balança dos destinos humanos (AZEVEDO, 1898, p. 34).

Casou-se com Francisco de Lorena dando-lhe, segundo o texto de Josephina, doze príncipes. Ainda conforme a jornalista, Maria Thereza “terminou o seu reinado qual o começara, com atos de prudência e previsão que asseguraram a tranquilidade do império. Podia, pois, deixar o mundo depois disso, como o deixou (*Idem*, p.38)”.

### 3.1.3.3 Florence Nightingale

---

<sup>79</sup>Nas artes plásticas existem vários pintores que retratam cenas da vida da camponesa, um exemplo, é a famosa tela de Pedro Américo, localizada no acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Na filosofia há um livro escrito por Voltaire cujo título é *A donzela de Orleães*. Na literatura brasileira uma biografia romanceada de 1935 do escritor Érico Veríssimo e, no cinema, o famoso filme dirigido por Luc Besson, estrelado por Milla Jovovich como Joana d'Arc e John Malkovich como Carlos VII de 1999.

O terceiro vulto consagrado pela jornalista Josephina Álvares de Azevedo era sua contemporânea, conforme a própria jornalista afirma:

Seja-me lícito, antes de começar a biografia suplicar às leitoras que me permita a liberdade que tomei de descrever os traços de uma pessoa que ainda vive. Um escritor francês, disse, e com muita razão, que ‘aos vivos se devem atenções e aos mortos a verdade e nada mais’, porém Miss Nightingale, seria uma injustiça o abster-me de enumerar exata e fielmente todas as suas ações, como por temor de ofender sua modéstia, deixar de admirar as suas virtudes (*Ibidem*, p. 39).

Talvez seja este o texto que Josephina tenha tido maior autonomia na sua produção, visto que ela mesma declara ter feito alguns estudos através de notas de jornais e, por meio destas, compilado o que chama de biografia de Miss Nightingale. Conforme a professora Josephina (1898, p.40), “Sua idade, sem indiscrição, *posso* dizer, pois que, mais de um periódico de Londres, tem declarado ser a mesma da rainha Victória. Nasceu, pois, em 1809, na bela cidade de Florência, d’onde tomou o nome”.

Florence Nightingale dominava o francês, o italiano e o alemão, tinha grandes habilidades na matemática, nas ciências e na literatura. Era de família rica e havia viajado por “quase todas as nações da Europa e esteve em Ásia Menor, tendo, também, percorrido o Nilo até as suas mais remotas cataratas”. Contudo, seu interesse estava mesmo centrado sobre os menos favorecidos, por quem fez uma enorme peregrinação pelo mundo. Abdicou de sua condição privilegiada para dar aos mais necessitados atenção e cuidado. Dedicou-se inteiramente à enfermagem em campanhas à frente de missões. Neste sentido, atraiu para si um conflito com a própria família que desejava para ela um melhor destino. Sem se abater, Nightingale seguiu sua missão pelo mundo ofertando-o a caridade.

De regresso à Londres passou Miss Nightingale algum tempo com sua família, deixando-a pouco tempo depois para continuar a sua peregrinação, praticando o bem. Um hospício fundado naquela capital para mulheres pobres e enfermas estava a ponto de encerrar-se por falta de uma hábil diretora. Miss Nightingale não somente tomou sobre seus ombros tão espinhoso encargo, como também com aquela generosidade que lhe era habitual, dispensou aquele estabelecimento todo seu tempo e parte dos seus haveres (AZEVEDO, 1898, p.41).

Florence passou meses à frente da direção do hospício, cuidando pessoalmente “sempre a cabeceira d’aqueles pobres enfermos, desprezando as distrações e prazeres que o mundo oferece” (*idem*). Porém, se sentindo muito cansada, decide voltar à sua família para recobrar as forças.

Pouco depois, correu em Inglaterra a notícia de que o exército aliado em Crimeia sofria fome e que faltavam os objetos necessários para cabal assistência dos enfermos. Comovido, o país não deu lugar a que o governo tomasse a iniciativa. Em poucos dias as oficinas do Times (jornal), haviam recebido por uma subscrição voluntária a soma de um milhão oitocentos e setenta e cinco mil pesos, com destino a cobrir as mais urgentes necessidades dos exércitos de Crimeia, bem como grande

quantidade de víveres, barracas e utensílios necessários para enfermagem. [...] Tais circunstâncias, naturalmente, ofereciam ao filantrópico espírito de Miss Nightingale, um vasto campo para aplicar sua bondade e virtude (AZEVEDO, 1898, p. 42).

Conforme o Florence Nightingale Museum<sup>80</sup>, “sua maior conquista foi transformar a enfermagem em uma profissão respeitável para as mulheres. Em 1860, no Hospital St. Thomas, estabeleceu a Escola de Treinamento Nightingale, primeira instituição profissionalizante para enfermeiras”.

Imagem 54 -Fotografia, cartão de visita de Florence Nightingale



Fonte: Florence Nightingale Museum<sup>81</sup>

*Galeria Ilustreé*, muito provavelmente, um dos primeiros livros a conter uma biografia de Miss Nightingale. A professora Josephina parece perceber sua relevância para a história das mulheres e do feminismo, quando esta ainda atuava como enfermeira e defensora dos desvalidos. Florence morreu aos 90 anos em 13 de agosto de 1910. Ela deixou um enorme legado a história da enfermagem, “inspirou a fundação da Cruz Vermelha Internacional, que

<sup>80</sup>O Florence Nightingale Museum localizado em Londres, Inglaterra, mantém um sitio que fornece acesso a coleções de cartas, fotografias, textos e livros referentes à Florence. No referido sitio é possível encontrar sua biografia completa e fotografias de peças de vestuário e instrumentos de enfermagem de uso particular. Disponível em: <<https://www.florence-nightingale.co.uk/?v=19d3326f3137>>. Acesso em: 17 de junho 2019.

<sup>81</sup> Acesso em 17 de junho de 2019. Disponível em: <<http://florence-nightingale-collections.co.uk/view/objects/asitem/72/35/title-asc?t:state:flow=10aa2351-2597-4bbf-b8b1-ccd33f7dfcf6>>.

ainda premia [com] a *Medalha Florence Nightingale* enfermeiras que prestaram cuidados excepcionais aos doentes e feridos na guerra ou na paz<sup>82</sup>”.

### 3.1.3.4 Imperatriz Catalina II

À Catalina II, quarta mulher a ter lugar na ilustre galeria, Josephina dedica seis páginas de seu livro, frisando sua ousadia e a proximidade que tinha com os filósofos. A professora não faz propriamente uma biografia da Imperatriz, no entanto, uma redação poética e elogiosa toma as páginas de seu livro para compor a apresentação da mulher forte e inteligente a quem chama de filósofo, fazendo uso das palavras de Voltaire.

Catalina reinou sobre quinhentos e quarenta e duas cidades e vilas, quarenta províncias, inúmeras ilhas desde Kantchatka até o Japão, e oitenta milhões de escravos (que escravos eram realmente). Morreu de um ataque epilético, sem ter ninguém a seu lado, absolutamente só, sem que um escravo se quer assistisse aos seus últimos momentos, para sustentar aquela cabeça de ardentes visões (AZEVEDO, 1898, p. 50).

Conforme descrição, a Imperatriz da Rússia possuía “grande qualidade [...] em ser *filósofo*<sup>83</sup> com Diderot e Voltaire, com Frederico II e José II, *matemático* com Euler, *soldado* com Sowarof, *cortezão* com os grandes senhores, *diplomata* com os embaixadores e *mulher* com Piniatowski, Gregório Orloff, [e] Wasilictchikoff” (*Idem*, p. 53).

### 3.1.3.5 Cleópatra

Da edição 153, de 10 de Janeiro de 1892, a edição 159, de 20 de Abril de 1893, foi publicado sete fascículos no jornal *A Família* contando, resumidamente, a vida de Cleópatra, rainha do Egito. O texto apresentado por Josephina é uma bela história que parece ter a intenção de dar às leitoras e aos leitores o prazer da leitura de um delicado romance de poucas páginas, proporcionando, ao mesmo tempo, informação e entretenimento. Este texto, extraído do jornal, foi publicado na íntegra no livro *Galeria Ilustre*.

No ano de 41 da era cristã, Marco Antônio, que ao repartir o orbe com Octavio e Lépido, havia reservado para si o Oriente, achando-se em Tárzis, mandou a Cleópatra por intermédio de seu ajudante Délio, a ordem de comparecer a sua presença a fim de justificar-se de sua conduta — porque, com efeito, a rainha do Egito havia prestado auxílio a Bruto e a Cássio, contra Octavio e Antônio, na guerra civil que acabava de terminar então, com a morte dos primeiros em Filipos (AZEVEDO, 1898, p. 55).

<sup>82</sup>Biografia de Florence Nightingale, Nightingale Mueum, c2019. Disponível em: <<https://www.florence-nightingale.co.uk/resources/biography/?v=19d3326f3137>>. Acesso em: 17 de junho de 2019.

<sup>83</sup>Todos os grifos desta citação foram feitos por Josephina.

Passado um mês da convocação, quando julgava as causas do povo em seu tribunal, Marcos Antônio percebeu uma agitação estranha entre os seus súditos. Estes corriam de um lado para o outro trocando cochicho e apontando para o horizonte. O triúnviro, incomodado, ordenou que lhes dissessem o que estava acontecendo. “Vênus Astarte, lhe disseram, vem visitar a Baco”. Marco Antônio ouviu a resposta, porém, não entendeu o seu significado. O povo deixou de pressa a audiência e espalhou a notícia, cada qual indo às suas casas e aos lugares indicados, deixando o triúnviro Antônio absolutamente sozinho.

Ao som de harmoniosos cânticos e envolta em nuvem de perfumes, vogava uma galera, tendo a popa de ouro, as velas de púrpura e os remos de prata. Reclinada e sob um pavilhão feito do mais esplêndido brocado oriental, via-se uma mulher, magnificamente vestida; abanavam-na brandamente com leques de penas de pavão e avestruz, meninas seminuas, tal como os pintores figuram os amores e com escravas, umas em trajes de Nereidas e como as Graças, ataviadas outras, andavam do alcaçar ao aparelho da nave. Em ambas as margens do rio embalsamadas com o aroma dos perfumes, via-se uma inumerável multidão, caminhando em seguimento d'aquela deidade que de um mundo desconhecido, era vinda a buscar altares e a impor submissões; caminhando assim após a deusa, não por ordem d'ela, mas por vontade própria e pelo desejo de vê-la e admirá-la (AZEVEDO, 1898. p.46).

Conforme Josephina, “aquela mulher, aquela deidade, aquela Vênus Astarte, era em resumo Cleópatra, rainha do Egito” (*Idem*) que já havia seduzido a Júlio César. Marco Antônio apaixona-se completamente por Cleópatra e se entrega sem medidas a uma vida errante, deixando em segundo plano as preocupações com o Império. O livro de Josephina descreve as aventuras vividas pelo casal, seus passeios românticos, suas conquistas, suas pescas, suas noites de prazer e suas loucuras. Conta ainda que os romanos tiveram muitos ciúmes desse relacionamento, que resultou em rebelião e guerra.

Cleópatra é apresentada como uma mulher inteligente, forte, livre e decidida que, em certa medida, parece não ser um bom exemplo na concepção da sociedade androcêntrico-patriarcal do século XIX. Era este contraste que a professora Josephina trazia no bico de sua pena, querendo produzir, na eleição da rainha do Egito, outra perspectiva de feminilidade às suas contemporâneas.

Outras mulheres, igualmente potentes, estão, como já mencionadas, na galeria das notáveis escrita por Josephina. Todas as biografias vindas a lume no jornal *A Família* assinava como Zefa. Ao que parece, quando no uso de sua pena adota este heterônimo é dar a si a distância necessária desta fabricação de notabilidade a que está efetuando sobre a história das mulheres. Josephina Álvares de Azevedo entona ao uso de seu apelido doméstico, notas em tons menores para não figurar-se notável entre as notáveis em sua *Galeria Ilustre*.

Muito embora tenha dado às páginas de seu livro este produto condensado da história geral das mulheres, afirma ter tido dificuldades em selecionar aquelas que deveriam estampar a face em seu projeto. Conforme a professora Zefa, “pequeno contingente é para a história das *Mulheres Celebres*, que é muito grande, quase tanto a dos homens que mereceram este epíteto”.

### 3.1.3.6 D. Isabel – Rainha de Castela e Leão

Isabel, a Católica, também é uma das mulheres celebres de Josephina. Ela teve seu nome inscrito por seu exemplo de serenidade, paciência, competência e religiosidade. Muito devotada ao catolicismo, a rainha de Castela e Leão teve uma infância cercada de privações, sofrimento e miséria. Porém, seu temperamento deu-lhe a leveza de uma mulher que o destino conduziu ao trono.

Depois da morte de Dom João II o seu trono foi ocupado por Dom Henrique, o príncipe filho do primeiro matrimônio contraído com D. Maria do Aragão, dando continuidade ao mau governo de seu pai. “O tesouro público estava esgotado desde o reinado anterior, mas nem assim se pôs paradeiro às extravagantes magnificências e às vergonhosas larguezas; multiplicaram-se os escândalos e por fim a mais deplorável corrupção abalou as entranhas do Estado”(AZEVEDO, 1898).

Um dos primeiros atos de Henrique IV foi o degredo da segunda esposa de seu pai, Dona Isabel de Portugal e seus dois filhos, o príncipe D. Alonso e a princesa D. Isabel (a Católica), que passaram a residir no mosteiro de Arevalo, situado na província de Ávila. Neste lugar viveram por alguns anos sem nenhuma influência na vida pública do reino. Depois de algum tempo, o rei D. Henrique mandou que os irmãos voltassem para a corte sob o pretexto de oferecer-lhes educação.

O convívio na corte trouxe à princesa uma vigilância acirrada. Sua aproximação com a Corte não lhe fazia vaidosa, pois, a vida religiosa era a maior paixão. O cuidado com as palavras, a caridade e o olhar sereno era uma marca de sua personalidade.

Entretanto nem o esgotamento do Tesouro, nem a indigência dos povos continham os desperdícios da Corte, que parecia querer abafar o grito da miséria pública, com o estrondo de suas desbragadas festas. Movidado por uma louca vaidade e arrastado por imprudente ardor, lançava-se el-rey já ao escândalo, já aos perigos, pródigo de seu insensato valor, até que enfim, revoltados e descontentes, sublevaram-se os nobres, formando uma confederação que denominaram a santa liga com o fim de desentronizar a D. Henrique, coroando em seu lugar, o infante D. Alonso; conseguindo, habilmente, que o próprio rei lhes entregasse seu irmão, menino de onze anos, aclamaram-no, com efeito, solenemente na cidade de Ávila (AZEVEDO, 1898, p. 78).

Pouco tempo depois, D. Isabel tornou-se conselheira de seu irmão. Em uma manhã repentina ela o encontrou morto em seu leito. “Uns atribuíam tal desdita a peste, que então reinava, outros, não obstante, a causa menos natural e mais sinistra”. D. Isabel logo se refugiou no lar de sua mãe, no mosteiro em Ávila, onde o Arcebispo de Toledo lhe ofereceu a coroa, sendo por ela recusada, pois se achava indigna de ascender ao trono sob aquelas condições. Em situação muito semelhante, foi lhe oferecida, novamente, outra deputação vinda de Sevilha para que tomasse o trono, e novamente a princesa negou. Passado o luto, “aquela perfeita princesa a quem o céu reservara tão alto quanto glorioso destino” tomou posse de seu reinado, ficando aí até sua morte.

### 3.1.3.7 Pocahontas

Nos últimos anos do século XVI e início do XVII uma ameríndia, habitante da região denominada por seus ancestrais de Worowocomoco, atual território da Virgínia, localizada no sudeste dos Estados Unidos, ganhou a notoriedade em sua terra natal e também na Inglaterra por seus atos de coragem e solidariedade.

Quando menina, Pocahontas salvou a vida de João Smith, prisioneiro inglês capturado por seu pai Powhatan, chefe da tribo Worowocomoco. Ao vê-lo, a índia se apaixonou e pede que ele não seja condenado à morte. João Smith era um homem de meia idade, muito experiente em expedições arriscadas e respeitado articulista inglês, ele havia lutado na Alemanha em uma batalha que por certo saiu vitoriosa. Seu coração seco e duro era acostumado a deixar para trás mulheres apaixonadas. Com a jovem Pocahontas não foi diferente.

A professora Josephina Álvares de Azevedo atribui a Pocahontas uma porção significativa de seu importante livro. Esta história é uma rara exceção de biografia que não aparece na coleção do jornal *A Família* localizada na Biblioteca Nacional, o que não significa dizer que não tenha sido publicado neste jornal, visto que parte expressiva de edições não consta na coleção.

Imagem 55 – Pocahontas



Fonte: Time84

Conta à história que Pocahontas foi aprisionada pelos ingleses e levada para Inglaterra e, apesar de sua condição de prisioneira, era bem tratada. A jovem ameríndia foi catequizada e escolheu como nome de batismo, Rebeca. Conheceu um comerciante rico de nome John Rolfe, que por ela se apaixonou, tendo-lhe feito, por diversas vezes, pedidos de casamento. Ao tomar conhecimento da morte do homem por quem se apaixonou ainda criança, a quem salvou da morte, ela aceitou se casar com Rolfe com quem teve um filho.

Pouco tempo depois achando-se Pocahontas em Gravesend, pronta para embarcar para Virgínia, com seu marido e seu filho, sucumbiu, na primavera da vida, vitimada por uma febre maligna. Jovem, formosa, e até heroica, baixou a sepultura a generosa americana e sua memória viverá eternamente nos corações dos habitantes de Virgínia, onde as mais ilustres famílias tem orgulho de descenderem da que foi uma maravilha no deserto, e flor apreciada na culta Inglaterra. (AZEVEDO, 1898, p. 124)

A história desta ameríndia que conecta, em certa medida, dois continentes, dois povos, duas culturas separadas pela imensidão do mar é bastante singular. Talvez seja Pocahontas o

<sup>84</sup>O único registro sobrevivente de Pocahontas sentada para um retrato na Inglaterra no início dos anos de 1600 é uma gravura de Simon van de Passe, que faz parte da *Collection National Portrait Gallery*.

Cf. <https://time.com/5039077/pocahontas-history/>. Acessado em 20 de junho de 2019. Confira também o original em <https://npg.si.edu/blog/collection-pocahontas>. Acessado em 20 de junho de 2019.



único nome feminino entre os ameríndios conhecidos pela história geral, de modo que, já a seu tempo, Josephina parece perceber tal relevância e potência, o que lhe proporcionou um belo exemplo de “heroína” como mesmo chamou, a “nativa”.

### 3.1.3.8 Margarida de Anjou

Margarida de Anjou é a antepenúltima personalidade feminina a entrar na galeria ilustre da professora Zefa. Apesar de sua origem francesa, ela foi rainha consorte da Inglaterra. Reinou cerca de 16 anos, sendo, por vezes, responsável pelo diálogo de reconciliação entre França e Inglaterra. Da dinastia Lancaster, Margarida de Anjou vivenciou em seu governo a *Guerra das Flores*, conflito que durou trinta anos pelo trono da Inglaterra.

De acordo com Josephina, havia certo preconceito por parte dos ingleses com relação às princesas francesas casadas na Inglaterra. Tal preconceito se dava em função da rivalidade entre estes dois países, que por muitos anos estiveram em guerra. Neste sentido, Josephina aponta:

Ao ler a história da Inglaterra, não se pode deixar de notar a fatalidade que constantemente perseguiu a todas as princesas da França, casadas naquele país. Margarida de Anjou, Maria de Bourbon, Maria Stuard, na Escócia, Henriqueta, esposa de Carlos I, são dessas fatalidades testemunhos inegáveis (AZEVEDO, 1989, p.147).

Por sua celeridade e rigor, os atos de Margarida foram logo estranhados por seus aliados, “eles queriam uma governante dócil”, não atendendo a esta demanda fora logo hostilizada por seus próprios aliados, coisa que a fez obter prestígio aos membros da dinastia York, adversários dos Lancaster. Assim, Margarida galgou melhores condições de governabilidade, tendo se mantido no trono por muitos anos.

### 3.1.3.9 Heloisa

Dentre todas as personagens de *Galeria Ilustre*, Heloisa é sem dúvidas a que mais se afasta dos arquétipos utilizados por Josephina. Apesar de suas qualidades, apresenta, por sua vez, algo muito próximo ao que se poderia chamar de dependência masculina. Sua biografia está totalmente atrelada à história de Abelardo, o professor pelo qual se apaixonara e com quem tivera, em segredo, um romance dentro da casa de seu tio, o Cônego Fulberto. Muito embora tenha se emancipado, em certa medida, por meio de seus escritos e pelo ofício

desempenhado na Abadia do Paraclete, sua história parece estar completamente ligada ao professor e filósofo Abelardo, de maneira que, conforme a professora Zefa,

Seria impossível falar de Heloisa, sem contar a história de Abelardo, tão estreitamente os enlaçou durante toda a vida, o vínculo de um indestrutível afeto que nem a morte logrou separá-los. É assim que ainda hoje vemos as esfinges de ambos, reclinados sobre o sepulcro, uma ao lado da outra no cemitério de Paris, chamado Pére-Lachaise (AZEVEDO, 1898, p.149).

Imagem 56 - Detalhe do túmulo de Heloisa e Abelardo



Fonte: Caderno de Cultura do Jornal Estadão<sup>85</sup>

Heloisa tinha apenas 18 anos quando conheceu Abelardo. Dotada de uma imaginação viva, de um espírito ardente e curioso, recebeu de seu tio uma boa educação. Dominava o Latim, o Grego e o Hebraico, interessava-se pelos estudos de humanidades e teologia, contudo fascinou-se sem defesas por seu novo professor:

Chegou por assim dizer-se, a não pertencer a si própria, chegou, segundo declara em suas cartas, a tal estado, que seria até capaz de mudar de sentimentos, como quem muda de vestidos. Amando-o exclusivamente, considerando-o como um Deus, Heloisa, estava sempre disposta a tudo sacrificar-lhe sua felicidade como sua reputação, seu bem estar, como a sua própria vida (AZEVEDO, 1898, p. 155).

Para Abelardo tudo não passava de uma aventura, ele a conquistara intencionalmente e por esse motivo candidatou-se para professor particular da jovem. Abelardo era incapaz de

<sup>85</sup> Disponível em <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/abelardo-e-heloisa-sua-correspondencia/>>. Acesso em 21 de junho de 2019.

compreender a sublime abnegação de Heloisa, prendendo-se unicamente ao sensualismo, de maneira que em suas cartas, certa vez, Heloisa lhe escreve: “Não buscas ter mais que a satisfação dos sentidos, o amor não conseguiu cativar-vos, e essa não é só a minha opinião particular, mas sim a opinião de todos” (AZEVEDO, 1898).

Abelardo era um professor renomado, os auditórios superlotavam para as suas longas e eloquentes preleções. Ele temia perder seu prestígio caso descobrissem o secreto relacionamento com a aluna. Foi nesta atmosfera que se apaixonou por Heloisa, contudo, lutava para vencer tal sentimento.

Descoberto o caso, se casaram em segredo e, por sugestão de Abelardo, cada qual foi morar em um convento, mantendo contato apenas por cartas. Ela lhe escrevia sobre artes, filosofia e teologia. Ele lhe respondia compondo um verdadeiro tratado que é conhecido depois de sua morte. Nas correspondências que trocam há uma entonação melancólica, porém, não de arrependimentos. Ela, por vezes, o tratava como “amor, amante, pai, irmão, tutor e mestre”. Ele a tratava como “irmã em Deus”.

Abelardo sofre perseguições por seus escritos filosóficos e acusado de heresia, porém, é acolhido pelo Papa. Ele funda uma abadia para sua amada e a chama de “O Consolador”, ou *Paracletos* em Grego. Neste lugar Heloisa viveu seus últimos dias. Foram sepultados juntos e suas cinzas, até hoje, se encontram unidas em uma mesma sepultura. Amante dos estudos e da pobreza, a humilde Heloisa é até os dias de hoje conhecida por seu profundo afeto pelo filósofo Pedro Abelardo.

### 3.1.3.10 George Sand

Passemos, pois, ao último das personagens nesta ilustre galeria de Josephina.

A brilhante romancista, que foi sem dúvida, o espírito de mulher mais pujante, que nos tempos modernos se tem conhecido, foi ao mesmo tempo o documento mais completo de quanto é falsa a opinião universalmente aceita, de que não podemos nós competir com os homens em todas as manifestações do pensamento e em todas as energias da vontade (AZEVEDO, 1898, p. 171).

Imagem 57 - George Sand por Delacroix



Fonte: Musée National Eugène Delacroix<sup>86</sup>

George Sand é, sem dúvidas, um dos vultos de maior inspiração da professora Josephina Álvares de Azevedo e, provavelmente, de muitas mulheres do século XIX. O jornal *A Família* possui uma infinidade de citações deste grande expoente feminino parisiense. Conforme Josephina, “chamava-se Armandina Aurora Duprat, nasceu a 5 de julho de 1804 no castelo de Nohant, perto do Châtre.”

<sup>86</sup> Eugène Delacroix e George Sand se conheceram em novembro de 1834, quando Frédéric Buloz, editor-chefe da revista *Revue des deux mondes*, pediu ao artista para pintar um retrato da escritora para ilustrar seus artigos. O relacionamento de Sand com Alfred de Musset acabara de terminar; a escritora era uma jovem quebrada quando posou para o artista. O encontro foi o início de uma grande amizade que teve sua cota de altos e baixos e durou até a morte do pintor em 1863. O Musée National Eugène-Delacroix adquiriu esse retrato íntimo e comovente de Sand. Cf. Musée National Eugène Delacroix. Disponível em <http://www.musee-delacroix.fr/en/what-s-on/exhibitions/eugene-delacroix-and-george-sand>. Acesso em 20 de junho de 2019.

De acordo com Josephina, casou-se muito cedo com o barão Duderant com quem teve dois filhos. Por razões de incompatibilidades conjugais, divorciou-se. Tendo abandonado o lar, foi para Paris com os filhos onde deu início sua carreira de escritora. Em Paris conheceu um jovem estudante de direito chamado Sandeau, com quem manteve um relacionamento amoroso. Neste período publicou seus dois primeiros romances: *Rosa Branca* e *Indiana*. Foi Sandeau, juntamente com Balzac, que lhe deu o conhecido heterônimo:

Veio dessa associação e de uma coincidência vulgar a formação do seu nome literário. Querendo ambos dar a publicidade o primeiro daqueles romances, e não convindo mencionar os verdadeiros nomes daqueles autores, constituíram um único pseudônimo do seguinte modo: Do santo do dia tiraram o primeiro nome – George – e do apelido de Sandeau o segundo – Sand (AZEVEDO, 1898, p. 172).

Logo após o seu segundo livro, se desfaz da associação com Sandeau e passa escrever sozinha. Ela conhece o poeta Alfredo Musset por quem se apaixona e cujas poesias lhe inspiram por algum tempo. Em 1867 se muda de Paris para Nohant onde sua produção literária se intensifica, tendo como inspiração o jovem músico Frédéric Chopin, com quem passa a se relacionar.

Apesar de sua relevância para o jornal *A Família*, Josephina dedica apenas duas páginas de seu livro à escritora. Tal como foi publicado nos jornais, fora publicado no livro, o que dá a entender que ainda não havia muitos materiais biográficos disponíveis sobre George Sand, apesar é claro, de seus romances já publicados.

Vale apontar que George Sand teve um enorme reconhecimento em seu tempo. Além disso, sua história excedia significativamente para além das poucas páginas escritas sobre ela pela professora Zefa. Para Dostoiévski, ocupava o primeiro lugar nas fileiras dos escritores do século XIX, escreveu noventa romances, diversos contos, artigos em jornais, peças para o teatro e manteve uma vasta correspondência com personalidades da época, como Liszt, Alfred de Musset, Balzac, Delacroix, Pierre Lerroux, Lamennais, Victor Hugo entre outros.<sup>87</sup>

Em 2017 foi lançado em volume único pela editora UNESP um importante título de Sand, *História da Minha Vida*. O livro é uma autobiografia que veio a público inicialmente em 1856 e tinha o seu original dez volumes, mas é bem provável que Josephina não tenha tido contato com esta coleção.

---

<sup>87</sup>Cf. blog da editora UNESP, <disponível em <http://editoraunesp.com.br/blog/autobiografia-de-george-sand-ganha-edicao-brasileira-em-volume-unico>> . Acesso em 22 de junho de 2019.

Imagem 58 - Capa do livro História da Minha Vida



Fonte: Blog da Editora UNESP88

A escrita de Josephina Álvares de Azevedo está marcada, com exceção de sua poesia, por um critério no qual é possível perceber uma forte intencionalidade que diz respeito à exaltação da mulher, de sua beleza, de seus feitos, envolvimento com a política, gestão de Estado, estudos, escritos e, sobretudo, de sua autonomia e emancipação.

Diferente das personagens recorrentes na literatura brasileira, o feminino em Josephina não admite o caráter arquetípico da *mulher fatal*, da jovem sedutora, da inocente ou puritana. Ela traz consigo as marcas da vida, acatando o fenômeno da existência em toda sua plenitude: alegria, dor, derrotas, sofrimento, conquistas, família, trabalho, disputas sociais, disputas de gênero. Enfim, a professora Zefa se esforça em encontrar exemplo de mulher real, atravessada por seus conflitos psicológicos, emocionais, familiares, políticos e sociais. Para a professora, em nada o feminino é inferior ao masculino, desta forma, em seu projeto, deixa vazar aos traços da pena à humanidade de um feminino em luta.

<sup>88</sup>Disponível em <http://editoraunesp.com.br/blog/autobiografia-de-george-sand-ganha-edicao-brasileira-em-volume-unico>. Acesso em 22 de junho de 2019.

Escapando por um instante da perspectiva da intencionalidade de quem escreve, e retomando o problema levantado por Roland Barthes (2004) em seu texto sobre a *Morte do autor*, constata-se no conjunto da escrita desta professora, um corpo textual que encontrará uma sociedade articulada ao pensamento androcêntrico patriarcalista do século XIX. Não é apenas uma ideologia masculina na cabeça dos homens que os textos de Josephina buscam combater, mas conforme Bourdieu (1930 -2002), esta ideologia pode também estar na cabeça das mulheres, que vencidas, acatam e defendem aos costumes, doutrinas e discurso masculino. É, sobretudo, sobre este fenômeno que o texto de Josephina se inclina a operar. Porém, levando em consideração o pensamento de Barthes e Foucault<sup>89</sup>, os referidos textos depois de publicados, ou não pertencem mais a professora, tendo fugido de seu domínio, ou nunca pertenceram exatamente, como defenderiam, muito provavelmente, os filósofos franceses.

Assim como em Roland Barthes, para Foucault não há uma autoria possível, posto que o texto é sempre produto de uma polifonia atravessada pelos costumes e normas de determinados horizontes históricos. Neste sentido, se olharmos para os sujeitos a quem os textos eram endereçados, os seus interlocutores, é bem possível que cada indivíduo faça da cultura de seu próprio tempo o mais relevante mediador das múltiplas leituras possíveis. Neste caso, a leitura de Josephina encerrada no oitocentos será mediada por um horizonte culturalmente marcado pelo preconceito contra as mulheres.

Há uma barreira invisível, um bloqueio que produz certos impedimentos à escrita feminina de tomar os costumes e arrebatá-los naquela sociedade. Algo como um ruído que dissona e interfere a leitura dos textos produzidos por mulheres, neste que é um recorte dotado de uma naturalidade em agir preconceituosamente contra toda produção feminina, ainda que haja, e há de fato, muitas mulheres escrevendo naquele cenário.

Ao mesmo tempo, este é um horizonte marcado por um movimento complexo e fortemente contrário ao que pretendia Josephina Álvares de Azevedo, há uma intensa produção que opera a defesa desta arquitetura social: teorias, romances, poemas, artes visuais, sermões religiosos, uma verdadeira indústria ideológica que busca abafar, subordinar, e produzir apagamentos em grandes escalas da produção intelectual feminina. A exemplo deste movimento, podemos citar o poemeto musical de Carlos Gomes (1836-1896), uma composição de 1884 dedicado a sua afilhada cujo título é *Conselhos: canção popular brasileira*.

---

<sup>89</sup> "O que é um autor?", Bulletin de la Société Française de Philosophie, 63º ano, nº 3, julho-setembro de 1969, p. 73-104. (Société Française de Philosophie, 22 de fevereiro de 1969; debate com M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d'Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl.). Cf. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

Imagem 59–Trecho da letra e Partitura de *Conselho*:  
*Canção Popular Brasileira* de Carlos Gomes

5817

à minha querida afilhada  
 Zaira Castellois

10

1

**Conselhos.**

« Canção popular brasileira »

Poesia de Sr.  
 Velho Experiência

Música de  
 Carlos Gomes

14 Maggio  
 1884

MUSEU IMPERIAL  
 Casa Claudino de Souza  
 Reg. Geral n.º 15.662 L.º  
 Reg. n.º 1470 L.º

M. E. C. - Museu Imperial  
 CASA CLAUDINO DE SOUZA  
 Reg. Geral n.º 15.662 L.º  
 Reg. n.º 1470 L.º

N.º 39249.

R. 2.00.

**Conselhos**

« canção popular brasileira »

Poesia de Sr.  
 Velho Experiência

Música de  
 Carlos Gomes

Mentira, venha cá, veja que faz...  
 De ser em posto o casamento que  
 a bridade no marido não paga,  
 que este dever o matrimonio faz.

De o homem velho ser, se ainda rapaz,  
 for a legião que elle quizer lhe dar.

De funções, contradições não quizer,  
 também não quizer, para não brigas...

Procure de ajudar, sem contrariar,  
 sempre disposto e prompto a obedecer,  
 Tenha cuidado d'elle com amor...  
 Em quanto ao resto deixe lá correr.

De ainda mego e arrebatado ser,  
 nada de ciúmes, que seria feio;  
 a mulher fez o homem bom e máo;  
 que assim como de Deus não pôde ser máo!

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional. p.1-2

Música Conselho de Carlos Gomes



## Conselhos

Menina venha cá deixe o que faz  
 Se por seu gosto o casamento quer  
 A vontade ao marido há de fazer  
 Que este dever o casamento traz  
 Se o homem velho for, ou se ainda rapaz  
 Tome, tome a lição que ele quiser lhe dar  
 Se poções e contradanças não quiser  
 Também não queira que é melhor pra não brigar  
 Menina venha cá, veja o que faz  
 Procure de agradar, sem contrariar  
 Procure sempre obedecer  
 Tenha dele cuidados com amor  
 Enquanto ao resto, deixe lá correr  
 Se ainda muito moço e arrebatado for  
 Nada, nada de ciúmes que seria pior  
 Oh menina venha cá veja o que faz  
 A mulher só faz o homem bom e mal  
 Que assim como dá pão, pode dar pau.

Os agenciamentos, no entanto, produzem dois campos distintos. Um que afirma o patriarcalismo e endossa o silêncio das mulheres, sua resignação e obediência, que se faz presente em todos os meios de propagandas e nas mais variadas redes de interações sociais, nos livros, jornais, revistas, igrejas, saraus, peças teatrais e etc. Por outro lado, existe um movimento cuja pauta é exatamente a inversa da primeira, um movimento de alargamento e negociação dos direitos da mulher cuja agenda também se diversifica e se espraia nas redes de sociabilidades e nos veículos de propagandas. Em ambos há homens e mulheres, contudo, a base fundamental, o pano de fundo mesmo é o recorte de gênero.

Como os textos de Josephina chegam ao seu auditório social? Atravessados por um dilema: são reivindicações próprias de um tempo que nasce da angústia de uma parcela significativa da sociedade: as mulheres “metade do gênero humano” (Azevedo, 1888). Contudo, entre o texto e as mulheres há uma genética que se opera sobre a episteme ali entrecerrada, e é esta episteme, este modo de conhecer que torna o fluxo deste conhecimento cercado de obstáculos, mas este conhecimento chegou ao século XX e ao XXI, a despeito de toda contrariedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Josephina Álvares de Azevedo é um daqueles vultos de nossa História que por muito tempo permaneceu quase totalmente no anonimato. Apesar de ter deixado certo legado no ramo da literatura e do jornalismo feito por mulheres no Brasil, foi praticamente esquecida. Marcada por um silenciamento influenciado pelo sistema patriarcal, pouca coisa do que produziu chegou à contemporaneidade. Dramaturga, jornalista, redatora chefe, poeta, romancista, tradutora, professora, propagandista e, sobretudo, militante dos direitos civis da mulher, lutou em sua vida pública pela emancipação e autonomia do belo sexo. Aos 37 anos fundou na cidade de São Paulo o jornal *A Família* e no ano seguinte transferiu o referido jornal para a Corte onde permaneceu até seu desaparecimento.

Pelo menos três livros de sua pena permaneceram preservados, *Retalhos* que é uma antologia de poemas publicados previamente no citado periódico; *Mulher Moderna*, uma coletânea de artigos também publicados na *Família* e *Galeria Ilustre*, livro que conta a história de dez mulheres na construção da representatividade feminina no projeto da professora.

Josephina é um desses raros exemplos de mulher do século XIX que atravessa o país sem precisar de uma companhia masculina. Ela sai da cidade de São Paulo rumo ao “Norte” com a finalidade de fazer propaganda de seu trabalho e conhecer as instituições dedicadas à educação de meninas e mulheres pelo país. Chega à cidade de Belém do Pará cansada, porém, com a sensação de dever cumprido. No caminho fabrica relacionamentos vigorosos de amizade, é recebida pela S. A. o Imperador com quem conversa sobre seu primo o poeta Álvares de Azevedo, também é recebida na bela cidade de Petrópolis pela princesa Isabel que lhe faz a promessa de uma vida segura para seu empreendimento jornalístico.

Uma rede de sociabilidade é construída por esta personagem. A pauta da mulher: o direito ao divórcio, ao trabalho digno e assalariado, à educação que proveria, segundo Josephina, a liberdade, a emancipação, foi aberta por ela e por outras senhoras que lhe precederam ou lhe foram contemporâneas.

A peça de sua autoria *O Voto Feminino* dá ritmo às conversas entre mulheres nas igrejas, no mercado, nas casas, à mesa, e levanta suspeita entre os homens das intenções das mulheres quanto à política. Tais suspeitas, somadas ao conhecimento de suas ideias publicadas nos jornais, desencadeiam duras críticas com as quais Josephina, como “boa polemista”, resolve trabalhar e impulsionar a propaganda de sua visão de mundo.

O século XIX é decisivo na fabricação da contemporaneidade, foi neste século que ocorreram muitas transformações no campo das ideias como as correntes filosóficas da Modernidade, no campo da medicina, no surgimento de uma ciência mais ligada à campos mais específicos como a biologia no lugar da ciência da vida, a microfísica, a anatomia, a economia e no campo da política novas formas de governo foram implementadas. As metrópoles se sofisticaram adotando arquiteturas urbanísticas que pensavam ao mesmo tempo deslocamentos, águas, esgotos, iluminação e asfaltamento. Houve também sofisticação da malha dos transportes nacionais e internacionais, navios, trens, bondes.

Olhando a certa distância e com pouco aprofundamento pode-se acreditar que a Ilustração e a Modernidade de fato produziram uma atmosfera favorável a muitas novidades, desenvolvimento e progresso. Se aproximamos as lentes hermenêuticas da história é possível chegar às experiências dos sujeitos. Neste nível de análise e interpretação, no qual alguns possam preferir chamar micro-história, vai se encontrar grandes áreas que a luz do Iluminismo não chegou, onde as mudanças não se efetivaram como esperadas. Um exemplo é a própria constituição do horizonte oitocentista, cuja existência, tal como se deu, só foi possível por vias de uma elite burguesa que androcêntrica fora ontologicamente patriarcalista. Com efeito, a respeito da mulher, de suas dificuldades, de como era vista pela sociedade, sua liberdade, direitos sobre si, casar, não casar, divorciar, abortar, estudar, trabalhar, votar e ser votada, viajar, ir à rua, coisas por vezes simples, por vezes complexas, não eram tão fáceis para elas, de modo que os efeitos da Modernidade ou da Ilustração não às alcançou como previam os discursos de alguns pensadores iluministas.

Não era verdade que a mulher estava absolutamente presa a uma história única, ou que houvesse a *mulher oitocentista*, a *mulher do século XIX*. É possível afirmar que existia uma variedade de experiências femininas, estudiosas, guerreiras, submissas, livres, emancipadas e autônomas, casadas, descasadas, prostitutas, recatadas, marginais, militantes e outras mais.

É sob esta atmosfera que intentamos compreender as condições de possibilidades de emergências deste sujeito, Josephina Álvares de Azevedo, que ao ver-se no campo de forças operado por dispositivos disciplinares e de controles, busca o próprio escape e reage oferecendo a possibilidade de se pensar em novas formas de existências femininas possíveis.

A partir daí objetivamos analisar aspectos de ordem formal, material, histórico e econômico de sua produção mais significativa a esta pesquisa, o jornal *A Família*, e em consonância com esta análise, estudar seu auditório social e um pouco mais de seu horizonte histórico.

Considerando a temática apresentada, e tendo selecionado a experiência de Josephina Álvares de Azevedo como recurso para pensar as relações entre saber, poder e subjetividade no final do século XIX, intentamos rastrear alguns de seus passos que possam contribuir nessa reflexão, suas entradas nos debates políticos, as redes que constituiu as querelas de que tomou parte por razões de seus ideais.

Nesta perspectiva, formulamos as seguintes perguntas:

- Que condições de possibilidades favoreceram a emergência desta mulher na vida pública?
- O que a levou a optar pelo caminho do jornalismo?
- Por que um jornal denominado A Família?
- Que agenda ajudou a constituir e a legitimar?
- Como a educação e instituições aparecem nos enunciados do impresso dirigido por ela?

É preciso dizer que a investigação sobre a vida de Josephina não tinha a pretensão de constituir uma biografia *stricto sensu*. No entanto, a pesquisa nesta direção ofereceu um caminho inesperado. Um número de perguntas que permeavam a história desta mulher era realmente surpreendente: de quem era filha por parte de pai; se o poeta Álvares de Azevedo era ou não seu irmão; naturalidade e data de nascimento; se tinha filhos, se os tinha quantos eram; se foi casada; quando falecera; se tinha irmãos e irmãs; onde lecionou; onde estudou; e até quanto durou o jornal *A Família*? Algumas dessas questões que pareciam já estar resolvidas, seguindo certos indícios, mediante certas checagens, análise de novos cruzamentos de dados e informações, chegamos, em alguns casos, em novas respostas, como por exemplo, o dicionário de Sacramento Blake afirma que Josephina era natural de Itaboraí, Rio de Janeiro, no entanto, por diversas vezes deparamo-nos com indícios de que Josephina Azevedo era natural da Cidade de Recife, Pernambuco. Ela mesma, por vezes, chega fazer esta afirmação. Outra questão que não estava exatamente resolvida era sobre a data exata de sua morte. Recentemente estudos apontavam para dois ou três de setembro de 1913, contudo, chegamos por meio de sua certidão de óbito à data de primeiro de setembro de 1913. Com relação ao parentesco com o poeta Álvares de Azevedo, foi Josephina mesma quem afirmou ser prima, nascera um ano antes do poeta, ela em Recife, ele em São Paulo, motivo pelo qual não chegaram a se conhecer. Muitas outras questões ainda mantêm-se incógnita, como, por exemplo, o ano do desaparecimento do jornal.

As próprias narrativas do espectro feminino elaboradas por Josephina corroboram para uma espécie de fragmentação da ideia de feminino, há um núcleo duro que diz respeito às

reivindicações de direitos e uma série de elementos aparentemente secundários que orbitam as questões centrais. Há, ainda, pautas que não aparecem em nenhuma parte de seu trabalho, como o aborto por exemplo. É possível pensar que seu trabalho estava em um lugar de experimentações, numa incipiência, sendo sua vida, portanto, a plataforma desta fabricação, que foi, em muitos aspectos, guardada em silêncio até o registro de sua morte.

Há certos aspectos da vida pública e privada da professora Josephina que pareceu-nos interessante observar sob as lentes do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e do francês Michel Foucault, no que se refere, respectivamente, à “estética da existência” e ao “cuidado de si”. Tanto um quanto o outro aponta para a vida individual e a experiência existencial como matéria prima para a “arte de si”, o que, conseqüentemente, fez-nos pensar no “cuidado de si mesmo” como uma chave hermenêutica importante para pesquisa, a ponto de concebermos, de forma ainda incipiente, visto que muito se pode estudar, a noção de “pedagogia do cuidado”.

O “cuidado de si”, importante conceito de Michel Foucault, insere-se na Ética contemporânea como uma espécie de “conceito marginal”. Foucault (2011) afirma na *Hermenêutica do Sujeito* que muito valor foi atribuído na “história do pensamento ocidental” ao preceito délfico “conhece-te a ti mesmo”, e que, no entanto, a *epiméleia heautoû* (o cuidado de si) “fundou a necessidade do conhece-te a si” (FOUCAULT, 2011, p. 9). Para Foucault, a “epiméleia heautoû é uma atitude - para consigo, para com os outros, para com o mundo (*Idem*. p.11). Neste sentido, conforme Foucault: “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (*Idem*).

O cuidado de si é uma atitude de conversão de si e também uma certa forma de atenção, de olhar. Implica a conversão do próprio olhar a partir de si para a alteridade, e um exercício permanente de atenção do pensamento, requer em alguma medida “a conversão do exterior, dos outros, do mundo, etc”, é uma atitude de preocupar-se consigo e com os outros.

Neste “novelo” de ideias, Foucault parece estar apontando para práxis, ou seja, a prática que se origina da teoria. O filósofo francês afirma que da Antiguidade aos Estóicos vigorou na filosofia uma ligação com a vida prática que o pensamento Continental<sup>90</sup> legou ao apagamento. No entanto, a ética foucaultiana visando uma reaproximação do pensamento

---

<sup>90</sup> Filosofia Continental ou Pensamento Continental é uma noção desenvolvida pelos filósofos do Círculo de Viena, portanto os chamados filósofos analíticos para designar a filosofia oriunda da Europa, sobretudo França e Alemanha.

originário, recupera o “cuidado de si” como base primordial da filosofia e lhe atribui o caráter que conecta a vida novamente, à vida do pensamento, por meio da *anachóresis* (retiro), da *parhesia* (dizer verdadeiro), da *therapeúein* (cura da alma), *epistrophé* (conversão), da escrita de *hypomnémata* (anotações), e de outras tecnologias da vida, sem perder o foco no outro, visto que o “cuidado de si” implica o “cuidado do outro”.

Como chave para ajudar a pensar à experiência da professora e jornalista Josephina Álvares de Azevedo, “o cuidado de si” apresentou importante recurso de análise que articulado ao projeto editorial do jornal, no que se refere à educação de mulheres, constituiu uma sólida base teórica na formação de um olhar sobre a educação, que atravessada pela experiência de vida, se efetivou em lócus não menos privilegiado que o formal (numa escola), ou seja, em um impresso semanal.

Com base nesta articulação é que desenvolvemos a ideia do conceito de “pedagogia do cuidado”, que já por analogia, pode-se afirmar, existia na Antiguidade Ocidental, entre os Estóicos, mas que se perdeu ao passar dos tempos. A pedagogia do cuidado seria algo como as tecnologias da vida, a *téchne toû bíou*, aplicada intencionalmente à arte de viver e educar, seja na sala de aula, seja em espaços menos formais como na imprensa periódica, por exemplo. Não uma educação formal, mas do olhar, de estar atento, do mundo, de si e do outro. “De dentro para o exterior” como afirma Foucault (2011), na *Hermenêutica do Sujeito*.

Concernente à metodologia pareceu-nos incontornáveis o levantamento bibliográfico, a leitura e análise de textos que antecederam este trabalho, cuja temática nos pareciam cognatas, a observação atenta aos teóricos que versaram sobre análise e interpretação de fontes como a imprensa periódica, a visitação e investigação em diversas bibliotecas, por meio da internet em sítios de bibliotecas, hemerotecas e museus de diversos locais do mundo.

Também constituiu uma importantíssima ferramenta de trabalho na interpretação das fontes, o chamado protocolo de leitura e análise de periódicos, elaborado a partir do “Esquema geral para a caracterização da Imprensa” de Zicman (1985) e Luca (2011).

À interpretação das fontes, se pode atribuir todo o resultado material da pesquisa. Ou seja, seria inimaginável chegar a qualquer resultado sem a descoberta e o uso das fontes. No início, como não sabíamos lidar com este tipo de material foi muito difícil, mas, ao final, a própria fonte em sua “fala” foi se consubstanciando ao resultado material da investigação. Diante da fonte foi possível perceber sua potência em oferecer caminhos e possibilidades. Por vezes as fontes se multiplicavam, saíam de seu lugar, sumiam literalmente das estantes como se tivessem vida. Por meio das fontes tivemos acesso ao horizonte hermenêutico sedimentado do final do século XIX. Compreendemos que apesar do patriarcalismo o mito da mulher

oitocentista, da mulher do final do século XIX, não era exatamente verdadeiro, pois havia naquele horizonte uma diversidade riquíssima de experiências femininas. Foi por meio das fontes que se abriu a possibilidade de compreender que a mesma mulher que sofria o preconceito sexista, era a que discutia política, lutava pelo direito ao voto, à candidatura na Assembleia Constituinte, pelo direito a não se casar ou a se divorciar.

Com relação aos esforços da mulher Josephina, uma matéria em especial publicada no jornal *A Capital*, edição 245 de 22 de março de 1918, afirma que “Josephina Álvares de Azevedo, se é morta, baixou ao túmulo, enterrando consigo as suas ilusões” (*A Capital*, 1918, p.6). Tal enunciado aponta para a possibilidade de uma interpretação na qual todo o esforço da professora Zefa teria sido meras “ilusões”. Com efeito, um aspecto que põe o trabalho de Josephina no lugar de uma espécie de utopia pejorativa é suscitado na referida matéria, que ao final faz um elogio de “sua obra”. Contudo, não é descartada a possibilidade de que este pensamento seja o reflexo do que se passou na concepção de alguns sujeitos depois de que o prelo da *Família* parou de funcionar e que sua redatora desapareceu. No entanto, conforme Michel Lôwy,

O pensamento utópico é o que aspira a um estado não existente das relações sociais, o que lhe dá, ao menos potencialmente, um caráter crítico, subversivo, ou mesmo explosivo. O sentido estreito e pejorativo do termo (utopia: sonho imaginário irrealizável) nos parece inoperante, uma vez que apenas o futuro permite que se saiba quais aspirações era ou não ‘irrealizável’ (LÖWY, 2009, p. 14, 15).

Conforme Löwy (2009) é o futuro que determina se o sonhado, as aspirações ou uma atividade era ou não uma utopia, de modo que é no futuro que se encontram os efeitos de determinada ação ou sonho. Agir ou sonhar é na verdade o pressuposto fundamental da individuação. É agindo e sonhando que cada sujeito projeta sobre si e sobre o tempo-espaço o seu ser, o seu modo de existir. E só assim, em suas agências conquistam a liberdade. E com respeito à liberdade, Foucault afirma que esta “é a condição ontológica da ética” (FOUCAULT *apud* CASTRO, 2016, p. 247), ou seja, está estritamente ligada às relações entre os sujeitos e do sujeito consigo mesmo.

Por meio desta reflexão, chegamos à conclusão que os esforços de Josephina não podem ter sido meramente uma utopia no sentido pejorativo, mas que seu trabalho contribuiu para legitimar o debate sobre os direitos, a importância da educação feminina, a emancipação e autonomia da mulher.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. D. Antônio de Sá e Benevides. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 184-185.

ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Fundação Getúlio Vargas, 2015.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história*. São Paulo: Edusc, 2007.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento – A geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AULETE, Francisco Julho Caudas, *Dicionário Contemporâneo de língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

ARENDDT, Hannah. *Rahel Varnhagen: judia alemã na época do romantismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. Rio de Janeiro. Disponível em <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/familia/379034>. Acesso em 10 março de 2017.

BARTHES, Roland. *O Rumo da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLOCH, Marc. *A história, os homens e o tempo*. In: *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRANCO, G. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000, p.310-327.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. *História Social da Linguagem*. São Paulo: UNESP (FEU), 1997.

BUTLER, Judith, *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Sônia. *O Jornal “A Mãe de Família” como estratégia de intervenção; higiene e educação da infância nos finais do século XIX*. In MIGNOT, Ana C.V.; SILVA, Alexandra Lima da; Marcelo Gomes da Silva. (org.). *Outros Tempos, outras Escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2014, v.1, p. 55-80.

CARULA, Karoline. *A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX*. Disponível na Revista Estudos Feministas (v.24, p. 261-279, 2016) da UFSC: [periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44348/32518](http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44348/32518).



CASANOVA, Marco Antônio. *Eternidade Frágil: Ensaio de temporalidade na arte*. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2013.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. de Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes. 1999. São Paulo: UNESP, 2010.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. 9.ed. – São Paulo. UNESP, 2010.

COSTA, J. S. F. *O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?* In: ARAÚJO, L.B.L.; BARBOSA, R.J.C. (Org.). *Filosofia prática e modernidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 109-132.

DELEUZE, G. *Um retrato de Foucault*. In: DELEUZE, G. *Conversações 1972-1990*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 127-147.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. Trad. de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, Rosa. *Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. São Paulo: Ed. EDUSC, 2007, p. 11 -15.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: Dicionário Ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FARIA, Sheila de Castro. *Censo de 1872*. In VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822 -1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1899.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da escrita*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: UNESP, 2009.

FONSECA, Godin da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Quaresma. 1941.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhom Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Trad. de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.

\_\_\_\_\_. *Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Trad. de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.253-278.

\_\_\_\_\_. *O que são as Luzes?* In: FOUCAULT, M. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade*. In: FOUCAULT, M. Ética, Sexualidade, Política. Organização e seleção de textos Manoel B. da Motta. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Governamentalidade*. In: MACHADO, R. (Org.). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2004, p. 277-293.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la sexualité I : La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 2007.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la sexualité II : L'usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la sexualité III : Le souci de soi*. Paris: Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. *Le gouvernement de soi et des autres*. Paris: Seuil/Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da Medicina Social*. In: FREITAS, Marcos Cézar de: *Da micro-história à história das ideias*. São Paulo: Cortez: USF-IFAN, 1999.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português*. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Nova Vida, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história*. Trad. De Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONDRA, José Gonçalves. *Arte de Civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. 1ª edição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GONDRA, José Gonçalves; KOHAN, Walter Omar. *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

GONDRA, José Gonçalves; TEIXEIRA, Giselle Baptista. *Observatório das aulas? Livros escolares e pesquisa em história da educação*. In: Ana Waleska Mendonça. (Org.). *História e Educação - Dialogando com as fontes*. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010, v. 1, p. 117-143.

GRAMSCI, Antônio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Massangana, 2010.

GROS, F. (Org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org.). *A invenção do Brasil Moderno - Medicina, educação e engenharia nos anos 20 - 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KARAWEJCZYR, Mônica. *Josefina Alvares de Azevedo e a peça teatral o Voto Feminino: a escrita como instrumento de luta*. In: Travessias, Cascavel, v. 12, n.1, p. 314-35, jan./abr.2018.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução Lucimar A. Coghi Anselmi, Flúvio Lubisco. São Paulo: Ícone, 2007.

KNAUSS, Paulo. *et al. Revista Ilustrada: Modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

KUHN, Thomas. *S. A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectivas, 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LIMEIRA, Aline de Moraes. *Entre o trono e o altar: sujeitos, instituições e saberes escolares na capital do império brasileiro (1860 a 1880)*. 2014. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 1ª edição.

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagem da mulher na imprensa feminina de oitocentos*. Lisboa: Quimera, 2005.

LÖWY, Michael. *As aventura de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e o positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 - 1944)*. São Paulo: Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKI, Carla. (Org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2014, p. 111-153.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASCIMENTO, Fátima Aparecida do. “*Porta de todas as inteligências e carreiras*”: *Instrução, Trabalho e Ciência no Ministério do João Alfredo Corrêa de Oliveira (1870-1875)*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Historiografia da Educação e fontes*. In: GONDRA, José Gonçalves. (Org.). Pesquisa em História da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. In. LEBRUM, Gérard. (Org.). Os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torre Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OLIVEIRA, Jailton Alves de. *Escola de todas as perdições e degenerescência: A Casa de Detenção da Corte como espaço educativo (1856 - 1889)*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. *Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família*. Programa de Apoio à Pesquisa na Biblioteca Nacional, 2009.

PINTO, Inára de Almeida Garcia. *Um professor em dois mundos: a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis à Europa (1891)*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2011.

Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras do Ministério da Cultura, FN. localização: <http://principo.org/planor--plano-nacional-de-recuperaco-de-obras-raras.html> em 27/11/2018

PORTOCARRERO, Vera. *Foucault: a história dos saberes e das práticas*. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.). Filosofia, história e sociologia das ciências: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

\_\_\_\_\_. *O (Des) governo biopolítico da vida humana*. Inácio Neutzling; Castor M. M. Bartolomé Ruiz. (Orgs.). São Leopoldo: Casa Leiria, 2011, p.169 - 184.

\_\_\_\_\_. *Reabilitação da concepção de Filosofia como ascese no pensamento tardio de Foucault*. In: GONDRA, J.; KOHAN, W. (Orgs.). Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

QUEIROZ, O. A. Pereira, *Dicionário Latim – Português*. São Paulo. Editora Lep. AS. 1961.

QUINTANA, Mario. *O segundo olhar: antologia*. Rio de Janeiro: Afaguara, 2018, p.61.

RODRIGUES, Marta de Souza; SILVA, Artur Alves da. *A emancipação da mulher na imprensa feminista dos primeiros anos da República no Brasil*. Revista Humanidades/USP, out.2014. Acesso em 11.04.2018:  
[www.revistas.usp.br/humanidades/article/viewFile/106270/104932](http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/viewFile/106270/104932)

SCHUELER, Alessandra. *Educar e instruir: a instrução popular na Corte imperial*. Dissertação de Mestrado em História, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1997.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Revista, v.15, n. 2, jul/dez. 1990.

SOIHET, Rachel. *Violência Simbólica: Saberes masculinos e representações femininas*, Revista Estudos Feministas, Universidade Federal Santa Catarina, v. 5, n. 1, 1997.

SOIHET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In DEL PRIORI, Mary (org). *História da mulher no Brasil*. São Paulo: 2004, p. 1-40.

SERRANO, Jonathas. *História do Brasil*. 2ª edição, Rio de Janeiro, F. Briguet & Cia Editores. 1968.

SILVA, Ana Paula de Pina Lopes; MELO Patrícia Targino. *As representações da família na produção midiática do fim do século XIX*. Disponível em 05.05.2017 em [revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/420](http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/420).

SOIHET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano*. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. *Uma viajante interna: Josephina Álvares de Azevedo e suas impressões feministas, na segunda metade do século XIX*. Revista Labrys, estudos feministas, jan/jun 2016, disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys29/arte/barbara%20texto.ht>.

\_\_\_\_\_. *Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Álvares de Azevedo – Projeto de Emancipação Feminista na Imprensa Brasileira (1873 – 1894)*. Disponível em: [al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525\\_arquivo.pdf](http://al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525_arquivo.pdf)

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O Florete e a Máscara, Josefina Álvares de Azevedo – Teatro e propaganda sufragista no Brasil do século XIX*. Disponível em [www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525\\_arquivo.pdf](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525_arquivo.pdf). Acesso em 20 abril de 2017.

TROMBKA, Ilana. *Breve introdução à Coleção Escritoras do Brasil*. In. AZEVEDO, Josephina Álvares de, *A mulher moderna: Trabalho de propaganda*. Brasília, SEGRAF, 2018.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. *É preciso ir aos porões*. Revista brasileira de Educação, v.17, n.50 - maio-ago. 2012. ZICMAN, Renée Barata, *História através da Imprensa: Algumas considerações metodológicas*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História (PUC/SP), v. 4, jun/dez, 1985. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410/8995>. Acessado em 01.09.2018.

## ANEXO A -Registro de óbito de Josephina Álvares de Azevedo

94/ N<sup>o</sup> 2150 Y<sup>o</sup> 202 14 158

**Registro Civil da 5.<sup>a</sup> Pretoria**  
**ENGENHO VELHO**  
RIO DE JANEIRO

N<sup>o</sup> 1369

José Cyrillo Castex, *escrivão vitalício*  
e privativo do distrito do Engenho Velho do  
Juiz de Cível da 5.<sup>a</sup> pretoria.

Certifica que do livro n. 82 do registro de óbitos, na folha  
10 consta o seguinte:

Nome do fallecido *Josephina Alvares de Azevedo*  
Idade *62 Anos*  
Côr *branca*  
Sexo *femea*  
Estado *viuva*  
Profissão  
Naturalidade *de Paratyba*  
Domicilio *rua Luiz Barbosa 102*  
Filiação: filho de  
e de  
Deixou testamento?  
Deixou herdeiros conhecidos?

Lugar onde se deu o obito *Domicilio*  
Medico attestante Dr. *Osvaldo de Foz*  
Lugar do enterramento: cemiterio de *S. Fr. Xavier*  
Fallecimento ás *10* horas e *15* minutos da *1<sup>a</sup>* manhã do dia  
*10* de *Setembro* de *1913*  
Causa da morte *arterio-esclerose*

Declarante *Osvaldo de Foz*  
*O referido é verdade do que dou fé.*

Rio de Janeiro, *1* de *Setembro* de 191*3*  
O Escrivão, *Ant. Carrasqueira*

Fonte: Livro de Registro de Óbito da Santa Casa de Misericórdia.

ANEXO B - Certidão de óbito de Josephina Álvares de Azevedo

  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

**CERTIDÃO DE ÓBITO**  
INTEIRO TEOR

NOME  
**JOSEPHINA ALVARES AZEVEDO**

Poder Judiciário – TJERJ  
Corredoria Geral da Justiça  
Selo de Fiscalização Eletrônico  
ECZF-32085 OGD  
Consulte a validade do selo em:  
<https://www3.tjrj.jus.br/sitepublico>

Matrícula  
093146 01 55 1913 4 00082 040 0001369 21



Certifica que, revendo o livro C-82 de registro de óbito, dele à folha 40, sob o número de ordem 1369, consta o registro de teor seguinte: A um (1) dia do mês de setembro do ano de mil novecentos e treze (1913), nesta cidade do Rio de Janeiro e em cartório, compareceu OSCAR DE SIQUEIRA AMAZONAS - BRASILEIRO, natural de Em Branco, Empregado Publico, com 31 anos de idade,, identidade: EM BRANCO, residente na RUA LUIZ BARBOSA Nº 102 e, exibindo atestado de óbito firmado pelo(a) Dr(a). ORLANDO GOES, prestou as seguintes declarações: Nome da obituada: **JOSEPHINA ALVARES AZEVEDO**, falecida a um (1) dia do mês de setembro do ano de mil novecentos e treze (1913), às 06:00 horas. Estado Civil: Viúva de pessoa de nome ignorado. Sexo: feminino. Idade: 62 anos (Nascida em ). Local do falecimento: RUA LUIZ BARBOSA Nº 102. Residência: RUA LUIZ BARBOSA Nº 102. profissão: Em Branco, Naturalidade: Paraíba. Nome dos pais: IGNORADO e IGNORADO. Local do sepultamento: CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO XAVIER - RJ. deixou 2 filhos(as) maiores, não deixou testamento, **CAUSA MORTIS: ARTERIO ESCLEROSE**. Observações:. Era o que se continha no referido registro, aqui bem e fielmente transcrito do próprio original, ao qual me reporto e dou fé.\*---\*---\*---\*---\*---\*---\*

  
REGISTRO CIVIL E TABELIONATO R. Dr. Pereira dos Santos, 25 - Tijuca - Rio de Janeiro - RJ CEP 20520-170 - Tel. (21) 2298-2022 - 2298-1992 - 2298-2024 093146AB025087  
www.8rcpn.com.br  
DA COMARCA DA CAPITAL - RJ  
Reconheço por semelhança a firma de: **CRISTIANE DA SILVA BEZERRA (X000000FCC18)**  
Rio de Janeiro, 24 de abril de 2019. Cart : 5/61  
EM TEST. da verdade. TJ+ISS: 2,31  
Cristiane da Silva Bezerra - E. Autorizad Total : 7,92  
ECZF-32067 TFJ Consulte em <https://www3.tjrj.jus.br/sitepublico>.

  
5  
Rua Dr. Pereira dos Santos, 25  
Tijuca - RJ

**CRISTIANE DA SILVA BEZERRA**  
Escrivente

8º Registro Civil de Pessoas Naturais da Comarca da Capital  
Daniel Nilson Ribeiro  
Rio de Janeiro - RJ  
Rua Dr. Pereira dos Santos, 25 - Tijuca - RJ  
(21) 2298-2022  
cartorio@8rcpn.com.br

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.  
Rio de Janeiro, 24 de abril de 2019

**CRISTIANE DA SILVA BEZERRA**

Emolumentos: Tab 16,4=10,74 + Tab 18,10b (22x)=102,30 + Tab 18,10=46,85 + ISS=8,41 +  
20% TJ + 5% FUNPERJ + 5% FUNPERJ + 4% FUNARPEN - Total: R\$ 222,64

Arpen rj - AA 006804911 - P

Fonte: 8º Registro Civil de Pessoas Naturais da Comarca da Capital

**APÊNDICE A - Menção à Josephina Álvares de Azevedo e ao Jornal A Família noutros periódicos entre 1888 -1929**

Periódico	Ed. nº	Trecho da notícia	Loc.	Pág.	Data	Assunto
Gazeta de Notícias	352	Recebemos o número um da Família, interessante revista semanal	RJ	02	4ªf. 21.11.1888	Aviso de recebimento
Gazeta de Notícias	147	Recebemos o n. 25 da Família, Jornal literário dedicado à educação	RJ	02	2ªf. 27.05.1889	Aviso de recebimento
Gazeta de Notícias	158	Enviou-nos a amável redatora da Família, d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	6ªf. 07.06.1889	Aviso de recebimento
Gazeta de Notícias	178	Segue hoje para a província de Minas Gerais, a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	5ªf. 27.06.1889	Aviso de viagem de Josephina
Gazeta de Notícias	296	Temos o n.32 da Família, revista semanal	RJ	02	4ªf. 23.10.1889	Aviso de recebimento
Gazeta de Notícias	314	Excelente o n.37 da Família, órgão das Damas, redigido pela Srª. d. Josephina Álvares de Azevedo. Quem não deve ser dessa opinião é o Sr. Dr. Silva	RJ	01	Dom. 10.11.1889	Opinião
Diário do Comércio	176	A Família, o n. 24 do jornal literário dedicado à família	RJ	02	5ªf. 30.05.1889	Aviso de recebimento
Diário do Comércio	222	A Família, o n. 28 da publicação literária que se dedica a família	RJ	02	2ªf. 15.07.1889	Aviso de recebimento
Diário do Comércio	303	A Família, o n. 31 da bem redigida publicação feminina	RJ	02	6ªf. 04.10.1889	Aviso de recebimento
Diário do Comércio	320	A Família, o n. 33 da revista semanal	RJ	02	2ªf. 21.10.1889	Aviso de recebimento
Correio Paulistano	9652	A Família, tal é o título...que... deve aparecer em janeiro do ano vindouro	SP	01	Sáb. 03.11.1888	Aviso do surgimento do novo semanário
Correio Paulistano	9667	Recebemos ontem o n.1 d'A Família	SP	02	4ªf. 21.11.1888	Aviso de recebimento
Correio Paulistano	9683	A Família, n.2 dirigida e redigida pela exma, d. Josephina Álvares de Azevedo	SP	01	3ªf. 11.12.1888	Aviso de recebimento e agradecimento
Diário de Pernambuco	162	Visita ilustre, por telegrama recebido ...chega hoje a esta capital... Josephina Álvares de Azevedo	PE	03	Dom. 21.07.1889	Aviso que Josephina chega a capital
Diário de Pernambuco	169	Recebemos e nos confessamos agradecidos a ilustre colega em nos oferecer um n. especial	PE	04	3ª f. 30.07.1889	Aviso de recebimento e Agradecimento
Cidade do Rio	260	O número programa d'A Família	RJ	02	2ªf. 19.11.1888	Aviso de recebimento
Cidade do Rio	140	Recebemos o último número de A Família	RJ	02	3ªf. 25.06.1889	Aviso de recebimento e elogio



A Constituição	145	A bordo do vapor nacional (Pernambuco) chegou ontem a esta capital... Josephina Álvares de Azevedo	CE	01	Dom. 11.08.1889	Aviso da visita de Josephina
A Constituição	148	No vapor Espírito-Santo segue hoje para o sul a exma Josephina Álvares de Azevedo	CE	01	4ªf. 21.08.1889	Aviso de despedidas
Jornal do Comércio	294B	Recebemos o n.34, ano 01 da Família, revista semanal	RJ	02	4ªf. 23.10.1889	Aviso de recebimento
Jornal do Comércio	349	Está publicado o n.45 do ano 01 da Família, revista semanal	RJ	01	2ªf. 16.12.1889	Aviso de publicação
Mercantil	012	O n.10 da Família, o interessante jornal	RJ	01	4ªf. 3.02.1889	Aviso de publicação
Mercantil	078	Recebemos e agradecemos o n. especial da Família	RJ	02	4ªf. 09.10.1889	Aviso de recebimento
O Fluminense	1799	Recebemos os ns.41 e 42 da Família	RJ	03	6ª f. 18.12.1889	Aviso de recebimento
Gazeta do Norte	029	Começou a ser publicada em São Paulo A Família	CE	01	3ªf. 05.02.1889	Anúncio do início da circulação
Gazeta da Tarde	300	Temos sobre a mesa o n.36 da Família	RJ	01	3ªf. 05.11.1889	Aviso de recebimento
O Pharol	251	Recebemos os dois últimos n. da Família	RJ	02	Dom. 27.10.1889	Aviso de recebimento
Diário de Notícia	1590	Recebemose agradecemos A Família, ns.31 à 33	RJ	03	3ªf. 22.10.1889	Aviso de recebimento
O Paiz	045	começa ser publicado em São Paulo A Família, revista semanal	MA	02	Sáb. 23.02.1889	Anúncio do início da publicação da Família
Jornal de Recife	176	A exma.sra.d. Josephina Álvares de Azevedo	PE	01	4ªf. 07.08.1889	Sobre sua partida de PE para a Província do Ceará
O Cearense	180	Chegou ontem do sul do Império a exma sra. d. Josephina Alvares de Azevedo	CE	01	Sáb. 10.08.1889	Aviso de chegada na cidade
O Mequetrefe	476	A Família, interessante revista dirigida por Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	abril de 1889	Aparece o nome do Jornal e da Redatora
Tribuna Liberal	127	Recebemos o n.19 da Família a interessante revista paulista	MA	03	3ªf. 09.04.1889	Aviso de recebimento
Diário de Notícia	1590	A Família, revista semanal	RJ	03	3ª f. 22.10.1889	Aviso de recebimento
Verdade	38	A Família, é este o título da revista semanal publicada em São Paulo	MG	03	29.11.1888	Publicidade da Família
A Cidade do Turvo	26	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das audades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 25.12.1892	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	27	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 01.01.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia

A Cidade do Turvo	28	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	2ª f. 09.01.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	29	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 22.01.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	30	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 29.01.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	31	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 05.02.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	32	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 12.02.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	34	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 26.02.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	35	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 05.03.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	36	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 12.03.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	07	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 28.05.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	25	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Trav.das saudades, 32 - RJ	MG	04	Dom. 17.12.1893	Anúncio comendereço do escritório e tipografia
A Cidade do Turvo	05	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Rua da Alfândega, 198, RJ	MG	04	Dom. 20.05.1894	Anúncio com endereço do escritório e tipografia. (em novo endereço)
A Cidade do Turvo	06	A Família Colaborado pelas mais ilustres	MG	04	Dom. 27.05.1894	Anúncio com endereço do

		escritoras. Rua da Alfândega, 198, RJ				escritório e tipografia. (em novo endereço)
A Cidade do Turvo	07	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Rua da Alfândega, 198, RJ	MG	04	Dom. 03.06.1894	Anúncio com endereço do escritório e tipografia. (em novo endereço)
A Cidade do Turvo	11	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Rua da Alfândega, 198, RJ	MG	04	Dom. 15.07.1894	Anúncio com endereço do escritório e tipografia. (em novo endereço)
A Cidade do Turvo	15	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Rua da Alfândega, 198, RJ	MG	04	Dom. 19.08.1894	Anúncio com endereço do escritório e tipografia. (em novo endereço)
A Cidade do Turvo	24	A Família Colaborado pelas mais ilustres escritoras. Rua da Alfândega, 198, RJ	MG	04	Dom. 02.11.1894	Anúncio com endereço do escritório e tipografia. (em novo endereço)
Gazeta de Notícias	33	Daquele Jornal que tanto nos merece, e que tem todo os nossos <i>salamaleks</i> sempre que nos visita	RJ	01	Dom. 02.02.1890	Elogio ao Jornal
Gazeta de Notícias	105	A comédia <i>Voto Feminino</i> da inteligente redatora da Família, d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	3ª f. 15.04.1890	Nota sobre a peça <i>O Voto Feminino</i>
Gazeta de Notícias	110	Com a pontualidade do costume apareceu-nos ontem a Família	RJ	02	Dom. 20.04.1890	Aviso de publicação
Gazeta de Notícias	148	Grande sucesso - 2ª representação da palpitante novidade da literatura nacional, original da distinta escritora Josephina Álvares de Azevedo	RJ	06	4ª f. 28.05.1890	Anúncio do Teatro Recreio Dramático, onde a peça <i>O Voto Feminino</i> seria apresentada.
Gazeta de Notícias	153	Estreou nessa noite, como autora dramática, a nossa inteligente colega d'A Família, d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	2ª f. 02.06.1890	Nota e elogios sobre a peça <i>O Voto Feminino</i> .
Gazeta de Notícias	163	Grande sucesso - 6ª representação da palpitante novidade da literatura nacional, original da distinta escritora Josephina Álvares de Azevedo	RJ	06	5ª f. 12.06.1890	Anúncio do Teatro Recreio Dramático, onde a peça <i>O Voto Feminino</i> seria apresentada.
Gazeta de Notícias	218	Recital de inauguração da peça <i>Os Companheiros do Sol</i> , de Paul Jay, traduzida por Josephina Álvares de Azevedo	RJ		4ª f. 06.08.1890	Anúncio do Teatro João Caetano
Gazeta de Notícias	36	Com o título a <i>Mulher Emancipada</i> , publicou a Srª. d. Josephina Álvares de Azevedo, em grosso volume, os seus belos trabalhos de propaganda	RJ	02	5ª f. 05.02.1891	Anúncio da publicação do livro <i>A mulher Emancipada</i>
Gazeta de	60	Tenente coronel Ignácio Álvares	RJ	06	2ª f.	Convite.

Notícia		de Azevedo, Amália Emília de Azevedo Cunha, ... Josephina Alvares de Azevedo e seus filhos convidam			29.02.1892	Mensão dos filhos de Josephina
Gazeta de Notícia	74	O nosso colega A Família, que tantas simpatias tem sabido granjear, vai passar a ser propriedade de uma companhia	RJ	01	Dom. 15.03.1891	Nota sobre a venda do jornal
Gazeta de Notícia	184	Publicou-se o n. 108 d'A Família	RJ	02	6ª f. 03.07.1891	Aviso de publicação
Gazeta de Notícia	198	Recebemos o n. 109 d'A Família	RJ	01	6ª f. 17.07.1891	Aviso de recebimento
Gazeta de Notícia	224	Está publicado o n. 113 do 3ª d'A Família	RJ	01	4ª f. 12.08.1891	Aviso de publicação
Gazeta de Notícia	60	Missa 7º dia de Amália de Azevedo Coutinho	RJ	06	2ª f. 29.02.1892	Aviso de missa
Gazeta de Notícia	100	Recebemos <i>A Mulher Moderna</i> , interessante Livro da escritora Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	3ª f. 11.04.1893	Recebimento do Livro <i>A Mulher Moderna</i>
Gazeta de Notícia	127	Grande sucesso - 1ª representação da espirituosa comédia, original da distinta escritora brasileira a Exm. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	06	2ª f. 08.05.1893	Anúncio do Teatro Sant'Anna, onde a peça <i>O Voto Feminino</i> seria apresentada
Gazeta de Notícia	137	Amália Álvares de Azevedo, mãe de Josephina Alvares de Azevedo	RJ	02	Sáb. 16.05.1896	Aviso de enfermidade da mãe de Josephina Álvares de Azevedo
Gazeta de Notícia	144	Josephina Alvares de Azevedo, Eulália de Siqueira, ... agradecem as pessoas que acompanharam os restos mortais de sua prezada mãe	RJ	05	Sáb. 23.05.1896	Aviso de missa de 7º dia da mãe de Josephina Alvares de Azevedo
O Paiz	1912	Distribuiu-se ontem o n. 44 d'A Família, o criterioso e utilíssimo periódico	RJ	05	4ª f. 01.01.1890	Aviso de publicação
O Paiz	1944	<i>Retalhos</i> : coleção de artigos e poesias, publicados no periódico A Família, pela inteligente escritora d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	Dom. 02.02.1890	Aviso de publicação
O Paiz	3246	Vai em breve instalar-se uma companhia denominada Imprensa Familiar, que terá por fim principal adquirir e manter ... A Família	R.J	02	Dom. 16.03. 1891	Nota sobre o fato citado
O Paiz	3295	O n. 102.. d'A família, propriedade da Companhia Imprensa Familiar, que tem por diretora e redatora a sra.d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	01	2ª f. 04.05.1891	Aviso de publicação
O Paiz	3302	A Família apareceu-nos esta semana, como sempre, interessante e atraente	R.J	01	2ª f. 01.05.1891	Aviso de publicação
O Paiz	3302	A Família ...propriedade da Companhia Imprensa Familiar. Redação de Josephina Álvares de Azevedo	R.J	04	2ª f. 01.05.1891	Anúncio do jornal

O Paiz	3307	A Família ...propriedade da Companhia Imprensa Familiar. Redação de Josephina Alvares de Azevedo	R.J	04	Sab. 16.05.1891	Anúncio do jornal
O Paiz	3825	O número 147 d'A Família periódico dirigido pela sra. .d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	Sáb. 22.10.1892	Aviso de publicação
O Paiz	4018	Grande sucesso - 1ª representação da espirituosa comédia, original da distinta escritora brasileira a Exm. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	06	2ª f. 08.05.1893	Anúncio do Teatro Sant'Anna, onde a peça <i>O Voto Feminino</i> seria apresentada
O Paiz	4021	Grande sucesso - 3ª representação da espirituosa comédia, original da distinta escritora brasileira a Exm. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	06	5ª f. 11.05.1893	Anúncio do Teatro Sant'Anna, onde a peça <i>O Voto Feminino</i> seria apresentada
O Paiz	4326	Temos à vista o n. 174 d'A Família,sobre direção de d .Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	4ª f. 12.06.1894	Aviso de recebimento
O Paiz	3654	Ao notável ... Quintino Bocayuva - Josephina Álvares de Azevedocumprimentou-o pelo 10º aniversário d'O Paiz	R.J	02	3ª f. 02.10.1894	Nota sobre o referido assunto
O Paiz	4010	Recebemos A Família, a magnífica revista da sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	03	3ª f. 24.09.1895	Aviso de recebimento
O Paiz	4244	Acha-se gravemente enferma d. Amalia Alvares de Azevedo, mãe de d. Josephina Alvares de Azevedo	R.J	02	Sáb. 16.05.1896	Nota sobre o referido assunto
Diário de Notícias	1686	A Família, importante revista semanal, bem redigida e dirigida pela nossa colega Josephina Álvares de Azevedo	R.J	04	Dom. 26.01.1890	Aviso de recebimento
Diário de Notícias	1775	Faz anos hoje a nossa distinta colega, d. Josephina Álvares de Azevedo, digna redatora d'A Família	R.J	02	2ª f. 05.05.1890	Nota sobre o referido assunto
Diário de Notícias	1819	Perdoe-me Josephina Álvares de Azevedo, a incansável defensora do sexo feminino	R.J	01	4ª f. 18.07.1890	Reportagem sobre a tentativa de suicídio de uma mulher ao ser abandonado pelo amante
Diário de Notícias	1822	Segundo afirma uma folha da Bahia, uma mulher se encarrega de fazer cobranças...como diz minha simpática e ilustre colega d.Josephina Alvares de Azevedo	R.J	01	Sáb. 21.07.1890	Nota sobre o papel da mulher no mercado de trabalho
Diário de Notícias	1823	Acha-se publicado o n. 65 da Família	R.J	01	Dom. 22.06.1890	Aviso de publicação
Diário de Notícias	2014	Enviou-me não sei quem um prospecto da <i>Protetora das costureiras</i> ... parece-me que a minha gentilíssima colega Josephina Álvares de Azevedo já	R.J	01	Sáb. 03.01.1891	Reportagem sobre a associação das costureiras

		vai conseguindo alguma coisa				
Diário de Notícias	2022	A nossa gentilíssima colega Josephina Alvares de Azevedo vai publicar ... seu segundo livro de propaganda, intitulado <i>A Mulher Moderna</i>	R.J	01	Dom. 14.01.1891	Aviso de publicação
Diário de Notícias	2031	O Sr. J.de Araujo Couto...realiza, na Phenix, uma festa artística... com a representação da comédia <i>O voto feminino</i>	R.J	01	4ª f. 21.01.189	Nota sobre festividade no teatro Phenix
Diário de Notícias	2124	Recebemos o primeiro número da Família...depois que essa revista passou a ser propriedade da Companhia Familiar	R.J	02	3ª f. 28.04.1891	Aviso de recebimento
Diário de Notícias	2202	A Família, jornal semanal ilustrado, de propriedade da Companhia Familiar	R.J	04	Dom. 19.07.1891	Menção na seção de estabelecimentos importantes
Diário de Notícias	2204	Na Escola Senador Correia realizou-se ontem a conferência n. 613...começou o orador agradecendo à exma. sra.d. Josephina Álvares de Azevedo...a gentileza que dispensa às conferências populares em sua interessante revista	R.J	02	3ª f. 21.07.1891	Reportagem sobre a citada conferência
Diário de Notícias	2655	A Família, brilhante revista semanal .. em seu último número... publicou o retrato do estimado clínico, o Sr. Dr. Acácio Feliciano Araujo	R.J	02	4ª f. 19.10.1892	Nota sobre o Jornal
Diário de Notícias	2692	Acha-se bastante enferma a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo, inteligente redatora da Família	R.J	01	6ª f. 25.11.1892	Nota sobre o referido assunto
Diário de Notícias	2716	Acha-se felizmente melhor dos seus incômodos a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo, nossa distinta colega	R.J	01	2ª f. 19.12.1892	Nota sobre o referido assunto
Diário de Notícias	2740	Recebemos um exemplar do n. 153 da Família, a brilhante revista de que é principal redatora a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	01	6ª f. 13.01.1893	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	101	Recebemos o número 110 da Família...sob a direção de d.Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	Sab. 18.07.1891	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	103	Na Escola Senador Correia realizou-se ontem a conferência n. 613...começou o orador agradecendo à exma. sra.d. Josephina Álvares de Azevedo...a gentileza que dispensa às conferências populares em sua interessante revista	R.J	02	2ª f. 20.07.1891	Reportagem sobre a citada conferência
Jornal do Brasil	129	Recebemos o número 113 ... deste jornal ilustrado, redigido por d.	R.J	02	Sab. 15.08.1891	Aviso de recebimento

		Josephina Álvares de Azevedo				
Jornal do Brasil	136	Tem estado seriamente enferma, a exm. sr. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	01	Sab. 22.08.1891	Nota sobre o referido assunto
Jornal do Brasil	158	Recebemos o número 116 ... deste jornal ilustrado, redigido por d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	Sab. 13.09.1891	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	211	Distribuiu-se hojeo número 140 ... deste jornal ilustrado, redigido por d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	Sab. 20.07.1892	Aviso de publicação
Jornal do Brasil	295	Está publicado o número 146 d'A Família... redigido por d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	Sab. 22.10.1892	Aviso de publicação
Jornal do Brasil	104	Representa-se pela primeira vez uma comédia...original da escritora brasileira d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	6ª f. 14.04.1893	Nota sobre o evento no Teatro Sant'Anna
Jornal do Brasil	253	Temos o número 189 do periódico A Família, redigido pela sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	3ª f. 10.09.1895	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	267	Recebemos A Família, de que é diretora Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	3ª f. 26.09.1895	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	083	A Família,número 192 ... de que é principal redatora a exma. sr. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	03	3ª f. 24.03.1896	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	319	A Família, ... de que é principal redatora a exma. sr. d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	sáb. 14.11.1896	Aviso de recebimento
Jornal do Brasil	129	A Família, ... publicado sob a direção de d. Josephina Álvares de Azevedo	R.J	02	2ª f. 09.11.1898	Aviso de recebimento
Almanak Laemmert	050	Josephina Álvares de Azevedo, jornalista, Quitanda 01	R.J	257	1893	Na seção de indicador ou lista alfabéticade habitantes do Rio de Janeiro e Niterói
Almanak Laemmert	051	Família (A) redatora, Josephina Álvares de Azevedo, r. da Alfândega, 198	R.J	746	1894	Na seção de jornais, revistas e outro periódicos
Almanak Laemmert	051	Josephina Álvares de Azevedo ( A Família) r. da Alfândega, 198	R.J	754	1894	Na seção de literatos, jornalistas e escritores
Almanak Laemmert	051	Josephina Álvares de Azevedo (jornalista), Rua da Alfândega, 198	R.J	80	1894	Na seção de indicador ou lista alfabéticados habitantes do Rio de Janeiro e Niterói
Almanak Laemmert	052	Família (A) redatora, Josephina Álvares de Azevedo, r.D.Feliciana, 19	R.J	804	1895	Na seção de jornais, revistas e outro periódicos
Almanak Laemmert	052	Josephina Álvares de Azevedo ( A Família) r. D.Feliciana, 195	R.J	812	1895	Na seção de literatos, jornalistas e escritores

Almanak Laemmert	052	Josephina Álvares de Azevedo (jornalista), r. D. feliciana 195	R.J	316	1895	Na seção de indicador ou lista alfabéticos habitantes do Rio de Janeiro e Niterói
Almanak Laemmert	053	Família (A) redatora, Josephina Álvares de Azevedo, r.D.Feliciana, 19	R.J	887	1896	Na seção de jornais, revistas e outro periódicos
Almanak Laemmert	053	Josephina Álvares de Azevedo ( A Família) r. D.Feliciana, 195	R.J	896	1896	Na seção de literatos, jornalistas e escritores
Almanak Laemmert	053	Josephina Álvares de Azevedo (jornalista), r. D. feliciana 195	R.J	316	1898	Na seção de indicador ou lista alfabéticos habitantes do Rio de Janeiro e Niterói
Almanak Laemmert	055	D. Josephina Álvares de Azevedo, trav. do Barbosa, 12	R.J	528	1898	Na seção de jornais, revistas e outro periódicos
Almanak Laemmert	055	Josephina Álvares de Azevedo ( A Família). trav. Barbosa, 12	R.J	534	1898	Na seção de literatos, jornalistas e escritores
Almanak Laemmert	055	Josephina Álvares de Azevedo (jornalista), trav. do Barbosa, 12	R.J	1460	1898	Na seção de indicador ou lista alfabéticos habitantes do Rio de Janeiro e Niterói
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	156	<i>A mulher Moderna</i> , D.Josephina Álvares de Azevedo	MG	945	5ª f. 29.09.1892	Notasobre donativos enviados ao Internato Mineiro
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	176	Recebemos o n. 146 d'A Família ... redigido pela talentosa sra.d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	1057	4ª f. 19.10.1892	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	207	<i>A mulher Moderna</i> , d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	1223	Dom. 20.11.1892	Notasobre relação de livros oferecidos à biblioteca do Internato Mineiro
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	005	Agradecemos, mais uma vez, a visita d'A Família, o interessante jornal de d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	03	6ª f. 06.01.1893	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	014	O último número da apreciada e interessante revista de que é redatora a talentosa literata Josephina Álvares de Azevedo	MG	04	Dom. 15.01.1893	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	007	Temos sobre a mesa: o n. 166 da Família, que se publica no Rio de Janeiro sob a redação principal da exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	03	3ª f. 09.08.1894	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	048	O número 169..., da Família, bem redigido jornal fluminense, abrilhantado pelo talento ... exma. sra. d. Josephina Álvares de	MG	03	3ª f. 20.02.1894	Aviso de recebimento



		Azevedo				
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	082	Recebemos e agradecemos o n. 171, ... d'A Família ... sob a direção ilustrada da distinta escritora d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	02	3ª f. 27.03.1894	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	159	Recebemos o n. 174 d'A Família, antiga e útil revista publicada na Capital Federal sob a direção ... da exm. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	08	5ª f. 14.06.1894	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	159	Depois de longa ausência, recebemos o número 194 ... d'A Família ... de que é diretora ... a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	05	Sáb. 13.06.1896	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	046	Temos recebido ... A Família - redatora d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	03	3ª f. 16.02.1897	Aviso de recebimento
Minas Gerais: Órgão Oficial dos Poderes do Estado	145	Acham-se sobre a nossa mesa de trabalhos ... A Família, n. 203 ... dirigida pela distinta brasileira d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	02	4ª f. 02.06.1897	Aviso de recebimento
Jornal do Commercio	022	Recebemos o n. 45 da Família...redigida por d.Josephina Álvares de Azevedo	R.J	01	4ª f. 22.01.1890	Aviso de recebimento
Jornal do Commercio	030	Sob o título <i>Retalhos</i> , foram reimpressos um pequeno volume dos artigos e poesias que a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo publicou	R.J	02	5ª f; 30.01.1890	Nota sobre o citado assunto
Jornal do Commercio	117	Foi distribuído ontem o n. 57 da Família ... dirigida pela sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	Dom. 27.04.1890	Aviso de publicação
Jornal do Commercio	212	Recebemos o n. 69 ... da Família, de que é proprietária e redatora a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	6ª f. 01.08.1890	Aviso de recebimento
Jornal do Commercio	219	Com a primeira representação do primoroso drama...original francês...vertida pela talentosa ... exma.sra.d .Josephina Álvares de Azevedo	RJ	08	5ª f. 07.08.1890	Anúncio do teatro João Caetano
Jornal do Commercio	221	Com a 2ª representação do primoroso drama...original francês...vertida pela talentosa ... exma.sra.d.Josephina Álvares de Azevedo	RJ	08	Sáb; 09.08.1890	Anúncio do teatro João Caetano
Jornal do Commercio	026	Recebemos o n. 92 da Família, de que é redatora e proprietária d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	2ª f. 26.01.1891	Aviso de recebimento
Jornal do Commercio	084	Recebemos o n. 99 da Família, de que é redatora e proprietária d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	4ª f. 25.03.1891	Aviso de recebimento

Jornal do Commercio	264	Recebemos o n. 117 da Família, de que é redatora e proprietária d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	4ª f. 23.09.1891	Aviso de recebimento
Jornal do Commercio	268	Recebemos o n. 118 da Família, de que é redatora e proprietária d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	Dom. 27.11.1891	Aviso de recebimento
Jornal do Commercio	072	Companhia Imprensa Familiar convida aos srs. acionistas a se reunirem...a fim de lhes ser lida uma proposta de d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	07	Sáb. 12.05.1892	Nota de convocação para assembléia geral extraordinária
Jornal do Commercio	129	Recebemos A Família, jornal redigido por d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	2ª f. 09.05.1892	Aviso de recebimento
Novidades	098	Que agradável surpresa! Seremos visitados logo pela manhã por uma Família...devia ter-nos prevenido a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	2ª f. 05.05.1890	Aviso de recebimento
Novidades	103	Ouvi um destes dias a leitura de uma comédia graciosa e cintilante...refiro-me ao <i>Voto Feminino</i> , comédia da exma.sra.d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	Sáb. 10.05.1890	Nota sobre a referida peça
Novidades	130	Bem vinda, como sempre, A Família que vem alegrar a nossa sala de trabalho...não podemos deixar de aplaudir a sra.d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	3ª f. 17.06.1890	Aviso de recebimento
Novidades	146	Que outro nome pode ter A Família, a gentil publicação da sra. d. Josephina Alvares de Azevedo, senão este?	RJ	01	3ª f. 08.07.1890	Aviso de recebimento
Novidades	166	Temos entre mãos, interessante como sempre, a simpática folha ... redigida pela sra. d. Josephina Alvares de Azevedo	RJ	01	6ª f. 01.08.1890	Aviso de recebimento
Novidades	173	No teatro João Caetano repete-se hoje o importante dramaos <i>Companheiros do Sol</i> , tradução d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	Sáb. 09.08.1890	Nota sobre o referido assunto
Novidades	187	A Família, a brilhante folha redigida pela distinta literata a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	5ª f. 04.08.1890	Aviso de recebimento
O Tempo	076	Com a máxima pontualidade aparece-nos sempre A Família...a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo, é digna dos maiores encômios pelo desenvolvimento	RJ	02	3ª f. 22.08.1891	Aviso de recebimento
O Tempo	094	Acha-se gravemente doente a nossa distinta colega Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	Sáb. 29.08.1891	Nota sobre o referido assunto
O Tempo	218	Recebemos o número comemorativo do quarto aniversário d'A Família	RJ	02	3ª f. 29.12.1891	Aviso de recebimento

O Tempo	560	Casa-se hoje a exma.sra.d.Almerinda de Azevedo Costa, sobrinha da ... d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	Sáb. 10.12.1892	Nota sobre o referido assunto
Gazeta da Tarde	102	Em benefício do ator Castro sobre brevemente à cena, no Recreio, a comédia escrita pela nossa colega d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	2ªf. 14.04.1890	Nota sobre o referido assunto
Gazeta da Tarde	113	O n. 56 d'A Família, revista semanal, de que redatora d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	5ª f. 24.04.1890	Aviso de recebimento
Gazeta da Tarde	124	Faz anos hoje a nossa festejada colega d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	2ª f. 05.05.1890	Nota sobre o referido assunto
Gazeta da Tarde	195	Recebemos a A Família, jornal belamente redigido por d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	4ª f. 15.06.1896	Aviso de recebimento
Diario do Commercio	609	Reabre hoje o antigo teatro Phenix ... para a estréia - Os companheiros do sol, traduzido livremente pela d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	4ªf. 06.08.1890	Nota sobre a reinauguração do teatro
Diario do Commercio	795	Recebemos <i>A Mulher Moderna</i> , trabalho de propaganda pela distinta escritora d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	2ªf. 09.02.1891	Aviso de recebimento
Diario do Commercio	29	A Família, n. 120 - abre com um esplêndido artigo... segue-se outro da redatora chefe d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	5ªf. 07.01.1892	Aviso de recebimento
Diario do Commercio	122	Da companhia Imprensa Familiar ...para o arquivamento da ata da Assembleia Geral que aprovou a transferência do seu ativo e passivo à d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	03	Sáb. 09.04.1892	Nota sobre o referido assunto
O Cearense	059	Recebemos o n. 36, desta revista, editada na Capital Federal, da qual é redatora a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	CE	02	Sáb. 21.03.1891	Aviso de recebimento
O Cearense	101	A Família, revista semanal da redação da sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	CE	01	Sáb. 16.05.1891	Nota sobre o Jornal
O Cearense	184	Recebemos A Família que traz importantes artigos .. que honram as exmas sras redadoras, principalmente d. Josephina Álvares de Azevedo	CE	02	Dom. 30.08.1891	Aviso de recebimento
Cidade do Rio	173	Amanhã, representa-se no antigo teatro João Caetano, o drama <i>Os companheiros do sol</i> , da nossa ilustrada colega d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	6ª f. 01.08.1890	Nota sobre o citado assunto
Cidade do Rio	211	Entregaram-nos o n. 75 d'A Família...redigido pela nossa colega a exma. srs. d. Josephina	RJ	02	6ª f. 18.09.1890	Aviso de recebimento

		Álvares de Azevedo				
Cidade do Rio	074	A Família, este esplêndido e útil periódico, de que é redatora principal a exma.sra. d. Josephina Álvares de Azevedo, entrou no seu 3º ano de existência	RJ	02	6ª f. 26.12.1890	Nota de parabenização
Correio Paulistano	11278	Recebemos o n. 174 desta revista de que é redatora a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	SP	02	Dom. 10.07.1894	Aviso de recebimento
Correio Paulistano	12380	A conhecida escritora sra. d. Josephina Álvares de Azevedo ofereceu a esta redação um exemplar de seu novo opúsculo <i>Galeria ilustre de mulheres célebres</i>	SP	01	6ª f. 10.12.1897	Aviso de recebimento
O Apóstolo	037	A Família - pela primeira vez fomos visitados por esta revista, que, sob a redação da sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	03	6ª f. 28.03.1890	Aviso de recebimento
O Apóstolo	053	A Família - temos sobre a mesa o n. 58 daquela revista, que, sob a redação da sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	4ª f. 07.05.1890	Aviso de recebimento
O Republicano	049	O excelente periódico A Família, principalmente escrito pela distinta e talentosa brasileira sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	SE	03	06.03.1891	recebimento de jornal
O Republicano	118	O número da Família de 9 do passado, trouxe em sua primeira página o retrato da distinta escritora	SE	01	06.06.1891	Nota sobre o assunto e uma reprodução do artigo escrito por Ignez Sabino no jornal A Família
A Estação	007	Quanto às veleidades políticas espero vê-lás espirituosamente comentada numa comédia, que se anuncia, escrita pela exma.sra. d. Josephina Álvares de Azevedo ... <i>O Voto Feminino</i>		02	15.04.1890	Nota sobre o referido assunto
Monitor Campista	010	Por todo esse mês deve ser publicado no Rio de Janeiro o segundo livro de propaganda, intitulado <i>A Mulher Moderna</i> , devido à pena da distinta escritora brasileira d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	4ª f. 14.01.1891	Nota sobre o referido assunto
O Vassourense	038	Esteve nessa cidade o senhor Firmino Julio Ribeiro, gerente da família, interessante periódico, redigido pela exma.sra. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	Dom. 21.09.1890	Nota sobre o referido assunto
Rio Grande do Norte	155	A Família, redatora Josephina Álvares de Azevedo	RS	04	3ª f. 20.12.1890	Anúncio do jornal A Família
O Commercio de São Paulo	1020	A Família, interessante revista da capital federal, redigida pela exma. sra. d. Josephina Álvares de	SP	02	Dom. 20.07.1896	Aviso de publicação

Azevedo						
O Estado do Espírito Santo	2351	Acha-se nesta cidade Firmino Julio Ribeiro gerente da familia	ES	02	Sáb. 25.10.1890	Nota de jornal
Pharol	119	Recebemos o último número da Família, revista publicada no Rio de Janeiro, por d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	02	5ª f. 22.05.1890	Aviso de recebimento
Mensageira: Revista Literária	001	De todas a parte surgem novos livros...Josephina Álvares de Azevedo	SP	02	15.10.1897	Artigo tratando dos novos nomes femininos na literatura
O Brazil: Folha Diária	212	Para a quermesse... a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo (remeterá) 50 volumes do seu livro <i>A Mulher Moderna</i>	RJ	02	Sáb. 14.03.1891	Nota sobre o referido assunto
A Voz do Caixeiro	015	Veio pelo vapor <i>Alliance</i> ...o estimado colega A Família...sob a direção da talentosa escritora d.Josephina Álvares de Azevedo	PA	03	Dom. 18.05.1890	Aviso de recebimento
Jornal de Recife	070	O nosso colega A Família, que se publica no Rio de Janeiro...vai passa a ser propriedade de uma companhia...continuando sob a inteligente direção da sra. d.Josephina Álvares de Azevedo	PE	02	3ª f. 31.03.1891	Nota sobre o referido assunto
Diário de Notícias	004	Fez-nos ontem sua visita o sr. F.Julio Ribeiro, gerente do jornal A Família, do Rio de Janeiro, da qual é diretora a redatora a exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	PA	03	3ª f. 06.01.1891	Nota sobre o referido assunto
O Brazil	269	Diminuiu o formato aumentando o número de páginas...o periódico A família, de que é diretora a sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	02	Sáb. 22.02.1891	Nota sobre o referido assunto
O Estado da Parahyba	119	Fomos, anteontem, obsequiados com a visita do ilustre cidadão F. Júlio Ribeiro, digno gerente d'A Família...tem como diretora e redatora a exma. sra. d.Josephina Álvares de Azevedo	PA	02	6ª f. 12.12.1890	Artigo sobre a visita e o jornal
Gazeta de Leste	013	A Família mudou-se para a rua da Ajuda, n. 10...sob a redação da sra. d. Josephina Álvares de Azevedo	MG	02	30.12.1890	Nota sobre o referido assunto
A Arte	001	A exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo (ofertou) 20 volumes	SP	04	12.10.1896	Nota sobre ofertas de livros para a biblioteca da Arte: órgão do grêmio dramático Arthur Azevedo
Almanach Catharinense		As reformas as mais necessárias, as mais urgentes, as mais ativamente solicitadas por nós...	SC	147	1896	Republicação de um artigoescrito por Josephina em 1895, intitulada <i>As Mulheres</i>

A Notícia	294	Nestes últimos dias representaram-se...duas comédias nacionais. ..., e <i>O voto Feminino</i> , de d. Josephina Álvares de Azevedo	RJ	01	21.11.1895	Nota na seção <i>Teatro</i>
Diário da Manhã	020	Estou aqui a ralar-me de inveja! A exma. sra. d. Josephina Álvares de Azevedo, nome de belas tradições nas letras pátrias	RJ	03	20.03.1891	Nota sobre a fundação da Companhia Imprensa Familiar por Josephina
Jornal do Brasil	275	...irmã e filhos da fiada Josephina Álvares de Azevedo, convidam...para assistir a missa de trigésimo dia de seu falecimento	RJ	14	6ª f. 03.10.1913	Nota sobre o referido assunto
Jornal do Brasil	057	Não sei se é viva ou morta Josephina Álvares de Azevedo. Se é morta, baixou ao túmulo, enterrando consigo as suas ilusões	RJ	05	4ª f. 27.02.1918	Reportagem sobre o voto feminino, onde o autor elogia Josephina
Correio da Manhã	5335	...irmã e filhos da finada Josephina Álvares de Azevedo, ...agradecem às pessoas que compareceram ao seu enterramento	RJ	11	2ª f. 09.09.1913	Nota sobre o referido assunto
Correio da Manhã	5360	...irmã e filhos da finada Josephina Álvares de Azevedo, convidam...para assistir a missa de trigésimo dia de seu falecimento	RJ	07	6ª f. 03.10.1913	Nota sobre o referido assunto
A Época	400	Foi sepultada ontem, Josephina Alvares de Azevedo, 62 anos, viúva, r. Luiz Barboza, 102	RJ	04	4ª f. 03.09.1913	Nota sobre sepultamentos
A Época	406	...irmã e filhos da finada Josephina Álvares de Azevedo, ...agradecem às pessoas que compareceram ao seu enterramento	RJ	06	3ª f. 09.09.1913	Nota sobre o referido assunto
A Capital	245	Não sei se é viva ou morta Josephina Álvares de Azevedo. Se é morta, baixou ao túmulo, enterrando consigo as suas ilusões	AM	01	6ª f. 22.03.1918	Reportagem sobre o voto feminino, onde o autor elogia Josephina
Revista da Semana	015	“Mulher instruída é mulher emancipada” Josephina Álvares de Azevedo	RJ	26	30.03.1929	Longo artigo sobre a vida de Josephina
O Paiz	16. 268	...a proposta da 2ª bibliotecária ... para que a associação inaugurasse...em sua galeria, o retrato de Josephina Álvares de Azevedo, a primeira jornalista brasileira militante	RJ	07	Dom. 05.05.1929	Nota sobre a seção semanal da Associação Brasileira de Imprensa
O Paiz	16. 457	“Pleito de saudades e gratidão do feminismo brasileiro aos seus defensores mortos”. ...em 1878 a insigne pugnadora do feminismo Josephina Álvares de Azevedo...defendia ardorosamente as ideias emancipadoras da mulher brasileira	RJ	09	Dom. 10.11.1929	Palestra por Maria Amalia de Faria na Rádio Club do Brasil, onde cita, além de outras mulheres feministas, Josephina
Correio da Manhã	10. 534	...a proposta da 2ª bibliotecária ... para que a associação inaugurasse...em sua galeria, o	RJ	09	Dom. 05.05.1929	Nota sobre a seção semanal da Associação

		retrato de Josephina Alvares de Ázevedo, a primeira jornalista brasileira militante				Brasileira de Imprensa
Jornal do Commercio	264	No Rio de Janeiro destacaram-se, entre várias escritoras de seu tempo...Josephina Álvares de Azevedo... fundadora do jornal A Família, que fez uma comédia a crítica do voto feminino	RJ	06	Dom. 04.11.1928	Palestra de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça na conferência realizada no Inst. Hist. e Geog. Brasileiro

**Fonte:**Elaborado pelo autor a partir da Hemeroteca Digital da BN